

CONTOS 4 FANTASTICOS





CONTOS FANTÁSTICOS

04

ACONTECEU NA PONTE DO RIACHO DA CORUJA - Ambrose Bierce

Um homem estava de pé sobre uma ponte ferroviária no norte do Alabama, olhando a água que corria velozmente uns 5m embaixo. Tinha as mãos atrás das costas e os pulsos atados. Em volta do pescoço o nó duma corda presa a uma grossa trave transversal sobre a cabeça. A ponta da corda pendia até o nível dos joelhos. Algumas tábuas soltas, colocadas perpendicularmente sobre os dormentes da ferrovia, serviam de estrado a ele e a seus executores, dois soldados rasos do exército federal ianque, comandados por um sargento. A curta distância, na mesma plataforma, estava um oficial armado, com uniforme de capitão.

Em cada cabeceira da ponte se postava uma sentinela, bloqueando o corredor entabulado que a atravessava.

Além duma das sentinelas a ferrovia penetrava diretamente numa floresta e, uns 100m além, descrevia uma curva e se perdia entre as árvores. Na outra margem do rio havia uma área de campo aberto, com uma paliçada de troncos verticais, furada aqui e além por aberturas pra armas de fogo. Numa delas saía a boca dum canhão de bronze que dominava a ponte. Entre a ponte e o forte estavam os únicos espectadores: Os homens duma companhia de infantaria, alinhados, imóveis, petrificados, em posição de descanso. As sentinelas, voltadas às margens do rio, poderiam ser estátuas ornamentando a ponte. O capitão, de braços cruzados, observava em silêncio, com expressão impassível, o trabalho de seus subordinados. A morte é uma visita que, quando anunciada, deve ser recebida com formal manifestação de respeito, mesmo da parte daqueles que com ela estão mais familiarizados.

O civil preste a ser enforcado tinha cerca de 35 anos.

Seus traços eram perfeitos: Nariz retilíneo, boca bem desenhada, testa larga donde partia, penteado a trás, o longo cabelo escuro que caía atrás das orelhas sobre a gola da sobrecasaca de corte impecável. Tinha bigode e cavanhaque e

grandes olhos cinzento-escuro. Não se tratava, evidentemente, dum assassino vulgar mas o código militar liberal previa o enforcamento pra muita espécie de pessoa, das quais os cavalheiros não estavam excluídos.

Terminados os preparativos os dois soldados se afastaram e cada um retirou a tábua sobre a qual estivera postado. O sargento se virou ao capitão, prestou continência e se colocou imediatamente atrás do oficial, que deu um passo ao lado. Esses movimentos deixaram o condenado e o sargento, respectivamente, em cada uma das extremidades da mesma prancha, suportada por três vigas da ponte. A extremidade sobre a qual estava o civil quase atingia uma quarta viga, sem, no entanto, o tocar. A prancha fora mantida em equilíbrio estável pelo peso do capitão e agora pelo peso do sargento. A um sinal do capitão o sargento deveria se afastar, então a prancha se inclinaria e o condenado cairia entre duas vigas.

O rosto do homem não fora coberto nem os olhos vendados. Durante um momento o condenado observou seu precário apoio, deixando depois que o olhar vagueasse na água redemoinhante do rio, que corria impetuosamente sob seus pés. Seguiu, com os olhos, um pedaço de madeira que flutuava rio abaixo. Como parecia se mover tão lentamente!

Que riacho tão preguiçoso!

Fechou os olhos pra concentrar os últimos pensamentos na mulher e nos filhos. A água que o sol matutino tingia de ouro, a neblina que pairava sob as margens, o forte, os soldados, o pedaço de madeira: Tudo o distraía.

Mas nisso percebeu que então algo diferente o perturbava. Um som que não conseguia ignorar nem compreender, uma percussão aguda, distinta e metálica, como pancadas dum malho de ferreiro na bigorna, interrompia o curso do pensamento que o puxavam a junto dos que lhe eram queridos. O condenado se interrogava sobre a proveniência daquele som e se perguntava se estaria incomensuravelmente longe ou muito perto, pois parecia simultaneamente próximo e longínquo.

A repetição era regular mas tão lenta como um dobre a finado. Esperava cada pancada com impaciência e, não sabia bem por quê, apreensão. As pausas foram se tornando cada vez mais longas e as demoras exasperantes. A medida que a frequência se espaçava mais e mais o som aumentava de intensidade e altura. Feria os ouvidos como facada. O condenado temeu não conseguir se conter de gritar. O que escutava, afinal, era o tique-taque de seu relógio.

Abriu os olhos e viu novamente a água sob os pés. Se conseguisse libertar as

mãos, pensou, poderia desapertar o nó corrediço e saltar ao rio. Mergulhando talvez pudesse evitar as balas e, nadando vigorosamente, poderia alcançar a margem, se embrenhar na floresta e fugir.

— Minha casa, graças-a-deus, continua fora das linhas inimigas. Minha mulher e filhos ainda estão além dos limites alcançados pelo invasor.

Enquanto esses pensamentos fervilhavam no cérebro do civil o capitão acenou ao sargento, que se afastou ao lado.

Peyton Farquhar era o abastado dono duma plantação e membro de tradicional família do Alabama. Sendo proprietário de escravo e, tal como os outros escravocratas, político, era, por natureza, um separatista ardentemente devotado à causa sulista. Circunstâncias várias o impediram de se alistar no exército e ele se desgostava com essa ingloria segregação, ansiando dar vazão a sua energia, por levar a vida mais desafogada dum militar, pela oportunidade de receber honraria. Pressentia que essa oportunidade chegaria, como chega a todos em tempo de guerra. Entretanto ia fazendo o que podia. Nenhum serviço parecia extremamente humilde e nenhuma aventura demasiado perigosa.

Numa tarde, estando Peyton e a mulher sentados num banco rústico perto da entrada da propriedade, chegou um soldado a cavalo, de farda empoeirada, e pediu água.

Enquanto a mulher foi buscar, o marido se aproximou do soldado e, avidamente, pediu notícia da linhas de frente.

Disse o soldado:

— Os ianques estão reparando as ferrovias e se preparam pra novo avanço. Alcançaram a ponte do rio da Coruja, a repararam e armaram um forte com paliçada na margem norte. O comandante deu uma ordem, afixada em toda parte, dizendo que qualquer civil surpreendido sabotando a ferrovia, ponte, túnel ou trem será sumariamente enforcado.

Perguntou Peyton:

— A que distância fica a ponte?

— A uns 50km.

— Há soldado no lado de cá do rio?

— Só há um piquete aqui, a quase 1km, na linha, e uma sentinela isolada nesta cabeceira da ponte.

— Suponhas que um homem, estudante de engenharia de ponte, iluda o piquete e

consiga dominar a sentinela. — Disse Peyton, sorrindo — O que poderia fazer?

Respondeu o soldado, depois de refletir: — Estive lá há um mês e notei que a cheia de inverno passado depositou grande quantidade de tronco junto ao pilar de madeira, na cabeceira do lado de cá da ponte. Esses troncos estão secos e devem arder como estopa.

Nesse momento a dona da casa chegou com a água e o soldado bebeu. Agradeceu, delicadamente, se despediu do marido e foi embora. Uma hora mais tarde, após o cair da noite, voltou a passar na plantação, indo ao norte, donde viera. Era um soldado da guarda avançada federal.

Quando caiu entre as traves da ponte, Peyton Farquhar perdeu a consciência e ficou como morto. Despertou desse torpor, uma eternidade depois, segundo lhe pareceu, devido à dor provocada por uma forte pressão na garganta, seguida por uma sensação de asfixia. Outra dor no pescoço, aguda e persistente, parecia disseminar no corpo todo, percorrendo as mais ínfimas fibras do tronco e dos membros.

Essas dores dardejavam ao longo de linhas de ramificação bem definidas e latejavam com periodicidade inconcebivelmente rápida. Pareciam torrentes de fogo pulsátil que o aqueciam até uma temperatura intolerável. Na mente apenas tinha consciência duma sensação de enfarte, de congestão. Tal sensação não era acompanhada de raciocínio. A parte intelectual de seu ser já se apagara. Restava apenas capacidade de sentir e isso era um tormento. Tinha consciência de movimento. Envolto numa nuvem luminosa, da qual é simplesmente o núcleo ardente, sem substância material, balançando ao longo de incríveis arcos de oscilação, como um grande pêndulo.

Então, repentinamente, com tremenda subtaneidade, a luz que envolvia foi arremessada a cima simultaneamente ao ruído dum violento chape na água. Um bramido louco ecoando em seus ouvidos e tudo era frio e escuro. A capacidade de raciocínio se restabelecera e o homem se compenetrara de que a corda se quebrara e ele caíra ao rio. Cessara o estrangulamento. O nó corrediço em torno do pescoço já começara sufocar e impedia que a água penetrasse nos pulmões. Morrer enforcado no fundo dum rio! A idéia parecia absurda.

Abriu os olhos na escuridão e viu, sobre ele, um feixe de luz. Mas ficava distante, inacessível! O homem continuava a afundar e a luz se tornava cada vez mais débil, até parecer apenas uma tibia claridade. Então o brilho começou a aumentar e Peyton compreendeu que estava voltando à superfície.

Não tinha consciência de esforço mas uma dor aguda no pulso lhe deu a perceber

que estava tentando soltar as mãos. Não fez por concentrar nessa tarefa sua atenção, como um espectador desapaixonado que assistisse o trabalho dum prestidigitador sem interesse pelo resultado.

Então a corda se soltou. Os braços do homem se separaram e flutuaram a cima, as mãos como vultos difusos furando a claridade cada vez mais intensa. As observou com interesse crescente, à medida que, uma após outra, se aproximavam do nó em torno do pescoço. O desataram e afastaram, com alívio, ao lado. A corda serpenteou, coleante, como uma cobra-d'água.

O pescoço doía intoleravelmente e o cérebro ardia. O coração, que até então batera débil, saltou bruscamente, tentando chegar à boca. Todo o corpo, torturado, se contorcia numa angústia insuportável. As mãos fustigavam vigorosamente a água, a empurrando a baixo com pancadas rápidas e impelindo o corpo a cima. Peyton sentiu a cabeça emergindo. A luz solar o cegou. O peito se expandiu convulsivamente e, numa agonia suprema e derradeira, os pulmões sorveram uma grande lufada de ar, imediatamente expelida com um grito de alívio.

O homem está na posse total de seus sentidos, cuja acuidade era, de certo modo, acima do normal. Algo na horrível perturbação de seu sistema biológico os excitava e aguçava tanto que registravam pormenores nunca antes percebidos. Sentia a ondulação bater no rosto e ouvia cada uma das pancadas da água. Olhou a floresta, na margem.

Observou, uma a uma, cada árvore, cada folha e cada nervura. Viu até os insetos nelas pousados: Os gafanhotos, as moscas de corpo brilhante, as aranhas cinzentas, tecendo entre os ramos. O zumbido dos mosquitos, que dançavam sobre os redemoinhos do rio, o bater das asas das libélulas, o ruído das pernas das aranhas aquáticas, como remos impelindo um barco. Todos esses sons compunham uma sinfonia na qual distinguia, separadamente, cada acorde.

Um peixe deslizou sob seus olhos e o homem ouviu o ruído do corpo do animal cortando a água.

Peyton chegara à tona com o rosto voltado à jusante.

Durante um breve momento o mundo visível, do qual ele próprio era o ponto central, pareceu rodopiar lentamente.

Viu a ponte, o forte, os militares na ponte, o capitão, o sargento, os dois soldados (seus executores) recortados contra o céu azul. Gritavam e gesticulavam, apontando a ele. O capitão empunhou a pistola mas não disparou. Os outros estavam desarmados. Seus movimentos eram grotescos e horríveis e as suas

formas gigantescas.

De repente ouviu uma detonação seca e algo bateu, violentamente, na água a alguns centímetros de sua cabeça, salpicando o rosto. Ouviu um segundo tiro e viu uma das sentinelas ainda apontando a arma de cuja boca saía uma leve nuvem de fumaça azul. Peyton viu, do outro lado da mira da espingarda, o olho do atirador que o fitava. Notou que o olho era cinzento e se lembrou ter lido que os olhos cinzentos eram os mais perspicazes e comuns a todos os bons atiradores. Apesar disso, aquele falhara.

Um redemoinho pegou Peyton e o fez dar meia volta.

Agora contemplava, de novo, a floresta, na margem oposta ao forte. Atrás de si se ouvia uma voz sonora e clara, numa toada monótona, chegando através da água até ele com uma nitidez que sobrepujava todos os outros sons, mesmo o bater das pequenas ondas em seus ouvidos. Embora não fosse militar, Peyton já convivera com soldados o bastante pra conhecer o terrível significado daquela lengalenga de palavras repetidas. O tenente que estava na margem executava sua tarefa rotineira matinal.

Aquelas palavras cruéis, proferidas com tão calma entonação, pressagiando a morte e incutindo tranqüilidade nos homens, entrecortadas por intervalos medidos com rigorosa exatidão, soaram frias e impiedosas: — Atenção!, pelotão... Ombro, arma!... Preparar!... Apontar!... Fogo!

Peyton mergulhou tão fundo quanto pôde. A água rumorejou nos ouvidos como o ribombar do Niágara. Ouviu o estrondo seco da descarga e, vindo novamente à tona, viu fragmentos brilhantes de metal, incrivelmente achatados, que, oscilando, desciam lentamente na água. Alguns o tocaram no rosto e nas mãos e depois sumiram, caindo ao fundo. Dentre o colarinho e o pescoço tirou um muito quente que lhe queimava a pele.

Quando chegou, outra vez, à tona pra tomar fôlego, notou que ficara muito tempo submerso. Arrastado pela correnteza, estava agora bem longe, mais próximo da segurança. Os soldados acabaram de recarregar as armas.

As varetas metálicas brilharam, todas ao mesmo tempo, ao sol, quando foram tiradas dos canos, brandidas no ar e de novo introduzidas nos estojos. As duas sentinelas voltaram a disparar, uma de cada vez, mas falharam.

O homem acossado viu toda aquela cena sobre o ombro.

Agora nadava vigorosamente ao sabor da corrente. Seu cérebro trabalhava tão energicamente como os braços e as pernas, e o raciocínio fluía com velocidade de relâmpago.

Conjeturou:

— O oficial não cometerá em segunda vez esse erro de militar, ordenando descarga sincronizada. É tão fácil uma pessoa se esquivar duma rajada compacta quanto dum só tiro. Provavelmente já deu ordem de disparar à vontade. Deus-me-ajude!, pois não posso evitar todos os tiros.

A menos de 2m um chapinhar infernal foi seguido por um ruído forte e estrondoso, em *diminuendo*, que pareceu retroceder através do ar, de encontro ao forte, morrendo numa explosão que agitou o rio nas profundezas! Se ergueu um lençol de água que, avançando, se abateu sobre ele, cegando e sufocando. O canhão também participando na caçada! Ao sacudir a cabeça pra se recompor do abalo, ouviu o ricochete silvando no ar sobre a cabeça e, no instante seguinte, estilhaçando os ramos da floresta além da margem. Pensou:

— Não tornarão a fazer isso. Na próxima vez recorrerão a uma descarga de metralha. É preciso não perder o canhão de vista, e a fumaça é que me dará uma indicação, pois o som, quando chega, já é demasiado tarde: Não acompanha o projétil. Aquele canhão é dos bons.

De repente se sentiu rodopiar como um pião. A água, as margens, a floresta, a ponte agora distante, o forte e os homens, tudo se confundia numa mancha indistinta. Os objetos eram representados apenas por suas cores: Só via faixas circulares e horizontais coloridas. Fora apanhado num redemoinho e estava corrupiando com uma velocidade que o entontecia e nauseava. Em poucos momentos foi projetado ao cascalho da margem sul, atrás duma elevação que o ocultava dos inimigos. Aquela súbita pausa de movimento e a escoriação duma das mãos no cascalho o recomfortaram e chorou de prazer. Enterrou os dedos na areia, a lançou sobre si próprio a mancheia e a abençoou em voz alta. A areia parecia feita de diamante, rubi e esmeralda. Não conseguia se recordar de algo muito belo que a ela não se assemelhasse. As árvores da margem pareciam gigantescas plantas de jardim. Reparou que a disposição delas obedecia a uma ordem definida e inalou a fragrância de suas flores. Uma luz rósea brilhou através do espaço entre os troncos e o vento tangia nos ramos uma melodia de harpas celestiais. Não sentia desejo de engendrar uma tática de fuga; contentava-se em permanecer naquele encantador local até ser recapturado.

Foi despertado daquele sonho por um silvo e o matraquear de metralha entre os ramos sobre sua cabeça. O atirador, desorientado, disparara sobre ele uma última rajada fortuita. Peyton se ergueu num salto, subiu, correndo, a margem inclinada e se embrenhou na floresta.

Durante todo esse dia caminhou, se guiando pelo rondar do Sol. A floresta

parecia interminável. Em nenhuma parte divisava uma clareira nem uma senda de lenhador. Não sabia que vivia numa região tão agreste e nessa revelação havia algo de misterioso.

Ao cair a noite estava exausto, faminto, com os pés doloridos. O pensamento na mulher e nos filhos o instigava. Finalmente encontrou uma estrada na direção que sabia ser a certa mas, não obstante ser larga e reta, parecia nunca ter sido utilizada. Nenhum campo a margeava, não se avistava habitação. Nem o ladrar dum cão sugeria a presença de vivalma. De ambos os lados os vultos negros das árvores formavam uma parede abrupta que terminava num ponto do horizonte como um diagrama de perspectiva.

Sobre sua cabeça, através duma clareira na floresta, cintilavam grandes e insólitas estrelas douradas, agrupadas em estranhas constelações. O homem estava certo de que elas estavam dispostas segundo determinada ordem, portadora dum segredo e maligno significado. Aos lados da estrada a floresta se povoava de estrambóticos ruídos, entre os quais, vez e outra, ouvia distintamente murmúrios nutra língua desconhecida.

Doía o pescoço e, ao o tocar com a mão, descobriu que estava horrivelmente tumefato. Sabia que em torno de si, assinalando a marca da corda, se desenhava um círculo negro. Mitigou a febre que lhe devorava a língua intumescida pela sede, a projetando boca afora, entre os dentes, a pondo em contato com o ar frio. Como era macio o tapete que a relva formara naquela alameda não calcorreada^[1]! Já não sentia o chão da estrada sob os pés.

Apesar do sofrimento que o atormentava, sem dúvida adormecera enquanto caminhava, pois outra cena se lhe deparava agora. Ou talvez tivesse simplesmente despertado dum delírio.

Então se encontrou junto ao portão de sua própria casa.

Tudo está como antes da partida, um panorama belo e deslumbrante sob o sol matinal. Deve ter viajado a noite toda. Assim que abriu o portão e caminhou no amplo caminho branco, viu vir drapejando um vestido: Com uma expressão calma, jovem e doce, sua mulher desceu da varanda, indo a seu encontro, e ficou o esperando no fundo da escada, com um sorriso de inefável alegria, uma atitude de graça e dignidade sem par. Á! Como é bela! Com os braços estendidos, correu em sua direção. Quando estava preste à agarrar sentiu uma pancada estonteante na nuca. A sua volta uma ofuscante luz branca resplandeceu com uma retumbância semelhante a um disparo de canhão. Então tudo era silêncio e escuridão!

Peyton Farquhar estava morto. Seu corpo, com as vértebras cervicais quebradas, balançava suavemente dum lado a outro sob o vigamento da ponte do rio da Coruja.

A ESPECIALIDADE DA CASA – Stanley Ellin

aqui. É o Sbirro's. — Disse Laffler. Costain viu uma fachada quadrangular, de pedra castanha, — Éidêntica a todas as outras que se alinhavam de ambos os lados, na escuridão úmida da rua deserta. As pesadas cortinas que protegiam as grandes janelas quadradas do rés-do-chão, a seus pés, deixavam perpassar uma réstia de luz.

— Meu-deus! Isto é quase uma caverna! Não é?

— Só te poço que compreendas — redargüiu Laffler, secamente — que o Sbirro's é um restaurante sem pretensão. Deve ser o último estabelecimento importante desta cidade iluminado por bico de gás. Encontrarás aqui o mesmo mobiliário digno, o mesmo magnífico serviço Sheffield e, possivelmente, nalgum recanto, as mesmas teias de aranha que os hóspedes de há meio século observavam. Isso é uma recomendação pouco agradável e não muito higiênica. Assim que entrares esqueças as loucuras do ano, dia e hora presentes, e te sentirás, durante um breve período, com o espírito reconfortado não pela opulência mas pela dignidade, que é coisa que já não existe nesta época.

Costain riu, com pouca vontade:

— Queres fazer isto mais parecer uma catedral que com um restaurante.

À luz pálida do lampião da rua, sobre sua cabeça, Laffler olhou o rosto do companheiro e disse abruptamente: — Só me pergunto se teria errado tornando este convite extensivo a ti.

Costain se sentiu magoado. Embora desempenhasse um cargo importante e ganhasse bom salário era apenas um simples empregado daquele homenzinho arrogante. Mas, mesmo assim, se sentiu impelido a deixar transparecer um pouco do que pensava. Observou com frieza: — Se preferires posso fazer outros planos pra minha noite.

Com seus grandes olhos bovinos postos em Costain e uma estranha expressão em seu rubicundo rosto de lua cheia, Laffler parecia pouco à vontade. Disse, enfim:

— Não, não! De jeito nenhum! É importante que jantes comigo no Sbirro's.

Agarrou firme o braço de Costain e o conduziu até o portão de ferro forjado do rés-do-chão.

— És a única pessoa de meu escritório que parece entender algo de boa comida. E eu, conhecendo o Sbirro's mas não tendo amigo gurmê pra o compartilhar comigo, é como guardar uma rara peça de arte num lugar onde mais ninguém a possa apreciar.

Com o argumento Costain ficou muito mais conformado:

— Acho que muita gente gostaria de estar nessa situação.

— Não sou desse gênero! E o fato de ter, há anos, o segredo do Sbirro's guardado dentro de mim acabou se tornando intolerável.

Meteu a mão num dos lados do portão e de dentro veio o som roufenho e longínquo duma velha sineta. Uma porta interior se abriu com um rangido e Costain deu consigo mirando um rosto negro donde sobressaía uma fiada de dentes brilhantes.

— Siô... — Disse a voz do rosto negro.

— É senhor Laffler com um convidado.

— Sim, sim. — Anuiu o rosto, então vez exprimindo, claramente, um convite a entrar. Se afastou e Costain, seguindo o anfitrião, desceu vacilante o único degrau que dava acesso a uma pequena lareira. Costain precisou dum momento pra compreender que a figura à qual olhava então era sua própria imagem num enorme tremó que ia do chão ao teto.

— Tem ambiente! — Murmurou consigo, rindo entredentes, enquanto seguia o empregado, que os conduzia aos lugares. Encarou Laffler, sentado do outro lado da mesa, posta pra duas pessoas e, com curiosidade, inspecionou a sala de jantar. Não era ampla mas a meia dúzia de bicos de gás que constituíam a única iluminação lançava uma luz tão bruxuleante que as paredes tremeluziam e se esbatiam numa quase obscuridade. Não havia mais de oito ou dez mesas, dispostas de maneira a proporcionar o máximo de intimidade. Estavam todas ocupadas e os poucos garçons que as serviam se moviam calmamente mas com eficiência. Na atmosfera pairavam um leve tilintar de talheres e um murmúrio suave de conversa.

Costain aprovou, meneando a cabeça.

Laffler soltou um sonoro suspiro de satisfação:

— Eu sabia que partilharias meu entusiasmo.

Neste momento um garção se aproximou da mesa. Tinha pele cor de chocolate, nariz e lábios bem desenhados, olhos grandes e aquosos, adornados por longos cílios, e um cabelo branco de prata, teto espesso e sedoso que lhe cobria o crânio como um gorro. Costain deduziu que tudo isso qualificava, indubitavelmente, o garção como nativo dalguma região do arquipélago malaio. Pediu Laffler, avidamente:

— Me digas uma coisa, garção. Estais servindo, nesta noite, o prato especial da casa?

O garção fez um sorriso esquivo, mostrando dentes tão radiantes como os do mordomo:

— Sinto muito, siô, mas nesta noite não temos o prato especial.

A expressão de Laffler se alterou, revelando um profundo desapontamento:

— É que já passou um mês e eu esperava poder mostrar a este meu amigo...

— Compreendas, siô... a dificuldade...

— Claro!

Laffler olhou, triste, a Costain e encolheu os ombros.

— Eu tencionava te apresentar o prato mais saboroso do Sbirro's, mas, nesta noite, infelizmente, não consta no menu.

— Queres ser servido já, siô?

Laffler fez que sim, com a cabeça. pra surpresa de Costain o empregado se afastou sem esperar mais instrução.

— Já pediras algo?

— Bem... O Sbirro's não apresenta outros pratos como opção. Comerás a mesma coisa que todo mundo.

— Amanhã na noite terás um prato diferente mas também sem escolher.

— Mas isso é muito estranho. Às vezes até nada pratico.

O que acontece se uma pessoa não gosta do prato que lhe apresentam?

— Bom... — Interveio Laffler, solenemente — Não terás de recluir. No Sbirro's saboreias todos os bocados que comes. E vejas como é vantajoso um sistema assim. Nos outros restaurantes ficas indeciso entre inúmeras opções. Uma pessoa é obrigada a ponderar, a comparar e a tomar decisões difíceis, das quais

se pode arrepender logo a seguir. Uma consequência disso é um estado de tensão que, por muito ligeiro que seja, causa sempre certo desconforto. Além disso, repares também no lado econômico deste método. Em vez duma multidão de cozinheiro transpirando, correndo, em frenesi, na cozinha, a fim de preparar uma centena de acepipes, o Sbirro's tem apenas um chefe, que fica calmamente só, concentrando todo seu talento numa tarefa, absolutamente seguro de êxito absoluto.

— Então queres dizer que já viste a cozinha!

— Infelizmente não. — Disse Laffler, contrito. — a imagem que te apresentei é hipotética, conjecturada a partir de fragmentos de conversas que ouvi ao longo dos anos. Mas devo confessar que meu desejo de observar como se trabalha na cozinha, aqui, do Sbirro's é, no momento, praticamente minha única obsessão.

— Já manifestaste a Sbirro esse desejo?

— Dezenas de vezes. Mas sempre faz ouvidos de mercador.

— Isso não será um ponto fraco de tua parte?

— Não, não. De jeito nenhum. — Se apressou Laffler, corrigindo. — Um grande artista nunca se deixa arrastar por tais frivolidades.

Nesse momento chegou o garção, trazendo duas tigelas pra sopa que, com exatidão matemática, colocou nos devidos lugares, e uma pequena terrina, da qual serviu, sem pressa, uma concha dum caldo aguado e transparente.

Costain molhou a colher no caldo e provou o com curiosidade. Estava delicadamente temperado, sóbrio, quase tocando as raias da insipidez. Franziu o sobrolho e fez menção de alcançar o sal e a pimenta mas verificou que não havia isso na mesa. Ergueu os olhos e deu com os de Laffler cravados em si. Não querendo decepcionar Laffler e esfriar seu entusiasmo, sorriu e apontou, com o queixo, a tigela de caldo:

— Excelente, hem!

— Não estás achando isso excelente. Coisa nenhuma! — Atalhou Laffler, com frieza. — Achas que está insosso e, pra teu paladar, precisa mais tempero.

Enquanto Costain erguia as sobrancelhas Laffler continuou:

— Sei disso muito bem porque foi essa minha reação, há muitos anos, e porque também dei comigo procurando o sal e a pimenta após a primeira colherada. Então descobri que no Sbirro's não há condimento nas mesas.

— Nem sal?! — Exclamou Costain, desgostoso.

— Nem sal, meu amigo. Achas que esse caldo está insosso porque tens o paladar adulterado. Mas estou certo de que, a partir dagora, farás a mesma descoberta que fiz: Quando estiveres preste a terminar teu caldo, verificarás que o sal não fez falta.

Laffler tinha razão. Antes de Costain chegar ao fundo da tigela já saboreava a sopa com prazer cada vez maior.

Laffler afastou a tigela vazia e apoiou os cotovelos na mesa:

— Então? Concordas comigo agora?

— pra grande surpresa minha, concordo.

Enquanto o garção retirava as tigelas de sopa, Laffler abaixou intencionalmente a voz:

— Acabarás descobrindo que o fato de não haver condimento nas mesas é apenas uma das características do Sbirro's, mas posso citar outras: Aqui não se serve refresco ou bebida alcoólica. No Sbirro's só se bebe água fria. Também é proibido tabaco, sob qualquer forma.

— Mas, meu-deus! Tanta austeridade faz do Sbirro's mais um retiro de abstinência do que o santuário de gurmê!

Laffler redarguiu solenemente:

— Espero que não confundas gurmê com gurmã, que é glutão, com vício de se empanturrar e que precisa duma gama cada vez mais vasta de experiência pra se saciar. O

gurmê, ao contrário, o que aprecia é a simplicidade. Os antigos gregos, sobriamente vestidos com túnica, se deliciavam com uma simples azeitona madura. Os japoneses, em salas desguarnecidas de móvel, se deleitam contemplando a curvatura dum simples caule de flor. Assim são os verdadeiros gurmês.

Costain retrucou, duvidoso:

— Mas um pouco de conhaque ou uma cachimbada de vez em quando dificilmente se pode considerar abuso.

— Se uma pessoa se afeiçoar a estimulante ou narcótico, altera tão profundamente o delicado equilíbrio do paladar a ponto de perder a característica mais preciosa: A apreciação da boa comida. Durante os anos em que sou cliente habitual do Sbirro's, me convenci, definitivamente, disso.

O garção principiou a servir a entrada. Laffler ficou em silêncio até saborear e

engolir um naco de carne.

— Não gosto de usar superlativo mas este sujeito, o Sbirro, simboliza o homem no auge da civilização!

Costain levantou uma sobrancelha e se atirou ao assado, banhado num molho espesso, sem acompanhamento de salada ou algum legume. O fino vapor que se desprendia levou às narinas um sutil e excitante aroma que deu água na boca. Devagar, mastigou um bocado com tanta concentração como se estivesse analisando as complexidades duma sinfonia de Mozart. A gama de sabor que descobriu era realmente extraordinária, desde a primeira mordida na crosta dura até a exsudação de sangue, particularmente suave e, no entanto, deliciosa, provocada pelos dentes ao rasgarem a polpa interna, mal passada.

Após deglutir a primeira porção, verificou que já estava desesperadamente desejoso doutra e mais outra ainda. Só com grande esforço é que se reprimiu de devorar avidamente toda sua dose de carne e de molho sem primeiro saborear condignamente cada bocado. Quando já tinha o prato limpo percebeu que tanto Laffler como si haviam comido sem trocar palavra. Fez ver isso ao outro e Laffler só lhe perguntou:

— Achas que com uma delícia desta é preciso gastar palavra?

Com nova percepção Costain olhou a sua volta a sala modesta e mal iluminada, os outros calmos clientes e respondeu com humildade:

— Não. Acho que não. E peço muitas desculpas por qualquer dúvida que eu tenha insinuado. Em todos os louvores que teceste ao Sbirro's não havia exagero.

— Á! Á! — Concordou Laffler, deliciado. — E isto é apenas uma amostra. Já falei no prato especial que servem aqui e que, infelizmente, hoje não consta no menu. O que acabaste de comer nada é comparado com a delícia absoluta dessa tal especialidade!

— Meu-deus! Mas, então, o que será isso? Língua de rouxinol? Filé de unicórnio?

— Qual quê! É apenas cordeiro.

— Cordeiro?!

Durante um minuto, Laffler permaneceu imerso em pensamento. Finalmente disse:

— Se eu te transmitisse com minhas palavras, sem restrição, minha opinião sobre esse prato, me julgarias louco. Então já podes ver como adoro essa delícia.

Não é aquela costeleta gordurenta nem aquela perna dura como sola. Ao contrário, é uma parte seleta da mais rara espécie de carneiro do mundo, o cordeiro do Amiristão.

Constam franziu o sobrolho:

— Amiristão?

— Sim. Uma pequena área isolada, quase perdida na fronteira do Afeganistão com a União Soviética. Por algumas insinuações ocasionais que Sbirro deixara escapar, me parece não ser mais que um planalto onde pastam os pobres sobreviventes dum rebanho de excelente carneiro.

Dalgum modo Sbirro conseguiu autorização de comercializar esses animais e hoje é o único proprietário de restaurante em cujo menu figura o cordeiro do Amiristão. E digo mais: É uma raridade a gente pegar esse prato aqui no Sbirro's. A sorte é a única possibilidade de que um cliente dispõe pra vir àqui em determinado dia e poder provar essa delícia.

— Mas Sbirro poderia nos dar alguma indicação antecipada pra sabermos qual seria o dia do grande acontecimento.

— É fácil ver por que não dá. Na cidade há uma porção de glutões inveterados. Se fosse possível saber disso com antecedência seria bem provável que, por questão de curiosidade, se familiarizassem com o prato e, a partir de então, comessem a tirar a vez dos clientes habituais.

— Não me digas que as poucas pessoas aqui presentes são as únicas, em toda a cidade, que sabem da existência do Sbirro's.

— Não são todas mas quase. Além dos clientes que estão aqui, só deve haver mais um ou dois que não vieram hoje.

— Mas é incrível!

— Isso só é possível — atalhou Laffler, com um vislumbre de ameaça na voz — graças ao compromisso solene que cada cliente assume de guardar segredo. Ao aceitares meu convite, nesta noite, automaticamente também te estás comprometendo a o guardar. Espero que mereças tal confiança.

Costain enrubesceu:

— Minha posição como teu empregado responde por mim. Mas gostaria de saber qual a filosofia duma política assim, que priva dum prato excepcional tantas pessoas que gostariam de o provar.

— Se fosse assim como queres, já viste qual seria o resultado? — Perguntou

Laffler, acerbamente. — Seria a mesma coisa que ter aqui, todas as noites, um bando de idiotas se queixando nunca ser servido pato assado com molho de chocolate. Podes conceber algo assim?

— De jeito nenhum! Tenho de concordar contigo.

Fatigado, Laffler se reclinou na cadeira e passou a mão sobre os olhos, num gesto sem significado.

— Sou um homem solitário. — Disse, calmamente. — E não apenas por coincidência. Podes achar tudo muito estranho mas sinto, intimamente, que este restaurante, este porto de abrigo num mundo louco, é, pra mim, não apenas como uma família, mas como um amigo.

Costain, que até então vira em Laffler apenas o patrão autoritário ou o anfitrião artificialmente solícito, agora sentia uma extraordinária comiseração remexendo dentro do estômago agradavelmente reconfortado.

Passadas duas semanas os convites de Laffler pra jantarem juntos no Sbirro's quase se transformaram num ritual. Todos os dias, alguns minutos depois das cinco, Costain saía ao corredor do escritório, fechava sua saleta acanhada, dobrava cuidadosamente o sobretudo sobre o braço esquerdo e se mirava no vidro da porta pra ver se tinha o chapéu de feltro bem posto. Noutra época teria acompanhado esse gesto com o acender dum cigarro mas agora, incitado por Laffler, decidira pôr a prova sua capacidade de abstinência. Então, descia o corredor e Laffler se postava a seu lado, pigarreando:

— Como é?, Costain. Espero que não tenhas programa presta noite.

— Não. Nada tenho de especial. — Respondia Costain, ou — A tua ordem! — Ou algo assim formal. Às vezes ficava pensando se seria mais sensato variar a rotina com uma recusa ocasional mas o brilho no olhar com que Laffler recebia a resposta o monopolizava.

Entre os traiçoeiros percalços do mundo do negócio, refletia Costain, nada mais aconselhável, pra consolidar uma posição alcançada, que contar com a amizade do patrão. Uma secretária ligada à administração já comentara a opinião altamente favorável em que Laffler tinha Costain, o que era muito bom sinal.

E o que dizer da comida? A incomparável comida do Sbirro's. Em primeira vez na vida, Costain, homem habitualmente magro e ossudo, notava, com agrado, que estava, incontestavelmente, engordando. No espaço de duas semanas os ossos desapareceram sob uma camada de carne nédia e firme. Uma noite, ao contemplar o físico no banheiro, deu consigo a conjecturar se o gorducho Laffler, antes de conhecer o Sbirro's, também seria um ossudo magricela.

Por conseguinte, havia tudo a ganhar em aceitar os convites de Laffler. Talvez depois de provar as apregoadas maravilhas do cordeiro do Amiristão e de conhecer Sbirro, que até aquele momento ainda não aparecera, pudesse apresentar uma recusa ou duas mas, até lá, seguramente não.

Naquela noite, duas semanas após a primeira visita ao Sbirro's, Costain viu ambos os desejos realizados.

Quando o garção, logo depois de lhes indicar os lugares, se curvou sobre sua mesa e anunciou com solenidade Nesta noite temos o prato especial, siô , Costain ficou estupefato ao descobrir que seu coração pulsava de expectativa. Em sua frente, no outro lado da mesa, viu as mãos de Laffler tremendo incontrolavelmente. Pensou, de repente:

— Mas isso não é natural! Dois homens adultos, presumivelmente inteligentes, tão excitados como dois gatos esperando lhes atirarem comida!

A voz de Laffler o sobressaltou quase a ponto de o fazer pular na cadeira.

— Eis o sucesso culinário de todos os tempos! O enfrentando te sentes embaraçado pelas próprias emoções que dele emanam.

— Como sabes? — Perguntou Costain, com dificuldade.

— Como? É que há dez anos passei o mesmo. E, pra realçar ainda mais, por tua reação se vê que estás afrontado por saber que o homem, como os irracionais, também pode salivar na presença de comida.

— E os outros todos sentem o mesmo?

— Julgues por ti.

Costain olhou furtivamente a sua volta, as mesas próximas:

— Tens razão! Seja como for, a estatística me consola.

Laffler inclinou a cabeça, ligeiramente, a um lado:

— Esse parece estar um tanto desiludido.

Costain seguiu o gesto. Na mesa ao lado estava um indivíduo grisalho, absolutamente só. Costain, de sobrolho franzido, olhou a cadeira vazia defronte do homem.

Recordou:

— Á! Sim! Aquele sujeito forte e careca. Não é? Acho que, em duas semanas, é o primeiro jantar ao qual falta.

— Eu diria, mesmo, em dez anos. — Emendou Laffler.

— Acho que, desde a primeira vez em que jantei aqui no Sbirro's, não deve ter falhado uma noite. Imagines sua cara quando lhe disserem que, precisamente em sua primeira ausência, foi servida a especialidade da casa!

— Senhor Laffler! É teu amigo? Estou tão contente! Tão, tão satisfeito! Não, não vos levantai. Arranjarei lugar pra mim.

Miraculosamente surgiu um banco praquele homem se sentar com eles à mesa.

— Hoje o cordeiro do Amiristão será um sucesso sem precedente, hem! O estufei durante o dia todo naquela miserável cozinha, aconselhando o louco do chefe a fazer tudo como deve ser. Mas estou vendo que teu amigo não me conhece. Queres nos apresentar?

As palavras sussurravam, ronronavam, hipnotizavam Costain, cujo olhar se fixara, irresistivelmente, naquele homem que surgira. A boca donde jorrava tão estranho monólogo era incrivelmente enorme, com lábios finos e móveis que se arqueavam e retorciam ao pronunciarem cada sílaba. Era achatado o nariz sob o qual se desenhava um bigode ralo. Os olhos afastados, de aspecto quase oriental, brilhavam à chama incerta dos bicos de gás. E o cabelo longo e liso, penteado a trás a partir da testa alta e sem ruga, era tão pálido que podia ter sido alvejado. Um rosto extraordinário, cuja visão criava em Costain a convicção torturante de que algo nele lhe era familiar. Mas, por mais volta que desse à lembrança, não era capaz de evocar recordação precisa. Laffler fez a apresentação:

— Senhor Sbirro, senhor Costain, grande amigo e sócio.

Costain se levantou e apertou aquela mão estendida. Era quente e seca, qual sílex na palma da mão. Sussurrou a voz: — Estou muito satisfeito, senhor Costain. Muito, muito satisfeito. Gostas de meu pequeno estabelecimento?, hem!

Laffler deu uma risadinha:

— Ó! Costain janta aqui, regularmente, há duas semanas. Está se tornando um grande admirador teu!, Sbirro.

Aqueles olhos se voltaram a Costain:

— É um grande elogio. Me distingues com tua presença e retribuo com minha comida. Mas o cordeiro do Amiristão é, de longe, muito superior a qualquer iguaria que já tenhas provado, hem! Isso te garanto. É verdadeiramente compensadora toda dificuldade em conseguir, todos os problemas em preparar.

Costain se esforçou em esquecer o exasperante mistério daquele rosto.

— Às vezes pensei por que, com toda essa dificuldade, ainda te preocupas em servir cordeiro do Amiristão. A excelência incontestada de teus outros pratos é suficiente pra confirmar a reputação.

Sbirro deu um largo sorriso:

— Talvez seja uma questão de psicologia, hem! Uma pessoa descobre uma maravilha e tem de compartilhar com os outros. Qualquer um se envaidece muito ao constatar o prazer evidente que aos outros proporciona.

Encolheu os ombros e concluiu:

— Talvez seja apenas uma questão de bom negócio.

— Se é assim, por que tens o restaurante aberto ao público em vez de o administrar como clube particular?

Se desviaram os olhos cujo brilho, durante momentos, se refletiu abruptamente nos de Costain:

— Tão perspicaz, hem! Então explicarei: Porque há mais intimidade num restaurante público que nos clubes mais exclusivos. Aqui ninguém me interroga sobre meu negócio. O negócio é comer. Não somos curiosos sobre nomes e moradas. Damos a boa-vinda ao cliente que chega mas, depois de ir embora, nada mais temos a lamentar.

Costain ficou surpreso com tanta sinceridade. Mal conseguiu gaguejar:

— Por favor, não tive intenção de ser indiscreto.

Sbirro passou a ponta da língua nos lábios finos:

— Não, não. Não estás sendo indiscreto. Eu é que estou te incitando a perguntar.

— Ora!, Costain. Não deixes que Sbirro te intimide. Antes que percebas isso estará te mostrando todos os privilégios da casa, exceto te convidar a visitar sua preciosa cozinha.

— Ha-ha! — Sorriu Sbirro. — pra isso senhor Costain terá de esperar algum tempo. pra tudo o mais estou a sua disposição.

— O que eu te disse? — Insinuou Laffler, com jovialidade. Confesses uma coisa aqui, pra nós, Sbirro. Além de teus empregados alguém entrou naquele santuário dos deuses?

Sbirro olhou a parede acima da cabeça de Laffler e disse: — Aí podes ver o retrato duma pessoa a quem concedi essa honra. Um amigo muito querido e um cliente de longa data.

Costain olhou o quadro e ficou surpreso ao reconhecer a figura.

— Meu-deus! — Exclamou, excitado. — É o famoso escritor... Sabes quem é?, senhor Laffler. Costumava escrever contos maravilhosos e pequenos textos cínicos. De repente partiu ao México e ninguém mais soube o que lhe ocorreu!

— É mesmo! — Desabafou Laffler. — Há anos que me sento sob seu retrato sem perceber! Um amigo muito querido?, Sbirro. Seu desaparecimento deve ter sido um choque pra ti.

O rosto de Sbirro se alongou:

— Era. Era. Posso garantir. Mas vede o problema por outro ângulo: Foi, provavelmente, maior em sua morte que em vida, hem! Um homem trágico, que muitas vezes me disse que suas únicas horas felizes eram passadas aqui, a esta mesma mesa. Patético. Não é? E pensar que o único favor que lhe pude prestar foi o deixar presenciar o mistério de minha cozinha, que é, uma vez feito o trabalho e dada a instrução, nada mais que uma vulgar e simples cozinha.

Pareces estar muito certo de sua morte. — Comentou Costain. — Apesar de tudo nunca foi provada.

— Não. — Concordou Sbirro, calmamente. — Notável, hem!

Chegou o garção com a entrada. Sbirro se levantou e se preparou pra servir. Com os olhos brilhando, tirou a caçarola do tabuleiro e, com um prazer sensual, aspirou o cheirinho que se evolava. Depois, com o maior cuidado, pra não perder gota de molho, encheu dois pratos com pedaços de carne pingando. Como se esse trabalho o tivesse deixado exausto, voltou a se sentar na cadeira, respirando, ofegante.

— Meus senhores: Muito bom apetite!

Costain, muito compenetrado, mastigou um pedaço e seguidamente engoliu. Depois, com os olhos vidrados, olhou o garfo vazio.

— Meu-deus!

— É bom, hem! Melhor do que imaginavas!

Confuso, Costain balançou a cabeça:

— Prum principiante é tão impossível conceber os prazeres do cordeiro do Amiristão como é ao homem mortal olhar a própria alma.

— Talvez!

Sbirro aproximou tanto a cabeça que Costain sentiu o hálito quente e fétido

irritar as narinas.

— Talvez tenhas percebido uma breve visão de tua alma, hem!

Com um movimento imperceptível Costain tentou recuar um pouco. Sorriu:

— É possível. E a imagem é compensadora: Só mandíbulas e garras. Mas, sem intenção menos respeitosa por teu trabalho, eu, mesmo assim, dificilmente trocaria minha fé por este sublime prazer terreno.

Sbirro se ergueu e pousou de leve a mão no ombro dele: — Tão perspicaz, hem! Mas, vez ou outra, quando nada tiveres a fazer, além, talvez de te sentares um pouco numa sala escura e pensares sobre este mundo, no que é e no que se tornará, medites no significado do cordeiro na religião.

Será bastante interessante. Agora — se curvou, venerandamente, diante dos dois homens — já retardei bastante vosso jantar. Fiquei muito feliz — disse, se voltando a Costain — e estou certo de que voltaremos a nos encontrar. — Os dentes brilharam, os olhos cintilaram e Sbirro se afastou na coxia entre as mesas.

Costain se virou pra olhar a figura que se retirava e ficou conjecturando:

— Será que eu, dalgum modo, o ofendi?

Laffler parou de comer e ergueu os olhos: — Ofender? Adora esse gênero de conversa. Acha que o cordeiro do Amiristão é um ritual. Lhe dê uma oportunidade de começar e é pior que um missionário fazendo conversão.

Costain retornou a sua refeição com o rosto de Sbirro pairando ainda em sua frente. Refletiu: — Um homem interessante, sim senhor! Muito interessante!

Necessitou dum mês pra descobrir a torturante familiaridade daquele rosto. Quando conseguiu riu alto.

— Claro! Sbirro poderia ter servido de modelo pro gato de *Cheshire* em *Alice no país das maravilhas*.

Falou sobre isso a Laffler na noite seguinte quando, fustigados por rajadas de vento frio, desciam a rua em direção ao restaurante. Laffler se limitou a o fitar com olhar vazio:

— Receio não poder avaliar bem o que dizes. Tenho apenas idéia vaga do livro, que li há muitos anos. Uma idéia muito vaga, mesmo.

Suas palavras foram interrompidas por um grito penetrante que ecoou na rua, obrigando os dois homens a parar repentinamente. Disse Laffler:

— Alguém deve estar aflito. Olhes ali!

Não muito longe da entrada do Sbirro's, se viam dois vultos lutando na escuridão. Cambalearam a trás e a diante e, de repente, caíram no passeio, formando um novelo humano que estrebuchava. O grito lancinante soou novamente, e Laffler, apesar do peso, correu naquela direção, cautelosamente seguido por Costain.

Estatelado no chão, jazia um vulto franzino, de pele morena e cabelo grisalho, como o tal garção do Sbirro's.

Seus dedos tentavam, em vão, afastar as mãos enormes que pinçavam a garganta e seus joelhos tentavam, a custo, empurrar o homem pesadão que, violentamente, o mantinha imobilizado na calçada.

Laffler chegou, arfante, e gritou:

— O que está acontecendo? Paremos com isso!

Uns olhos suplicantes, esbugalhados, se viraram a Laffler:

— Me ajudes!, siô. Este homem... bêbado!...

— Bêbado, eu?, hem! Seu filho-da-puta!

Costain reparou que o homem era um marinheiro com a farda emporcalhada. O ar a sua volta tresandava a aguardente.

— O malandro meteu a mão em meu bolso e depois ainda disse que estou bêbado!

Apertou mais os dedos e o pobre garção gemeu.

Laffler agarrou o ombro do marinheiro:

— Largues o homem! Já! Estás ouvindo?

Ao dizer isso se sentiu cambalear até Costain, que também se desequilibrou com a força do soco.

Se vendo agredido, Laffler revidou. Caiu em cima do marinheiro, a pontapé e soco na cara e nos flancos.

Inicialmente atordoado, o marujo se ergueu rapidamente e investiu a Laffler. Durante um instante ambos ficaram agarrados. Depois Costain entrou na briga e os três, enrolados, caíram ao chão. Momentos depois, lentamente, Laffler e Costain se levantaram e olharam o corpo estendido. Disse Costain:

— Perdeu o sentido com a bebedeira ou bateu a cabeça quando caiu. De qualquer maneira é preciso chamar a polícia.

— Isso não!, siô. Isso não! — O garção, com dificuldade, conseguiu ficar de pé, cambaleante. — Não chames a polícia, siô. O patrão não quer. Compreendas, siô...

Está certo. — Concordou Laffler. — Não se chamará a polícia. Daqui a pouco a patrulha passará e o levará esse bêbado desordeiro. Mas como é que isso começou?

— Foi esse homem, siô. Vinha cambaleando e eu, sem querer, esbarrei nele. Aí começou a me agredir, dizendo que eu o queria roubar.

— Foi o que pensei. — Laffler solicitamente amparando o garção. — Agora entres e vejas se tratam de ti.

O homem parecia preste a irromper em lágrima:

— Estou te devendo a vida, siô. Se houver algo que eu possa fazer...

Laffler se encaminhou à porta do Sbirro's: — Deixes isso pra lá. Não tem importância. Vás, e se Sbirro começar a fazer pergunta, que venha falar comigo. Esclarecerei tudo.

— A vida, siô...

Foram as últimas palavras que ouviram quando a porta se fechou. Comentou Laffler, quando, minutos mais tarde, puxou cadeira pra se sentar:

— Ora! Aí tem, Costain. O homem civilizado em toda sua glória: Tresandando a álcool, estrangulando o gasganete de qualquer pobre inocente que se atreva a passar perto.

Costain tentou evitar a enervante recordação do episódio.

— É o típico indivíduo neurótico que cai no vício do álcool. Deve haver razão praquela marinhaio andar tão embriagado.

— Razão? Claro que há: É uma simples selvageria atávica! — Laffler abriu os braços como querendo abarcar a sala. — Por que todos estamos de volta duns nacos de carne? Não é apenas pra satisfazer nossa carência física mas porque nossos egos atávicos querem dar razão ao instinto. Se bem te recordas, Costain, te disse que Sbirro simboliza o homem no auge da civilização. Consegues ver por quê? Sendo um sujeito inteligente, compreende integralmente a natureza do ser humano mas, ao contrário dos homens inferiores, envida todo esforço pra satisfazer nossa natureza inata sem que disso resulte molestar um incauto transeunte inocente.

Quando recordo a delícia que é o cordeiro do Amiristão — disse Costain —

compreendo bem o que pretendes dizer. Mas, por falar nisso, será que o prato está preste a constar no menu novamente? Já deve haver mais de um mês que foi servido na última vez.

O garção, que enchia os copos, hesitou:

— Lamento, siô, mas nesta noite não serviremos a especialidade da casa.

Eis a resposta. — Admitiu Laffler, contrariado. — Isso talvez também signifique que na próxima vez não terei possibilidade de àpreciar.

Costain olhou a ele:

— Não me digas! Como é possível?

— Como é possível? — Laffler bebeu num só trago metade do copo de água, que o garção tornou a encher imediatamente.

— É que estou de abalada à América do Sul, numa viagem-surpresa de inspeção. Um mês, dois. Só Deus sabe quanto tempo.

— Mas nada ouvi dizer sobre isso no escritório.

— Se tivesses ouvido não seria viagem-surpresa. Ninguém sabe algo sobre isso, a não ser eu. E agora tu. Quero aparecer lá inesperadamente, descobrir as fraudes que estão cozinhando. Pro pessoal do escritório simplesmente estou viajando nalgum lugar. Quem sabe numa estância de repouso, me recuperando duma fadiga. De qualquer modo o negócio estará em boas mãos. Nas tuas, principalmente!

— Nas minhas? — Inquiriu Costain, surpreso.

— Sim. Amanhã, quando entrares no escritório, verás teu nome mencionado num ofício de promoção, mesmo sem eu estar lá pra te entregar pessoalmente. Repares bem que isso nada tem a ver com nossa amizade. Fizeste ótimo trabalho, pelo qual sou imensamente grato a ti.

Costain enrubesceu com o elogio:

— Mas não esperas estar no escritório amanhã? Significa que partirás hoje?

Laffler fez que sim com a cabeça:

— Tentei fazer umas reservas. Se conseguir, esta celebração será uma espécie de despedida.

— Queres saber duma coisa? — Disse Costain, pesaroso.

— Desejo, sinceramente, que não consigas resposta favorável a tuas reservas. Creio que nossos jantares passaram a significar, pra mim, mais que eu poderia

imaginar.

Ambos ficaram sobressaltados quando a voz do garção os interrompeu:

— Desejas ser servido agora, siô?

— Claro! Claro! — Respondeu Laffler, bruscamente. — Não percebi que estavas esperando.

— O que me preocupa — disse a Costain enquanto o garção se afastava — é me lembrar do cordeiro do Amiristão que estou preste a perder. pra te dizer a verdade, já adiei minha partida durante uma semana, esperando ter uma noite de sorte, e agora não posso atrasar mais a viagem. Espero que, quando aqui estiveres sentado, diante de tua dose de cordeiro, penses em mim e lamente minha ausência, condignamente.

Costain riu e começou a comer.

— Claro que lamentarei.

Mal acabou, um garção, quase furtivamente, lhe tirou o prato vazio da frente. Reparou que não era aquele que habitualmente os servia mas o espancado pelo marinheiro.

— Tudo bem? — Disse Costain. — Como é que estás passando? Ainda um bocado abalado?

O garção não lhe deu atenção. Em vez disso, com ar de quem está sob grande tensão, se virou a Laffler e murmurou:

— A vida, siô. Te devo a vida e quero pagar!

Laffler levantou os olhos, estupefato, e balançou a cabeça com veemência:

— Não. Não quero nada. entendeste? Já me pagaste mais do que o suficiente com teus agradecimentos. Agora continues teu trabalho e não se fala mais nisso.

O garção não se moveu mas a sua voz se elevou um pouco:

— Pelo corpo e sangue do teu deus, siô, te ajudarei, mesmo que o siô não queira. Não entres naquela cozinha!, siô. Dizendo isso troco minha vida pela tua, siô. Hoje ou em qualquer outro momento de tua vida não entres na cozinha do Sbirro's.

Laffler se recostou, completamente aturdido. Ficou pensando:

— Não entrar na cozinha? Por que não devo ir à cozinha se Sbirro me convidar? O que isso significa?

Uma pesada mão pousou nas costas de Costain e outra agarrou o braço do

garção, que ficou petrificado, lábios comprimidos, olhos baixos.

— O que está acontecendo? Que chegada tão oportuna!

Precisamente, ao que vejo, na ocasião própria de responder a todas as perguntas, hem!

Laffler deixou escapar um suspiro de alívio: — Á!, Sbirro. Graças-a-deus chegaste! Este homem estava dizendo que nem pensar em entrar em tua cozinha. O que insinua?

Um amplo sorriso deixou ver os dentes:

— Mas é claro! É que este homem-de-deus, com toda amabilidade, está te dando um conselho. Acontece que meu cozinheiro-chefe, que é extremamente emotivo, ouviu rumor de que eu poderia levar um convidado a sua preciosa cozinha e ficou furioso. E que fúria!, meus senhores. Até ameaçou abandonar o emprego imediatamente. Já podeis calcular o que isso significaria pro Sbirro's, hem! Felizmente, consegui o convencer da honra que é ser observado no trabalho por um estimado cliente e autêntico experto. Agora está que nem parece o mesmo.

Sbirro soltou o braço do garção e disse, com voz melíflua:

— Estás servindo a mesa errada. Prestes atenção pra que isso não volte a acontecer.

O empregado se afastou sem ousar levantar os olhos.

Sbirro puxou uma cadeira a junto da mesa. Se sentou e passou, levemente, a mão no cabelo:

— Receio que tenha deixado escapar o segredo, hem! Eu queria que o convite fosse uma surpresa mas já não há mais surpresa. Agora só resta o convite.

Laffler limpou da testa umas pérolas de suor e disse, com voz rouca:

— Estás falando sério? Então nesta noite realmente presenciaremos a confecção de tua comida?

Sbirro passou uma unha aguçada na toalha, deixando uma fina linha reta impressa no pano. Suspirou, estudando a reta demoradamente:

— Á! Mas agora tenho de enfrentar um tremendo dilema. É que és meu cliente há uns dez anos mas esse teu amigo...

Costain pôs a mão no ar, como pedindo a palavra:

— Compreendo perfeitamente. Este convite é exclusivo ao senhor Laffler. Minha presença, naturalmente, é incômoda. Mas acontece que tenho um

compromisso presta noite, cedo. De qualquer modo tenho de ir andando. Assim, como vês, deixou de existir dilema.

— Não, senhor. De jeito nenhum! — Protestou Laffler.

— Isso não estaria certo. Até agora partilhamos tudo isso, Costain, e não apreciarei metade desta experiência se não vieres comigo. Com certeza Sbirro, ao menos uma vez, poderá impor menos rigidez a sua condição.

Ambos olharam Sbirro, que, num gesto de desolação, encolheu os ombros.

Costain se levantou abruptamente:

— Não ficarei aqui sentado e estragar tua grande aventura.

Depois quis fazer graça e acrescentou:

— Além disso, penses no furibundo chefe que está te esperando pra te atirar cutelo.

Então, pra interromper o silêncio de cumplicidade de Laffler, concluiu:

— Só resta me despedir e te deixar com Sbirro. Estou certo de que se esforçará pra te proporcionar um bom espetáculo.

Costain estendeu a mão e Laffler a apertou.

És impecável, Costain. Espero que continues jantando aqui até voltarmos a nos encontrar. o que não demorará muito.

Sbirro se afastou pra deixar Costain passar: — Desejo que voltes brevemente, amigo. *Au revoir*⁽²⁾!

Costain parou durante momentos, à luz velada da lareira, pra ajustar lenço e colocar corretamente o chapéu. Quando se afastou do espelho, viu, num último relance, que Laffler e Sbirro já estavam junto da cozinha. Sbirro segurando, convidativamente, a porta aberta com uma das mãos, enquanto a outra descansava, quase ternamente, nos ombros carnudos de Laffler.

O EXPRESSO DA MEIA-NOITE – Alfred Noyes

Era velho livro, surrado, com uma encadernação de bocaxim^[3] vermelho. Mortimer o descobriu, quando tinha 12 anos, numa das prateleiras de cima da biblioteca de seu pai. Contrariamente a todas as regras, o levou a seu quarto a fim de ler à luz de vela, quando o resto da velha casa elisabetana estava imerso em escuridão.

Era assim que o jovem Mortimer sempre pensava nela. Seu próprio quarto era uma cela isolada, onde, com cotos de vela roubados, conseguia dissipar a escuridão circundante, quando todos os demais se renderam ao sono e deixavam que a noite se instalasse. Em contraste com aqueles não-existentes, seus ancestrais, a noite o fazia se sentir intensamente vivo em cada um dos nervos e fibras de seu cérebro jovial.

O tique-taque do relógio de seu avô, no saguão embaixo, o pulsar de seu próprio coração, o *bruaá* lento e rítmico do mar na costa distante, tudo o enchia duma sensação de mistério irresistível. Enquanto lia as pancadas surdas duma mariposa batendo na parede, sobre a vela, o alertavam, aguçando sua percepção. Era como um animal da floresta que o estalar dum ramo põe de atalaia.

Embora Mortimer nunca compreendesse perfeitamente o enredo daquela história, o velho livro surrado exercia um estranho fascínio. Se intitulava *O expresso da meia-noite* e na página 50 havia uma gravura à qual nunca conseguia olhar, pois o atemorizava.

Ainda que não fosse um jovem neurótico, Mortimer evitava a página 50, da mesma maneira que, quando tinha 6 anos, estugaria o passo pra se afastar dum recanto escuro na escada. Aparentemente, na gravura nada havia que pudesse despertar tal medo fantasmagórico. A escuridão era, de fato, quase a principal característica daquele desenho. A gravura representava uma plataforma ferroviária vazia, na noite, iluminada apenas por um lúgubre lampião. Era daquele gênero de plataforma ferroviária que sugere uma pequena estação de qualquer ramal algures numa zona do interior.

Na plataforma se encontrava apenas uma figura: O vulto sinistro dum homem,

de pé, quase precisamente por baixo do lampião, com o rosto virado à boca escura dum túnel, que, por alguma razão estranha, mergulhava num poço de horror a imaginação da criança. O homem parecia estar escutando.

Sua atitude era tensa, expectante, como se esperasse uma terrível tragédia. Tanto quanto o menino pudesse compreender, nada havia no texto, até onde já lera, que justificasse aquela vigília de pesadelo. Não conseguindo resistir ao fascínio do livro nem encarar aquela imagem na quietude da noite, Mortimer a pregou à página seguinte com dois grandes alfinetes pra não deparar acidentalmente com ela. Depois decidiu ler toda a história até ao fim.

Porém, antes de chegar à página 50, adormeceu e os contornos do que lera se esbateram. Na noite seguinte recomeçou a leitura e novamente adormeceu antes de chegar à página 50.

O menino cresceu e se esqueceu do livro e da gravura.

No meio de sua vida, porém, num período crítico, se encontrou, um pouco antes da meia-noite, esperando um trem num ramal solitário. Assim que o relógio da estação começou a bater a meia-noite se recordou como alguém despertando dum longo sonho.

Ali, sob aquele único e lúgubre lampião, na longa plataforma luzidia, estava o tal vulto sinistro e solitário que já conhecia. O rosto da figura estava voltado no sentido oposto, à boca escura do túnel. Parecia escutando, tensa e expectante, tal como estivera 38 anos antes!

Agora Mortimer não experimentava o temor que sentira na infância. Se dirigiria àquela figura solitária, a enfrentaria e veria aquele rosto que, durante tanto tempo, evitara. Avançaria calmamente e perguntaria se o trem estava atrasado. Seria fácil a um homem adulto tomar tal atitude. Mas, ao dar o primeiro passo, suas mãos se cerraram, como se também estivesse tenso e expectante.

Calmamente mas com os antigos vagos instintos despertando, se dirigiu ao vulto, passou por ele e se voltou, abruptamente, pra lhe falar. E então olhou, sem falar, sem ser capaz de falar.

Era si mesmo, olhando fixamente a si próprio, como refletido num espelho escarninho, seus próprios olhos vivos em seu próprio rosto branco olhando seus próprios olhos vivos...

Uma onda de pânico o percorreu. Se voltou, ofegou, cambaleou, irrompeu numa corrida cega, ultrapassou a bilheteria deserta e ecoante e se dirigiu à longa estrada iluminada pelo luar que se estendia atrás da estação. Toda a região, que os raios lunares inundavam de solidão, parecia completamente deserta.

Se deteve um momento e ouviu, como o eco de seus próprios passos, a corrida vacilante dalgo que o seguia sobre o pavimento de madeira da bilheteria. Depois, sem vergonha, se abandonou ao medo que o dominava e correu, suando como um animal aterrorizado, na longa estrada branca entre as duas intermináveis alas de choupos fantasmagóricos, na direção do que parecia ser uma distância infinita. Num dos lados da estrada corria um canal comprido e retilíneo, no qual se refletia, interminavelmente, uma das filas de choupo. Ouviu os passos que ecoavam lenta mas firmemente, se aproximando.

A uma distância inferior a 500m viu, à beira da estrada, uma vivenda branca com duas janelas escuras e uma porta que, de certo modo, sugeria um rosto humano. Pensou consigo que, se fosse possível a alcançar a tempo, poderia encontrar abrigo e segurança. Escapar!

Os passos leves e implacáveis, que respondiam, em eco, aos seus, soavam ainda a alguma distância quando cambaleou, ofegante, junto do limiar. Remexeu, freneticamente, no trinco, forçou a porta e percebeu que estava fechada, barrando a entrada. Não havia campainha nem aldraba. Bateu com os punhos na madeira até os nós dos dedos sangrarem. A resposta foi horivelmente lenta.

Enfim ouviu, no interior da casa, passos pesados, que desciam lentamente a escada rangente. Vagarosamente, a porta se abriu. Em sua frente estava uma figura alta e soturna, segurando uma vela acesa cujo clarão não permitia ver o rosto nem a configuração de quem a segurava. Mas Mortimer, petrificado, viu, com horror, que o rosto parecia envolto numa mortalha.

Não trocaram palavra. A figura acenou que entrasse.

Quando obedeceu o vulto fechou a porta a chave. Depois, acenando novamente, sempre sem pronunciar palavra, subiu, em sua frente, a escada tortuosa, segurando a fantasmagórica vela que projetava sombras enormes e grotescas nas paredes e no teto caiados.

No piso superior entraram numa sala onde crepitava uma lareira ladeada por duas cadeiras de braço. Sobre uma pequena mesa de carvalho havia um velho livro surrado, com uma encadernação de bocaxim vermelho-escuro. Era como se o anfitrião estivesse, há muito tempo, o esperando e tivesse tudo preparado.

O vulto apontou a uma das cadeiras, colocou o castiçal na mesa, perto do livro, pois não havia outra luz além da do fogo, e saiu, fechando a porta.

Mortimer olhou o castiçal. Parecia familiar. O cheiro da cera derretendo o fez evocar o pequeno quarto da velha casa elisabetana. Com os dedos tremendo, pegou o livro e o reconheceu imediatamente. Se lembrou do borrão de tinta na

página da entrada. Depois, sentindo um choque na memória, chegou à página 50, que prendera com alfinete na infância. Ainda estavam os alfinetes, os mesmos que seus vacilantes dedos de criança pregaram havia tanto tempo.

Voltou ao princípio. Agora estava decidido a ler até o fim e descobrir o significado da história. Pressentia que deveria estar tudo registrado naquele livro e, embora na infância não fora capaz de o compreender, agora seria.

O livro se intitulava *O expresso da meia-noite*. Ao ler o primeiro parágrafo, tudo começou a se aproximar lenta, terrível e inevitavelmente.

Era a história dum menino que, na infância, deparara, ocasionalmente, com um livro onde havia uma imagem que o atemorizava. O menino crescera e o esquecera. Numa noite, numa solitária plataforma ferroviária, se encontrara bem no âmago da cena da gravura que recordava.

Enfrentara o vulto solitário sob o lampião, o reconhecera e fugira em pânico. Batera à porta duma vivenda na beira da estrada, fora conduzido a uma sala no piso superior, encontrara o livro o esperando e, finalmente, começara a ler até final. Também esse livro se intitulava *O expresso da meia-noite*. E era a história dum menino que, na infância...

E a história continuava sempre assim, interminavelmente.

Não havia fuga possível.

Mas quando, em terceira vez na história, o protagonista chegou à vivenda na beira da estrada, uma suspeita mais profunda começou a crescer lenta, temível e inevitavelmente. Embora não houvesse fuga possível, podia, ao menos, tentar compreender mais claramente os pormenores do estranho ciclo da roda temível em que se movia.

Tais pormenores não forneciam nova indicação.

Estiveram sempre ali. Mas não compreendera o significado, e era tudo. Quem ou o que era o ser estranho e sinistro que o acompanhara quando subira a escada?

A história mencionava algo que passara despercebido. O estranho anfitrião que lhe dera guarida tinha aproximadamente sua altura. Seria que também ele...? E seria essa a razão pela qual o rosto estava oculto?

No momento em que fazia a si próprio tais perguntas ouviu o rodar da chave na fechadura. O estranho anfitrião entrava, se aproximando por detrás, lançando uma sombra grotesca, de dimensão desmesurada, inumana, nas paredes brancas e iluminadas pela luz bruxuleante da vela.

Agora o vulto estava ali, sentado do outro lado da lareira, o fitando. Então, com uma incrível indiferença, como uma mulher que se prepara pra tirar o véu, ergueu as mãos pra arregalar a mortalha que ocultava o rosto.

Mortimer sabia a quem aquele rosto pertencia. Mas estaria morto ou vivo?

Havia apenas uma maneira de descobrir. Quando Mortimer se lançou a diante e agarrou o fantasma pela goela, sua própria garganta foi agarrada com a mesma força brutal. Eram indistinguíveis os ecos de seus gritos de estrangulados. Quando, finalmente, os últimos sons confusos se extinguiram simultaneamente, o silêncio na sala ficou tão profundo que seria possível ouvir o tique-taque do velho relógio do avô e o *bruaá* rítmico e lento do mar na costa distante, 38 anos antes.

Mas Mortimer escapara, finalmente. Talvez, no fim de conta, apanhara o expresso da meia-noite.

Era um velho livro, surrado, com uma encadernação de bocaxim vermelho...

O JOGO DAS MILHAS – Roald Dahl

Na manhã do terceiro dia o mar acalmou. Mesmo os passageiros mais enjoados, os que não foram vistos Nperambulando no navio desde que zarpara, saíram dos camarotes e subiram ao convés, onde um marujo oferecia cadeira, enrolava cobertor em torno das pernas e os punha em fila, com os rostos voltados ao fraco e amarelado sol de janeiro.

O mar estivera bastante agitado nos dois primeiros dias.

Agora essa repentina calma e a sensação de conforto que proporcionava criavam em todo o navio uma atmosfera mais amena. Quando a noite chegou os passageiros, já com doze horas de bom tempo, começaram a se sentir confiantes, e às oito dessa noite a sala de jantar principal estava repleta de pessoas que comiam e bebiam com o ar tranqüilo, confiante e descontraído de autênticos lobos-do-mar.

A refeição ainda não ia a meio quando os passageiros, sentindo o corpo deslizar nas cadeiras, perceberam que o grande navio começara a balançar outra vez. Esse balanço, inicialmente apenas uma ligeira e preguiçosa oscilação a um lado, depois a outro, quase imperceptível, foi, no entanto, suficiente pra provocar uma sutil e imediata alteração no estado de espírito de todos os presentes.

Alguns dos passageiros pararam de comer, hesitando, esperando, quase antevendo o balanço seguinte, sorrindo nervosamente, mostrando, nos olhos, um secreto e fugaz brilho de apreensão. Uns estavam completamente tranqüilos, outros francamente indiferentes, enquanto uns tantos dentre os mais seguros de si diziam piadas sobre a comida e o estado do tempo, pra torturarem os poucos que começavam a sofrer. Depois o dançar do navio ficou rapidamente mais violento. Apenas cinco ou seis minutos após se ter notado a primeira guinada o barco jogava desalmadamente dum lado a outro, enquanto os passageiros se agarravam às cadeiras, se inclinando nelas como se dentro dum carro numa curva.

Quando os balanços estavam quase insuportáveis senhor William Botibol, sentado à mesa do comissário, viu seu prato de solha escalfada⁽⁴⁾ com molho holandês deslizar, repentinamente, de baixo do garfo. Em seguida um período de excitação no qual todos os presentes tentavam segurar pratos e copos. Senhora

Renshaw, sentada à direita do comissário, deixou escapar um breve grito e agarrou o braço do oficial. Disse o comissário, olhando a senhora Renshaw. Havia um leve resquício de prazer na maneira como falou:

— Será uma péssima noite. Creio que está se descortinando uma péssima noite.

Um garção se aproximou, rápido, e aspergiu água na toalha, entre os pratos. O frenesi amainou e muitos passageiros começaram a comer. Poucos, entre eles senhora Renshaw, se levantaram, cautelosamente, e, com dificuldade, foram abrindo caminho com uma espécie de pressa mal-disfarçada, transpondo a porta. Disse o comissário:

— Bem... Já se foi.

— Com um gesto de aprovação, olhou em volta, com expressão de naturalidade, os que restavam de seu grupo e se mantinham calmamente sentados. Cada rosto refletia nitidamente aquele indesmentível orgulho que os passageiros de navios parecem sentir ao serem reconhecidos como bons marinheiros.

Finda a refeição e servido o café, senhor Botibol, que estava incrivelmente sério e pensativo desde que os balanços começaram, se levantou de repente e levou sua xícara de café ao lugar que senhora Renshaw deixara vago, ao lado do comissário. Mal se sentou se inclinou ao oficial e murmurou, ansiosamente, ao ouvido:

— Desculpes, mas será que poderias me dizer uma coisa?, por favor.

O comissário, baixo, gordo e rubicundo, se aproximou pra ouvir melhor:

— Qual é teu problema?, senhor Botibol.

— O que quero saber é...

No rosto que o oficial fitava transparecia uma expressão de ansiedade.

— O que eu quero saber é se o comandante já calculou a singradura... Sabes o que é?... pro jogo das milhas Quero dizer, antes do mar ficar assim agitado...

O comissário, que se preparara pra ouvir uma confidência pessoal, sorriu e se reclinou a trás, na cadeira, tomando uma posição mais cômoda pra seu estômago atestado.

— Eu diria que sim.

Nem se preocupou em murmurar a resposta, embora baixasse automaticamente a voz, como a etiqueta manda quando se responde a alguém que nos fale em segredo.

— Há mais-ou-menos quanto tempo pensas que tratou disso?

— Nesta tarde. Geralmente faz isso tarde.

— A que horas?

— Ó! Não sei. Por volta das quatro, acho.

— Agora me diga outra coisa: Como o comandante chega a esse cálculo? Atende a muitos pormenores?

O comissário olhou o rosto ansioso e contraído de Botibol e sorriu, sabendo aonde o interlocutor pretendia chegar.

— Bem, sabes... O comandante tem uma pequena conferência com o imediato. Ambos estudam o tempo e uma quantidade doutros fatores. Depois fazem o cálculo.

Botibol balançou a cabeça afirmativamente, ponderando, durante um momento, a resposta. Então perguntou: — Achas que o comandante sabia que haveria mau tempo hoje?

O comissário, fitando os pequenos olhos negros em que dançavam duas pequenas centelhas de excitação, respondeu:

— Isso não posso dizer. Não mesmo, senhor Botibol, porque não sei.

— Se piorar pode ser valer a pena comprar alguns números mais baixos. O que achas?

Agora o murmúrio mais premente, mais ansioso.

— Talvez. Mas duvido que o velho tenha previsto uma noite realmente má, pois nesta tarde, quando fez o cálculo, o mar estava bastante calmo.

Os outros passageiros se calaram, tentando ouvir, observando o comissário, com olhar atento, vivo e perscrutador. Olhares que, às vezes, também podemos encontrar num hipódromo, nos que tentam ouvir um treinador falar sobre a probabilidade de cada um de seus cavalos. São lábios que ficam ligeiramente entreabertos, sobancelhas arqueadas, cabeças a diante e um pouco inclinadas a um dos lados. São olhares desesperadamente tensos, como hipnotizados e perscrutantes, que observamos em todos os que escutam algo com muita atenção.

Botibol insistiu:

— Supondo que tinhas autorização de comprar um número. Qual escolherias hoje?

— Ainda não sei quais os números máximo e mínimo. — Respondeu o comissário, com muita paciência. — Só são anunciados antes do início do jogo, depois do jantar. De qualquer modo, não sou perito nessa matéria. Sou apenas comissário, como sabes.

Nesse momento Botibol se levantou e disse: — Peço desculpa a todos.

E se afastou, pisando cuidadosamente o pavimento oscilante entre as outras mesas. Com o forte balanço do navio foi obrigado, duas vezes, a se agarrar às costas duma cadeira pra manter o equilíbrio. Disse ao empregado do elevador:

— Ao tombadilho superior, por favor.

Quando saiu ao tombadilho o vento fustigou o rosto.

Cambaleou e se agarrou à amurada, se segurando firmemente com as duas mãos, e ali ficou olhando o mar escuro onde, sobre vagas alterosas, o vento formava carneirinhos que deixavam atrás rendas de espuma.

Comentou o empregado do elevador, quando desciam: — O mar está bravo, mesmo. Não está?, senhor Botibol.

Botibol penteava o cabelo revoltado com um pequeno pente vermelho.

— Achas que reduzimos a velocidade devido ao tempo?

— Me parece que sim, senhor Botibol. Reduzimos consideravelmente desde que começou. Com um tempo assim é necessário diminuir a velocidade, caso contrário os passageiros serão atirados borda afora.

Embaixo, na sala de fumar, os passageiros já se agrupavam pro jogo das milhas, em torno de várias mesas.

Os homens de esmuque, um pouco corados, algo solenes e muito bem barbeados, ao lado de suas mulheres, com vestidos leves e de braços nus. Botibol escolheu uma cadeira perto da mesa do leiloeiro. Cruzou pernas e braços e ocupou seu lugar com ar desesperado de quem assumiu uma tremenda decisão e se recusa a se deixar atemorizar.

A parada, dizia a si, atingiria, provavelmente, cerca de sete mil dólares, praticamente o mesmo valor que atingira nos dois últimos dias, sendo os números vendidos entre trezentos e quatrocentos cada. Embora a moeda adotada fosse a libra, pois o navio era inglês, gostava de fazer os cálculos na moeda de seu país. Sete mil dólares era uma soma avultada. Meu-deus! Se era! Tencionava pedir que lhe pagassem em notas de cem dólares, a fim de as levar a terra no bolso interior do casaco. Então não haveria problema.

Logo a seguir compraria um Lincoln conversível. O compraria assim que pusesse o pé em terra, e o dirigiria até casa só pelo prazer de observar a expressão de Ethel quando chegasse à porta e o visse chegando num Lincoln conversível, verde-pálido, novinho em folha, e observaria seu rosto após dizer, em tom natural:

— Olá, querida. Me lembrei de trazer um pequeno presente pra ti. O vi na vitrina, quando passei, e pensei em minha mulher. Como sempre desejaste ter um... Gostas querida? Gostas da cor?

Agora o leiloeiro estava de pé, atrás da mesa. Gritou:

— Senhoras e senhores! O comandante calculou em quinhentas e quinze milhas a singradura, que terminará no meio-dia de amanhã. Como habitualmente, consideraremos o máximo e o mínimo os dez números imediatamente superiores e inferiores. Assim teremos um mínimo de 505 e um máximo de 525. É evidente que, pros apostadores cuja estimativa se afasta desses números, haverá oferta mais baixa e oferta mais alta, vendidas igualmente separadas. Extraíamos do chapéu o primeiro número... Eis:... 512!

Reinou silêncio na sala. Os presentes se sentaram, imóveis, nas cadeiras, de olhos fixos no leiloeiro. Pairava no ar certa tensão, que aumentava à medida que os lances aumentavam. Pela maneira como um dos presentes olhava a outro que aumentasse o lance, talvez sorrindo, mas apenas com os lábios, os olhos brilhantes e absoluta frieza, se garantiria que não estavam participando de jogo ou brincadeira.

O número 512 foi arrematado por 110 libras, e os três ou quatro números seguintes atingiram a mesma cotação.

A cada violenta guinada do navio o revestimento de madeira das paredes estalava como se preste a rachar. Os passageiros se agarravam aos braços das cadeiras, se concentrando no leilão. Gritou o leiloeiro:

— Oferta baixa! O número seguinte é oferta baixa!

Botibol se sentou, rígido e tenso. Decidira esperar até que os outros terminassem os lances, pra se levantar e fazer a última aposta. Segundo calculava, tinha, em seu país, depositados em sua conta bancária, ao menos 500 dólares, provavelmente perto de 600, o que equivalia a uma quantia superior a 200 libras. Aquele bilhete não valeria mais que essa soma. Informou o leiloeiro:

— Como todos sabem, a oferta baixa cobre todos os números inferiores ao mínimo, neste caso todos os números abaixo de 505. Assim, se pensai que este navio cobrirá menos de 505 milhas nas 24 horas que terminam no meio-dia de

amanhã, é aconselhável participar e comprar esse número. Quais são vossas ofertas?

Continuou a arrematar até 130 libras. Outros, além de Botibol, pareciam ter percebido a condição climática desfavorável. 140... 50... As ofertas cessaram então. O leiloeiro ergueu o martelo:

— Está em 150!

— E 60! — Bradou Botibol, a quem todos os rostos na sala se voltaram.

— E 70!

— E 80! — Acrescentou Botibol.

— E 90!

— 200! — Sobrepuôs Botibol. Agora já não podia parar.

Ninguém o deteria.

Uma pausa.

— Alguém cobre as 200 libras?

— Fiques quieto!, homem. — Disse a si. — Quietinho e não olhes a cima. Dá azar olhar a cima. Agüentes a respiração. Ninguém cobrirá tua oferta enquanto segurares o fôlego.

— Está em duzentas libras.

Na cabeça rosada e glabra do leiloeiro brilhavam pequenas gotas de suor.

— Está em...

— Botibol susteve a respiração.

— Está em... Arrematado!

E bateu o martelo na mesa. Botibol preencheu um cheque e o entregou ao assistente do leiloeiro. Então se recostou na cadeira e esperou o final, pois não queria ir à cama antes de saber o montante da parada.

Vendido o último número se somou. O total atingia 2100 libras, o equivalente a cerca de 6000 dólares: 90% ao ganhador e 10% a instituições de assistência aos homens do mar. 90% de 6000 eram 5400. Já bastava! Poderia comprar o Lincoln conversível e ainda ficaria com algum dinheiro.

Feliz e excitado com esse pensamento consolador, foi a seu camarote.

Quando acordou, na manhã seguinte, Botibol permaneceu imóvel e de olhos fechados durante alguns minutos, esperando ouvir o som da ventania e sentir o

balanço do navio. Não ouviu o vento e o navio não balançava. Saltou da cama e espreitou na vigia. Sobre o mar, liso como vidro, o grande navio deslizava com rapidez, compensando, obviamente, o tempo perdido durante a noite. Se afastou da vigia e se sentou, lentamente, na borda do beliche. Uma fina corrente elétrica de medo começava a picar sob a pele do estômago. Não restava esperança. Dadas a circunstância o vencedor seria, sem dúvida, um dos números mais altos.

Exclamou, em voz alta

— Ó! Meu-deus! O que farei?

O que diria?, por exemplo, Ethel. Era impossível contar que gastara quase toda a economia de dois anos no bilhete dum jogo de milha. Impossível continuar mantendo segredo, pois teria de dizer à mulher que deixasse de emitir cheque. E as prestações mensais do aparelho de televisão e da enciclopédia Britânica? Já antevia a fúria e o desprezo que sempre faziam semi-cessar os olhos da mulher, o que os transformavam de azul a cinzento.

— Ó! Meu-deus! O que farei?

Naquele momento não era possível admitir que ainda restava uma remota oportunidade. A não ser que o maldito navio começasse a andar a trás! Teria de inverter a marcha, navegar a velocidade máxima em marcha-ré e continuar nesse sentido durante algum tempo pra que ainda fosse possível de ganhar. Talvez devesse pedir ao comandante.

Oferecer 10% do lucro. Oferecer mais, se fosse desejo do comandante. Botibol começou a rir. Depois parou abruptamente, de olhos arregalados e boca escancarada pela surpresa duma revelação. Foi nesse momento que a idéia ocorreu, o atingindo rápida e violentamente e fazendo saltar da cama, preso a forte excitação, correr à vigia e olhar novamente o mar. Pensou:

— Por que não?

O mar estava calmo. Não teria dificuldade em ficar boiando até ser recolhido. Botibol tinha um vago pressentimento de que alguém já recorrera ao estratagema, o que não o impedia de repetir a tentativa. O navio teria de parar e a tripulação precisaria descer um escaler, que tinha de retroceder talvez meia milha^[5] pra recolher, regressar até junto do navio e ser içado a bordo. Todas essas manobras se prolongariam ao menos durante 1h, que representava cerca de 30 milhas^[6], que seriam reduzidas à singradura do dia.

Isso bastaria. Seguramente assim a *oferta baixa* seria atingida. Bastava que se certificasse de que alguém o veria cair, o que não parecia difícil. E seria

preferível vestir roupa leve, que permitissem nadar. Roupa esportiva era o que precisava. Se vestir como se fosse jogar tênis no tombadilho. Apenas camisa, calção e sapato de tênis. E deixaria o relógio.

Que horas eram? 9:15h. Quanto mais cedo, melhor. Fazer agora e resolver a situação. Tinha de ser depressa porque o limite era o meio-dia.

Botibol se sentia, simultaneamente, excitado e receoso quando, vestindo um traje esportivo, se dirigiu ao tombadilho. Seu corpo, de baixa estatura, se alargava nas ancas, adelgçando a cima até os ombros, extremamente estreitos e curvados, o que o fazia parecer uma amarra de atracação. Pêlos pretos cobriam as pernas branquelas.

Botibol foi, cauteloso, ao tombadilho, caminhando silenciosamente, calçando tênis. Nervoso, olhou em volta.

No deque^[7] viu apenas uma pessoa, uma mulher de meia-idade, de tornozelos muito grossos e enorme traseiro, encostada à amurada, olhando o mar. Vestia um casaco de cordeiro persa cuja gola levantada não o deixava ver o rosto.

Ficou imóvel, a examinando cuidadosamente a certa distância. Disse consigo:

— Sim. Aquela serviria. Provavelmente daria o alarme tão depressa quanto qualquer outro. Mas... espere um minuto! Não seja precipitado, William Botibol, não seja precipitado! Te lembras do que disseste há momentos a ti, no camarote, quando te vestias? Te lembras?

A idéia de saltar dum navio a mil milhas^[8] do ponto mais próximo na costa tornara Botibol, homem de natureza precavida, invulgarmente cauteloso. Ainda não estava totalmente convencido de que aquela mulher na amurada daria, com certeza, o alarme quando ele saltasse. Em sua opinião havia duas razões pra que não o fizesse. Primeira: Podia ser surda e cega. Essa possibilidade, mesmo não muito provável, seria ser possível e não havia motivo pra se arriscar. O que tinha a fazer era tirar a dúvida e ir ter com ela. Em segundo lugar ocorrera (o que demonstra como um homem pode se tornar desconfiado quando impelido pela prudência e pelo medo) que a mulher poderia ter alguns números mais altos da parada, o que daria a ela uma boa razão, de ordem financeira, pra não desejar que o barco parasse.

Botibol se lembrou de casos de crimes cometidos por menos de 6000 dólares. Todos os dias apareciam no jornal. Então por que correr semelhante risco? Verifiques primeiro! Vá até lá e confirme! Mantenha com ela uma conversa breve e cordial pra descobrir se pode levar a diante o intento. Depois, se a mulher se mostrasse simpática e amável, a hipótese se converteria em certeza e

poderia saltar, confiante.

Botibol avançou como por acaso em direção à mulher e se postou ao lado, se apoiando na amurada. Disse, amavelmente:

— Bom-dia.

Ela se virou e sorriu. Um sorriso surpreendentemente simpático, quase bonito, embora o rosto não fosse muito expressivo.

— Bom-dia

— Confirmado. — Pensou Botibol — Logo na primeira pergunta. Não é cega nem surda.

— Me digas: — Começou, abordando diretamente a questão. — O que achaste do leilão de ontem na noite?

— Leilão? — Perguntou, franzindo a testa. — Leilão? Que leilão?

— Aquela brincadeira que fazem no salão depois do jantar, vendendo número de palpite sobre a singradura do navio. O que achaste?

Ela balançou a cabeça e sorriu novamente. Um sorriso doce e afável, que exprimia, talvez, um laivo de desculpa.

— Sou muito preguiçosa. Sempre me deito cedo. Janto na cama. É tão repousaste jantar na cama!

Botibol devolveu o sorriso e começou a se afastar lentamente. Disse:

— Agora tenho de fazer meu exercício. Nunca deixo de fazer meu exercício matinal. Gostei muito deste bocadinho. Gostei muito de conversar contigo.

Se afastou uns dez passos e a mulher o deixou ir, sem se voltar.

Agora a situação era simples. O mar estava calmo e ele ligeiramente vestido, o que lhe permitiria nadar. Naquela zona do Atlântico não haveria tubarão. Além do mais, estava ali aquela agradável e simpática senhora, que daria o alarme. A questão se resumia em saber se o navio seria suficientemente retardado pra fazer a balança pender a seu favor, o que era quase certo. Acontecesse o que acontecesse, ele próprio poderia contribuir um pouco pra esse objetivo. Podia criar algumas dificuldades ao ser içado pro escaler salva-vida. Nadar um pouco, se afastando sub-repticiamente quando tentassem se aproximar pra o salvar.

Todos os minutos, todos os segundos o ajudariam a ganhar.

Botibol começou a avançar novamente à amurada mas um novo receio o assaltava. E se fosse apanhado pela hélice? Ouvira dizer que tais acidentes

aconteciam a pessoas que caíam de grandes navios. Mas não cairia, saltaria, o que era muito diferente. Saltando a um ponto suficientemente afastado evitaria a hélice.

Devagar Botibol se aproximou da amurada, se postando a cerca de 20m da mulher, que, nesse momento não o olhava.

Tanto melhor. Não queria que o visse saltar. Desde que não fosse observado, mais tarde poderia jurar que escorregara, acidentalmente, e caíra. Sobre a amurada olhou a água.

Seria uma grande queda. Constatando isso, percebeu o risco de ficar gravemente ferido se caísse de chapa na água.

Alguém já arrebentara o estômago assim, em consequência dum mergulho em que batera de barriga na água? Deveria saltar a prumo e de pé, mergulhando como uma faca. Sim senhor. Só de olhar a água fria, profunda e cinzenta, tremia. Mas tinha de ser.

— Agora ou nunca! Sejas homem, William Botibol, sejas homem! Muito bem... Então... Agora!... Aí vai!...

Subiu à larga prancha da amurada, onde ficou tentando se equilibrar, oscilando durante três apavorantes segundos.

Então saltou, dando impulso, simultaneamente, a cima e a longe, tanto quanto podia.

— Socorro! Socooooorro! — Gritou enquanto caía. Bateu na água e submergiu.

Quando soou o primeiro grito de socorro, a mulher, na amurada, teve um sobressalto. Olhou em volta, rapidamente, e viu passar no ar, perto de si, aquele homem baixo, de calção branco e tênis, de olhos esbugalhados e gritando. Durante momentos ela pareceu indecisa sobre a atitude a tomar: Atirar uma bóia, correr pra dar o alarme ou simplesmente se voltar e gritar. Recuou um passo, se afastando da amurada, se virou à ponte e, durante esse breve momento, ficou imóvel, tensa, indecisa. Então, quase imediatamente, pareceu se descontrair e se inclinou sobre a amurada, olhando a água que turbilhonava na esteira do navio. Em breve uma minúscula cabeça emergia na espuma, um braço se erguia, acenando vigorosamente uma, duas vezes, e um sussurro distante gritava algo que ela não conseguia compreender. A mulher se inclinou ainda mais sobre a amurada, tentando não perder de vista a pequena cabeça oscilante, mas não tardou que ela fosse ficando tão distante que a mulher já não podia garantir que a visse.

Decorrido algum tempo uma mulher surgiu no tombadilho. Era ossuda, angulosa e usava óculos com aros de tartaruga. Ao ver a outra, se dirigiu a ela, atravessando o deque com aquela passada quase militar característica das solteironas.

— Á! estás aqui!

A mulher de tornozelos grossos se voltou e olhou a outra mas nada disse. A outra, sim:

— Tenho andado te procurando. Já te procurei em toda parte.

— Coisa estranha! — Disse a de tornozelos grossos. — Um homem acabou de saltar ao mar completamente vestido.

— Como é possível?

— Sim. Disse que queria fazer um pouco de exercício e mergulhou sem tirar a roupa.

— É melhor descermos. — Sugeriu a ossuda. Sua boca se tornara repentinamente firme e a expressão atenta e penetrante. Falou menos amavelmente que antes: — Nunca mais venhas sozinha ao tombadilho. Sabes perfeitamente que deves me esperar.

— Está bem, Maggie. — Concordou a de tornozelos grossos, sorrindo novamente. Um sorriso terno e confiante.

Pegou a mão da outra e se deixou conduzir navio afora.

— Que homem tão simpático! Até acenou a mim.

A FERA, UM CASO DE INVECTIVA – Joseph Conrad

O polonês Joseph Conrad (1857-1924), autor do cultuado O coração das trevas, foi marinheiro na juventude; suas experiências e percepções da época em que viveu no mar à mercê dos humores do oceano, bem como as histórias contadas pelos outros marujos, estão presentes em toda a sua obra. “A Fera”, conto publicado em 1908, é uma das histórias que lhe contaram.

Ao entrar, esquivando-me da rua varrida pela chuva, troquei um sorriso e um olhar com a srta. Blank no bar das Três Coroas. O intercâmbio foi efetuado com extremo decoro. É um choque pensar que, se ainda estiver viva, a srta. Blank deve estar agora com mais de sessenta anos.

Como o tempo voa!

Notando meu olhar direcionado inquisitivamente para a divisória de vidro e madeira envernizada, a srta. Blank foi amável o bastante para dizer, de modo encorajador:

“Apenas o senhor Jermyn e o senhor Stone no salão, com um cavalheiro que nunca vi antes.”

Avancei para a porta do salão. Uma voz discursando do outro lado (era apenas uma divisória de madeira fina) atingiu tal volume que as palavras finais ficaram bem claras em sua atrocidade.

“Aquele sujeito, o Wilmot, praticamente estourou os miolos dela – e foi muito bem feito!”

Aquele sentimento bárbaro, visto nada haver de profano ou inconveniente nele, não teve sequer o efeito de refrear o leve bocejo que a srta. Blank efetivava ao abrigo da mão.

E ela manteve o olhar fixo nas vidraças lavadas de chuva.

Enquanto eu abria a porta do salão, a mesma voz prosseguiu, no mesmo tom cruel:

“Fiquei feliz quando soube que a criatura finalmente tinha recebido o tranco de

alguém. Embora com bastante pena do pobre Wilmot. Aquele sujeito e eu fomos bons camaradas em certa época. Isso, claro, foi o fim dele. Um caso evidente, se jamais houve algum. Sem saída. Absolutamente nenhuma.”

A voz pertencia ao cavalheiro que a srta. Blank nunca vira antes. Ele escarranchara as pernas compridas no tapete da lareira. Jermyn, inclinado para a frente, segurava o lenço de bolso bem aberto diante das chamas. Olhou sombriamente por cima do ombro e, enquanto eu me esgueirava ao longo de uma das mesinhas de madeira, cumprimentei-o com um aceno de cabeça. Do outro lado da lareira, imponentemente calmo e maciço, estava instalado o sr. Stone, todo espremido numa espaçosa poltrona Windsor. Nada havia nele de pequeno – a não ser as costeletas curtas e brancas. Metros e metros de lã azul-marinho ultrafina, de alta qualidade (confeccionada sob a forma de um sobretudo), jaziam empilhados numa cadeira a seu lado. E ele devia ter acabado de trazer ao porto algum vapor, porque outra cadeira sufocava sob um impermeável negro, amplo como uma mortalha, feito de três camadas de oleado de seda, recoberto de pespontos duplos. Uma bolsa masculina, de mão, do tamanho usual, repousava no chão, reduzida a brinquedo de criança perante as proporções espantosas daquelas botas.

Não o cumprimentei com um aceno de cabeça. Ele era grande demais para receber um aceno de cabeça naquele salão. Era um piloto Trinity^[9] sênior e somente nos meses de verão condescendia em cumprir seu turno na lancha guarda-costas. Estivera muitas vezes no comando dos iates reais, partindo de Port Victoria e para lá retornando regularmente. Além disso, é inútil cumprimentar um monumento com um aceno de cabeça. E ele parecia um monumento. Não falava, não piscava, não se movia. Apenas ficava ali, mantendo a bela e vetusta cabeça erguida, imóvel, quase como se estivesse ampliada. Era uma cabeça extremamente elegante. A presença do sr. Stone reduzia o pobre sr. Jermyn a um miserável esboço de homem, e fazia o desconhecido falastrão do tapete da lareira, em seu terno de *tweed*, parecer absurdamente juvenil. Este último devia ter pouco mais de trinta anos, e certamente não era o tipo de indivíduo que se envergonha com o som da própria voz, porque, arrebanhando-me, por assim dizer, com um olhar amistoso, continuou a falar sem interrupção.

“Fiquei feliz com o fato” repetiu, com ênfase. “Talvez vocês se surpreendam, mas é que não passaram pela experiência que tive com ela. Posso afirmar que foi uma coisa que me marcou. Claro, saí totalmente indene, como podem ver. Ela fez o que pode para abater meu ânimo. Quase joga o melhor sujeito do mundo em um hospício. O que vocês me dizem disso – hein?”

Nem uma pálpebra tremeu no rosto enorme do sr. Stone. Magnífico! O orador me olhou direto nos olhos.

“Eu ficava doente só de pensar nela solta por aí, assas-sinando as pessoas.”

Jermyn aproximou o lenço um pouco mais da guarda da lareira, e grunhiu. Era simplesmente um hábito que ele tinha.

“Eu a vi uma vez”, declarou, com pesarosa indiferença.

“Tinha uma casa...”

O desconhecido de roupa de *tweed* voltou-se para fitá-lo, surpreso.

“Tinha três casas”, corrigiu com autoridade. Jermyn, porém, não estava disposto a ser emendado.

“Tinha uma casa, estou dizendo”, repetiu, com lúgubre teimosia. “Uma coisa vistosa, grande, feia e branca.

Dava para ver a quilômetros de distância – destacada na paisagem.”

“De fato”, assentiu o outro prontamente. “Era coisa do velho Colchester, embora ele estivesse sempre ameaçando abandoná-la. Não aguentava mais as encrencas em que ela se metia, afirmava; estava acima do nível dele; ia lavar as mãos e deixá-la seguir seu caminho, mesmo que depois nunca mais arranjasse outra – e assim por diante. Acho mesmo que ele a teria mandado às favas, se não fosse – vocês vão ficar surpresos – a patroa dele, que não queria nem ouvir falar no assunto. Engraçado, não? Mas, com as mulheres, nunca se sabe o que elas vão achar das coisas, e a senhora Colchester, com sua bigodeira e suas sobrancelhas grossas, era a criatura mais teimosa deste mundo.

Costumava andar por aí num vestido de seda marrom, com um grosso cordão de ouro balançando sobre o peito.

Vocês deviam ter ouvido como ela vociferava: ‘Besteira!’ ou ‘Idiotice completa!’. Suponho que soubesse que estava com a vida feita. Os dois não tinham filhos e nunca estabeleceram um lar em lugar nenhum. Quando estavam na Inglaterra, ela se contentava em ficar hospedada em algum hotel ou pensão baratos. Imagino que gostasse de voltar para os confortos a que estava acostumada. Sabia muito bem que sairia prejudicada com toda e qualquer modificação do quadro. E, além do mais, Colchester, mesmo sendo um homem de primeira, já não estava na assim chamada primeira juventude, e quem sabe ela tivesse imaginado que já não seria assim tão fácil para ele arranjar outra (como ele costumava dizer). Seja como for, por essa razão ou outra qualquer, a boa senhora achava que era ‘Besteira!’

e ‘Idiotice completa’. Ouvi uma vez o jovem senhor Apse em pessoa dizer-lhe confidencialmente: ‘Posso assegurar-lhe, senhora Colchester, que estou começando a ficar muito incomodado com a fama que ela está adquirindo’.

‘Oh’, diz ela, com sua risadinha rouca e profunda, ‘se a gente fosse dar atenção a todas as besteiras que escuta!’, e mostrou a Apse todos os seus feios dentes postiços de uma só vez. ‘Seria preciso mais do que isso para me fazer perder a confiança nela, posso lhe garantir.’”

A essa altura, sem a menor modificação na expressão facial, o sr. Stone emitiu uma risada curta e sardônica.

Foi uma coisa notável, mas eu não vi a graça. Olhei de um para o outro. O desconhecido do tapete da lareira exibia um sorriso desagradável.

“E o senhor Apse apertou as duas mãos da senhora Colchester, de tão feliz que estava por ouvir uma palavra boa sobre a queridinha deles. Todos aqueles Apse, tanto os jovens como os velhos, estavam completamente apaixonados por aquela abominável, perigosa...”

“Perdão”, interrompi, pois ele parecia estar se dirigindo exclusivamente a mim, “mas de que diabo você está falando?”

“Estou falando da família Apse”, ele respondeu cortês.

Ouvindo aquilo, quase soltei uma praga. Porém naquele exato instante a respeitada srta. Blank enfiou a cabeça pela porta e disse que o cabriolé ^{10} estava lá fora, se o sr. Stone quisesse chegar a tempo para o trem das onze e três.

Imediatamente o piloto sênior ergueu o poderoso corpanzil e pôs-se a labutar para entrar no casaco, com convulsões de arrepiar os cabelos. Num impulso, o desconhecido e eu nos precipitamos para ajudá-lo, e, assim que encostamos as mãos nele, ele demonstrou perfeita aquiescência. Tivemos de levantar os braços muito alto e fazer força. Era como encilhar um elefante dócil. Com um “Obrigado, cavalheiros” ele encolheu a cabeça e se espremeu porta afora muito apressado.

Sorrimos um para o outro amistosamente.

“Eu me pergunto como ele consegue se içar pela escadinha lateral de um navio”, disse o homem de *tweed*; e o coitado do Jermyn, que era um simples piloto do mar do Norte, sem posição oficial ou reconhecimento de nenhuma espécie, piloto apenas por cortesia, grunhiu.

“Ele ganha oitocentos por ano.”

“Você é marinheiro?”, perguntei ao desconhecido, que havia retomado sua posição no tapete.

“Fui, até um par de anos atrás, quando me casei”, respondeu aquele indivíduo comunicativo. “Inclusive, a primeira vez que fui para o mar foi nessa mesma embarcação de que estávamos falando quando você entrou.”

“Que embarcação?”, perguntei, intrigado. “Não ouvi vocês mencionarem nenhuma embarcação”.

“Acabo de dizer o nome dela, meu caro senhor”, respondeu. “*Apse Family*. Certamente você já ouviu falar da grande firma Apse & Sons, armadores. Eles tinham uma frota bastante grande. Os navios se chamavam *Lucy Apse, Harold Apse, Anne, John, Malcolm, Clara, Juliet* e assim por diante – um sem-fim de Apses. Cada irmão, irmã, tia, primo, esposa – e avó também, pelo que sei – da firma tinha um navio batizado com seu nome. Eram também embarcações boas, sólidas, à moda antiga, construídas para transportar e para durar. Nenhuma estava equipada com essa parafernália moderna destinada a poupar trabalho, mas todas levavam muitos homens e muita carne salgada e comida à vontade a bordo – e lá ia você, na peleja, mar afora, para depois voltar para seu porto.”

O infeliz Jermyn fez um som de aprovação, que soou como um grunhido de dor. Aqueles, sim, eram barcos para ele. Enfatizou, em tom lamentoso, ser impossível exclamar para esses instrumentos que poupam trabalho:

“Vamos tocar este barco, pessoal!”. Nenhum deles subiria para a coberta numa noite complicada com bancos de areia por baixo da quilha.

“Não”, confirmou o desconhecido, piscando o olho para o meu lado. “Aparentemente os Apse também não acreditavam neles. Tratavam bem de seu pessoal – de um modo como as pessoas não são mais tratadas hoje em dia, e tinham um orgulho tremendo de suas embarcações.

Nada jamais lhes acontecia. Esta última, a *Apse Family*, era para ser como as outras, só que ainda mais forte, mais segura, mais espaçosa e mais confortável. Acredito que a ideia deles era que durasse para sempre. Construíram-na com diferentes materiais – ferro e madeiras nobres, e o escantilhão^[11] era algo fabuloso. Se algum dia um navio foi encomendado com base em um sentimento de orgulho, foi aquele. Tudo do bom e do melhor. O capitão comodoro da firma seria o comandante, e suas acomodações foram planejadas como se fossem uma casa em terra firme sob uma popa grande e alta que se estendia até quase o mastro principal. Não admira que a senhora Colchester não quisesse que o velho desistisse dela. Afinal, era o melhor lar que ela jamais tivera em todos os seus

anos de casada.

Mulher de fibra, aquela.

“Não se falava em outra coisa enquanto aquele navio estava sendo construído! Vamos reforçar aqui, melhorar ali; e não seria melhor que aquele outro elemento fosse substituído por algo um pouco mais resistente? Os construtores entraram no espírito da coisa e lá estava o barco, virando a embarcação mais canhestra e maciça de sua tonelagem ali bem diante dos olhos deles, sem que ninguém, de alguma forma, se desse conta disso. O navio seria registrado com um peso de duas mil toneladas, ou um pouco mais; nada menos, de maneira alguma. Veja, porém, o que acontece. Quando foram medi-la, constatou-se que pesava um mil novecentos e noventa e nove toneladas e um pouquinho mais. Consternação geral! E dizem que o senhor Apse ficou tão aborrecido quando lhe contaram que caiu de cama e morreu. O velho senhor se retirara da firma vinte e cinco anos antes, e estava com uns noventa e seis anos, por aí, portanto sua morte não foi, talvez, tão surpreendente. Ainda assim o senhor Lucian Apse estava convencido de que o pai teria vivido até os cem anos. De modo que podemos considerá-lo o primeiro da lista. Em seguida foi a vez do pobre-diabo de um mestre de construção naval, que aquela fera pegou e esmagou enquanto se afastava do cais. Chamaram aquilo de lançamento de navio, mas ouvi dizer que foram tantos lamentos, tanta gritaria, tanta gente correndo para sair do caminho, que foi mais como soltar um diabo no rio. O navio rompeu todas as sogas^[12], que o retinham como se fossem fios de estopa e foi para cima dos rebocadores de apoio com fúria total. Antes que alguém se desse conta de suas intenções, mandou um deles para o fundo e deixou outro fora de serviço, precisando passar três meses no estaleiro. Um dos cabos se rompeu e, então, de repente – ninguém entendeu por quê –, deixou-se rebocar pelo terceiro manso como um carneirinho.

“Era um navio assim. Impossível saber o que ia tramar em seguida. Há navios difíceis de manobrar, mas em geral dá para confiar no fato de que vão se comportar de forma racional. Com aquele navio, não importa o que se fizesse com ele, não dava para saber como a coisa ia acabar. Era uma fera malvada. Ou, talvez, fosse pura e simplesmente louco.”

Ele proferiu essa suposição num tom tão sincero que não pude impedir-me de sorrir. Ele parou de morder o lábio inferior para me desafiar.

“E daí? Por que não? Por que não haveria algo em sua estrutura, em suas linhas que correspondesse a... O que é a loucura? Apenas alguma coisa levemente errada no nosso cérebro. Por que não existiria um navio louco – quero dizer, louco dentro da maneira de ser dos navios? De modo que, em circunstância

alguma, você pudesse ter certeza de que ele ia fazer o que qualquer outro navio ajuizado faria naturalmente para você? Há navios que avançam descontrolados; outros cuja estabilidade não é confiável; outros que precisam de vigilância cerrada quando navegam sob vendaval; e também pode haver navios que se comportam como se estivessem em tempo borrascoso a cada ventinho. Mas nesses casos já se sabe que eles vão agir assim o tempo todo. Torna-se parte da personalidade do navio, exatamente como se levam em consideração as peculiaridades do temperamento de um homem ao lidar com ele. Mas com aquele navio, impossível. Ele era imprevisível. Se não fosse louco, então era a fera mais malévola, dissimulada e selvagem jamais lançada ao mar. Vi aquele navio navegar serenamente sob vendaval durante dois dias e, no terceiro, panejar^[13] até duas vezes na mesma tarde. Da primeira vez jogou o timoneiro de um só golpe por cima da roda do leme, mas como não conseguiu matá-lo, tentou novamente cerca de três horas depois. Encheu-se de água na proa e na popa, estourou toda a lona que havíamos colocado, deixou todos os marujos em pânico, e amedrontou até mesmo a senhora Colchester, lá embaixo, naquelas bonitas cabines da popa, de que tanto se orgulhava. Quando fizemos a chamada da tripulação, faltava um homem. Lançado ao mar, é claro, sem que ninguém o visse ou ouvisse, pobre-diabo! E meu único espanto é que outros de nós não tenhamos sido jogados também.

“Sempre aconteciam coisas assim. Sempre. Uma vez ouvi um velho piloto contar ao capitão Colchester que aquilo também tinha acontecido com ele, que ele ficara com medo até de abrir a boca para dar qualquer tipo de ordem. O navio era um terror tanto no porto como no mar. Nunca dava para ter certeza quanto à melhor maneira de comandá-lo. À menor provocação, começava a romper as cordas, cabos, espias de arame, como se fossem cenouras. Era pesado, desajeitado, de difícil manejo...mas isso não explica totalmente aquele poder de malefício.

Sabe, quando penso nele não posso deixar de me lembrar das histórias que contam sobre os loucos incuráveis que de vez em quando conseguem se soltar.”

Ele me lançou um olhar inquisitivo. Mas eu, naturalmente, não podia admitir que um barco pudesse ser louco.

“Nos portos em que era conhecido”, continuou, “as pessoas se amedrontavam só de vê-lo. Ele nem ligava se destruísse vários metros da pedra maciça que reveste o cais ou se eliminasse a extremidade de um trapiche de madeira. Deve ter perdido quilômetros de correntes e centenas de toneladas de âncoras. Quando caía em cima de um infeliz de um barco inofensivo, era um trabalho dos diabos

tirá-la de cima do outro. Mas ele mesmo nunca se machucava – apenas, quem sabe, alguns arranhões. A ideia era construir uma embarcação forte. E era isso o que era. Forte o bastante para investir contra o gelo polar. E, assim como começou, continuou. Desde o dia em que foi lançado ao mar, aquele navio nunca deixou passar um ano sem assassinar alguém. Acho que os proprietários ficaram muito preocupados com isso. Mas aqueles Apse formavam uma estirpe de gente orgulhosa; não queriam admitir que pudesse haver algo de errado com o *Apse Family*. Nem o nome do navio quiseram mudar. ‘Idiotice completa’, como dizia a senhora Colchester. Deviam pelo menos tê-lo confinado perpetuamente em uma doca seca qualquer, bem rio acima, e impedi-lo para todo o sempre de voltar a cheirar a água do mar. Posso assegurar-lhe, meu caro senhor, que ele invariavelmente matava alguém a cada viagem que fazia. Isso era um fato consabido^[14]. Ele ficou famoso por isso, mundo afora.”

Expressei minha surpresa com o fato de que um navio com uma reputação daquelas pudesse conseguir tripulação.

“Então o senhor não sabe o que é um marujo, meu caro senhor. Vou lhe explicar utilizando um exemplo. Certa vez, estando atracado em minha cidade, fui dar uma volta na ponta do castelo de proa e observei dois respeitáveis marujos passando, um deles de meia-idade, homem visivelmente competente e sólido, o outro um sujeito bem-posto, muito jovem. Os dois leram o nome da embarcação pintado nas laterais da proa e pararam para observá-la.

Diz o homem mais velho: ‘*Apse Family*. Essa embarcação é uma cadela sanguinária, Jack, que mata um homem por viagem. Eu não me engajaria nela nem por ordem do Capeta. Eu não’. E o outro diz: ‘Se esse navio fosse meu, eu o rebocava para a vasa e tocava fogo, juro que fazia isso’.

Aí o primeiro homem reforça: ‘Eles não dão a mínima!

Deus sabe como os homens são baratos’. O mais jovem cuspiu na água, ao lado. ‘A mim eles não contratam...

Nem dobrando os soldos.’

“Eles ficaram por ali durante algum tempo, depois foram andando pelo cais. Meia hora mais tarde, lá estavam os dois no nosso convés procurando pelo piloto, aparentemente muito ansiosos para serem engajados. E foram.”

“Como você explica isso?”, perguntei.

“O que você acha?”, ele retorquiu. “Espírito desafiador!

Orgulho de gabar-se à noite para os companheiros: ‘Acabamos de nos engajar no

tal de *Apse Family*. Grande coisa! Medo é que não temos’. Puro capricho de marinheiro!

Uma espécie de curiosidade. Bem, um pouco de tudo isso, sem dúvida. Fiz a pergunta a eles no decorrer da viagem.

A resposta do mais velho foi: ‘Só se morre uma vez’. O mais moço me garantiu, em tom de gracejo, que queria ver ‘como ele faria a coisa desta vez’. Mas vou lhe contar uma coisa; aquela fera exercia uma espécie de fascínio.”

Jermyn, que parecia ter visto todos os navios do mundo, interrompeu, mal-humorado:

“Uma vez eu o vi, por esta mesma janela, sendo rebocado rio acima; uma coisa preta, grande e feia se deslocando como um grande ataúde.^{15}”

“Havia algo sinistro em sua aparência, não é mesmo?”, disse o homem de *tweed*, baixando os olhos para o velho Jermyn com expressão amistosa. “Eu sempre tive uma espécie de horror dele. Ele me deu um susto horrendo quando eu tinha não mais do que catorze anos, bem no primeiro dia – não, na primeira hora – em que me engajei. Meu pai veio para me ver partir e a ideia era que descesse conosco até Gravesend. Eu era o segundo filho a ir para o mar. Meu irmão mais velho já era oficial, na época.

Subimos para bordo mais ou menos às onze da manhã, e já encontramos o navio pronto para desatracar, popa primeiro. Ele não tinha se deslocado nem três vezes seu comprimento quando, a um pequeno solavanco do rebocador ao passar pela entrada do ancoradouro, deu um dos seus arrancos bruscos e pôs tanta pressão na corda de controle – um cabo novo de dezesseis polegadas – que o pessoal da dianteira não teve a menor possibilidade de folgá-la a tempo, e ela se partiu. Vi a ponta partida voar pelos ares, e em seguida aquela fera jogou a alheta^{16} contra a ponta do molhe^{17}, provocando um abalo que desequilibrou todo mundo a bordo. Mas o navio nada sofreu. Claro que não! Só que um dos rapazes, que o oficial mandara subir na mezena^{18} para uma tarefa qualquer, caiu no convés da popa – um baque – bem na minha frente. Ele não era muito mais velho do que eu. Poucos minutos antes, sorriamos um para o outro. Devia ter sido descuido dele, que não esperava levar um safanão. Ouvi seu grito de susto – Oh! – num trêmulo agudo ao sentir-se caindo e olhei a tempo de vê-lo ficar com o corpo todo flácido enquanto caía. Ahh! Meu pobre pai estava visivelmente pálido quando trocamos um aperto de mão em Gravesend. ‘Você está bem?’, pergunta ele, olhando firme para mim. ‘Sim, pai.’ ‘Tem mesmo certeza?’ ‘Sim, pai.’ ‘Bem, então adeus, meu filho.’ Ele me disse tempos depois que se eu tivesse dito uma

coisinha que fosse ele teria me levado para casa com ele naquele momento. Sou o caçula da família, sabe?”, acrescentou o homem de *tweed*, alisando o bigode, com um sorriso cândido.

Acusei o recebimento desse interessante comunicado com um murmúrio compreensivo. Ele fez um gesto negligente com a mão.

“Isso poderia ter acabado totalmente com a coragem de um cara para subir na mastreação, sabe? Totalmente. Ele caiu a meio metro de mim e quebrou a cabeça na abita^{19} de amarração. Nem se mexeu. Completamente morto. Um garoto bonito. Eu tinha acabado de pensar que nós dois seríamos grandes companheiros. Mas aquela fera de navio era capaz de fazer coisas bem piores. Passei três anos de minha vida no mar, embarcado naquele navio, depois fui transferido para o *Lucy Apse* por um ano. O fabricante de velas do *Apse Family* também foi parar lá, e me lembro de ele me dizer, certa noite, depois de uma semana no mar:

‘Este naviozinho não é mesmo um doce?’. Não é de espantar que achássemos o *Lucy Apse* um naviozinho amável e dócil, depois de nos livrarmos daquela fera grande e violenta. Era um verdadeiro paraíso. Seus oficiais me pareciam os homens mais descansados da terra. Para mim, que não conhecera outro navio senão o *Apse Family*, o *Lucy* era uma espécie de barco mágico que fazia por conta própria o que você queria que ele fizesse. Uma noite tivemos as velas jogadas contra o mastro por um feroz vento ponteiro. Em cerca de dez minutos havíamos controlado a situação e singrávamos a velas plenas, com as amuras^{20} arreadas, os conveses desimpedidos e o oficial de turno encostado na amurada, sereno. Parecia-me simplesmente maravilhoso. O outro navio teria ficado preso em ferros por meia hora, balançando os conveses cheios de água, atirando os homens para todos os lados – vergôntes^{21} estalando, escoras rompendo-se, vergas assumindo o comando, e um pânico absurdo tomando conta da popa por causa daquele leme incontrolável, que ele era capaz de tornar totalmente inútil, deixando todo mundo de cabelo em pé. Passei vários dias maravilhado com o fato.

“Bem, terminei meu último ano de aprendizado naquele simpático naviozinho – que nem era tão pequeno... Mas depois do demônio enorme de antes, manobrar o *Lucy* era brincadeira. Terminei meu treinamento e fui aprovado, e depois, justo quando estava pensando em passar três semanas divertindo-me à vontade em terra, recebi, durante o café da manhã em casa de meus pais, uma carta perguntando em quantos dias poderia me reunir à tripulação do *Apse Family* para assumir o posto de terceiro-piloto. Empurrei o prato com tanta força que

ele foi parar no meio da mesa; papai me olhou por cima do jornal; mamãe ergueu as mãos, atônita, e eu saí sem chapéu para o nosso pedacinho de jardim, onde fiquei dando voltas e voltas durante uma hora.

“Quando tornei a entrar, mamãe estava fora da sala de jantar e papai trocara de lugar, tinha ido para sua grande poltrona. A carta jazia no consolo da lareira.

“‘É muito honroso para você receber esse convite, e muito amável da parte deles fazê-lo’, disse. ‘E vejo também que Charles foi nomeado imediato do navio para uma viagem.’

“Havia, no verso, um PS nesse sentido na letra do próprio senhor Apse, em que eu não reparara. Charley era meu irmão mais velho.

“‘Não gosto muito de ter dois de meus filhos juntos num navio’, papai continuou, em sua maneira deliberada e solene. ‘E posso lhe dizer que não me importaria de escrever uma carta ao senhor Apse nesse sentido.’

“Velho e querido papai! Ele era um pai maravilhoso.

O que você teria feito? A mera ideia de voltar (e ainda por cima como oficial) para viver preocupado e aborrecido, noite e dia em estado de alerta por causa daquela fera, me deu náuseas. Mas aquela não era uma embarcação que você pudesse dar-se ao luxo de evitar. Além disso, a justificativa mais sincera não poderia ser oferecida sem ofender mortalmente a Apse & Sons. A firma, e creio que a família inteira, até as velhas tias solteironas que viviam em Lancashire, tornara-se extraordinariamente suscetível em tudo o que dissesse respeito ao caráter daquele barco amaldiçoado. A única alternativa era responder ‘A postos’, nem que fosse do próprio leito de morte, caso você desejasse morrer nas boas graças de todos eles. E foi precisamente isso o que respondi – por telegrama, para acabar de vez com a coisa.

“A perspectiva de ser companheiro de bordo do meu irmão mais velho me animava bastante, ainda que ao mesmo tempo me deixasse um pouco ansioso. Desde que eu me entendia por gente ele fora muito bom para mim, e eu o considerava o melhor sujeito do mundo. E era mesmo.

Nunca melhor oficial pisou o convés de um navio mercante. E isso é um fato. Era um jovem bonito, forte, aprumado, queimado de sol, com seu cabelo castanho ligeiramente anelado e seus olhos de lince. Era simplesmente esplêndido. Fazia muitos anos que não nos víamos e, mesmo naquela ocasião, embora ele já estivesse na Inglaterra havia três semanas, ainda não aparecera em casa, pois estava passando o tempo de folga em algum lugar de Surrey cortejando Maggie Colchester, sobrinha do velho capitão Colchester. O pai dela,

um grande amigo de papai, estava no negócio de corretagem de açúcar, e Charley tinha na casa deles uma espécie de segundo lar. Fiquei imaginando o que meu irmão mais velho ia achar de mim.

Havia uma espécie de severidade no rosto de Charley que jamais o abandonava, nem mesmo quando ele estava na farra, em seu jeito um tanto frenético.

“Ele me recebeu com uma grande gargalhada. Parecia considerar minha nova posição de oficial a maior piada do mundo. Havia uma diferença de dez anos entre nós, e suponho que ele se lembrasse melhor de mim com roupa de bebê. Eu tinha quatro anos quando ele foi para o mar pela primeira vez. Fiquei surpreso ao descobrir até onde ia sua impetuosidade.

“‘Agora vamos ver do que você é feito’, bradou ele. E, mantendo-me à distância pelos ombros, socou-me as costelas e me empurrou para o seu beliche. ‘Sente-se, Ned. Estou feliz pela oportunidade de ter você por perto. Darei o toque de polimento em você, meu jovem oficial, caso você seja dos bons. E, antes de tudo, enfie bem na cabeça que não vamos deixar esta fera matar ninguém na viagem. Vamos acabar com a brincadeirinha dela.’

“Percebi que ele estava falando sério a respeito do navio. Falava implacavelmente da embarcação e de como devíamos ser cuidadosos e nunca deixar aquela fera horrenda apanhar-nos distraídos com qualquer de seus malditos truques.

“Ele me fez uma verdadeira palestra sobre habilidades especiais a serem aplicadas ao *Apse Family*; então, mudando de tom, começou a falar descontraído, desfiando as bobagens mais doidas e engraçadas, até minhas ilhargas^[22] doerem de tanto rir. Eu percebia claramente que ele estava exagerando um pouco em seu bom humor. Não devia ser por causa de minha chegada. Não àquele ponto.

Mas, é claro, eu nem sonharia em perguntar-lhe o motivo daquilo. Tinha o devido respeito por meu irmão mais velho, posso assegurar-lhe. Mas tudo se tornou bastante evidente um dia ou dois depois, quando eu fiquei sabendo que a senhorita Maggie Colchester ia fazer a viagem conosco. Seu tio estava lhe oferecendo uma viagem por mar por razões de saúde.

“Não sei o que poderia haver de errado com a saúde dela. Tinha belas cores e uma vigorosa cabeleira loura.

Não se importava com o vento ou a chuva ou os borrifos de água ou o sol ou os mares verdes ou coisa alguma. Era uma jovem da melhor qualidade, alegre, de olhos azuis, mas a maneira como afrontava meu irmão mais velho costumava

assustar-me. Eu sempre esperava que aquilo fosse terminar numa tremenda briga. No entanto, nada de decisivo aconteceu até depois de passarmos uma semana em Sydney. Um dia, na hora do jantar da tripulação, Charley enfiou a cabeça na minha cabina. Eu estava estirado de barriga para cima no sofá, fumando tranquilo.

“Desça para terra comigo, Ned”, disse ele, em seu estilo conciso.

“Pus-me de pé num pulo, é claro, e lá fui eu atrás dele passadiço abaixo e rua George acima. Ele andava a passos largos, como um gigante, e eu a seu lado, sem fôlego. Fazia um calor dos diabos. ‘Para onde você está me arrastando, Charley?’, tive a audácia de perguntar.

“Para aqui mesmo”, disse ele.

“‘Aqui mesmo’ era uma joalheria. Eu não conseguia imaginar o que ele haveria de querer ali. Parecia algum tipo de crise de maluquice. Ele empurra para baixo do meu nariz três anéis, que pareciam muito pequenos na vasta e bronzeada palma de sua mão, rosnando: ‘Para Maggie! Qual?’.

“Levei uma espécie de susto diante daquilo. Não consegui dizer nada, mas apontei para o que lançava cintilações brancas e azuis. Ele o guardou no bolso do colete, pagou um monte de soberanos pelo anel, e saiu, brusco. Quando voltamos para bordo eu estava completamente sem fôlego. ‘Toque aqui, meu velho’, falei, ofegante. Charley me deu uma batidinha nas costas. ‘Dê as ordens que quiser ao contramestre quando os marinheiros voltarem’, disse ele. ‘Esta tarde estou de folga’.

“Em seguida ele desapareceu do convés por algum tempo, depois saiu da cabine com Maggie e os dois desceram pelo passadiço publicamente, diante da marujada, para um passeio juntos naquele dia horrível, escorchante de quente, com nuvens de poeira esvoaçando por todo lado.

Voltaram após algumas horas com ar calmo, porém não pareciam ter a menor ideia de onde haviam estado. Seja como for, foi essa a resposta que ambos deram à pergunta da senhora Colchester na hora do chá.

“E não é que ela se virou para o Charley com voz de cocheiro velho e disse: ‘Bobagem. Não sabem onde estiveram! Idiotice completa. Você quase mata a garota de tanto andar. Nunca mais faça isso’.

“Era surpreendente a submissão de Charley diante daquela velha. Só uma vez ele cochichou para mim: ‘Estou bem feliz por ela só ser tia de Maggie pelo casamento. Não é um parentesco para valer’. Mas na minha opinião ele deveria ser um pouco mais severo com Maggie. Ela ficava andando por todo lado

naquele navio em sua saia de iatismo e de boina, uma boina vermelha como um pássaro colorido numa árvore negra e seca. Os velhos marinheiros costumavam sorrir para si mesmos ao vê-la chegar e se ofereciam para ensiná-la a dar nós ou a emendar cabos.

Creio que ela gostava dos marujos, imagino que por causa de Charley.

“Como você pode imaginar, as inclinações maléficas daquele navio amaldiçoado jamais eram mencionadas a bordo. De todo modo, não na cabine. Apenas uma vez, no passadiço, Charley disse, impensadamente, algo a respeito de que, daquela vez, a tripulação inteira estava voltando para casa. Na mesma hora o capitão Colchester demonstrou constrangimento e aquela velha idiota duro-na foi para cima do Charley como se ele tivesse dito algo indecoroso. Eu mesmo fiquei bastante confuso; quanto a Maggie, ficou sentada, totalmente intrigada, arregalando ao máximo os olhos azuis. É claro que antes que o dia terminasse ela havia conseguido arrancar tudo de mim. Era muito difícil mentir para ela.

“‘Que horror!’, disse ela, muito solene. ‘Tantos pobres coitados. Estou contente de que esta viagem esteja quase no fim. Não vou mais ter um único momento de paz em relação ao Charley.’

“Garanti a ela que Charley estava bem. Que era preciso mais do que as artimanhas daquele navio para vencer um marujo como o Charley. E ela concordou comigo.

“No dia seguinte pegamos o rebocador ao largo de Dungeness; e quando a corda de rebocar foi atada, Charley esfregou as mãos e me disse, em voz baixa:

“‘Conseguimos enganar o maldito, Ned.’

“‘É o que parece’, disse eu, com um sorriso malicioso para ele. O tempo estava lindo e o mar tranquilo como um açude. Fomos rio acima sem sombra de complicação, a não ser por uma vez, quando, à altura de Hole Haven, a fera deu uma súbita guinada e por pouco não fez uma barcaça ancorada sair do canal. Mas eu estava na popa, cuidando de governá-la, e daquela vez ela não me pegou cochilando. Charley surgiu no tombadilho parecendo muito preocupado. ‘Foi por pouco’, disse.

“‘Não se preocupe, Charley’, respondi alegremente.

‘Você domou a fera.’

“Deveríamos rebocar o navio até o cais. O piloto do rio veio para bordo abaixo de Gravesend, e as primeiras palavras que o ouvi dizer foram: ‘O senhor faria bem em içar imediatamente sua âncora de bombordo, senhor Piloto’.

“Isso já havia sido feito quando avancei com a embarcação. Vi Maggie na cabeceira do castelo de proa divertindo-se com a confusão, e implorei-lhe que fosse para a popa, mas é claro que ela nem ligou para o que eu disse.

Aí Charley, que estava muito ocupado com a engrenagem de vante^{23}, avistou-a e gritou o mais alto que pôde: ‘Saia da cabeceira do castelo, Maggie. Você está atrapalhando aqui’. Como única resposta ela fez uma careta para ele, e vi o pobre Charley virar-se, escondendo um sorriso. Ela estava afogueada com a excitação de voltar para casa, e seus olhos azuis pareciam lançar fagulhas elétricas enquanto olhava para o rio. Um brigue^{24} carvoeiro havia acabado de entrar na nossa frente, e o rebocador teve de cortar as máquinas para evitar uma colisão.

“Num instante, como costuma ser o caso, todas as embarcações daquele trecho do rio pareciam ter se metido numa confusão total. Uma escuna e um rebocador arrumaram, a troco de nada, uma pequena colisão bem no meio do rio. Era excitante observar tudo aquilo e, nesse meio-tempo, nosso rebocador permaneceu parado. Qualquer outro barco que não fosse aquela fera poderia ter sido persuadido a manter-se em linha reta por uns poucos minutos – mas não ele. Sua proa desceu de repente e ela começou a derivar rio abaixo arrastando consigo o rebocador. Reparei num grupo de barcos costeiros ancorados a um quarto de milha de nós, e pensei que era melhor avisar o piloto: ‘Se você se meter no meio daquele ajuntamento’, falei, baixinho, ‘o barco vai moer alguns deles em pedaços antes de conseguirmos retirá-lo’.

“‘Como se eu não conhecesse este animal!’, grita ele, batendo o pé, tomado pela fúria. E em seguida tirou o apito para fazer com que aquele incômodo rebocador erguesse novamente a proa da embarcação o mais depressa possível. Apitou como um louco, sacudindo o braço para bombordo, e logo pudemos ver que as máquinas do rebocador haviam sido ligadas. Suas rodas propulsoras agitavam violentamente a água, porém era como se estivessem tentando mover uma rocha – o rebocador não conseguia deslocar aquele navio nem um centímetro. O piloto soprou de novo o apito e balançou o braço para bombordo. Podíamos ver as rodas do rebocador virando cada vez mais depressa para longe da nossa amura.

“Por um momento o rebocador e o navio ficaram imóveis no meio de uma porção de embarcações em movimento, e aí a tremenda pressão que aquela fera malévola, de coração empedernido, sempre punha em tudo arrancou por inteiro o cepo de rebocamento. A corda de rebocar pulou para o alto, partindo os ferros de toldo um após outro, como se fossem bastões de cera de lacrar. Somente aí reparei que, a fim de ter uma visão melhor por cima de nossas cabeças, Maggie

estava em pé na âncora de bombordo, largada no convés do castelo de proa.

“A âncora fora encaixada corretamente em seus nichos de carvalho, mas não houvera tempo para prendê-la com uma volta de cabo. De qualquer modo, do jeito que estava não haveria problema para entrar na doca; contudo, logo vi que num segundo a corda de rebocar mergulharia por baixo da pata da âncora. Meu coração voou direto para a boca, mas antes tive tempo de berrar: ‘Pule para longe dessa âncora!’.

“Só que não houve tempo para gritar o nome dela.

Suponho que ela não tenha ouvido nada do que eu disse. O primeiro impacto da espia contra a pata da âncora jogou-a ao chão; ela se ergueu novamente, rápida como um relâmpago, mas pôs-se de pé no lado errado. Ouvi um som horrendo, rascante, e em seguida aquela âncora, virando-se, elevou-se como uma coisa viva; seu grande e áspero braço de ferro segurou Maggie pela cintura, pareceu enlaçá-la num horrível abraço, e atirou-se com ela para cima e para baixo num terrível clangor de ferro, seguido de fortes baques retumbantes que sacudiram o navio de proa a popa – porque a boca do aríete^{25} aguentou o tranco!”

“Que horror!”, exclamei.

“Anos depois, eu costumava sonhar com âncoras agarrando moças”, disse o homem de *tweed*, um pouco alterado. E estremeceu. “Com um urro de cortar o coração, Charley mergulhou no mesmo instante atrás dela. Mas, Deus do céu, ele não viu nem sombra da boina vermelha dela dentro da água. Nada! Nada mesmo. Num momento havia meia dúzia de barcos ao redor de nós, e Charley foi içado para um deles. Eu, com o contramestre e o carpinteiro, largamos depressa a outra âncora e paramos o navio de qualquer maneira. O piloto estava abobalhado. Andava para cima e para baixo pela cabeceira do castelo de proa torcendo as mãos e resmungando para si mesmo: ‘Agora ele mata mulheres! Agora ele mata mulheres!’. E não era possível tirar dele nenhuma outra palavra.

“O crepúsculo desceu, depois uma noite negra como piche; e, perscrutando o rio, ouvi uma baixa e lamentosa chamada, ‘Ó de bordo!’. Dois aguadeiros^{26} de Gravesend emparelharam conosco. Tinham uma lanterna na catraia^{27} e olharam pelo costado do navio acima, segurando a escada sem dizer palavra. Vi, lá embaixo, numa nesga de luz, um feixe de cabelos louros, soltos.”

Ele estremeceu de novo.

“Depois que a maré mudou, o corpo da pobre Maggie havia flutuado, soltando-se de uma daquelas grandes boias de atracação”, explicou. “Eu me arrastei até a popa, sentindo-me meio morto, e consegui disparar um foguete – para que os

outros, que procuravam no rio, soubessem. Então avancei furtivamente para vante como um cão vadio e passei a noite sentado no calcanho do gurupés, de modo a ficar o mais longe possível do caminho de Charley.”

“Pobre homem!”, murmurei.

“É. Pobre homem”, repetiu ele, pensativo. “Aquela fera não deixaria que ele – nem mesmo ele – a impedisse de pegar sua presa. Mesmo assim ele a amarrou ao cais na manhã seguinte. Não trocáramos uma só palavra – aliás, nem um olhar. Eu não queria olhar para ele. Quando o último cabo foi amarrado ele pôs as mãos na cabeça e ficou olhando para os pés como quem procura lembrar-se de alguma coisa. A tripulação esperava no convés principal pelas palavras que finalizam a viagem. Talvez fosse disso que ele estava tentando se lembrar. Falei por ele: ‘Tudo bem, pessoal, terminou!’.

“Nunca vi uma tripulação deixar um navio em tamanho silêncio. Os homens se esgueiravam por cima da balaustrada^{28}, um após outro, tomando cuidado para não bater os malotes com muita força. Olhavam para o nosso lado, mas nenhum teve coragem de se acercar e oferecer um aperto de mãos ao piloto, como é de praxe.

“Eu o segui por todo o barco vazio, de um lado para o outro, aqui e ali, sem vivalma além de nós dois, porque o velho vigia se trancara na cozinha, fechando as duas portas. De repente o pobre Charley murmura, numa voz alucinada: ‘Acabei aqui’, e desce em largas passadas o passadiço, comigo em seu encalço, avança pelo cais, cruza os portões na direção de Tower Hill. Ele costumava alugar quartos com uma honesta estalajadeira na American Square, para ficar perto do trabalho.

“De repente ele para, volta-se e vem direto para mim.

‘Ned’, diz. ‘Vou voltar para casa.’ Tive a sorte de avistar um carro de aluguel e enfiei Charley lá dentro na hora. As pernas dele estavam começando a fraquejar. No vestíbulo de nossa casa ele arriou numa cadeira, e nunca me esquecerei dos rostos espantados e absolutamente estáticos de papai e mamãe, debruçando-se sobre ele. Não conseguiam entender o que havia acontecido com Charley, até que balbuciei, chorando: ‘Maggie se afogou ontem no rio’.

“Mamãe deixou escapar um gritinho. Papai olhou de Charley para mim e de mim para ele, como se comparasse nossos rostos, pois, juro por minha alma, Charley não estava nem um pouco parecido com ele mesmo. Ninguém se mexeu; e o pobre coitado ergue devagar as grandes e bronzeadas mãos para a garganta e, com um só puxão, rasga tudo de uma vez só – colarinho, camisa,

colete –, um perfeito naufrago, os destroços de um homem. Papai e eu o levamos para cima de qualquer jeito, e mamãe quase se matou cuidando dele durante uma meningite.”

O homem de *tweed* balançou a cabeça significativamente para mim.

“Ai! Não havia nada a fazer com aquela fera. Ela tinha o demônio dentro de si.”

“Onde está seu irmão?”, perguntei, esperando ouvir que estivesse morto. Mas ele estava no comando de um vapor moderno no litoral da China e nunca voltava para casa.

Jermyn soltou um fundo suspiro e levou suavemente o lenço, agora seco a contento, até o nariz vermelho e lamentável.

“Aquele navio era uma fera voraz”, recomeçou o homem de terno. “O velho Colchester agiu com firmeza e se demitiu. E você acredita? A Apse & Sons escreveu para perguntar se ele não queria reconsiderar sua decisão! Qualquer coisa para salvar o bom nome do *Apse Family*! O velho Colchester foi então ao escritório e disse que assumiria novamente o comando, porém apenas para levar o barco até o mar do Norte e lá afundá-lo. Ele quase enlouqueceu. Sua cabeleira costumava ter uma cor cinza-metálico escura, mas em duas semanas ficou branca como neve. E o senhor Lucian Apse (eles se conheciam desde jovens) fez de conta que não tinha reparado. Hein? Veja só que paixão! Isso é que é orgulho!

“Pularam sobre o primeiro homem que puderam conseguir para assumir o comando, com medo do escândalo que seria se o *Apse Family* ficasse sem capitão. Era um homem de alma alegre, creio, mas se aferrou a seu navio com fé e arruda. Wilmot era seu segundo-piloto. Um tipo irresponsável, que fazia de conta que nutria grande descaso pelas garotas. O fato é que era realmente tímido. Mas bastava uma delas levantar um dedinho de encorajamento, e nada segurava o desgraçado. Quando aprendiz, uma vez, no exterior, ele desertou atrás de um rabo de saia, e teria ficado entregue às baratas se seu capitão não tivesse se dado ao trabalho de encontrá-lo e puxá-lo pelas orelhas para fora de algum antro de perdição.

“Dizia-se que, uma vez, alguém da firma fora ouvido expressando a esperança de que aquela fera de navio encontrasse logo o seu fim. Mal posso acreditar nessa história, a não ser que fosse o senhor Alfred Apse, a quem a família não dava muita importância. Eles o mantinham no escritório, mas era considerado um mau-caráter total, sempre fugindo para corridas de cavalo e voltando para casa bêbado. Você pensaria que uma embarcação tão cheia de truques mortais teria se arremessado de encontro à terra algum dia, de pura maldade. Mas não!

Ela ia durar para sempre. Tinha faro para se manter longe do fundo.”

Jermyn soltou um grunhido de aprovação.

“Uma embarcação bem ao gosto de um piloto, hein?”, caçoou o homem de *tweed*. “Pois bem, Wilmot conseguiu dominá-la. Era o homem certo para isso, mas mesmo ele talvez não tivesse executado o truque sem a governanta de olhos verdes, ou ama-seca, ou fosse lá o que ela era para os filhos do senhor e da senhora Pamphilius.

“Essas pessoas viajavam como passageiros no navio que ia de Port Adelaide para o Cape. Bem, o navio partiu e lançou âncora ao largo durante aquele dia. O capitão – alma hospitaleira – convidou uma porção de gente da cidade para um almoço de despedida – como costumava fazer. Eram cinco da tarde antes que o último barco do cais fosse embora, e o tempo parecia feio e escuro no golfo. Não havia razão para partir. Contudo, como ele anunciara a todo mundo que ia zarpar naquela data, imaginou ser mais correto fazê-lo de qualquer maneira. Mas, depois de todos os festejos, não estava com vontade de afrontar os estreitos no escuro, com pouco vento, e deu ordens para que o navio fosse mantido com as gáveas^{29} e a vela a ré do traquete^{30} mais baixas, o mais perto possível de terra, esgueirando-se ao longo da costa até o amanhecer.

Em seguida, buscou seu virtuoso leito. O piloto estava no convés, de rosto muito bem lavado pelas fortes rajadas de chuva. Wilmot rendeu-o à meia-noite.”

“O *Apse Family* tinha, como você observou, uma casa na popa...”

“Uma grande e feia coisa branca, espetada”, Jermyn murmurou tristemente para o fogo.

“É isso: uma gaiuta^{31} para a escada da cabine e uma espécie de camarim de navegação combinados. A chuva caía em rajadas sobre o sonolento Wilmot. O navio derivava devagar para o sul, andando à bolina, com a costa de três milhas, mais ou menos, a barlavento. Nada havia para se ficar alerta naquela parte do golfo, e Wilmot movimentou-se para se esquivar das rajadas sob o sotavento daquele camarim de navegação, cuja porta, daquele lado, estava aberta. Era uma noite negra como um barril de alcatrão.

Nisso ele ouviu uma voz de mulher sussurrar.

“Aquela amaldiçoada mulher de olhos verdes dos Pamphilius pusera as crianças na cama fazia muito tempo, claro, mas parece que ela própria não conseguia dormir.

Ouvira bater seis badaladas, e o primeiro-piloto descer para recolher-se. Esperou

um pouco, depois vestiu o penhoar, atravessou sorrateiramente o salão e subiu as escadas até o camarim. Ali, sentou-se no sofá perto da porta aberta. Para se refrescar, imagino.

“Suponho que quando ela sussurrou para Wilmot foi como se alguém tivesse riscado um fósforo no miolo do homem. Não sei como eles haviam se tornado tão íntimos.

Suponho que ele tivesse se encontrado com ela em terra algumas vezes antes. Não tive como averiguar porque, quando contava a história, o Wilmot se interrompia para praguejar horrores a cada duas palavras. Havíamos nos conhecido no porto, em Sydney. Estava com um avental de pano de saco que lhe subia até o queixo e um grande chicote na mão. Era carroceiro. Feliz por fazer algo para não morrer de fome. Tinha chegado àquele ponto.

“No entanto lá estava ele agora, com a cabeça enfiada porta adentro, provavelmente no ombro da garota – um oficial de plantão! O timoneiro, ao dar seu testemunho depois, disse que gritara muitas vezes que a lâmpada da bitácula^{32} se apagara. Isso não importava para ele, porque recebera ordens no sentido de manter-se ‘o mais perto possível de terra’. ‘Achei engraçado’, disse, ‘que o navio continuasse sendo atingido pelas rajadas, mas a cada vez que isso acontecia eu orçava para cima, mantendo-o o mais perto possível de terra. Estava tão escuro que eu não conseguia ver nem minha mão diante do rosto, e a chuva caía em baldes de água sobre minha cabeça.’

“A verdade era que a cada rajada o vento coçava a ré um pouco, até que, gradativamente, o navio foi virando para a costa, sem que uma única alma dentro dele se desse conta disso. O próprio Wilmot confessou ter passado uma hora inteira sem se aproximar da bússola padrão. E como não confessar? Quando deu por si, o homem da vigia estava berrando como um doido, lá na frente.

“Ele se soltou da moça, contou, e gritou de volta: ‘O que você disse?’.

“‘Acho que estou ouvindo o barulho de vagalhões pela proa, senhor’, berrou o homem, e foi correndo para a ré com o resto da vigia, ‘sob o mais tremendo e cegante dilúvio que jamais caiu do céu’, disse Wilmot. Por cerca de um segundo ele ficou tão assustado e desorientado que não conseguia se lembrar de que lado do golfo estava o navio.

Não era um bom oficial, mas ainda assim era um marujo.

Num instante, conseguiu se controlar e as ordens corretas pularam de seus lábios sem que ele precisasse pensar.

Mandou orçar a barlavento com o leme e bracear as velas grandes e as mezenas da gata a panejar.

“Parece que as velas realmente tremularam. Ele não podia vê-las, mas ouviu-as chacoalhando e panejando acima de sua cabeça. ‘Não adiantava. Era um navio lento demais na largada’, continuou, o rosto sujo contorcendo-se e o maldito chicote de carroceiro tremendo em sua mão. ‘Ele parecia estar completamente imobilizado.’ E nisso o tremular de lona acima de sua cabeça cessou. Nesse momento crítico o vento caçou a ré outra vez com uma rajada, inflando as velas e empurrando o navio num grande impulso de encontro às rochas com o costado de estibordo. Ele fora longe demais em seu último joguinho. Sua hora havia chegado – a hora, o homem, a negra noite, a traiçoeira rajada de vento –, a mulher certa para dar-lhe um fim. A Fera não merecia coisa melhor. São estranhos os instrumentos da Providência. Para mim, existe uma espécie de justiça poética...”

O homem de *tweed* olhou fixamente para mim.

“A primeira laje do recife em que ele subiu arrancou-lhe a quilha falsa. Rrrac! O capitão saiu correndo de sua cabine e encontrou uma mulher louca, vestindo um penhoar de flanela vermelha, andando em círculos ao redor da cozinha, guinchando como uma cacatua.

“O baque seguinte jogou-a diretamente para baixo da mesa da cabine. Ao mesmo tempo, deslocou o cadaste^[33] e carregou o leme, e com isso a Fera escalou uma margem de lajes rochosas, rasgando por completo seu fundo, até parar de súbito. O mastro de proa caiu por cima dos costados como um passadiço.’

“Alguém morreu?”, perguntei.

“Ninguém, a não ser aquele sujeito, o Wilmot”, respondeu o cavalheiro que a srta. Blank não conhecia, olhando em volta em busca do boné. “E seu caso foi pior, para um homem, do que o afogamento. Todos desembarcaram sãos e salvos. A tormenta só se ergueu no dia seguinte, diretamente do oeste, e quebrou aquela fera num curto e surpreendente espaço de tempo. Era como se seu coração estivesse podre.” Seu tom mudou. “A chuva passou. Preciso pegar minha bicicleta e ir depressa para casa jantar. Moro em Herne Bay – saí para dar uma volta hoje de manhã.”

Ele acenou a cabeça para mim num gesto amistoso e saiu num passo afetado.

“Você sabe quem é ele, Jermyn?”, perguntei.

O piloto do mar do Norte balançou a cabeça, sombrio.

“Imagine perder um navio desse jeito estúpido! Que coisa!

Que coisa!”, gemeu em tom lúgubre, esticando novamente o lenço úmido, como uma cortina, diante das chamas.

Ao sair, troquei um olhar e um sorriso estritamente decorosos com a srta. Blank, garçoneiro do Três Coroas.

Tradução de Laetitia Vasconcelos

O ESPORTE MAIS PERIGOSO –

Richard Connell



Whitney disse:

— Ao largo, à direita, nalguma parte, há uma grande ilha e um grande mistério.

— Qual o nome? — Perguntou Rainsford.

— As velhas cartas náuticas a chamavam ilha Pega-Navio. Nome sugestivo. Não achas? Os marinheiros têm um estranho receio do lugar. Não sei por quê.

— Não consigo ver. — Observou Rainsford, apertando os olhos contra a noite tropical que envolvia o iate com espessa e quente escuridão.

— Tens boa vista. — Disse Whitney, rindo — Mas nem tu podes ver 6km adiante numa noite sem luar no Caribe.

— Nem 4m. — Admitiu Rainsford. — Puxa! Parece veludo preto molhado.

— No Rio não falta claridade. Chegaremos até lá nalguns dias. Faremos boas caçadas no Amazonas. Grande esporte, a caça.

— O melhor do mundo.

— Pro caçador. Não caça.

— Não digas tolice, Whitney. És caçador de caça grossa e não filósofo. Onça não tem entendimento.

— Ainda assim acho que entendem uma coisa: O medo da dor e o da morte.

— Que absurdo! — Respondeu Rainsford, rindo. — O calor está te amolecendo, Whitney. O mundo é composto de duas classes: A da caça e a dos caçadores. Somos caçadores, felizmente. Achas que já passamos a ilha?

— Não sei. Nesta escuridão. Espero que sim.

— Por quê?

— O lugar tem má fama. Não notaste que a tripulação estava nervosa hoje?

— É verdade. Notei algo. Até capitão Neilson.

— Exato, até aquele sueco peitudo, capaz de pedir fogo ao próprio Diabo, me disse que esta zona tem mau nome entre os marinheiros.

— Pura imaginação. Um marinheiro supersticioso pode contagiar de medo toda a tripulação dum navio.

— Talvez. Mas estou satisfeito de estarmos deixando esta zona. Irei dormir.

— Ainda estou sem sono. Darei outra cachimbada no convés de ré.

A noite estava silenciosa exceto pela vibração abafada do motor do iate e o barulho da hélice na água. Reclinado numa cadeira de convés, Rainsford chupava o cachimbo.

Um barulho inesperado o sobressaltou. Alguém atirava na escuridão.

Se levantou e correu à amurada. Forçou a vista em direção aos tiros mas era como olhar cum cobertor na frente dos olhos. Subiu na amurada pra conseguir melhor ângulo. O cachimbo bateu num cabo e caiu da boca. Se inclinou pra o apanhar e perdeu o equilíbrio. Soltou um grito rouco que o acompanhou até que a água do mar das Caraíbas se fechou sobre si.

Com esforço subiu à tona e gritou mas a onda levantada pelo iate veloz bateu no rosto e a água salgada na boca o engasgou e sufocou. Desesperado, começou a nadar atrás das luzes que se afastavam mas parou depois de 20m. Havia a possibilidade dos gritos terem sido ouvidos por alguém a bordo mas era remota e se tornava mais remota à medida que o iate se afastava. Rainsford se livrou da roupa e gritou a plenos pulmões. As luzes do barco iam se apagando até que desapareceram na noite.

Rainsford se lembrou dos tiros. Vieram da direita. Nadou nessa direção. Durante um tempo que parecia interminável lutou contra o mar. Começou a contar as braçadas. Poderia nadar mais umas 100 e...

Ouviu um barulho. Saía da treva, um ruído agudo e estridente, o grito dum animal apavorado. Recuperando a força, nadou em direção ao grito. O ouviu novamente. Mas ele foi logo cortado por outro, seco, em estacato.

— Tiro de revólver.

10 minutos de esforço resoluto o puseram a alcance do ruído mais agradável que já ouvira, o fragor do mar numa praia rochosa. Com a força que restava se arrastou da água e subiu, engatinhando, o rochedo cortante. Chegou, ofegante, a um lugar plano e elevado. Uma selva densa chegava até a borda do penhasco. Tudo ignorando, menos o cansaço, desabou ao chão e se entregou ao sono mais profundo de sua vida.

Quando abriu os olhos notou, pela posição do sol, que a tarde já ia alta. O sono lhe devolvera o vigor e uma fome aguda o torturava.

Onde há tiro há gente. E onde há gente há comida, pensou, e começou a descer à praia. Não longe do lugar onde dera à praia, parou.

Algum grande animal ferido se debatera na vegetação rasteira. Um objeto pequeno e brilhante despertou sua atenção. O apanhou do chão. Um cartucho vazio.

— Calibre 22. É estranho. Deve ter sido um animal bem grande. O caçador teve coragem de o enfrentar com arma tão leve.

Examinou atentamente o terreno e encontrou o que esperava: Marcas de bota de caçador, que apontavam na direção aonde ia. Apressou o passo, pois a noite começava a descer sobre a ilha.

A escuridão principiava a envolver o mar e a floresta quando avistou as luzes. As descobriu ao fazer uma curva na linha da costa. Seu primeiro pensamento foi que chegara a uma aldeia, tantas eram as luzes. Mas ao continuar caminhando, notou que provinham dum edifício, um castelo num alto rochedo.

Miragem? Mas os degraus de pedra eram reais. Levantou a aldraba, que rangeu como se nunca fora usada antes.

Se abriu a porta e um homem alto, corpulento, de barba preta até a cintura, apareceu cum revólver na mão.

— Não te assustes. Não sou assaltante. Caí dum iate. Meu nome é Sanger Rainsford, de Nova Iorque.

O homem não deu sinal de compreender. O revólver ameaçador continuava apontado como se o gigante fosse uma estátua.

Outro homem desceu os largos degraus de mármore, esbelto e ereto vestido a rigor, se aproximou e estendeu a mão.

Em voz educada, marcada por ligeiro sotaque, disse:

— É um grande prazer e uma honra receber em minha casa senhor Sanger Rainsford, o famoso caçador.

Automaticamente Rainsford apertou a mão estendida.

— Li teu livro sobre a caça a leopardo-da-neve no Tibete. Sou general Zaroff.

A primeira impressão de Rainsford foi que o homem era extremamente simpático. A segunda, que havia algo de estranho no rosto. O general era alto, já

além da meia-idade, pois tinha o cabelo branco, mas as sobrancelhas e o bigode eram pretos. Os olhos também eram pretos e muito brilhantes. Se voltando ao homem uniformizado, fez um sinal. O sujeito guardou a arma, fez uma continência e se retirou.

— Ivã é um incrivelmente forte mas tem a infelicidade de ser surdo-mudo. Um homem simples mas verdadeiro selvagem.

— Russo?

— Cossaco como eu. Entres. Precisas de roupa, alimento e repouso.

Ivã reapareceu e o general falou com os lábios, sem emitir voz.

— Sigas Ivã, senhor Rainsford. Eu jantaria mas esperarei. Acho que minha roupa serve em ti.

Seguiu o homem até um grande quarto com cama de dossel. Ivã pôs na cama um traje a rigor. Ao vestir notou que saíra das mãos dum alfaiate londrino.

— Talvez tenhas ficado surpreso — disse o general, ao se sentarem pra jantar — por te conhecer de nome. Mas leio todos os livros sobre caça publicados em inglês, francês e russo. Tenho única paixão na vida, que é a caça.

— Tens alguns belos troféus aqui. — Disse Rainsford, relanceando a vista nas paredes. — Aquele búfalo-do-cabo é o maior que já vi.

— Ó! Aquele? Me atacou, me atirou contra uma árvore e fracturei o crânio mas o peguei.

— Sempre pensei que o búfalo-do-cabo é o mais perigoso de todos os grandes animais da caça.

Durante alguns momentos o general não replicou. Em seguida, respondeu lentamente:

Não, o búfalo-do-cabo não é o mais perigoso. — Tomou um gole de vinho. — Nesta ilha caço animais mais perigosos.

— Há caça grossa aqui?

— Da mais grossa.

— Estás falando sério?

— Não é daqui. Tenho de trazer.

— E o que importaste?, general. Tigre?

— Não. — O general disse sorrindo. — A caça ao tigre deixou de me interessar

quando esgotei as possibilidades. Nenhuma emoção mais nos tigres, nenhum perigo. Vivo pro perigo, senhor Rainsford. Nós dois, tu e eu, faremos grandes caçadas, senhor Rainsford.

— Mas que tipo de caça...

— Contarei. Te divertirás. Acho que posso dizer, com toda modéstia, que inventei uma nova sensação. Posso servir outro cálice de porto?

O general encheu ambos os cálices e disse:

— Deus faz alguns homens poetas. Outros reis. Alguns mendigos. A mim fez caçador. Mas após anos de prazer descobri que a caça não mais me fascinava. Deixara de ser o que chamais uma *proposição esportiva*. Eu sempre apanhava minha presa... sempre...

O general acendeu um cigarro.

— O animal só tem as pernas e o instinto. E o instinto não é antagonista à altura da razão.

Rainsford se inclinou sobre a mesa, absorto nas palavras do dono da casa.

— Tive uma inspiração do que eu faria.

— E o que foi?

— Eu tinha de inventar um novo animal pra caçar.

— Um novo animal? Estás pilheriando.

— Jamais faço piada a respeito da caça. Eu precisava dum novo animal. O encontrei. Comprei esta ilha, construí esta casa e caço aqui.

O espanto de Rainsford transpareceu no rosto.

— Eu queria o animal ideal pra caçar, e portanto pensei: Quais são os atributos da caça ideal? E a resposta, naturalmente, foi: Deve ter coragem, astúcia e, acima de tudo, capacidade de raciocinar.

— Mas nenhum animal raciocina.

— Meu querido amigo, há um que pode.

— Mas não podes estar querendo dizer...

— Por que não?

— General Zaroff, estás falando de assassínio.

Um acesso de riso sacudiu o general.

— Aposto que esquecerás tuas idéias ao caçar comigo. Te espera uma emoção inteiramente nova, senhor Rainsford.

— Obrigado. Sou caçador, não assassino.

— Ora essa! — Disse o general, sem se impressionar — Mais uma vez essa palavra desagradável. Mas caço o rebotalho: Marinheiros de navios sem porto, lascars^{34}, negros, chineses, brancos, mestiços.

— Onde os consegues?

A pálpebra esquerda do general tremeu numa piscadela.

— Esta ilha é chamada Pega-Navio. Venhas à janela.

Rainsford foi até a janela e olhou o mar.

— Olhes! Ali! — Exclamou o general ao mesmo tempo que apertava um botão. Muito distante, Rainsford viu lampejos de luz. — Indicam uma passagem onde não há. Pedras afiadas como navalhas se escondem ali como um monstro marinho. Podem despedaçar um navio como se fosse uma noz. Ó, sim! Isso é eletricidade. Queremos ser civilizados.

— Civilizados? Caçando homem?

— Mas trato meus visitantes com toda consideração. — Disse o general, com seu modo mais cativante. — Se alimentam bem e fazem muito exercício. Ficam em esplêndida forma física. Verás amanhã.

— O que queres dizer com isso?

— Visitaremos meu centro de treinamento. Fica no subsolo. Tenho lá cerca duma dúzia, dum barco espanhol que teve a má sorte de bater nas pedras.

Fez um gesto e Ivã serviu café turco.

— É uma brincadeira, como verás. — Continuou o general. — Convido um pra caçar. Dou três horas de vantagem. O sigo, levando apenas uma pistola do menor calibre e alcance. Se minha presa conseguir escapar durante três dias, ganhou o jogo. E se eu o encontrar, — sorriu — perdeu.

— E se ganhar?

O riso se espalhou no rosto do general.

— Até agora não perdi. — E acrescentou apressadamente: — Não quero que me julgues um gabola, senhor Rainsford. Um deles quase ganhou. Então recorri aos cães.

— Cães?

— Aqui, sim? Mostrarei.

O general o conduziu a outra janela. No pátio embaixo, viu cerca de uma dúzia de grandes sombras negras.

— São soltos às 7h, todas as noites. Se alguém tentar entrar nesta casa, ou sair, algo de lamentável lhe acontece. E agora quero mostrar a minha nova coleção de troféu. Queres ter a gentileza de vir à biblioteca?

— Eu gostaria que me escusasses hoje. Não estou me sentindo bem.

— Precisas duma boa noite de repouso. Amanhã te sentirás novo. Então caçaremos.

Rainsford deixou a sala apressadamente.

— É pena que não possas me acompanhar nesta noite. Hoje será ótimo. Um preto alto e forte. Parece inteligente.

A cama era confortável e Rainsford estava cansado mas não conseguiu dormir. Tinha apenas cochilado quando, ao alvorecer, ouviu o estampido distante dum disparo de revólver na selva.

General Zaroff somente apareceu na hora do almoço. Se mostrou solícito com a saúde de Rainsford.

— Não me sinto muito bem. A caça de ontem não prestou.

— General, — disse Rainsford, firmemente — quero partir imediatamente desta ilha.

Notou que os olhos pretos do general o estudavam. Os olhos subitamente adquiriram brilho.

— Nesta noite caçaremos.

— Não, general. Não irei.

O general encolheu os ombros.

— Neste caso serás entregue a Ivã. A decisão é tua, mas aviso que minha idéia de esporte é mais divertida do que a sua.

— Não estás querendo dizer...

— Meu amigo, eu já não disse que falo sempre sério a respeito de caça? Isto é uma inspiração. Bebo à saúde dum adversário digno de minha lâmina, finalmente.

— E se eu ganhar...

— Se eu não te encontrar até a meia noite do terceiro dia, prazerosamente me considerarei derrotado. Minha chalupa te deixará no continente, próximo a uma cidade.

O general tomou um gole de vinho e falou com o ar de quem discute negócio:

— Ivã te dará roupa de caça, comida e uma faca. Deves usar mocassim, pois quase não deixa rastro. Deve também evitar o pântano da ponta sudeste da ilha, por causa da areia movediça. Um tolo o tentou. Bem, peço que me excuses agora. Sempre faço a sesta depois do almoço. Mas não terás tempo pra dormir. Deves começar logo. Só te seguirei no anoitecer. Caçar na noite é muito mais emocionante que no dia. Não achas? *Au revoir*, senhor Rainsford, *au revoir*.

Quando general Zaroff, com mesura cortês, deixou a sala, Ivã entrou noutra porta. Embaixo dum braço ele levava roupa de caça, um bernal de comida e uma faca-de-caça de lâmina comprida com bainha de couro. A mão direita descansava num revólver engatilhado, enfiado numa faixa escarlata em volta da cintura.

Rainsford abriu caminho no matagal durante duas horas, e finalmente parou e pensou: Preciso não perder a calma.

A fuga em linha reta seria inútil, pois inevitavelmente o levaria ao mar. Estando num quadro emoldurado de água, suas operações, evidentemente, deviam ser dentro da moldura.

Darei uma pista, pensou, saindo do caminho e entrando no mato fechado. Se recordando das histórias populares sobre caça à raposa, executou uma série de voltas complicadas, passando várias vezes no mesmo lugar. A noite o encontrou com as pernas cansadas e as mãos e o rosto lacerados pelos ramos. Uma vez que a necessidade de descanso era imperiosa, pensou: Fiz o papel de raposa. Agora devo fazer como o gato da fábula.

Perto havia uma grande árvore de tronco grosso e galhos espalhados. Tomando cuidado pra não deixar marcas, subiu numa forquilha e se estendeu num dos galhos mais grossos. O descanso lhe deu nova confiança e uma sensação quase de segurança.

Uma noite de apreensão se arrastava lentamente como uma serpente ferida. Quase no amanhecer o grito duma ave espantada lhe chamou a atenção àquela direção. Algo vinha nas moitas, lentamente, cuidadosamente, seguindo o mesmo caminho tortuoso seguido por Rainsford, que achatou contra o galho e olhou através das folhas.

Era general Zaroff, que parou, quase sob a árvore, se ajoelhou e estudou o

terreno. O impulso de Rainsford foi saltar sobre ele como uma pantera, mas notou que o general tinha a pistola automática na mão direita.

O caçador sacudiu a cabeça diversas vezes, como confuso. Depois, se levantou e tirou um cigarro preto duma cigarreira. O cheiro de fumo forte subiu às narinas de Rainsford.

Prendeu a respiração. Os olhos do general deixaram o chão e esmiuçaram a árvore centímetro a centímetro. Rainsford ficou imóvel, com todos os músculos tensos ao salto. Os olhos agudos do caçador, porém, se detiveram antes de chegar ao galho onde Rainsford estava. Um sorriso apareceu no rosto moreno. Sem pressa, soprou um anel de fumaça no ar. Depois deu as costas à árvore e se afastou descuidadamente na mesma trilha onde viera. O chiado da vegetação rasteira raspando nas botas ficava cada vez menos distinto.

Rainsford não quis acreditar no que a razão dizia: Que o general brincava consigo, o reservava proutro dia de diversão. O cossaco é o gato eu era o rato. Foi então que Rainsford compreendeu o significado do pavor. Pensou:

— Não perderei a calma!

Escorregando da árvore, mergulhou na floresta. A uns 300m do esconderijo, parou ao encontrar uma grande árvore seca precariamente escorada numa verde menor. Tirou a faca da bainha e começou a trabalhar.

Ao terminar o trabalho se escondeu atrás dum tronco caído a uns 30m. Não precisou esperar muito. O gato voltava pra brincar com o rato.

Com a segurança dum mastim, general Zaroff seguia a pista. O cossaco estava tão atento ao faro que chegou à obra de Rainsford antes de a ver. Seu pé tocou o ramo que servia de gatilho. No exato momento em que o tocou, o general sentiu o perigo e saltou a trás com a agilidade dum macaco. Mas não foi o bastante rápido. A árvore seca, delicadamente ajustada pra repousar na verde cortada, caiu, e na queda o atingiu de raspão no ombro. Não fosse ligeiro e seria esmagado. Cambaleou mas não caiu. Nem soltou a arma. Ficou ali, esfregando o ombro machucado. E Rainsford, com o medo novamente o assaltando, ouviu o riso zombeteiro do general ecoar na floresta.

— Rainsford! Se estiveres me ouvindo me permitas te felicitar. Poucos são os que sabem fazer uma armadilha malaia pra homem. Por sorte também cacei em Malaca. Tratarei do ferimento. É nada. Mas voltarei.

Logo que o general desapareceu, Rainsford recomeçou a fuga. Veio o lusco-fusco, depois a noite e continuou. O terreno amoleceu sob os mocassins. A vegetação ficou mais densa. Os insetos o picaram ferozmente. Deu um passo e o

pé mergulhou em lama. Com esforço violento o puxou. Já sabia onde estava. O pântano e a areia movediça.

A moleza do chão deu uma idéia. Recuando uns 4m da areia movediça, começou a cavar.

O buraco se aprofundou. Ao chegar acima dos ombros, saiu de dentro, cortou varas dalgumas moitas e as afiou nas pontas. Depois fincou as varas no fundo do buraco com as pontas a cima. Com dedos ligeiros teceu um tapete de liano e ramo, com os quais cobriu o buraco. Depois, molhado de suor e dolorido de cansaço, se encolheu atrás do toco duma árvore derrubada por um raio.

Pelo barulho abafado de pés na terra mole percebeu que o perseguidor se aproximava. A brisa noturna trouxera o cheiro do cigarro do general. Pareceu à presa que o general andava com uma rapidez desusada, que não tateava o caminho pé ante pé. De repente ouviu o estalo seco de ramos quebrando quando a cobertura do buraco cedeu e o grito agudo de dor quando as pontas aguçadas encontraram o alvo. A 1m do buraco estava um homem de pé cum lantern elétrica na mão.

— Trabalhaste bem, Rainsford. — Gritou o general. — Tua armadilha birmanesa pra tigre me custou um de meus melhores cães. Marcaste mais um ponto. Agora quero ver o que podes fazer contra a matilha inteira. Irei até casa descansar. Obrigado por uma noite muito divertida.

No amanhecer, deitado próximo ao pântano, foi despertado por um ruído distante, leve e trêmulo, mas reconheceu o uivo duma matilha de mastim.

O uivo se aproximava cada vez mais. Rainsford subiu numa árvore. À vazante dum riacho, a 400m de distância, viu moitas se mexendo. Forçando a vista, distinguiu o vulto espigado de general Zaroff. À frente vinha outro vulto, de ombros largos, abrindo caminho nas canas. Era o enorme Ivã, que parecia estar sendo puxado. Compreendeu que vinha segurando a matilha na correia.

O alcançariam a qualquer momento. Pensou rápido e se lembrou dum truque que aprendera em Uganda. Escorregando árvore abaixo, pegou um caule flexível amarrou a faca nele, com a ponta virada à trilha. Com um pedaço de cipó vergou o caule e prendeu a trás e correu. Logo que os mastins farejaram a nova pista, se elevaram os uivos. Rainsford ficou sabendo como se sente um animal perseguido.

Teve de parar pra tomar fôlego. O uivo dos mastins parou subitamente. A respiração de Rainsford parou também. Eles deviam ter chegado à faca.

Trepando rápido numa árvore, olhou a trás. Os perseguidores pararam. Mas a

esperança de Rainsford morreu quando viu o general ainda em pé. Mas Ivã não estava. A faca, impulsionada pela flexibilidade do caule, não falhara inteiramente.

Mal descera da árvore ouviu de novo o uivo da matilha.

Calma, calma, calma!, pensava enquanto corria. Uma abertura azul apareceu entre as árvores na frente. Os mastins se aproximavam. Rainsford rumou à abertura. Chegou ao mar e viu a pedra cinza do castelo do outro lado duma enseada. 7m abaixo o mar rugia. Hesitou. Ouviu os mastins. Mergulhou em direção à água.

Ao chegar à abertura acompanhado pela matilha, o cossaco parou. Durante alguns momentos ficou olhando a extensão glauca do mar. Depois se sentou, tomou um gole de conhaque duma garrafa de prata, acendeu um cigarro perfumado, e cantarolou um trecho de *Madame Butterfly*.

Naquela noite general Zaroff saboreou um jantar extremamente apetitoso na grande sala apainelada. Ao lado, uma garrafa de *Pol Roger*. Dois pequenos aborrecimentos impediam que o prazer fosse perfeito. O primeiro era a dificuldade de encontrar alguém pro lugar de Ivã. O segundo a presa escapar.

Procurando consolo, leu na biblioteca trechos de Marco Aurélio. Às 10h foi ao quarto. Se sentia agradavelmente cansado ao virar a chave na porta. Ainda havia luar. Antes de acender a luz se dirigiu à janela e olhou o pátio. Viu os grandes mastins e gritou:

— Melhor sorte na próxima vez.

Acendeu a luz.

O homem que se ocultara entre o cortinado da cama se ergueu em sua frente.

— Rainsford! Como, em nome-de-deus, conseguiste entrar?

— Nadando. Achei que era mais rápido do que andar na floresta.

O outro tomou fôlego e sorriu.

— Parabéns. Ganhaste.

Rainsford não sorriu. Disse, em voz baixa e rouca:

— Ainda sou uma fera solta. Te aprontes, general Zaroff.

O general fez uma de suas medidas profundas.

— Compreendo. Esplêndido. Um de nós servirá de repasto aos mastins. O outro dormirá nesta esplêndida cama. Em guarda, Rainsford.

Rainsford chegou à conclusão de que jamais dormira em cama melhor.

DE VOLTA NO NATAL – John Collier



Disse major Sinclair:

— Doutor, tens de vir passar o Natal conosco.

Estavam servindo o chá, e a sala-de-estar dos Carpenter estava cheia de amigos se despedindo do médico e esposa. Disse senhora Carpenter:

— Voltará. Prometo.

— Nada certo. — Disse doutor Carpenter. — Claro que é o que eu queria.

— Afinal — disse senhor Hewitt — seu contrato pra conferência é só de três meses.

— Tudo pode acontecer. — Disse doutor Carpenter.

— Aconteça o que acontecer, — disse senhora Carpenter, sorrindo — voltará à Inglaterra pro Natal. Podeis crer em mim.

Todos acreditaram. O próprio doutor quase acreditava. Havia 10 anos ela prometia que iria a jantar, piquenique, comissão, deus-sabe o quê, e as promessas eram sempre cumpridas.

Começaram as despedidas. Fizeram mil elogios aos planos maravilhosos da querida Hermíone. Ela e o marido iriam de carro a Soutremptão na noite e embarcariam no dia seguinte. Nada de trem, confusão, preocupação de última hora. Era óbvio que o doutor estava muito bem-cuidado, pois seria um grande sucesso em Estados-Unidos. Especialmente com Hermíone para cuidar de tudo. E ela também se divertiria muito. Ia ver os arranha-céus. Nada havia parecido em Pequena Deus Exausto. Mas ela não devia deixar de o trazer de volta. — Sim, eu o trarei de volta. Pode estar certo disso. — Não debes deixar que mude de idéia. Nada de adiamento. Nada de cargo maravilhoso nalgum hospital superamericano. Nosso ambulatório precisa de si. E tem de voltar pro Natal. — Sim — disse senhora Carpenter ao último convidado que saía. — Tomarei conta disso. Estará de volta no Natal.

Os últimos preparativos pra fechar a casa estavam muito bem organizados. As empregadas lavaram logo a louça do chá, entraram na sala, se despediram e saíram a tempo de pegar o ônibus da tarde a Devizes.

Faltavam apenas as últimas providências, trancar as portas, verificar que tudo estivesse arrumado.

— Vás até lá em cima — disse Hermíone — e ponhas tua roupa de tuíde marrom. Esvazies os bolsos desse terno antes de o guardar na mala. Arrumarei o resto. Basta não atrapalhar.

O doutor foi a cima e tirou o terno que estava usando, mas em vez da roupa de tuíde marrom vestiu um roupão-de-banho velho e sujo, que pegou no fundo do guarda-roupa. Depois, tendo arrumado mais umas coisinhas, se debruçou no corrimão da escada e chamou a mulher:

— Hermíone! Podes vir um instante?

— Claro, meu bem. Já acabei.

— Subas àqui um minuto. Há uma coisa muito estranha.

Hermíone subiu imediatamente.

— Meu-deus! — Exclamou quando viu o marido. — O que estás fazendo nessa roupa imunda? Há muito tempo que eu disse pra mandar queimar.

— Quem poderia ter deixado cair uma corrente de ouro no cano da banheira?

— Ninguém, é claro. Ninguém usa isso.

— Então o que está fazendo ali? Pegues essa lanterna. Se te debruçares aqui a verás brilhando no fundo.

— Alguma fantasia dum empregada. Não pode ser outra coisa.

Mas assim mesmo ela pegou a lanterna e se debruçou, espiando a dentro do cano. O doutor, erguendo um pedaço de cano de chumbo, deu duas ou três pancadas com muita força e precisão e, dobrando o corpo nos joelhos, o atirou dentro da banheira.

Depois tirou o roupão de banho e, completamente despido, abriu uma toalha que estava cheia de utensílio e os colocou na pia. Espalhou várias folhas de jornal no chão e tornou a virar a vítima.

Que estava morta, é claro. Toda contorcida, como quem dá cambalhota, numa das extremidades da banheira. A ficou olhando muito tempo, sem pensar. Então viu quanto sangue havia e a cabeça recomeçou a funcionar.

Primeiro empurrou e puxou até ela ficar esticada na banheira e então tirou a roupa dela. Numa banheira estreita isso foi um tanto difícil, mas afinal conseguiu e abriu as torneiras. A água jorrou na banheira, diminuiu e depois foi

só barulho de ar.

— Meu Deus! Desligou o registro principal.

Só havia uma coisa a fazer: O doutor limpou as mãos numa toalha, apressado, abriu a porta do banheiro cum canto limpo da toalha, a atirou novamente ao banquinho do banheiro e correu a baixo, descalço, ligeiro como um gato.

A porta do porão ficava num canto do saguão de entrada, sob a escada. Sabia perfeitamente onde ficava o registro. E com razão: Havia já algum tempo que andava mexendo ali, tentando fazer uma garrafeira pro vinho, dissera a Hermíone. Abriu a porta do porão, desceu os degraus íngremes e, pouquinho antes que a porta, fechando, mergulhasse o porão numa escuridão de breu, pôs a mão na torneira e a virou. Depois, Tateando na parede encardida, voltou à escada. Estava prestes a subir quando ouviu uma campainha tocar.

O doutor mal teve consciência do toque como tal. Era como um espigão de ferro espetado devagar no estômago, continuando até chegar ao cérebro. Então algo estalou. Se atirou na poeira de carvão no chão e exclamou:

— Estou liquidado! Estou liquidado! Não têm o direito de vir.

Percebeu que estava ofegante e pensou:

— Nada disso!

Começou a se reanimar. Se levantou e, quando a campainha tornou a tocar, o toque passou quase sem o afetar.

— Eles que vão embora.

Depois ouviu a porta da frente se abrir. Disse:

— Não me importo.

Os ombros se encolheram como o dum pugilista, pra lhe cobrir o rosto.

— Desisto.

Ouviu as pessoas chamando Herbert! Hermíone! Eram os Wallingford.

— Raios! Intrometidos. A gente querendo partir. Todo nu! Tudo sangue e pó de carvão! Estou frito! Estou liquidado! Não agüento!

— Herbert!

— Hermíone!

— Onde estarão?

— O carro está aí.

— Talvez tenham dado um pulo em senhora Liddell.

— Temos de os ver.

— Talvez foram fazer compra. Algo de última hora.

— Não Hermíone. Escutes! Não é alguém tomando banho? Devo gritar? Que tal bater na porta?

— Psiu! Não! Pode não ser delicado.

— Não faz mal gritar.

— Escutes, meu bem. Passaremos aqui na volta. Hermíone disse que não partiriam antes das 7h. Jantarão no caminho, em Salisbúria.

— Achas que sim? Está bem. Só que quero tomar um drinque com o velho Herbert. Ficaria sentido.

— Vamos depressa. Podemos voltar às 6:30h.

O doutor ouviu quando saíram e a porta bater. Pensou: — 6:30h. Consegurei.

Atravessou o saguão, trancou a porta da frente, subiu a escada e, pegando os utensílios da pia, terminou o que tinha a fazer. Tornou a descer, no roupão de banho, carregando embrulho e mais embrulho de toalha ou jornal bem presos com alfinete de segurança. Colocou os pacotes cuidadosamente no buraco estreito e profundo que fizera no canto do porão, pôs a terra encima, espalhou o pó de carvão sobre tudo, se certificou de que tudo estava em ordem e subiu outra vez. Limpou cuidadosamente a banheira, a si e a banheira outra vez. Se vestiu e levou as roupas da mulher e o roupão ao incinerador.

Mais uma ou duas providências e tudo estava arrumado. Eram só 6:15h. Os Wallingford estavam sempre atrasados. Só restava entrar no carro e partir. Era uma pena que não pudesse esperar até depois de escurecer, mas ele podia tomar um desvio pra evitar a rua principal, e mesmo que o vissem sozinho haveriam de achar que Hermíone partira antes, por algum motivo, e se esqueceriam do assunto.

Não obstante, ficou satisfeito quando afinal partiu sem ser visto na estrada livre, o carro correndo na noite que caía. Tinha de dirigir com muito cuidado. Não conseguia calcular a distância, as reações estavam anormalmente retardadas, mas isso era um detalhe. Quando ficou bem escuro se deu ao luxo de parar o carro no topo das dunas e pensar.

As estrelas estavam magníficas. Avistava as luzes duma ou duas cidadezinhas a distância, na planície abaixo. Estava exultante. Tudo o que se seguiria era

perfeitamente simples. Marion o esperava em Chicago. Ela acreditava que já fosse viúvo. O pessoal das conferências poderia ser facilmente despistado. Nada tinha a fazer além de se instalar nalguma próspera cidade fora de mão em Estados-Unidos, e estaria a salvo a sempre. Claro, havia as roupas de Hermíone na mala. Poderia as atirar na vigia. Graças-a-deus ela escrevia carta a máquina, uma coisinha à toa como a letra poderia ter estragado tudo. Mas aí está. Era atualizada, eficiente em toda a linha. Organizava tudo. Se organizou até a morte. Raios a partam!

Não há motivo pra ficar nervoso, pensou. Escrevo algumas cartas por ela, depois menos e cada vez menos. Também escrevo por mim, sempre esperando poder voltar, e nunca conseguindo. Conservar a casa um ano, depois outro e mais outro. Se habituarão a isso. Poderia até voltar sozinho, dentro dum ou dois anos, e fazer uma boa limpeza. Nada mais fácil. Mas não pro Natal! Ligou o carro e partiu.

Em Nova Iorque, afinal, se sentiu livre, realmente livre. Estava salvo. Podia se recordar com prazer, ao menos depois duma refeição, acendendo o cigarro, o momento que passara no porão escutando a campainha, a porta e as vozes. Podia pensar no futuro com Marion.

Quando entrou no saguão do hotel, o sorridente porteiro entregou a correspondência. Era a primeira remessa da Inglaterra. E o que importava? Seria divertido bater as folhas a máquina no estilo franco de Hermíone, assinar com o garrancho dela, contar a todos o sucesso que tivera a primeira conferência, falar do entusiasmo quanto a Estados-Unidos, e reafirmar que o levaria de volta no Natal. As dúvidas apareceriam depois.

Deu uma olhada nas cartas. A maior parte era pra Hermíone. Dos Sinclair, Wallingford, vigário e uma carta comercial de *Holt & Sons*, construtores e decoradores.

Ficou ali no saguão, as pessoas roçando. Abria as cartas com o polegar, lendo aqui e ali, sorrindo. Todos pareciam muito certos de que voltaria no Natal. Confiavam em Hermíone. E é nisso que se enganam, disse o doutor. Deixou a carta dos construtores pro fim. Alguma conta, provavelmente. Dizia:

Prezada senhora,

Recebemos tua aceitação do orçamento abaixo e a chave.

Nos permitas repetir que podes ter certeza de que a obra estará pronta bem a tempo pro Natal deste ano, conforme especificado. Mandaremos operários iniciar o trabalho nesta semana.

Atenciosamente

Paul Holt & Sons

pra escavação, construção e devida forração duma garrafeira de vinho embutida no porão conforme indicado, usando os melhores materiais, etc.

UMA QUESTÃO DE LIMITE – Margery Allingharn

Fazia tanto calor em Londres naquela noite, que dormimos com a grande clarabóia de nosso estúdio aberta, deixando de bom-grado a fuligem cair sobre nós, contanto que trouxesse também ao menos uma brisa pra agitar o ar abafado. O calor cobria os escuros horizontes e sob nossa cúpula especial de céu a cidade se remexia, ofegante e sem conforto.

As primeiras edições dos jornais da tarde traziam a história do crime. Os li quando chegaram cerca das 3h na tarde seguinte. Minha mente absorveu os detalhes com preguiça, pois as pálpebras estavam grudadas e as palavras impressas pareciam remotas e sem ligação com a realidade.

Era um incidente simples, assim eu pensava. E depois de ler a comedida meia-coluna joguei o jornal a Alberto Campion, que aparecera pra almoçar e estava sentado quieto num canto, piscando atrás dos óculos, apenas existindo, naquele dia sufocante.

Os jornais chamavam o assassinato *O caso dos tiros do beco da Hulha*, e os fatos eram simples.

À 1h da manhã, quando a rua Férias, N. E., era uma viela deserta de calor malcheiroso, um guarda na ronda viu um homem tropeçar e cair na calçada. Como o abafamento intenso da noite estivesse ocupando lugar de destaque nos pensamentos do guarda, era natural diagnosticar o caso como um colapso comum e, depois de afrouxar o colarinho do estranho, chamou a ambulância.

Mas quando chegaram as autoridades, declararam que o homem estava morto, e o corpo foi levado ao necrotério. Se descobriu que a morte fora devida a um ferimento ocasionado por uma bala localizada entre as omoplatas. A bala fizera um pequeno orifício azul e, depois de perfurar o pulmão esquerdo, atravessou o coração e se alojou na estrutura óssea do tórax.

Sendo assim, e como o guarda não ouvira ruído estranho, era razoável supor que o tiro fora disparado dalguma distância, duma arma com silenciador.

Senhor Campion demonstrou apenas interesse polido. A tarde estava bem quente

e a história, conforme aparecia então, não chegava a ser original nem emocionante. Ficou sentado no chão, a lendo pacientemente, com as pernas compridas e magras estendidas diante dele.

— Alguém morreu, ao menos. — Enfim observou, e acrescentou, depois duma pausa: — Coitado do sujeito! Saiu da lama pra cair no... Meu-deus! Acho que deve ser o local que nos predispõe a pensar isso. Já viste rua Férias?, Margery.

Não respondi. Estava pensando na influência estranha que um irritante geral como o calor pode ter na coletividade, a ponto de fazer qualquer situação comum que surja na grande cidade parecer, de repente, um assunto pessoal. Descobri que estava com muita pena do homem que levara o tiro, quem quer que fosse.

Foi Estanislau Oates quem nos contou a verdadeira história atrás da meia-coluna no jornal vespertino. Entrou pouco depois das 4h, procurando Campion. Naquele tempo era detetive-inspetor e acabara de adquirir o hábito de conversar sobre seus problemas com o rapaz pálido de óculos. A relação entre os dois era estranha. Não era, certamente, o caso do amador esperto e o policial humilde. Era, antes, o policial irritado e truculento descarregando o mau-humor sobre o representante do público, inofensivo e simpático.

Oates estava desconcertado.

— É um caso bem em teu ramo. — Disse a Campion, se sentando. — Parece milagre, pra começar.

Depois de certo tempo se explicou, tendo salvaguardado a consciência dizendo que nada tinha a discutir o caso, e pondo a culpa, muito illogicamente, no calor.

— É um crime de classe baixa. Quase um tiroteio de quadrilha. E provavelmente muito sem interesse a vós todos, que gostais de romance nos crimes. No entanto estou desconcertado por dois motivos: Primeiro porque o homem que atirou no camarada que morreu não o poderia ter feito. E segundo porque me enganei a respeito da moça. São tão fiéis ao tipo, que nem na exceção proverbial se pode confiar.

Suspirou, como se a descoberta o entristecesse realmente.

Ouvimos a história de Josefina sentados no estúdio, num calor paralisante e, apesar de nunca ter visto a moça, nem depois, nunca me esquecerei da cena: Nós dois, com a respiração meio ofegante, escutando o inspetor.

Era a pequena de Donovã, disse Oates, que a descreveu a nós. Magra e sem busto, cabelo negro e olhos como os duma madona russa num rosto translúcido.

Usava blusa com renda e enfeite de ouro, correntinha, cruz e broche frágil, cuja segurança era reforçada por alfinetes dourados. Só tinha 20 anos, disse Oates, acrescentando enigmaticamente que apostaria nela mas que era bem-feito, e isso mostrava que os velhos são os piores tolos.

Passou a falar de Donovã, que parecia ter 35 anos e passara 10 anos na prisão. O inspetor, ao que parece, não o desprezava por isso. O fato parecia classificar o homem em determinada categoria em seu espírito, e mais nada.

— Roubo com violência. — Disse, cum gesto, sorrindo satisfeito, como se estivesse tudo esclarecido. — Ela tinha 16 anos quando encontrou ela. E desde então fez da vida dela um inferno.

Prendendo ainda nosso interesse, ele mencionou Joãozinho Gilchick, o morto.

Oates, que nunca era mais sentimental do que o estritamente razoável, se expandiu ao falar de Josefina e Joãozinho Gilchick. Era amor súbito, disse ele, doloroso e cômico. E confessou que gostava de o ver.

— Tive uma tia que costumava falar do amor verdadeiro. A velhinha ficava ridícula e nos encabulava, mas depois de ver aqueles dois se conhecerem e se apaixonarem e continuarem até serem uma só unidade ardente, jovens que, sem isso, eram de material bem comum e vulgar, vejo que a compreendo, e talvez até aprove a expressão.

Hesitou e seu rosto liso e cinzento se abriu num sorriso sem jeito.

— Nós dois estávamos errados. Minha tia e eu. Josefina falhou com seu Joãozinho, tal como seria de esperar, e depois que ele cumpriu seu destino e estava deitado no necrotério, foi e se perjurou pra arranjar um álibi pro assassino. Não que o testemunho tenha muito valor como prova. Mas isso não vem ao caso. O fato é que fez o que pôde. Podeis achar que eu sou sentimental, mas isso me deprime. Pensei que essa pequena era sincera e errei em meu julgamento.

Senhor Campion se mexeu. Pediu, polidamente:

— Podes nos dar os detalhes? — Só vimos o jornal da tarde. Não ajuda muito.

Oates o olhou com raiva.

— Francamente, os fatos são irritantes. Há uma falha neles, nalgum lugar. Deve ser algo tão simples que me escapou. Foi por isso que vim te procurar. Achei que gostarias de dar uma olhada no local. Que tal?

Não houve movimento. Estava quente demais pra nos mexermos. Enfim o

inspetor pegou um pedaço de giz e desenhou um diagrama nas tábuas nuas do trono dos modelos.

— Esta é a rua Férias — disse, passando o giz numa fenda. — Tem quase 1,5km de comprimento. Nessa extremidade, aqui junto da cadeira, é quase tudo armazém de atacadista. Essa caixa de areia que estou desenhando marca a divisa de dois postos de polícia. Tomemos isso como ponto de partida. Aqui, 10m à esquerda, está a entrada do beco da Hulha, que é um beco-sem-saída composto de dois armazéns e um café no fundo. O café fica aberto a noite toda. Serve aos tipógrafos das duas grandes impressoras lá adiante. Essa é a fachada, porque serve também de sede à quadrilha de Donovan. Josefina fica sentada à mesa embaixo e vigia a porta. Só Deus sabe qual seu horário. Parece estar sempre lá.

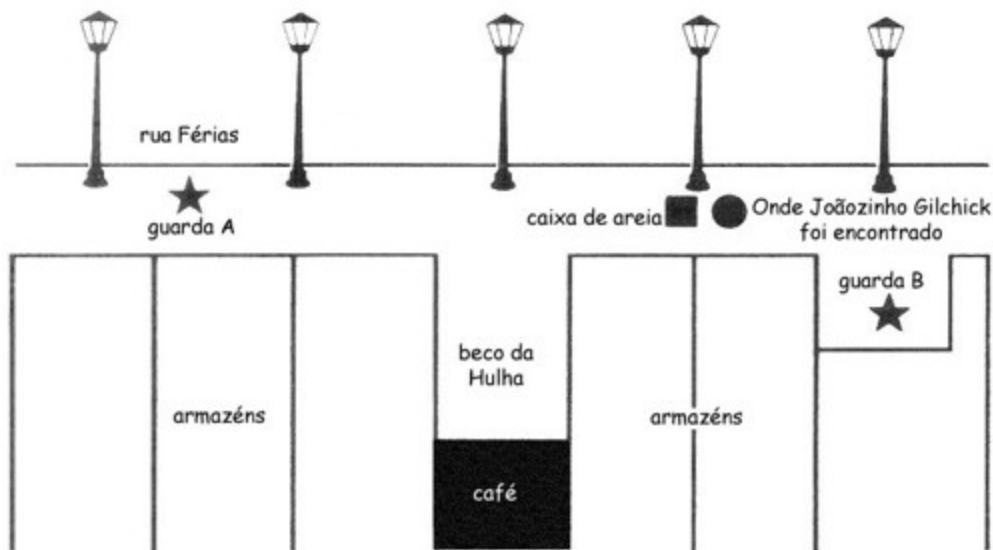
Parou e me veio à mente a recordação da noite abafada que todos passáramos passado. Eu podia imaginar a moça sentada ali na loja sufocante, magrinha e com aqueles enormes olhos pretos.

O inspetor continuava falando.

— Bem, há uma sala no andar de cima do café. Foi ali que nosso amigo Donovan passou a maior parte da noite. Imagino que estivesse com alguns amigos, e os localizaremos todos, com o tempo.

Se debruçou sobre o diagrama.

— Joãozinho Gilchick morreu aqui. — Disse, desenhando um círculo de 30cm além do quadrado que indicava a caixa de areia. — O guarda estava no fim da rua, mas o viu parar sob o poste de luz, cambalear e cair. Chamou o policial da outra divisão e arranjaram a ambulância. Tudo isso está claro. Há apenas um problema: Onde estava Donovan quando atirou? No momento havia dois guardas na rua, te lembres. No momento mesmo em que foi dado o tiro, um, o da rua Nunca, estava fazendo a ronda do pátio dum armazém, mas o outro, o do beco Phyllis, estava ali mesmo, a uma distância de menos de 40m, e foi quem viu Joãozinho Gilchick cair, apesar de não ter ouvido o tiro. E ouças, Campion, nem há sombra de esconderijo em toda aquela rua. Como Donovan saiu do café, onde se postou pra atirar em Joãozinho, certo nas costas, e como voltou sem ser visto? Os muros do beco sem saída são os fundos dos armazéns, de concreto sólido, não há passagem lateral nos fundos do café, e não poderia ter passado sobre os telhados. Os armazéns se erguem acima do café, como um transatlântico domina um rebocador. Se viesse na rua, um ou outro dos guardas o veria, fatalmente. Como fez?



Diagrama

— Talvez não fora Donovan. — Arrisquei, e recebi um olhar de comiseração por minha temeridade.

— Esse é o único fato real. — Disse o inspetor. — É a única coisa da qual tenho certeza. Conheço Donovan. É um dos poucos quadrilheiros ingleses que andam armados. Trabalhou cinco anos no submundo de Nova Iorque, antes da revogação da lei seca, e tem a infelicidade de beber esporadicamente. Depois de cada bebedeira tem período de depressão terrível, durante os quais pode fazer qualquer coisa. Joãozinho Gilchick fazia parte da quadrilha de Donovan, e quando se apaixonou pela pequena, delatou a quadrilha, o que foi o máximo do insulto pra Donovan.

Parou e sorriu.

— Donovan tinha de pegar Joãozinho, no final de tudo. Sempre foi uma questão de tempo. Toda a quadrilha esperava isso. A vizinhança esperava isso. Donovan declarara abertamente que a primeira vez que Joãozinho aparecesse no café seria também a última. Joãozinho apareceu lá ontem na noite, foi despachado pela pequena apavorada e saiu no beco. Virou a esquina e foi andando na rua. Então Donovan atirou nele. Não há outra hipótese, Champion. Os médicos dizem que a morte foi quase instantânea. Joãozinho Gilchick não poderia ter dado três passos com aquela bala nas costas. Quanto à arma, também era de Donovan, obviamente. Ainda não a temos mas sabemos que possuía uma do tipo que procuramos. É um caso claro, um caso simples, se ao menos soubermos onde estava Donovan

quando deu o tiro.

Senhor Champion ergueu os olhos pensativos atrás dos óculos.

— A pequena forneceu um álibi a Donovã?

— Ora, se! — Disse Oates, dando de ombros. — E foi veemente. Ele esteve lá o tempo todo, todos os minutos, e não saiu da sala de cima a noite toda. Nem que eu a matasse não alteraria a declaração. Morreria jurando que era assim. Isso nada altera mas fiquei triste a vendo fazer aquilo, com o namorado morto, nem frio ainda. Estava adulando a quadrilha, claro, e provavelmente tinha boa razão pra o fazer. Mas, como já disse, fiquei com pena de a ver fornecer o álibi antes de perguntar.

— Á! Então o forneceu espontaneamente! — Champion parecia interessado.

Oates acenou que sim e os olhinhos cinzentos se arregalaram expressivamente.

— Ela o forçou a nós. Foi correndo à delegacia. Desabafou, como se estivesse fazendo algo lindo. Em geral não sou niquento^[35] com essas coisas mas isso me enojou. Eu disse poucas e boas. Mandeí dar uma olhada no corpo, pra começar.

— Nada gentil de tua parte. — Observou senhor Champion. — E o que fez?

— Ora, se desfez em pranto, como todas. — Oates ainda estava de mau-humor.

— Mas isso não interessa. O que pequenas como Josefina fazem ou deixam de fazer não importa. Ela estava salvando a pele. Se não tivesse sido tão veemente eu a perdoaria. Donovã é que é importante. Onde estava Donovã quando atirou?

A campainha estridente do telefone o interrompeu e me olhou como pedindo desculpa.

— Acho que é pra mim. Não te importas. Não é? Deixei o número com o sargento.

Pegou o fone e quando curvou a cabeça pra escutar a expressão mudou. O olhávamos com um interesse que o calor impedia disfarçar.

— Á! — Disse, depois de longa pausa. — É mesmo? Bem, não faz muita diferença. Não é?... Mesmo assim, pra quê ela fez isso?... O quê?... É possível... Sim?... É verdade?

De repente pareceu surpreendido ao ouvir a segunda notícia, evidentemente mais importante que a primeira.

— Mas não podes ter certeza... Tens?... O quê?

A voz distante explicava ativamente. Ouvíamos o murmúrio contínuo. A

irritação de inspetor Oates crescia.

— Á! Está bem, está bem. Estou biruta... Estamos todos birutas... Vão ao diabo e façam o que quiserem!

E com essa explosão vulgar desligou.

— O álibi foi confirmado? — Indagou senhor Champion.

— Sim. — O inspetor resmungou em resposta. — Uns tipógrafos que estavam na sala de baixo juraram que não passou na loja a noite toda. São sujeitos de confiança, que dão boas testemunhas. Mas Donovã atirou em Joãozinho. Estou certo disso. Ao que eu saiba, atirou em Joãozinho através da esquina de concreto dum armazém de piano.

Se voltou a Champion, quase zangado:

— Expliques isso se puderes.

Senhor Champion tossiu. Parecia meio encabulado.

— Escutes. Há duas coisinhas que me ocorreram.

— Então vamos a elas, filho. — O inspetor acendeu um cigarro e enxugou o rosto. — Vamos a elas. Não sou soberbo.

Senhor Champion tossiu.

— O calor, por exemplo. — Disse, muito sem jeito. — O calor e um dos muros de concreto.

O inspetor praguejou e pediu desculpa.

— Se alguém conseguir esquecer esse calor, parabéns. E o que há com o muro?

Senhor Champion se debruçou sobre o diagrama nas tábuas do trono. Estava muito contrito.

— Eis a esquina do armazém e a caixa de areia. Aqui, à direita, está o poste de luz onde Joãozinho Gilchick foi encontrado. Mais à direita está o guarda da rua Nunca, examinando um pátio e temporariamente fora da cena, enquanto que à esquerda, no outro lado da entrada do beco da Hulha, está outro guarda do beco Phyllis. Podemos pensar no problema como se estivesse contido dentro de quatro paredes sólidas, dois muros de concreto, dois guardas.

Hesitou e olhou o inspetor timidamente.

— Quando um guarda não é um muro de concreto?, Oates. No... á... bem, justamente nesse calor. Não achas?

Oates o olhava fixamente, os olhos apertados.

— Com os diabos! — Exclamou explosivamente. — Com os diabos!, Campion, acho que tens razão! Eu sabia que era algo de tão simples que estava sob meu nariz.

Ficaram olhando o diagrama. Oates se abaixou pra traçar uma cruz de giz na entrada do beco.

— Foi este poste de luz. Me dê esse telefone. Espere até eu pôr as mãos nesse sujeito.

Enquanto mantinha uma conversa animada, pedimos a senhor Campion explicar, o que fez, modesto e contrito como sempre.

— Ali está a caixa de areia, que marca os limites das duas divisões de polícia. O guarda A, cansado e com muito calor, viu um homem cair sob um poste de iluminação em seu território. O sujeito era pequeno, e ocorreu ao guarda A que seria simples afastar até o outro poste de luz, no outro lado da caixa de areia, onde automaticamente se tornaria responsabilidade do guarda B, que naquele momento se aproximava. O guarda A terminou a troca e estava debruçado sobre o vulto prostrado quando surgiu seu colega. Como nada sabe sobre o ferimento a bala, a entrada ao beco sem saída, com a vista desimpedida à sala do segundo andar do café, nada lhe diz. Hoje, quando toda a importância do fato lhe deve ter ocorrido, é evidente que acha melhor calar a boca.

Oates desligou o telefone com ar triunfante.

O primeiro guarda saiu de licença hoje na manhã. Era um veterano. Deve ter percebido que o camarada estava morto, deu por certo que fosse o calor e não quis ficar preso pelo inquérito judicial. Esquisito eu não ter percebido isso desde o princípio.

Ficamos todos calados alguns minutos.

— Então... a moça? — Comecei, enfim. O inspetor franziu a cara numa careta de pesar.

— Uma pena, a moça. Claro, provavelmente foi um acidente. Nosso agente que presenciou o fato disse que não podia ter certeza.

Fiquei o olhando e explicou, um tanto apressado.

— Não contei? Quando meu sargento me telefonou a respeito do álibi, me contou. Ao atravessar a rua, depois de ter ido ao necrotério, hoje na manhã, ela foi atropelada por um ônibus. Á, sim, instantaneamente.

Sacudiu a cabeça. Parecia constrangido.

— Ela pensava que estava praticando uma bela ação quando foi à delegacia. A quadrilha deve ter lhe dito que jurasse que não havia alguém na sala de cima. Essa deve ter sido a primeira história deles, até verem como estavam as coisas. Quando ela nos procurou correndo, deve ter pensado que estava arriscando a vida para denunciar o assassino de Joãozinho, enquanto que, ao contrário, ela estava justamente dando um álibi ao camarada. Engraçado como acontecem as coisas.

Olhou com afeição a Champion.

— Percebes essas coisas tão depressa porque não enches a cabeça com o elemento humano. Vês tudo em termos de A e B. Isso faz muita diferença.

Senhor Champion, o homem mais delicado do mundo, não comentou.

SREDNI VASHTAR – Saki (H.H. Munro)

Conradin tinha dez anos e o médico dera opinião profissional de que o menino não duraria mais cinco anos. O médico era fraco e suave e não tinha muito prestígio mas sua opinião era endossada por senhora de Ropp, que tinha muito prestígio. Senhora de Ropp era prima de Conradim e sua guardiã, e aos olhos dele ela representava aqueles três quintos do mundo que são necessários, desagradáveis e reais. Os outros dois quintos, num perpétuo antagonismo aos precedentes, se resumiam nele e sua imaginação. Um dia desses Conradim sabia que sucumbiria à pressão dominadora das coisas necessárias e fatigantes, tais como as doenças, as proibições com que o mimavam e o tédio prolongado. Sem sua imaginação, que era exuberante, aguilhoada pela solidão, sucumbiria havia muito tempo.

Senhora de Ropp, nos momentos de maior honestidade, nunca admitiria a si que não gostava de Conradim, embora pudesse perceber vagamente que o contrariar *pra seu próprio bem* fosse um dever que ela não achava especialmente desagradável. Conradim a detestava com uma sinceridade desesperada que conseguia encobrir perfeitamente. Os poucos prazeres que conseguia arrumar ganhavam maior sabor com a idéia de que desagradariam a sua guardiã, e ela ficava excluída do reino de sua imaginação, como coisa impura que não poderia ser admitida.

No jardim melancólico, ao qual davam tantas janelas prontas se abrindo com advertência pra não fazer isso ou aquilo, ou o aviso de que estava na hora de tomar remédio, encontrava poucas atrações. As poucas árvores frutíferas que havia eram zelosamente resguardadas pra que não colhesse os frutos, como se fossem espécimes raros florescendo numa região árida. Seria difícil encontrar um fruteiro que oferecesse 10 xelins por toda a produção anual. Mas num canto esquecido, quase oculta atrás duns arbustos mirrados, estava um casebre de ferramenta abandonada, de tamanho considerável, e dentro Conradim encontrou um refúgio, algo que assumia os aspectos variáveis de quarto de brinquedo e de catedral. A povoara com uma legião de fantasmas conhecidos, evocados em parte de trechos da história e parte de seu próprio cérebro, mas ali também havia

dois habitantes de carne-e-osso.

Num canto morava uma galinha de houdan, branca e preta, de plumagem esfarrapada, à qual o menino dedicava uma afeição que quase não tinha como se manifestar. Mais a trás, no escuro, ficava uma grande coelheira, dividida em dois compartimentos, um dos quais provido duma grade de ferro cerrada. Era a moradia dum grande furão-bravo que um garoto do açougueiro introduzira escondido em seu alojamento atual, com gaiola e tudo, em troca dum tesouro de moedinhas de prata, havia muito escondido. Conradim tinha um medo horrível do bicho ágil de garras afiadas, mas era o que tinha de mais precioso. A simples presença do animal no casebre de ferramenta era um prazer secreto e terrível, que tinha de ser cuidadosamente ocultado da mulher, como chamava a prima quando estava sozinho. E um dia, sabe-deus de que material, teceu pro bicho um nome maravilhoso, e desde aquele momento o bicho se tornou um deus e uma religião. A mulher praticava religião uma vez por semana numa igreja próxima e levava Conradim, mas pra ele o ofício na igreja era um rito estranho na casa de Rimmon. Todas as quintas-feiras, no silêncio escuro e bolorento do casebre de ferramenta ele prestava seu culto, num cerimonial místico e complicado, diante da gaiola de madeira onde morava Sredni Vashtar, o grande furão. Flores vermelhas, em sua estação, e frutinhas rubras no inverno, eram oferecidos nesse santuário, pois aquele era um deus que dava importância especial ao lado feroz e impaciente das coisas, ao contrário da religião da mulher, que, ao que Conradim podia observar, fazia muita questão do oposto. E nas grandes festas espalhava noz-moscada ralada diante da gaiola, sendo importante pro sacrifício que a noz-moscada fosse roubada. Esses festivais não tinham data certa, eram feitos principalmente pra comemorar algum acontecimento de nota. Certa vez, quando senhora de Ropp teve uma forte dor de dente durante três dias, Conradim realizou o festival os três dias seguidos, e quase se convenceu de que Sredni Vashtar era responsável direto pela dor de dente. Se a doença tivesse durado mais um dia, o estoque de noz-moscada acabaria.

A galinha de houdan nunca era levada ao culto de Sredni Vashtar. Há muito tempo Conradim resolvera que ela era anabatista. Não pretendia ter idéia do que fosse um anabatista mas esperava que fosse alguém audacioso e não muito respeitável. Senhora de Ropp era a planta baixa sobre a qual baseava e detestava tudo o que era respeitável.

Depois dalgum tempo as visitas de Conradim ao casebre de ferramenta começaram a chamar a atenção de sua guardiã. Não é bom pra ele estar mexendo ali o tempo todo, resolveu ela, prontamente. E um dia, na hora do desjejum, declarou que a galinha de houdan fora vendida na véspera. Com seus olhos

míopes, ficou espiando Conradim, esperando uma demonstração de raiva e tristeza, que estava pronta a revidar com torrente de excelentes preceitos e raciocínios. Mas Conradim nada disse. Nada havia a dizer. Talvez algo no rosto, branco e parado, a assustara momentaneamente, pois na hora do chá, naquela tarde, se serviu torrada na mesa, iguaria que ela geralmente proibia, dizendo que fazia mal a ele, e também porque fazer torrada *causava transtorno*, ofensa mortal aos olhos femininos da classe média.

— Pensei que gostasses de torrada. — Disse ela, com um ar ofendido, vendo que ele não as tocava.

— Às vezes.

No casebre, naquela tarde, houve uma inovação no culto ao deus da gaiola. Conradim tinha o hábito de entoar louvor. Naquela tarde pediu uma graça.

— Faça algo por mim, Sredni Vashtar.

A coisa não foi especificada. Como Sredni Vashtar era deus, saberia. E, abafando os soluços ao olhar aquele outro canto vazio, voltou ao mundo que tanto detestava.

E todas as noites, no escuro camarada do quarto, e quase todas as tardes na penumbra do casebre de ferramenta, se ouvia a litania de Conradim:

— Faça algo por mim, Sredni Vashtar.

Senhora de Ropp observou que as visitas ao casebre não pararam, e um dia fez mais uma viagem de inspeção.

— O que estás guardando naquela gaiola trancada? Imagino que sejam cobaias. Mandarei tirar tudo isso daí.

Conradim apertou os lábios e nada disse, mas a mulher remexeu no quarto até descobrir a chave, cuidadosamente escondida, e desceu ao casebre pra completar a descoberta. Era uma tarde fria, e disseram a Conradim não sair de casa. Da última janela da sala de jantar se podia avistar a porta do casebre, logo depois dos arbustos, e Conradim se postou ali. Viu a mulher entrar e imaginou que abria a porta da gaiola sagrada e espiava, com seus olhos míopes, a dentro do fofinho de palha onde se ocultava seu deus. Talvez mexesse na palha, com sua impaciência desajeitada. E Conradim, na última vez, pronunciou sua oração com fervor. Mas mesmo enquanto orava sabia que não acreditava. Sabia que dali a pouco a mulher sairia, com aquele sorriso apertado que tanto detestava, e que dentro duma ou duas horas o jardineiro levaria embora seu deus, não mais um deus mas um simples furão castanho numa gaiola. E sabia que sempre a mulher

triumfaria, como triunfava agora, e que ficaria cada vez mais doente sob sua dominação e tormento e sabedoria superior, até que um dia nada mais lhe importaria e ficaria provado que o médico tinha razão. E, no amargor pungente de sua derrota, começou a entoar, em voz alta e desafiante, o hino de seu ídolo ameaçado:

Sredni Vashtar avançou,

Seus pensamentos eram rubros e dentes alvos. Os inimigos pediam a paz e lhes deu a morte. Sredni Vashtar, o belo.

De repente parou o canto e se aproximou mais da vidraça. A porta do casebre continuava semi-aberta, como fora deixada, e os minutos passavam. Eram minutos longos, mas assim mesmo passavam. Ficou olhando os estorninhos correndo e voando em grupo no gramado. Os contou várias vezes, sempre com um olho pregado naquela porta balançante. Uma empregada de cara amarrada entrou pra pôr a mesa pro chá e Conradim continuava esperando e vigiando. Aos poucos a esperança entrava no coração e uma expressão de triunfo começava a se acender nos olhos que só conheciam a melancólica paciência da derrota. Em voz abafada, com uma exaltação furtiva, recomeçou o hino de vitória e devastação. E dali a pouco os olhos foram recompensados: Na porta saiu um animal comprido, amarelado e castanho, os olhos piscando na luz do crepúsculo e manchas escuras e molhadas no pêlo do queixo e da garganta. Conradim caiu ajoelhado. O grande furão-bravo caminhou a um arroio no fundo do jardim, bebeu, depois atravessou uma pinguela de tábua e se perdeu de vista nos arbustos. Foi assim que desapareceu Sredni Vashtar.

— O chá está servido. — Disse a empregada de cara amarrada — Onde está a patroa?

— Foi ao casebre há algum tempo. — Disse Conradim

Enquanto a empregada foi chamar a patroa pro chá, Conradim tirou uma torradeira da gaveta do aparador, e enquanto torrava o pão e passava bastante manteiga na torrada e comia, a saboreando devagar, Conradim escutava ruído e silêncio que se sucediam em breves espasmos atrás da porta da sala-de-jantar. Os gritos altos e idiotas da empregada, o coro de exclamação vindo em resposta às regiões da cozinha, os passos apressados e os emissários pra buscar auxílio de fora. E depois, passado um intervalo, os soluços assustados e passos arrastados dos que transportavam um fardo pesado a dentro de casa.

— Quem dará a notícia à pobre criança? Eu não! Pelo amor-de-deus! — Exclamou uma voz estridente. E enquanto discutiam o assunto, Conradim

preparou mais uma torrada.

A ESTRELA DA DUPLA ESCURIDÃO

- Gamel Woolsey

Eu não queria deixar a Terra, pois estava certo de que algo terrível nos aguardava na estrela desconhecida

Não adianta pretender que a viagem espacial seja um prazer aos que a praticam.

Contudo, freqüentemente, lá estamos nessas expedições às estrelas distantes, e N há momentos em que desejamos não embarcar. Por mais que se viaje, ninguém se acostuma a essas explorações siderais. Mas arranjamos as coisas de tal forma, que somos obrigados a ir. Trazemos nosso material e roupa adequados às temperaturas glaciais, nossos metais raros, de muito longe, e nada podemos fazer sem eles, pois toda nossa economia está baseada nesses metais raros. Por isso há um constante vaivém. Até parece uma colméia. Voamos às estrelas distantes da mesma forma que as abelhas voam às flores.

Por isso, sendo um metalurgista, eu devia estar acostumado a viajar no espaço, porque constantemente sou enviado a algum lugar. Já visitei planetas onde havia árvores rubras com flores verdes e nenhuma criatura vivente maior que uma mosca. E já pousei em asteróides onde nada havia além de pedra-brique^{36}. Já devia estar acostumado às viagens siderais mas a dificuldade está em que não me acostumo e creio que jamais me acostumarei.

Sentia terrivelmente o fato de ter que ir naquela expedição, mais do que comumente sentia, porque teria de deixar a Terra, e adoro a Terra. Sou uma criatura terrena mas nasci em Marte e talvez seja por isso que adoro tanto a Terra. Marte é um belo planeta, sob certo aspecto, mas de figura assustadora e estéril. Os arbustos são secos, vermelhos e amarelos e há perpétuas tempestades de poeira, além dos besouros e vermes super-inteligentes. O fato é que nunca gostei muito daquele planeta.

Amo a Terra, tão verde, fresca, segura^{37}. Ao menos comparada com a maioria dos lugares que conheci em viagem. Além do mais é tão bela que não posso me afastar muito tempo.

A parte isso tudo, eu não gostava da idéia duma nova viagem, especialmente

com referência ao lugar aonde íamos, que jamais fora visitado, e com bom motivo!

Estávamos sendo enviados pra explorar uma das escuras estrelas duplas que não podem ser apreciadas em telescópio. Somente o radar nos pode informar que estão ali.

Mas durante todo o tempo em que desejava ficar na Terra, feliz, não tendo que seguir naquela expedição, a espaçonave foi preparada pra lançamento, e eu tratava de vestir meu escafandro, entrando na embarcação, me amarrando nos cinturões de segurança e tentando me preparar pra resistir àquela terrível aceleração com a qual não consigo me acostumar. E lá estava, pior que sempre! Após algum tempo perdi a consciência.

Quando voltei a mim, tudo já passara, e o segundo piloto me banhava o rosto com água fria. Comentou ao me ver despertar:

— Não resistes muito a essa aceleração.

— A razão está contigo. — Foi tudo o que consegui balbuciar.

Mas já me sentia melhor, e, pouco depois, estava em condição de me levantar, tomar um drinque e até jogar pôquer com alguns oficiais de bordo. Naquela altura já transpuséramos a barreira do espaço e me sentia novamente em forma.

Não há muito a dizer sobre viagem sideral quando tudo corre bem, e menos ainda quando as coisas não vão bem. Portanto falarei sobre nosso pouso, que se deu na face mais próxima de Sincroses. Sabemos que está ali somente porque a podemos ouvir.

Assim nossa viagem tinha caráter experimental. Pelo que sei, se quisermos conhecer algo sobre essas estrelas escuras temos que ir as explorar pessoalmente. Mas não podia deixar de sentir que, em vista de nossa falta de conhecimento, nossa expedição era quase uma aventura desesperada. Suponho que podíamos nos arriscar em missão como aquela, e mesmo nos perdermos. A tripulação era toda constituída de voluntário e fora cuidadosamente selecionada pela coragem e eficiência. Não me ofereci como voluntário. Fora enviado na expedição somente por ser o metalurgista mais experiente então disponível. Meu heroísmo ainda seria testado.

Mesmo quando nos aproximávamos de Sincroses ainda não a podíamos ver. Apenas podíamos dizer que chegávamos por intermédio do radar e pela tremenda força de gravidade que começávamos a sentir. O capitão falou a mim: — Essas estrelas são maiores do que julgávamos ou são extremamente densas. O que achas que é?

— Quisera saber! — Foi tudo o que respondi.

Naquela altura já estávamos usando propulsão a jato em reverso, pra evitar colisão contra a estrela, mas mesmo assim aterramos com terrível impacto que atirou todos no interior da nave a todo lado, nos machucando com os encontrões que sofremos.

Assim que a embarcação parou de trepidar, sendo interrompida a força dos motores, nos amontoamos junto às escotilhas, mas nada pudemos ver. Nossos poderosos holofotes não faziam efeito na escuridão que reinava fora. A luz era interrompida subitamente, como se houvesse uma espécie de muralha negra adiante dos holofotes, que não nos serviam. Tentamos em seguida raio infravermelho, ultravioleta, raio-x e o último tipo de raio descoberto, *katchinkin*, mas nossas tentativas foram infrutíferas. O negrume que envolvia o espaçonave era impenetrável e havia um completo silêncio ao redor.

Mas enquanto começávamos a descer da embarcação, notamos, surpresos, que Sincroses devia ter alguma espécie de atmosfera. Havia uma resistência a nossa passagem, que podia significar somente a existência de atmosfera. Mas que espécie de atmosfera? Existem muitos tipos.

Tão logo os motores foram desligados e a nave deixou de sacudir, os químicos começaram a trabalhar numa amostra da atmosfera. O estranho é que essa atmosfera provou ser aceitável, do tipo que temos na Terra, com a diferença de ser um pouco menos densa. Quanto a essa possibilidade não sei explicar. E foi enquanto estávamos sentados, aguardando que os químicos encerrassem o trabalho, indolentes e trancados ao mesmo tempo, que se ouviu aquela batida no casco da nave.

Se seguiu uma série de batida leve e intermitente, como se alguém batesse a numa porta que não se abrisse. Alguém, algo, mas o quê? Confesso que estava assustado.

Afinal de conta não fora escolhido por meu heroísmo. Felizmente o capitão fora. Era o piloto que, certa ocasião, pousara um espaçonave num planeta desconhecido, em Leda, e tornara a levantar vôo, com a assistência dos habitantes locais, de seis olhos e dotados de chifre. Parecia satisfeito pelo fato de termos visitante.

— Como achas que são? — O capitão indagou a mim. Mas eu não queria pensar a respeito.

O comandante da nave tentou falar com os habitantes da estrela através do megafone.

Então descobrimos o segundo empecilho. Todo nosso sistema de rádio e de radar deixara de funcionar. Quando apelamos aos rádios sem fio, a fim de testar, notamos que também estavam mudos. Pelo visto o rádio não funcionava em Sincroses. Isso era um grande choque pra nós, porque esperávamos utilizar os aparelhos sem fio, quando nos espalhássemos nas operações de reconhecimento, e pra nos mantermos em contato com o foguete. Portanto seria extremamente dificultoso efetuar exploração no meio da escuridão, sem contar com os aparelhos de rádio portáteis.

Enquanto descobrimos todas as coisas que estavam erradas, os químicos já terminaram o trabalho sobre a atmosfera de Sincroses, bastante parecida com a da Terra, com exceção da densidade. Era, pois, respirável, com pouco de oxigênio extra. Nenhum elemento nocivo, segundo se pudera deduzir no escasso tempo disponível pros exames.

O capitão exclamou, alegremente:

— O que estamos esperando?

O homem parecia ansioso pra sair e entrar em contato com os habitantes da escuridão. Eu estava longe de me sentir assim mas não fora trazido à estrela somente pra aproveitar o passeio. Assim, quando o comandante começou a vestir o escafandro, pra exploração externa, tratei de vestir também o meu.

Decidimos sair em grupo: O capitão, eu, um sargento e quatro exploradores espaciais. Havia um metalurgista assistente mas o deixamos no avião pro caso dalgo acontecer a mim. Mas agora, quando descobrimos não poder contar com luz ou rádio, o capitão mudara o plano. Resolvera que só três de nós sairíamos na primeira vez, descobrindo como era a estrela, em sua absorvente escuridão, e tentando entrar em contato com os seres que batiam na espaçonave.

Os três que o comandante selecionara pressa pequena missão eram si, um rude e corajoso sargento do espaço chamado Jaime, e, mais uma vez, eu.

Como nos metemos em coisa desse tipo? Naquele momento, daria tudo pra estar em casa, na Terra, em segurança, sabendo que veria amanhecer o dia seguinte. Ao revés, eu estava ali, seguindo o capitão na porta da espaçonave, minhas pernas avançando sem instrução minha, como se fossem comandadas por uma corrente elétrica. Finalmente, a última porta da câmara de segurança da nave abriu e saímos à escuridão. E a coisa era ainda pior que o esperado.

A imensa gravidade da estrela nos envolvia, parecendo nos prender ao solo, de modo que, quando tentávamos andar, cambaleávamos e quase caíamos. Mas o pior de tudo era a escuridão que nos cercava. Não era negativa, apenas uma

inteira e opressiva ausência de luz. Era algo de positivo a presença da escuridão. Era uma escuridão que podia ser sentida. E um silêncio estagnado. O único som que ouvíamos era a voz do capitão, chamando nosso visitante, na fraca esperança de que ainda estivesse perto e respondesse. Mas as batidas cessaram assim que abrimos a câmara de segurança, e, fosse o que fosse, devia estar bastante longe então.

Quando já asseguráramos nossa comunicação com a retaguarda tanto quanto podíamos, nos certificando de que a tripulação da espaçonave nos ouviria através da abertura de ar condicionado, começamos e nos afastar da nave, metro a metro. Me esqueci de dizer que estávamos amarrados um ao outro, como exploradores alpinos, por temor de nos perdermos na escuridão ou de cair em precipício não visto.

O capitão ia na frente, naturalmente, e eu seguia alguns metros atrás, enquanto Jaime se mantinha em último, junto ao avião, nos dando mais corda. Era o plano do comandante. Parecia um plano de amador mas eu não podia pensar nalgo melhor.

Quando já nos afastáramos cerca de 12m da aeronave, o capitão se deteve e chamou novamente:

— Quem está aí? Onde estás? Apareças!

Não me parecia provável que a língua nativa de Sincroses fosse a mesma que a nossa, mas nosso comandante era conhecido pela habilidade com que conseguia se comunicar com os habitantes das estrelas remotas, de modo que resolvi deixar essa preocupação a seu cargo, permanecendo alerta, aguardando os acontecimentos, enquanto continuava bradando.

Subitamente, algo se fechou em torno de meu pulso, como uma mão coberta de pêlo.

Emiti um murmúrio, assustado.

— O que foi? Quem está aí? — Gritou o capitão. Pensava, segundo suponho, que meu murmúrio fosse a resposta dalgum ser estranho, que habitava a escuridão.

— Algo tocou meu pulso! — Exclamei. — Algo peludo, que lembra a mão dum animal!

— Procures a segurar! Dês umas palmadinhas nesse ser! Tentes ser amistoso! — Ordenou o capitão peremptoriamente.

Tentei agarrar aquela mão mas meu intuito foi frustrado. Embora apalpassem em torno de mim, na escuridão, não consegui encontrar corpo estranho. Informei

isso ao comandante, e o pude ouvir rebuscando em torno de si também. Naquele momento, por algum estranho motivo, subitamente me lembrei de que era metalurgista e me abaixei, a fim de examinar o terreno. Parecia ser formado de rocha nua. Recolhi alguns pedaços pedregosos, que encontrei isolados, e os guardei num dos imensos bolsos de minha roupa.

Naquele momento o expedicionário que segurava a corda gritou. Também quase gritei. Era uma surpresa chocante. Logo soou a voz do capitão, enquanto procurava correr de volta, chegando a roçar contra mim, na ânsia de chegar junto a nosso companheiro:

— O que é? O que aconteceu?

O comandante passou por mim, se aproximando, com a rapidez que a gravidade da estrela permitia, do ponto onde Jaime ficara, quando iniciáramos a exploração. Mais alguns momentos, e a voz do capitão soou novamente, cheia de espanto: — Ora! Não está aqui! Jaime, Jaime!

O ouvi pesquisando em torno, no meio da densa escuridão, durante um tempo que me pareceu excessivamente longo.

Então, anunciou em voz baixa e tétrica:

— Jaime desapareceu e não diviso a nave. — Ato contínuo, o comandante formou um funil com as mãos, segundo pude calcular, bradando: — Ó de bordo! Ó de bordo!

Mas não houve resposta. Estava tão escuro, que não pude imaginar o que podia ser a luz. Quando a voz do capitão morreu, a distância, o silêncio era tão sepulcral, que eu nem podia calcular o que seria o som. O comandante ordenou, mansamente: — Venhas!

Tratei de avançar no sentido donde provinha sua voz, apalpando a corda, até que toquei o corpo. Estando embrenhado naquela escuridão opressiva era maravilhoso tocar um corpo humano. Tive de lutar contra o desejo de o agarrar e sacudir, expressando o temor que me assaltava. O capitão disse:

— Acho melhor nos mantermos juntos. Mas ao mesmo tempo acho que devemos nos separar, se desejamos encontrar a espaçonave. Creio que o que aconteceu foi o seguinte: Jaime foi arrastado por algum ser estranho e a corda foi puxada a certa distância, antes que de se romper ou ser cortada, e é por isso que não podemos encontrar o foguete. Mas o que não compreendo é por que não podem nos ouvir.

— Nada posso imaginar. — Retorqui, me sentindo extremamente desanimado.

— Creio que a melhor coisa a fazer é ficares imóvel aqui enquanto circulo em torno.

Servirás de centro, e a corda servirá de raio. Não podemos estar muito longe da espaçonave, afinal de conta. Então acho que encontrarei a nave. Enquanto estiver circundando irei falando contigo.

A voz soava com perfeito domínio, como se estivesse bem cheio de si, apesar dos acontecimentos.

Imediatamente o capitão se pôs em movimento, e senti a tensão na corda presa a minha cintura aumentando gradativamente, enquanto meu companheiro a esticava até ficar retesada, e começou a circular lentamente em torno de mim.

— Tudo bem?, Collier.

— Tudo bem!, capitão.

Alguns minutos depois tornou a indagar e eu a responder. Isso se repetiu algumas vezes. Mas seu último chamado pareceu provir dum lugar longínquo, mais longe do que deveria ser.

— Estás bem?, capitão. — Indaguei, nervoso. Mas não houve resposta.

Eu precisava o encontrar. Sabia que talvez estivesse desprezando minha última possibilidade de encontrar a espaçonave se sáísse procurar o comandante. Mas tinha de o fazer. Era mais pra meu bem que pra seu. Não podia ficar perdido, sozinho, na escuridão. Tinha de o encontrar. Assim fui seguindo até a extremidade da corda. Nada havia ali. A corda fora rompida ou cortada, como ocorrera anteriormente, na extremidade onde Jaime ficara. Embora eu gritasse, repetidas vezes, primeiro ao capitão e depois à nave, não obtive resposta. Pensei, com o cérebro conturbado: — Esperarei até amanhecer.

Tinha uma doida esperança de que haveria um amanhecer, afinal de conta, naquela estrela desconhecida. Esperei. Me sentei alguns momentos no silêncio negro, com a escuridão e a forte gravidade parecendo sugar minha energia e capacidade de pensar e agir, como se eu fosse engolfado num pântano negro. Passei a respirar com dificuldade, ansioso, temeroso, com cada nova expiração do ar, de que não pudesse proceder a uma nova inspiração, que não havia mais ar. Pensei: — Acabarei enlouquecendo. Não posso suportar.

Alguns versos me ocorreram, naqueles minutos angustiantes. Era uma passagem que me assustara no tempo de menino, quando deparava com os versos, numa velha bíblia existente na casa de meu avô:

— Pois estavam todos atados cuma corrente de escuridão...

Continuei a repetir tolamente essa frase, vezes sem conta. E queria me lembrar do resto, de modo desesperado, porque os versos pareciam escritos especialmente a nós.

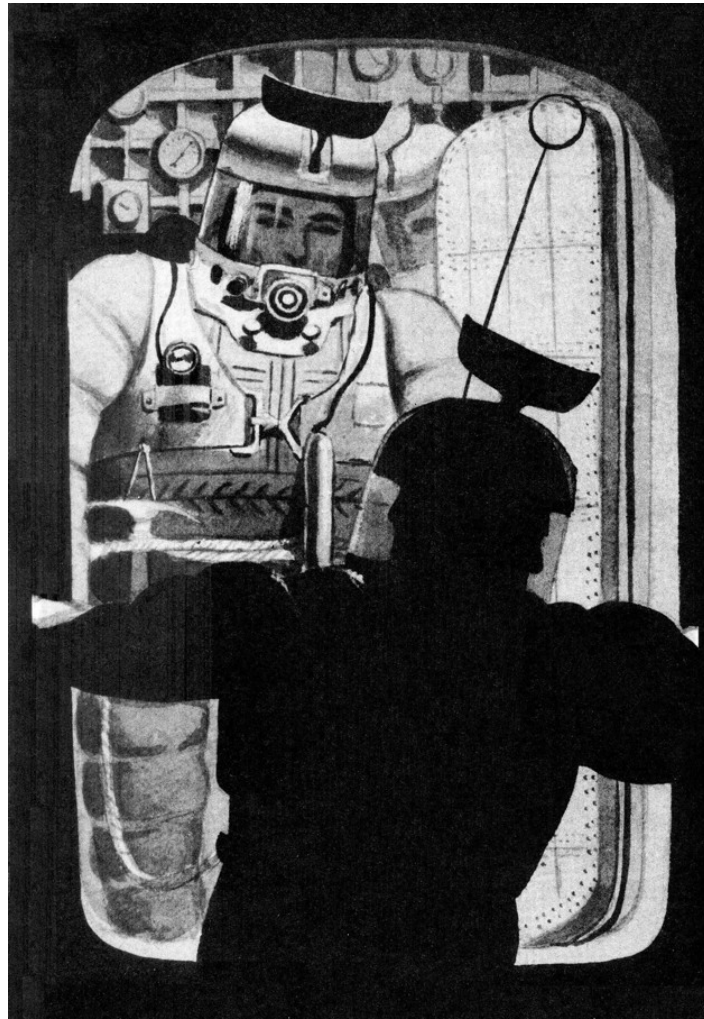
Podiam até me esclarecer algo que eu desejasse saber. Sentia isso. E, por mais esforço que fizesse, conseguia me lembrar somente de mais algumas linhas mas não tinha certeza de que estivessem certas:

— Somente sobre eles se espalhava o manto da escuridão, uma imagem da escuridão que todos conhecerão.

Ó, sim. A escuridão que todos conheceremos algum dia. Aquilo era a eterna escuridão, e eu estava a me tornar uma parte dela. Porque não adiantava pensar em ser salvo. Ninguém me socorreria. Pensei, um pouco mais calmo: — Preciso fazer algo.

E um súbito temor agônico se apossou de mim. Mas não podia pensar no que fazer.

Eu temia me mexer. Tornei a pensar, loucamente:



— Esperarei amanhecer.

Talvez o capitão desse comigo na escuridão. Eu confiara em si e meu companheiro falhara, me abandonara. Esses eram os pensamentos amargos que me ocorriam. Se deixara agarrar, e, quem-sabe?, matar.

Suponho que foi a exaustão. A gravidade de Sincroses parecia literalmente estar me comprimindo os ossos contra a superfície do terreno, combinada com o choque, mas o fato é que naquele ponto de meu desespero me deixei cair ao chão, e, por estranho que pareça, imediatamente adormeci ou caí numa espécie de coma.

Não sei quanto tempo permaneci inconsciente mas despertei, não por ter amanhecido. A escuridão continuava terrível, ofuscante. O abrir os olhos novamente naquela escuridão opressiva me deixou tão assustado, que eu seria capaz de gritar e soluçar como mulher histérica.

No entanto, sentindo renascer minha energia, pelo temor que me invadia, me levantei, rapidamente, e comecei a gritar:

— Capitão! Ó de bordo! Capitão!

Mas, uma vez mais, não houve resposta. Tudo era silêncio, solidão, morte.

Naquele momento de intenso desânimo a mão peluda novamente se fechou em torno de meu pulso. Então gritei. Nem tentei reprimir meu susto, meu grito histérico. Ao mesmo tempo procurei, freneticamente, agarrar aquela mão estranha. Ao menos haveria vida no ser que a possuía! Mas quando me movimentei a mão largou meu pulso, desaparecendo no manto de eterna escuridão. Avancei, desnortado, apalpando o nada, em torno de mim, e, bradando, ansioso:

— Quem está aí? Quem és?

Minhas palavras se repetiam a espaço de segundo. Mas ninguém, nada me respondia.

Após mais alguns brados cessei as tentativas desesperadas e procurei recuperar o domínio dos nervos. Sentia o corpo empapado de suor. A escuridão ao redor parecia mais espessa, se comprimindo contra minhas pupilas, mais e mais fortemente. Eu sentia as pupilas se encolhendo e dilatando ante o esforço de divisar algo no terrível negrume.

Tive de me sentar novamente. Tratei de procurar respirar mais lentamente e persuadi o coração a palpitar com menos força.

Foi justamente então, talvez por eu estar quieto e no ponto mínimo de fraqueza, que comecei a notar algo novo dentro de mim, uma diferença em minha relação com as coisas externas. Eu nada via. Menos que nada. Era estar cego. E nada ouvia. Não havia farfalhar de folha, oscilação aérea. Mas o que gradualmente comecei a compreender foi que eu sentia. Quero dizer, sentia coisas que anteriormente não podia sentir. Sentia a relação existente entre meu corpo e a enorme massa do planeta, como se a gravidade fosse um sentido semelhante ao da visão.

Lá estava a nave, em minha frente, não muito distante, um pouquinho à direita. Eu sentia a massa e a forma. Não posso explicar como. Posso apenas dizer que, ali, em Sincroses, após o desespero que se apossara de mim, estava dotado dum sexto ou sétimo sentido, algo que jamais possuía. Era como se o peso, o volume da espaçonave afetasse algo em meu íntimo, como as ondas de som afetam as caixas de recepção em nossos ouvidos.

Eu sentia a nave ali. Não posso o descrever doutra forma. Imediatamente, me ergui e comecei a andar naquele sentido. Caminhava bem devagar e com calma. Já não estava assustado. Me sentia em paz, inteiramente senhor de meus nervos. Após mais alguns segundos me lembrei de ser um metalurgista e passei a me abaixar, de vez em quando, a fim de recolher pedaços de rocha quebrada, os guardando nos bolsos do escafandro.

Então, mais à esquerda, algo distante, comecei a sentir que outra criatura se movimentava. Era andróide. O capitão, pensei, alegremente, sem surpresa, também estava em segurança. O sentia se mover em direção à espaçonave, mas também me sentira a presença, suponho, porque mudara o sentido ligeiramente, avançando a mim, agora. E, ainda mais distante, comecei a notar, com aquele sentido adicional que ganhara ali em Sincroses, a presença doutra criatura, outro homem, que logo identifiquei como sendo Jaime. Também caminhava à nave, concluí. Mas não me detive nem procurei os chamar. Suponho que quisesse me certificar de que não se tratava de sonho ou miragem.

Continuei avançando firmemente até sentir a enorme embarcação crescer diante de mim. Então, com indescritível deleite, apalpei a superfície da espaçonave, se bem que o aparelho continuasse invisível a meus olhos. Então me detive porque sentia o capitão se aproximando.

— Alô!, capitão. — Saudei, procurando evitar minha voz tremer.

— Alô!, Collier. — Respondeu, calmo e acolhedor como sempre. — É melhor esperarmos Jaime. Estará aqui em mais um minuto.

Isso aconteceu, de fato. Tão logo nosso companheiro chegou, batemos e gritamos. A tripulação se apressou a abrir a câmara espacial, a fim de nos deixar entrar. Pouco antes da escotilha ser aberta senti algo se movimentar em minha direção. Mais uma vez senti uma espécie de mão peluda e suave se depositar sobre meu pulso. Novamente tentei a agarrar mas aquele membro, ou o que fosse, foi rapidamente afastado de meu contato. E

senti que seu dono recuava na escuridão. Era uma criatura pequena e ágil.

Quando já estávamos em segurança, dentro da espaçonave, tive uma espécie de desmaio e meus companheiros trataram de me deitar num dos leitos. Mas ninguém comentou algo ante minha demonstração de fraqueza. Jaime estava bastante abalado também, mas o comandante se mostrava tão cheio de si e competente quanto todas as vezes em que eu o vira até então. O experiente viajante do espaço aparentemente não sofrera abalo nervoso.

Foi tudo o que vimos, ou melhor, sentimos em Sincroses. Os instrumentos da espaçonave estavam tão afetados pela gravidade da estrela, e por algum outro fator desconhecido, que o capitão foi obrigado a concordar com os demais oficiais de bordo, que observavam o painel de instrumento durante todo o tempo em que estivemos ausentes, quando os homens sugeriram que devíamos levantar vôo enquanto ainda estávamos em condição.

Então uma hora depois de nosso retorno, a espaçonave tinha os foguetes ligados e começava a desprender calor e pressão. Deixar o solo foi quase tão difícil quanto pousar em Sincroses mas após muito esforço o capitão e a experiente tripulação conseguiram erguer a nave no espaço.

Tão logo nos elevamos a altura considerável aquele sentido adicional que nos fora dado na estrela da escuridão pareceu nos desertar completamente. Após isso mal podíamos nos lembrar a sensação de sentir as coisas a distância. Sabíamos apenas que tivemos o tal novo sentido. Nossa conduta ao descobirmos a espaçonave servia de prova pra isso. Mas o mais estranho era nossa confusão sobre o que nos aconteceu na escuridão.

Não chegávamos a um acordo nos comentários. Cada um insistia em dizer que continuara a segurar a corda mas que os companheiros desapareceram na outra ponta. E

quando tentamos raciocinar sobre o que realmente acontecera lembrávamos as personagens de *Sonho duma noite de verão*⁽³⁸⁾, descrevendo como foram enfeitiçados e se perderam na floresta.

No fim de tudo o capitão riu e se deu por vencido. Se mostrava tão confuso

quanto eu e Jaime a respeito de nossa estranha aventura. E teceu um breve comentário no diário de bordo. Isso impedia se mencionar muita coisa mas, em vista da circunstância, era o melhor que nosso comandante podia fazer.

De volta à Terra o capitão foi condecorado com mais uma estrela, sendo promovido, e eu e Jaime também fomos condecorados. Eu achava que Jaime merecia a medalha, por se ter apresentado como voluntário da expedição a Sincroses. Mas não me sentia feliz por minha condecoração, pois não julgava que correspondesse ao que podemos chamar realidade dos fatos. Eu não podia me sentir menos heróico do que em Sincroses. Estive o tempo todo terrivelmente assustado. Contudo ganhei um bocado de crédito por aqueles espécimes de rocha que finalmente me lembrara de recolher. Creio que os cientistas deviam estar me imaginando galgando picos e mais picos, bravamente, recolhendo pedra aqui e ali, no meio da escuridão, a tal ponto minha coleção se mostrou variada. E se chegou à conclusão de que as amostras de rocha da estrela continham alguns dos mais desconhecidos minerais já encontrados nalgum lugar, bem como alguns novos elementos.

Assim estou plenamente temeroso de ser enviado em nova expedição à estrela de dupla escuridão. Certamente o capitão será o condutor do novo grupo e tenho certeza de que mal pode aguardar o momento de levantar vôo. Mas não me sinto animado a empreender uma nova viagem espacial. Queria apenas estar em condição de recusar, de modo decente, uma nova aventura. Jamais gostarei de viajar no espaço. E isso parece recrudescer a cada nova excursão. Além do mais não pretendo tornar a deixar a Terra, que é tão bela.

Após a viagem a Sincroses nosso planeta se apresenta bonito como nunca, a meus olhos, com a luz e o calor solar, o pálido brilho lunar, o cintilar das estrelas distantes e nossas luzes elétricas que transformam a escuridão em dia artificial, mesmo na noite mais negra e envolvente.

A JANELA VEDADA – Ambrose Bierce

Ambrose Bierce nasceu em 1842, nos Estados Unidos, e foi Oficial do Exército da União durante a Guerra Civil (1861-5) – presente em muitos de seus contos. Em 1913, aos 71 anos, foi para o México, supostamente com a intenção de unir -se às tropas de Pancho Villa, e nunca mais foi visto. “A janela vedada” fala de uma perda e de uma dor tão terríveis que parece não haver palavra ou imagem capaz de representá -las.

Em 1830, a poucas milhas do que é agora a grande cidade de Cincinnati, estendia-se uma imensa floresta quase inviolada. A região inteira era esparsamente habitada por gente da fronteira – almas inquietas que, tão logo houvessem extraído daquele ermo lares decentemente habitáveis e alcançado o grau de prosperidade que hoje em dia chamaríamos de penúria, abandonavam tudo, impelidos por algum impulso misterioso de sua natureza, e se lançavam adiante, rumo ao oeste, para enfrentar novos perigos e privações, sequiosos que estavam de recuperar o parco bem-estar do qual haviam voluntariamente abdicado.

Muitos destes já haviam trocado a região pelos povoados mais distantes, mas, entre os que ficaram, encontrava-se alguém que fora dos primeiros a chegar. Ele vivia sozinho numa habitação de madeira cercada de todos os lados pela vasta floresta a cuja escuridão e silêncio ele próprio parecia pertencer, pois ninguém jamais o vira sorrir nem o ouvira dizer uma palavra supérflua. Suas escassas necessidades eram supridas, na aldeia ribeirinha, pela venda ou troca de peles de animais selvagens, uma vez que ele nada plantava na terra que, se preciso, poderia reivindicar por usucapião.

Havia sinais de “melhoramentos” – alguns acres ao redor da casa tinham sido desmatados e os restos apodrecidos das árvores se erguiam semiocultos pela vegetação recente à qual se permitira remendar o que o machado devastara.

Aparentemente, seu entusiasmo pela agricultura se consumira numa chama tibia antes de apagar-se em cinzas lúgubres.

O casebre de madeira, com sua chaminé primitiva, seu telhado de ripas arqueadas dispostas sobre vigas cruzadas e calafetadas com barro, tinha uma única porta no lado oposto ao da janela. Esta, contudo, estava vedada com tábuas

e ninguém recordava quando é que não fora assim.

Ninguém tampouco sabia o porquê da vedação. Decerto não era porque o ocupante sofresse de aversão à luz ou ao ar, já que, nas raras ocasiões em que um caçador cruzara aquele lugar solitário, o recluso, caso os céus lhe houvessem propiciado um bom tempo, fora frequentemente visto a tomar sol diante da casa. Creio que há poucas pessoas ainda vivas que saibam o segredo da janela, mas, como vocês verão, eu sou uma delas. Diziam que ele se chamava Murlock. Embora aparentasse setenta, tinha cerca de cinquenta anos. Outra coisa, além dos anos, contribuiu para seu envelhecimento. Seu cabelo e a longa barba cerrada eram grisalhos, tinha olhos castanhos, embaçados, fundos e um rosto singularmente sulcado de rugas que pareciam pertencer a dois conjuntos entrecruzados. Seu porte era alto e magro, com os ombros encurvados de quem carrega peso. Eu mesmo nunca o vi, e fui informado desses pormenores por meu avô, que foi quem, na minha infância, contou-me a história de Murlock. Ele o conhecera quando, naqueles dias remotos, vivia em sua vizinhança.

Um dia Murlock foi achado morto em sua cabana.

Como aquela não era uma época de legistas e jornais, concordou-se, suponho, que ele morrera de causas naturais, pois, caso contrário, teriam me dito e eu me lembraria.

Tudo o que sei é que, talvez com um sentido do que era apropriado, o corpo foi enterrado perto da cabana, junto à sepultura de sua mulher, que, por ter morrido tantos anos antes, mal deixara na memória local um traço que fosse de sua existência. Isso encerra o capítulo final desta história verdadeira, exceto, aliás, pelo fato de que anos e anos mais tarde, acompanhado de um espírito igualmente intrépido, aventurei-me no recanto e me aproximei da cabana o bastante para atirar nela uma pedra e sair correndo do fantasma que, como todo garoto bem informado sabia, assombrava o lugar. Há, porém, um capítulo anterior — aquele com que meu avô me presenteara.

Quando Murlock construiu sua cabana e se dedicou vigorosamente ao desmatamento com o intuito de lavrar uma roça, vivendo entrementes de seu rifle, era jovem, robusto e confiante. No país a leste do qual viera ele se casara, como era costume, com uma jovem que, em tudo merecedora de sua afeição sincera, compartilhava, de boa vontade e sem remorsos, os perigos e privações de seu destino. Não há, que se saiba, registro de seu nome. Sobre seus encantos espirituais e pessoais tampouco há lembrança, e quem tiver dúvidas, que as tenha. Mas Deus me livre de endossá-las! Não faltaram, em cada dia vivido pelo viúvo, provas de sua felicidade e afeto mútuo; pois o que, senão o magnetismo

de bênçãos lembradas, poderia ter acorrentado aquele espírito arrojado a tal sina? Certo dia, voltando de uma parte remota da floresta aonde fora caçar, Murlock encontrou a mulher alquebrada, febril e delirando. Não havia médico num raio de muitos quilômetros, nem vizinho algum. Tampouco ela estava em condições de ser deixada a sós enquanto ele buscava auxílio. Ele tentou cuidar dela, esperando que se recuperasse, mas, ao final do terceiro dia, a mulher perdeu a consciência e, sem jamais, ao que parece, tê-la recuperado, faleceu.

Pelo que sabemos de temperamentos como o dele, podemos imaginar alguns dos detalhes do quadro cujos contornos meu avô delineara. Uma vez convencido da morte dela, Murlock manteve a lucidez necessária para se lembrar de que os mortos devem ser preparados para o enterro. Cumprindo esse dever sagrado, cometeu erros de quando em quando, fez algumas coisas incorretamente e repetiu outras várias vezes até acertar. Sua incapacidade aqui e ali de executar uma ação comum o deixava atônito como alguém que, embriagado, não entende a suspensão de leis da natureza conhecidas. Que não chorasse, surpreendia-o e também meio que o envergonhava: decerto era insensível não chorar pelos mortos. “Amanhã”, disse em voz alta, “terei feito o caixão e cavado a sepultura; então sentirei falta dela, quando não puder mais vê-la; mas agora – ela está morta, é claro, mas está tudo bem – deve estar tudo bem, de algum modo. Nada é tão ruim quanto parece.”

De frente para o cadáver, à medida que escurecia, ele lhe arrumou o cabelo e deu os retoques finais a seu vestuário singelo. Fez tudo mecanicamente, com uma atenção despida de sentimentos. E, no entanto, uma sensação subjacente de certeza – de que tudo estava bem, de que ela voltaria para ficar com ele como antes e as coisas se esclareceriam – perpassava-lhe a mente. Sem experiência prévia de dor, sua capacidade de senti-la não fora exercitada pelo uso. Seu coração era incapaz de abarcá-la por inteiro e sua imaginação, de imaginá-la. Ele ignorava a dureza do golpe que sofrera. Tal conhecimento viria depois e nunca mais o deixaria. A dor é uma artista cujos poderes são tão diversos quanto os instrumentos nos quais toca seus lamentos para os mortos, despertando em alguns as notas mais agudas e penetrantes e em outros os acordes baixos e graves que palpitam repetidamente como as cadências lentas de um tambor distante. Alguns temperamentos, ela alarma; outros, entorpece. Há quem ela atinja feito uma flecha, excitando-lhe as suscetibilidades para uma vida mais ativa; há quem ela abata como uma clava que, num golpe, paralisa a vítima. Murlock foi provavelmente afetado desta última maneira, pois (e isto é mais do que mera conjectura), assim que terminou suas piedosas tarefas, afundou na cadeira junto à mesa sobre a qual jazia o corpo e, observando quão branco o

perfil se mostrava contra as trevas cada vez mais espessas, depôs os braços na borda da mesa e, sem lágrimas mas indizivelmente exausto, deixou cair neles seu rosto. Naquele preciso instante, um gemido prolongado, semelhante ao grito de uma criança perdida no fundo da floresta que escurecia, entrou pela janela aberta. Ele, porém, não se mexeu. Ainda mais próximo, o grito sobrenatural soou de novo enquanto ele desacordava. Talvez fosse uma fera, talvez um sonho. Pois Murlock adormecera.

Algumas horas mais tarde, ou assim lhe pareceu depois, a sentinela irresponsável acordou e, erguendo a cabeça deitada nos braços, ouviu atentamente – sem saber por quê. Lá, no breu escuro junto à morta, recordando tudo sem sobressalto, ele se esforçou para ver não sabia o quê. Todos os seus sentidos em estado de alerta e a respiração suspensa, seu sangue, como que colaborando com o silêncio, parara de correr. Quem ou o que o acordara, e onde é que estava?

Súbito a mesa foi sacudida debaixo de seus braços e no mesmo instante ele escutou, ou julgou escutar, um passo leve, suave, e mais outro – sons de pés descalços pisando o chão!

Aterrorizado demais para gritar ou se mover, viu-se obrigado a aguardar – aguardar ali no escuro durante o que lhe pareceu serem séculos do maior pavor que se pode experimentar e ainda viver para contar. Ele tentou em vão pronunciar o nome da morta, tentou em vão estender a mão sobre a mesa para verificar se ela estava ali. Sua garganta estagnou, seus braços e mãos pesavam como chumbo. Foi então que ocorreu algo assustador. Um corpo pesado parecia ter sido arremessado contra a mesa com tamanho ímpeto que esta foi empurrada contra seu peito tão bruscamente a ponto de quase derrubá-lo. Ao mesmo tempo, ouviu e sentiu algo cair no chão com um baque cujo impacto violento fez a casa inteira estremecer. Seguiram-se um embate e um tumulto barulhento impossíveis de descrever. Murlock se ergueu. O excesso de medo o privara do controle de suas faculdades. Ele lançou as mãos sobre a mesa. Não havia nada lá! Há um ponto no qual o pavor se converte em loucura e a loucura instiga a ação. Sem intenção clara ou motivo, salvo o impulso caprichoso de um louco, Murlock alcançou com um salto a parede e, após tateá-la brevemente, pegou seu rifle carregado e, sem fazer mira, disparou. Graças ao clarão que iluminou vividamente a sala ele viu uma pantera imensa arrastando a morta rumo à janela, seus dentes cravados no pescoço dela! O que veio em seguida foi uma escuridão ainda mais negra e o silêncio. Quando ele recobrou os sentidos, o sol estava alto e a floresta melodiosa com o canto dos pássaros.

O corpo jazia perto da janela onde, espantada pelo clarão e pelo estampido do rifle, a fera o deixara. A roupa estava desarrumada; a longa cabeleira, revolta; os membros, contorcidos ao léu. Do pescoço horrendamente dilacerado jorrara uma poça de sangue ainda não de todo coagulado. A fita com a qual ele lhe atara os pulsos se rompera. As mãos estavam firmemente crispadas. Havia entre os dentes um pedaço da orelha do animal.

Tradução de Nelson Ascher

O FANTASMA DA FAZENDA – Dick Lane

Na fazenda mal-assombrada a surpresa foi geral quando capturaram o *fantasma* assim, o que quer que fosse, homem, fera ou demônio, foi a última vez que foi visto. No dia seguinte procuraram o rastro e, naturalmente nada e encontraram, nem um galho partido!

Ninguém falou quando o guia Tim terminou a história. Lá fora, na noite escura, o vento soprava docemente entre os pinheiros, lançando ao solo uma poeira de neve.

A tensão se quebrou, de repente. Uma acha de lenha se extinguiu na lareira e a centelha revelou a figura pensativa do velho guia, quando se voltou, sacudindo no fogo a cinza fria do cachimbo, quando todos conversavam animadamente.

Eu poderia acrescentar comentário à conversa se antes não lançasse um rápido olhar a Gruder, o cozinheiro do acampamento, que furtivamente se aproximara da lareira e ali ficara torcendo, nervosamente, o avental entre os dedos. Quando começaram a caçar a história de Tim, se estampara em seu rosto uma expressão animal de descontentamento e se retirara, contrariado, à cozinha.

Intrigado, recomecei a encher o cachimbo. Naquele rápido instante meu olhar percebeu algo sinistro, desagradável, naqueles olhos parados e muito abertos. A estranha história do velho Tim, as sombras flutuantes produzidas pelo fogo, o incessante gemido do vento, todos esses fatores contribuía pra criar um ambiente de mistério que se transmitia ao espírito e ao corpo daqueles homens cansados de depois dum dia de caçada na floresta.

Por isso, quando os outros se levantaram e partiram, enfrentando a noite fria, na escura alameda em direção ao pavilhão de caça, continuei sentado, junto ao fogo, fumando, escutando, esperando, não sei o quê.

Tim e o cozinheiro estavam na cozinha. Podia ouvir as vozes abafadas.

Me dispunha a sair, quando subitamente ouvi a voz exaltada de Gruder:

— Mas vi! Garanto!

— Viste o quê? — Perguntei, tranqüilamente, da porta.

Os dois homens se voltaram bruscamente Foi Tim quem respondeu.

— Me disse que o que vi foi o Demônio de Jersey^{39}.

Olhei, pasmo, a Gruder. Como vivesse muitos anos naquela região, em Nova Jérsia, me acostumara, naturalmente, à maneira supersticiosa da gente do lugar. Já ouvira, anteriormente, a lenda do fantasma que vagava na floresta e que era metade homem e metade cavalo. No entanto havia algo ali qualquer coisa.

— Onde o viste?

Era de escárnio o sorriso de Gruder.

— No bosque, na noite.

— Estavas inspecionando?

Não obtive resposta.

— O que aconteceu?

— Estava andando num velho pomar. De repente notei que não estava só. Apurei, gelado, o ouvido. Então o vi. Me olhava fixamente atrás dum arbusto.

O homem umedeceu os lábios com a língua. Indaguei depressa: — Então o que fizeste?

— Iluminei o rosto. Os olhos eram horríveis, injetados de sangue!

— Tinha chifre?

— Afiado!

Caçoei:

— Viste um veado.

A resposta de Gruder veio baixinho:

— Não. Os chifres eram levantados e o cabelo no peito era branco como a neve.

— Mentira! — Gritei — Nada há nesta floresta que corresponda a essa descrição.

Olhei a Tim, esperando aprovação. O velho guia enrubesceu, fugindo de meu olhar.

— Está bem. — Disse, tranqüilamente — Já é tempo de acabar com esse mito.

Amanhã na noite esperarei no mesmo pomar. E espero ver tal *fantasma*!

À medida que caminhava na alameda escura, em direção ao pavilhão de caça, não podia deixar de me sentir superior aos dois homens que me seguiam mas instintivamente sentia que Gruder disse a verdade.

Caminhando sempre, quase ultrapassei o caminho estreito e escuro que se desviava no bosque de pinheiro. Depois de andar alguns quilômetros naquele verde arvoredo, me apareceram os primeiros sinais de civilização.

Finalmente penetrei no pequeno vilarejo que Gruder descrevera.

Parei diante duma espécie de armazém, de janelas empoeiradas. Lá dentro o ar abafado cheirava a madeira queimada e a comida.

— Sim?

Hesitei. Sentia os olhares hostis de inúmeros convivas. Disse, apontando: — Uma fatia de pão e uma vasilha de feijão.

— E eu pensava que conhecia todos! — Uma voz de poucos amigos se arrastou atrás de mim.

Percebi a situação. Acreditavam que eu fosse o novo guarda enviado pra investigar a caça clandestina a veado.

Observei o homem grisalho que falara.

— Há alguma velha fazenda aqui, cum monte de graveto atrás?

Sem resposta.

— Com certeza se refere à fazenda mal-assombrada. — Disse uma voz monótona.

— Foi ali, naqueles gravetos que se deu... — se interrompeu.

Paguei a conta e já me retirava quando o velho proprietário me acompanhou à porta.

— A fazenda mal-assombrada fica na estrada da esquerda, a alguns quilômetros daqui. Quando chegares até lá sigas meu conselho: Não pares. Sigas sempre em frente!

— Obrigado. — Disse, secamente, e fui embora.

A fazenda abandonada ficava num declive em ruína, na extremidade de grande macieiral que seguia paralelo à estrada. A distância fazia o celeiro parecer em perfeito estado mas vi que o telhado da casa surgia oscilante. Atrás se via o monte de graveto.

Tirei o carro da estrada e o escondi entre os pequenos pinheiros. Jantei o que trouxera.

A noite descia, lentamente, sobre o bosque, quando terminei. Então segui no antigo rastro de carroça na areia. O céu coberto de nuvem e o luar, eu sabia, só apareceriam mais tarde. Seria uma grande caminhada e ainda mais demorada a pé, na escuridão. Preferia continuar de carro. Contudo sabia que se houvesse algo freqüentando aquela paragem desolada era melhor eu estar a pé.

Instintivamente procurei caminhar na grama, a fim de abafar o som de meus passos apressados.

Sombras já cobriam o chão quando, tendo rodeado a casa, comecei a acompanhar a pista das pegadas de veado.

A noite desceu rapidamente. Parecia trazer uma quietude que abrandava os contornos irregulares do terreno. Coloquei bala na espingarda e deixei a alcance a lanterna elétrica.

Gradativamente o silêncio se tornou mais carregado, parecendo fazer, de todos os lados, pressão sobre mim. Na aldeia distante se ouvia o ganido choroso dum cão. Foi tudo.

Assim me sentei durante muito tempo, esperando, ouvindo. Já desistia quando tive, de repente, a sensação estranha de que algo passara bem em minha frente, no escuro!

Apurei, atentamente, o ouvido. Nada! Nada além duma brisa ligeira e perfumada.

Com mãos frias procurei a lanterna, cujo tênue raio brilhou na escuridão. A dirigia ao bosque. Nada!

Abalado, ainda que revoltado contra minha fraqueza passageira, me levantei.

De qualquer modo a noite estava muito escura. Devia ter esperado uma noite de luar.

E então, ao acaso, vi algo que realmente me abalou!

Claramente delineadas sobre a neve, sob uma das macieiras, a luz revelou pegada.

As marcas irregulares das patas eram antigas, já estavam espalhadas. Isso me deixou apavorado.

Nalguns lugares só havia duas grandes em vez de quatro. Seja o que for, podia se manter em pé.

O longo inverno quase findando quando recebi um telefonema de Tim.

— Houve outra aparição!

— Nããão! — Tartamudeei — Onde?

— Atrás da fazenda mal-assombrada.

Dessa vez fui bem equipado pra enfrentar o fantasma: Um rifle, óculos noturnos e uma garrafa térmica com café quente. Levava também um companheiro. Jim e eu caçáramos juntos e eu sabia que podia contar consigo em toda dificuldade. Jim murmurou:

— Lugar estranho. Não é?

Não respondi. Essa noite estaria cheia de perigo. Esperamos Um luar indiferente surgia no céu nublado, criando sombras disformes que iam e vinham entre as árvores torcidas do bosque.

Devo ter adormecido. Me acordou forte pressão da grande mão de Jim em meu braço.

Jim levava os óculos aos olhos.

— Olhes ali! — disse, baixinho.

Então vi, na sombra, ao lado do celeiro, uma forma branca nos observando atentamente atrás da névoa incerta. Rapidamente ergui o rifle e hesitei. E se fosse um ser humano? Tarde demais, pois a coisa sumia de minha vista, atrás da casa.

— Venhas! Rodeemos o celeiro. Se pudermos o cercar...

Ofegante, alcancei o celeiro. Apontei a lanterna. Mais alguns passos na escuridão e descobriria tudo.

— Pam!

Senti o som e o movimento simultaneamente. Durante um terrível instante um corpo peludo se encostou ao meu. Pude distinguir uma figura chifruda. E então, sem poder me conter mais, caí ao chão, ainda consciente dum forte cheiro de ranço que aquele ser deixara na escuridão.

— Bum!

Um revólver disparara enquanto eu me levantava como um louco, procurando a lanterna.

— É o fantasma! — Gritou Jim. — Dentro do celeiro. — Suas palavras se perderam sob o ruído duma porta que se fechava, batendo ruidosamente.

Dentro da casa havia um ser descontrolado. Se podia ouvir, repetidamente, o barulho dum grande corpo lutando contra obstáculos invisíveis. Corri àquela direção.

Jim era uma sombra incerta e escura de encontro à porta. Gritei: — Abras e te afastes!

Homem, fera ou demônio, eu ainda tinha fé em minha arma.

Jim obedeceu. O vi se afastar quando ergui o revólver.

Silêncio quebrado somente por uma respiração gutural que partia dum lugar qualquer da sala escura, a minha frente. Ordenei como louco: — Saias! Ou eu...

Pressenti o movimento, vingador antes dos pés correrem o assoalho.

Um grito penetrante e inumano repercutiu na noite quando dei três tiros.

— Acendas a luz!, por favor. O matei.

Me contive pra não correr pra o auxiliar.

Então se ouvia-se somente o som duma respiração difícil e um corpo que se arrastava, procurando sair. Procurei acender um fósforo mas não consegui.

O som se transformou num estertor abafado, que crescia como uma súplica. Pedi novamente:

— Depressa, acendas a luz!

E então Jim voltou. Ficamos juntos, gratos a nossa mútua presença. A luz correu sobre o corpo ensangüentado do animal que jazia a nossos pés.

Diante de nós estava o rosto branco e peludo, os olhos molhados e brilhantes e os chifres que se erguiam dos lados da cabeça. Jim se abaixou, olhando, incrédulo, as narinas vermelhas e os dentes cinzelados e murmurou: — Um bode! Nada além dum simples, grande e velho bode!

Olhei o corpo muito branco e agonizante e abanei a cabeça. Era verdade. De repente me senti frustrado, desapontado. Eu esperava outra coisa e disse, enfim: — Já sei o que aconteceu. Este velho eremita deve ter freqüentado esta fazenda abandonada durante anos, talvez desde que a abandonaram. Caçadores de veado,

penetrando furtivamente na noite, perseguidos pelos guardas florestais, viram o que seu medo e superstição os levavam a acreditar. Uma cara barbada, percebida na tênue luz duma lanterna, certamente pareceria um fantasma!

— Sim. E isso explica as pegadas na neve. O bode estava de pé sobre as patas traseiras pra comer os galhos mais baixos da macieira!

Estávamos carregando a pesada carcaça quando chegaram os outros, silenciosos, desconfiados. Não se disse palavra. Somente um som abafado e misterioso se erguia sobre a procissão fúnebre. Estranha gente aquela, que acompanhava aquele corpo branco, cheia duma superstição profunda demais pra morrer de repente.

ESPECIALMENTE, QUANDO SOPRA OUTUBRO – Rubens Teixeira Scavone

Os próprios pais não sabiam quando os sintomas iniciais apareceram. E o nome sempre fora, desde o começo, "perturbação". Nem o primeiro médico, amigo da família, pela mão de quem Ângela viera ao mundo, nem os especialistas posteriormente chamados, jamais falaram em moléstia ou qualquer outro termo científico. Apenas e tão somente "perturbação", como se o eufemismo pudesse confortar os pais e proteger a menina da contundência de uma designação mais explícita.

Cinco ou seis anos após o nascimento de Ângela, o velho médico revolveu as fichas do seu arquivo, teve de contentar-se, nada achando de especial, apenas com as recordações. Como as lembranças eram comuns, não havia outra saída senão aceitar a completa naturalidade do parto de que nascera um bebê rosado e chorão como os outros, recebendo palmadas nas costas e irrompendo para a vida num alarido festivo que reboara pelos corredores como nota álaçre ansiosamente esperada.

Mas, ordenando-se os fatos e as recentes etapas da existência de Ângela, certo acontecimento havia que poderia ser fixado como o início das "atribulações". Só os especialistas anotaram essa ocorrência, tênue fio capaz de deslindar a meada. Fora num mês de outubro, no dia em que a menina completara cinco anos. E o que se anotara nas fichas? A festa, os amigos, os parentes, a casa de campo cheia de visitas, o bolo, as luzes, as cores, o vestido rendado da aniversariante e, por fim, a sua inesperada crise de choro, fechada no quarto, estirada na cama.

Convulsão violenta, reação histérica, recusa em descer, atitude anormal e injustificada que provocara a assistência médica e a primeira poção de sedativo que transportara Ângela ao profundo sono. A mãe, ainda viva, impressionara-se com a transformação da filha, e contava, desfeita em pranto:

- Lembro-me muito bem. Foi em outubro, numa tarde fria e ventosa, no dia do aniversário dela. Não foi o seu choro que me impressionou, mas o seu olhar de ódio. Em lágrimas largada no leito, não queria que eu me aproximasse sequer. Tinha a expressão distante, longínqua, e quando fixava os olhos em nós era como se fôssemos desconhecidos.

Com o decorrer dos dias e dos meses, porém, o episódio do aniversário foi sendo esquecido e ninguém lhe deu mais importância.

Na verdade, talvez apenas se tratasse de um capricho de infante que defende seu universo da invasão de estranhos, uma crise de solipsismo num sombrio crepúsculo de outubro. Com certeza apenas isso, nada mais.

Já pelos seis ou sete anos as coisas foram se complicando. Introspectiva, como fechada numa redoma, Ângela convivia consigo mesma. Mal tolerava os familiares e os domésticos. Em relação aos outros parentes e estranhos manifestava incontrolável repulsa.

Quando morrera a mãe, ao tempo em que a menina completara oito anos, ela já organizara definitivamente o seu universo. Ilha remota no âmago do casarão cujos prolongamentos geográficos alcançavam a estrada e a alameda de cedros, não raro se espalhando pelas colinas das quais se divisava a cidade ao longe e a chaminé sempre coroada de fumo que assinalava a atividade da fábrica do pai.

Havia a governante. A velha alemã, de postura solene e andar rígido, impassível na aparência mas dedicada, aquela que lhe sugerira os primeiros devaneios com histórias de elfos e de fadas, de gênios e duendes que habitavam o lago escuro, que se escondiam pelas ravinas e que pelas madrugadas quentes saíam aos bandos em busca de vaga-lumes. Cenários estimulantes, eram nada e tudo ao mesmo tempo. Solidões geladas onde lobos uivavam ou feudos tranquilos onde princesas sonhavam com seus eleitos; nuvens rosadas que sustentavam castelos ou desertos onde ondulavam miragens. Os domínios da menina eram imensos, magicamente povoados. O que menos importava eram as bonecas, os coelhos de pelúcia, os cachorros e gatos de feltro, ou o elefante enorme, cinzento, de cela encarnada, que respondia com um ronco todas as vezes que Ângela lhe puxava a argola implantada no dorso. Tais brinquedos não passavam de simulacros banais, réplicas fraudulentas de certa realidade desinteressante. Por isso ela os desprezava. Dispunha de algo superior que tornava inúteis as fábricas de brinquedos, a fortuna do pai ou mesmo as sugestões da governante. E esse algo era - a imaginação.

Não precisava fechar os olhos, mas apenas recorrer ao tenaz impulso da sua vontade: e lá surgia o seu mundo. Quando as coisas começavam a delinear-se, a concentração aumentava, tornava-se imperioso continuar. Os olhinhos da menina se contraíam, fixavam-se com angústia no ponto visado: a clareira banhada por uma réstia de luz, o espaço vazio no lago em meio aos nenúfares, o caminho da encosta ladeado pelos abetos.

Então as aparições iam se configurando. Primeiro, os contornos do urso, apenas

o perfil; uma linha indecisa que não chegava a interromper a paisagem. Concentrando-se mais, o monstro aos poucos ia ganhando forma. O dorso acentuava-se, nascia a possante cabeça, delineava-se a boca hiante, brotavam os dentes pontiagudos. Ângela sentia-se tomada por um calor intenso e estimulante que fazia brotarem miúdas pérolas de suor em sua testa delicada, nas palmas de suas mãos franzinas.

Ria, ria alto, pois estava bem longe da governante e podia divertir-se à vontade, esforçando-se para completar a figura daquele amigo ameaçador. Da goela escancarada do urso extravasava a saliva, as patas se elevaram, as garras exibiam-se ferozes, as pupilas destilavam sangue. Num esforço supremo a menina fazia com que a fera soltasse um urro bárbaro que, acentuando ainda mais o peso do animal, produzia estalos na vegetação debaixo de suas patas. No momento em que o monstro se aprestava para o golpe, ela cortava o fluxo da imaginação. A fera se diluía no espaço, deixando o solo intacto e a paisagem perfeita.

Nem mesmo ela sabia como chegara aquilo. Talvez a princípio só imaginasse flores. Acompanhada ou solitária, sempre lhe aprazia colher pelos campos tudo o que de belo encontrasse.

Um dia, violetas. Sonhara com violetas, saíra a procurá-las.

Jamais poderia encontrá-las naquela estação. Parara então junto ao lago, rente ao tufo de hortênsias, e se fixara no canteiro. Eis que nasceram violetas. Colheu-as, armou-as num pequeno buquê, arrumou-as no vaso e mostrou-as a todos. Mas como, violetas nesta quadra do ano? O jardineiro surpreendeu-se. Em que alfombra as achara? Ajustando os óculos o ancião abaixou-se junto às hortênsias sem nada encontrar. Depois, as rosas amarelas, as peônias azuis, os ciclames dourados. Ângela em breve descobriu que podia aperfeiçoar os seus poderes. Era muito interessante esse novo brinquedo, mas sob a condição de que permanecesse absolutamente secreto. Até então ela criara coisas de que gostava e que conhecia, o que equivalia a dizer - coisas que existiam, pois é razoável admitir-se que só existe o que se conhece. Ursos, gatos, cães, violetas e ciclames, às vezes mesmo abusando do privilégio de que dispunha e se proporcionando o capricho de divertir-se ante um coelho encarnado ou um leão azul. Mas a partir de certa época descobriu que também podia criar coisas que jamais vira e que, portanto, não existiam.

Como experiência, o que produziria em primeiro lugar?

Saiu de casa às escondidas, procurou o recanto mais remoto do parque, onde nem mesmo o jardineiro costumava penetrar. Fixou todo o seu pensamento na

rocha, começou a polarizar a própria vontade. Como sempre, os olhos se contraíram, o suor começou a escorrer, fortes vincos marcaram-lhe a face, tornou-se rubra. Os contornos imprecisos foram aos poucos eclipsando o rochedo. Concentrando-se ao máximo, Ângela se tornava agora lívida. Pronto. Ali estava o anão.

Necessariamente grotesco, primeiro a giba, depois as mãos longas, aduncas, a cabeça enorme, todo vestido de prateado, com um barrete verde que lhe emprestava certa histrionidade medieval. Nisso, Ângela ouviu a voz do jardineiro chamando-a em altos brados. Apavorou-se, descontrolando-se. Sentiu o perigo que corria. O anão não era a violeta ou a rosa amarela. Era uma coisa que não existia, que atendera ao apelo de sua força interior. Tinha que proteger o filho de sua mente. Não desligou a imaginação aos poucos, mas abruptamente; e o resultado imprevisto foi impressionante: uma cabeça restou a gemer lastimavelmente, um pé se pôs a estertorar como um réptil, dois dedos gesticulavam no corpo morto como se pertencessem a um enforcado. O velho jardineiro pálido ao seu lado, depois a governante, teriam visto o anão? A cabeça solta no espaço, os pés lagarteando na lama, os dedos bailando no ar?

Não, ambos nada viram. O que viram, com estupor, foi o esgar que deformava a expressão da menina, o olhar repulsivo de quem teve um momento de gozo interrompido.

Depois, meses, estações, primaveras e invernos, outubros ventantes. O brinquedo e as experiências se aperfeiçoando sempre. Coisas estranhas nasciam agora da imaginação de Ângela adolescente. Criaturas débeis, delgadas, de olhos de um verde profundo; flores complicadíssimas cujos perfumes despertavam sensações inebriantes; anões e mais anões, sempre com as mesmas vestes prateadas e o mesmo ar atoleimado. E, às vezes, seres que nem mesmo imaginara: olhos imensos, destituídos de cílios e de pálpebras, que apenas lhe estendiam os braços e lhe sorriam, e cujos umbigos se assemelhavam a incríveis corolas.

Mas se dos bichos obtinha urros e ganidos; se com as flores conseguia perfumes, com as criações antropomórficas nada mais conseguia além das imagens. Apenas a presença, os gestos vagos e harmônicos, as expressões acentuadas de prazer, de surpresa, a adesão irrestrita aos seus convites ou insinuações, a absurda concordância aos seus mais ligeiros pensamentos. E era então um diálogo de silêncios, uma cabra-cega de surdos-mudos, um esconde-esconde inusitado onde risos e vocativos cediam lugar ao crispar de músculos, ao distender de lábios, ao cerrar de olhos, adesão completa mas silenciosa ao seu

comando.

Ora, conforme receava, um dia o brinquedo terminou. Por certo, espionagem do jardineiro, delação da governante; talvez um momento de descuido e fora pilhada pela fresta da porta, de uma janela entreaberta, uma falha da vegetação.

Ângela se lembrava. Primeiro um estranho, dias depois outro. Mais tarde, dois. Depois ainda outros e outros. E não só em sua casa, na cidade, na outra cidade, na cidade maior ainda. Dois, três, perguntas e respostas. "Como? Não sei, não entendi, o quê?" "Minha filha, responda, eles não vão fazer-lhe mal algum, querem apenas ajudá-la. Vamos, acalme-se, responda".

Muitos olhos, muitas mãos, janelas sobre parques sombrios, cheios de pessoas que caminhavam de cá para lá, como num jogo sem sentido. Sentadas, em pé, em cadeiras que rodavam, deitadas em camas que se moviam. O branco, tudo branco, o cheiro desagradável de paredes recém-pintadas.

Por algum tempo tudo ficou longe. Mas Ângela sabia que não estava só, que alguma coisa havia dentro dela que lhe era superior, impedindo-lhe os delírios da imaginação. E mesmo quando pensava em seus amigos eles agora não apareciam, conquanto lhes sentisse a presença. Magicamente, num processo oposto tudo se inverteu. Se antes imaginava e via, nada entretanto ouvia. Agora, fiscalizada no palácio álgido, dava-se o contrário: imaginava mas não via, escutava e sentia.

Não precisava das palavras do pai, das insinuações lentas e hesitantes dos estranhos. Falava sem dificuldade alguma. E, respondendo, via o assombro que se imprimia nos rostos que a cercavam. Tais respostas seriam suas? Tudo se tornava mais fácil, libertando-a de qualquer sensação de pavor. Sabia. Sabia firmemente: seus amigos agora falavam por seus lábios. Porque não? E era divertido observar o espanto que aquilo despertava em quantos pretendiam dialogar com ela.

Foi por essa época que um fato derradeiro se juntou às suas experiências.

Certa madrugada, encontrava-se sozinha, semi-adormecida no leito. A janela escancarada deixava entrar uma claridade tímida e o vento morno de outubro ondulava as cortinas que projetavam no quarto sombras fantásticas.

Fora um apelo? Um convite sussurrante? A brisa cálida da aurora? Um toque imperceptível de mão sobre seu seio nascente? Um comando descido do futuro ou uma súplica subida do passado?

Ângela levantou-se. O personagem estava debruçado no peitoril da janela. Os olhos do visitante faiscaram, salpicando as paredes de gotas de luz espectral. A

criatura supra-terrestre flutuava. Seus membros eram compridos e leves e não se lhe distinguia o rosto cujas feições eram vedadas por um elmo translúcido.

Ângela acompanhou-o, fascinada. Sobre o parque adormecido viu os círculos brilhantes e concêntricos. Discos ordenados entre si como se fosse gemas de uma joia rara. A neblina rosada, o rodopio estonteante, a ciranda endoidecida crestando as tolhas verdes, vencendo a brisa de outubro, gerando uma pequena aurora dentro da aurora maior.

A derradeira estrela recolheu o seu brilho, a última e a mais próxima, como pupila que se fecha, como lampadário que se exaure, como farol que ante a fuga da treva desliga seu facho, certa de que a mensagem fora captada; esperando tranquila, agora, que a exilada socorrida viesse ter segura ao porto de origem, cessado o pesadelo de seu desterro.

ABANDONADOS EM ANDRÔMEDA —

Clark Ashton Smith

“Camaradas, eu os desembarcarei no primeiro mundo do primeiro sistema planetário que encontrarmos.”

A gélida determinação das palavras do Capitão Volmar era mais terrível do que qualquer demonstração de ira poderia ter sido. Seus olhos estavam frios e duros como gemas de safira sobre a neve e havia um rigor fanático no endurecimento de seus lábios após cada palavra pronunciada com rudeza.

Os três amotinados olharam sombriamente um aos outros e depois ao capitão, mas nada disseram. O automatismo equilibrado de Volmar e dos três outros membros da tripulação do transporte espacial faziam todo apelo ou argumento parecer absurdo. Eles sabiam que não poderia haver qualquer abrandamento de sua parte, austero marinheiro dos vácuos interestelares que sonhara em circunavegar o espaço e se tornar assim o Magalhães das constelações.

Por cinco anos dirigira a grande embarcação mais e mais longe da Terra e do sistema solar, que haviam ambos diminuído há muito até se tornarem pontos de luz nos telescópios — por cinco anos ele a movera em frente mais rápido que a velocidade dos raios cósmicos, através da noite sem fundo e sem margens, por entre as estrelas móveis e nebulosas. A configuração dos céus tinha mudado além de todo conhecimento, os signos não eram mais aqueles conhecidos dos astrônomos terrestres: distantes estrelas haviam surgido como sóis escaldantes e novamente sido reduzidas a estrelas e houvera o encontro fugidio com planetas estranhos. E ano a ano o terror frio das profundezas sem fim e o horror vertiginoso da infinitude incontável haviam crescido como uma lenta paralisia nas almas dos três homens, e a nostalgia da distante terra os havia subjugado com um mal estar indizível, até que não puderam mais suportar e fizeram sua apressada e mal planejada tentativa de tomar o controle da embarcação e voltá-la para casa.

Fora uma luta breve e desesperada. Avisado por um instinto sutil, Volmar suspeitara deles e estivera preparado e assim, ele os homens que lhe eram leais tinham se armado furtivamente de antemão, enquanto os outros fizeram seu

ataque de mãos vazias, homem a homem. Todos os amotinados haviam sido feridos, embora não com gravidade, antes de serem subjugados, e o seu sangue gotejava no chão da ponte de controle enquanto estavam diante de Volmar.

Albert Adams, Chester Deming e James Roverton eram os nomes dos amotinados. Adams e Deming ainda eram bastante jovens e Roverton estava então se aproximando da meia idade. Sua simples presença na tripulação de Volmar era prova de capacidade intelectual e aptidão física superiores, pois todos haviam sido submetidos a exames dos mais rigorosos e prolongados. Um grande conhecimento de matemática, química, física, astronomia e outras áreas do conhecimento tinha sido exigido, bem como o conhecimento da mecânica e uma compleição física perfeita, de visão, audição e equilíbrio. Além disso, não é preciso dizer que pertenciam ao tipo mais ativo e aventureiro, pois nenhum homem comum teria se voluntariado para um projeto tal como o de Volmar. Inumeráveis viagens já tinham sido feitas à Lua e aos planetas próximos, mas antes daquela, exceto por uma viagem a Alfa Centauro feita pela expedição de Allen Farquhar, ninguém desafiara o vazio externo e as constelações.

Volmar e os três que lhe haviam permanecido leais eram do mesmo tipo: homens de devoção religiosa e quase desumana a um ideal, cientistas para quem nada mais importava fora da ciência, que eram capazes de martirizar-se e a outros se isso pudesse provar uma teoria ou contribuir para uma descoberta. E no próprio Volmar havia um espírito de louca aventura, um desejo de pisar aonde nenhum homem jamais estivera, a fria chama de um desejo imperativo da imensidão inexplorada. Os amotinados eram mais humanos, e os anos de estéril confinamento no transporte espacial, entre os terríveis abismos do infinito, longe de tudo o que é a vida das pessoas normais, havia alquebrado sua moral, por fim. Poucos, talvez, teriam suportado tanto quanto eles.

“Uma outra coisa”, a voz fria de Volmar continuou: “Eu os deixarei sem armas, provisões ou tanques de oxigênio. Vocês terão que prover-se por si mesmos... e é claro que é provável que a atmosfera, se alguma houver, se revelará imprópria para a respiração humana. Jasper vai agora atá-los, para que não aconteça mais nenhuma tolice.”

Alton Jasper, um conhecido astrônomo que era o primeiro oficial do transporte, deu um passo à frente e amarrou as mãos dos amotinados por trás deles usando uma corda. Depois eles foram trancados em um apartamento na parte de baixo da embarcação, acima da escotilha de entrada e saída. Este apartamento estava isolado de todos os outros e a escotilha era aberta a partir da ponte de comando, por meio de um aparelho elétrico. Lá os amotinados permaneceram em

escuridão absoluta, exceto quando alguém entrava com uma escassa ração de comida e bebida.

Eras pareceram transcorrer e os três homens abandonaram o esforço de contar o tempo. Falavam pouco, pois nada havia a se dizer a não ser fracasso, desespero e o horrível e desconhecido destino que enfrentariam. Às vezes um deles, particularmente Roverton, tentaria valentemente contar uma piada, mas a risada que respondia era como o último jorro de uma coragem provada além da capacidade humana de resistir.

Um dia ouviram a voz de Volmar que os chamava através de um tubo de comunicação. Estava distante, alta e sem peso, como uma voz de uma altitude sideral.

“Estamos agora nos aproximando de Delta Andromedæ”, a voz anunciou. “Ela tem um sistema planetário, pois dois mundos já foram avistados. Devemos pousar e deixar vocês no mais próximo deles, em cerca de duas horas.”

Os amotinados sentiram certo alívio. Qualquer coisa, mesmo a morte súbita pela inalação de uma atmosfera irrespirável, seria melhor do que o longo confinamento. Estoicamente, como condenados à morte, eles se prepararam para o mergulho fatal no desconhecido.

Os negros minutos se esgotaram e então as luzes elétricas foram acesas. A porta se abriu e Jasper entrou. Ele removeu em silêncio as amarras dos três homens, então se retirou e a porta foi trancada para eles pela última vez.

Eles perceberam, de alguma maneira, que o transporte havia reduzido sua velocidade. Tentaram pôr-se de pé com seus membros enrijecidos e descobriram que era difícil manter o equilíbrio porque tinham se acostumado a uma velocidade de deslocamento muito além da de qualquer corpo cósmico. Então perceberam que a nave tinha parado: houve um súbito salto que jogou-os contra a parede e depois cessou o onipresente zumbido das máquinas. O silêncio era muito estranho porque a vibração dos grandes motores eletromagnéticos tinha sido familiar por tanto tempo quanto a pulsação de seu próprio sangue.

A escotilha se abriu com um guinchar metálico agudo e entrou um brilho suave de luz azul esverdeada. Então veio uma rajada de vento acre e um cheiro carregado do odor indescritível de coisas que não se pareciam com nada da Terra. Os amotinados ouviram mais uma vez a voz de Volmar:

— Saiam vocês, e saiam rápido. Não tenho mais tempo a perder com lixo.

Prendendo a respiração, Roverton se aproximou da escotilha, rastejou através dela e desceu pela escada de aço que ficava do lado externo do transporte. Cada

um dos outros o seguiu por sua vez. Não podiam enxergar muito, porque era aparentemente noite ainda no mundo novo em que eram desembarcados. Eles pareciam suspensos sobre um abismo indefinido e sem fundo, mas ao chegarem ao fim da escada descobriram que havia chão sólido sob seus pés. O ar, embora ardente e desagradável às narinas, era aparentemente respirável. Deram uns poucos cuidadosos passos, permanecendo juntos, em uma superfície que era suave e nivelada sob suas pisadas. E quando ainda tentavam ajustar os seus sentidos às cercanias sombrias viram a forma vaga do transporte começar a se mover e então ouviram o rugido prodigioso de sua subida aos céus.

— Abandonados! — disse Roverton, com uma risada breve — Bem, uma coisa é certa: somos os primeiros amotinados jamais deixados em Andrômeda. Voto por tirarmos o máximo de proveito da experiência. O ar ainda não nos matou, então é evidente que contém uma proporção de hidrogênio e oxigênio não muito diferente da atmosfera da Terra. E com esse ar existe uma boa chance de acharmos vida vegetal, ou até animal, de uma espécie que nos proporcione substâncias comestíveis.

Os três homens olharam em volta, firmando os olhos em um esforço para penetrar a escuridão azul esverdeada. Nenhum deles era sem imaginação, e eles sentiram a tensão de uma estranheza sem paralelo, uma opressiva alienação que atacava os seus nervos com um milhão de coisas amorfas ou não reveladas, nunca antes conhecidas pelo homem. Sua situação era inconcebivelmente desoladora, mas além da desolação parecia latente a abundância multiforme e numerosa da vida extraterrestre. No entanto não podiam ver nada de tangível, exceto umas massas vagas e imóveis que pareciam grandes rochedos. O ar estava um tanto frio e a sua característica acidez se tornava mais perceptível, em unísono com uma escuridão peculiar.

Os céus acima eram tênues e vaporosos, com umas poucas estrelas brilhando palidamente em suas profundezas. Algumas destas estrelas eram momentaneamente obscurecidas e então reveladas, como se houvesse algum tipo de movimento ou mudança no meio que as ocultava. Por toda parte havia o senso de uma distância abismal e incomensurável, e os amotinados tinham consciência de uma vertigem estranha e impressionante, como se o espaço horizontal em todas as direções os pudesse atrair para algum abismo sem fundo.

Roverton deu um passo adiante, em direção a uma das massas que pareciam rochedos, notando cuidadosamente a atração gravitacional exercida pelo chão. Ele não tinha certeza, mas pensou experimentar uma sensação de peso, de dificuldade na locomoção, um pouco mais do que é sentida na terra.

— Eu acho que esse mundo é um pouco maior ou mais pesado que o nosso anunciou.

Os outros o seguiram e perceberam sensações semelhantes. Eles pararam, inseguros, pensando no que fazer a seguir.

— Suponho que o sol vai nascer em algum momento, — observou Deming — Delta Andromedæ é uma estrela considerável, e aparentemente o calor que ela produz é comparável ao do nosso sol. Sem dúvida vai produzir uma iluminação similar. Enquanto isso é melhor nos sentarmos e esperar, se este é um rochedo de verdade.

Ele se sentou na massa escura, que tinha formato quase circular e teria, talvez, dois metros e meio de diâmetro por um de altura, com o topo suavemente arredondado. Os outros o seguiram. O objeto parecia coberto de um tipo de musgo denso, arrepiado e resistente.

— Isto é um luxo! — exclamou Roverton Acho que gostaria de tirar uma soneca.

Nem ele e nem os outros estavam, porém, em um estado que lhes permitisse dormir. Todos estavam incontrolavelmente excitados pela novidade de sua situação e tinham a sensação de uma inquietude terrível, um nervosismo selvagem devido ao choque de serem atirados entre forças atmosféricas e geológicas alienígenas e as emanções magnéticas de um solo nunca pisado por pés humanos. Deste solo mesmo eles nada podiam determinar, exceto que era úmido e aparentemente despido de capim ou outras formas vegetais.

Eles esperaram. A escuridão era como o borbulhar lento duma eternidade fria e esverdeada. Os amotinados tinham relógios, que logicamente haviam ficado sem corda durante seu período de encarceramento. Eles lhes deram corda, puseram-nos a funcionar e ocasionalmente riscavam um fósforo para ver passar o tempo um procedimento cujo absurdo logo perceberam, posto que não havia meios de saber se as vinte e quatro horas do dia terrestre corresponderiam de alguma maneira ao período de rotação daquele novo mundo.

As horas se arrastaram. Eles conversaram com uma loquacidade esporádica, mas febril, em um esforço para vencer o nervosismo de que tinham plena, mas incontrolável, consciência. Homens fortes e maduros como eram, sentiram-se às vezes como crianças sozinhas no escuro, com uma horda de monstruosos terrores cercando-os de todos os lados. Quando o silêncio caía, a informulável estranheza e horror das trevas circundantes parecia chegar mais para perto, e eles não ousavam ficar calados muito tempo. O silêncio dos céus difusos e do chão opaco era opressivo com uma ameaça inimaginável. Uma vez, ouviram um

som distante, como o ranger e estalar de uma engrenagem enferrujada. Ele logo cessou e não se repetiu, mas em intervalos longos havia estrídulos curtos e agudos, como os de insetos, que pareciam vir de mais perto. Eram tão altos e desagradáveis que os dentes dos três homens iam ao limite quando os ouviam.

Subitamente perceberam que a escuridão começava a clarear. Uma cintilação fria rastejou pelo chão e as massas rochosas se definiram mais claramente. A luz era muito peculiar, pois parecia emanar do solo e subir tremulando em ondas visíveis como as do calor. Era levemente iridescente, como o nimbo de uma lua entre nuvens, e, ganhando força, logo pareceu comparável ao luar terrestre em seu poder de iluminação. Abaixo dela o solo exibia uma cor cinza esverdeada e uma consistência que lembrava o barro meio seco. Os lados das formações rochosas eram claramente iluminados, embora seus topos permanecessem na sombra. A substância musgosa que os cobria tinha uma tonalidade púrpura e era muito comprida, rústica e peluda.

Os amotinados ficaram muito perplexos com a luz:

— É algum tipo de radiação? — Perguntou Roverton — É fosforescência? É devida a algum micro-organismo luminoso, um tipo de noctiluca?

Ele desceu e olhou mais de perto as ondas trêmulas de iridescência. Então soltou uma exclamação. A luz, ao subir, parecia cheia de grãos de poeira infinitesimais, que flutuavam a cerca de trinta centímetros do chão em seu voo mais alto. Eles se acumulavam incessantemente até esse nível em abundantes milhões.

— ;Animálculos de alguma espécie. — decidiu Roverton — Evidentemente seus corpos são muito luminescentes, quase dá para ler sob essa luz.

Ele olhou seu relógio e viu que os números eram claramente distinguíveis. Depois de um tempo a estranha luminosidade começou a diminuir e desceu para o solo como ela tinha surgido. A escuridão restabelecida não foi, porém, de grande duração. Logo a paisagem exibiu seus contornos mais uma vez, e desta feita a luz veio de uma maneira normal, como a aurora de uma manhã nublada. Ficou então visível uma planície, com ondulações mal perceptíveis e coberta de dúzias de formações rochosas esféricas, que se perdia na distância por causa dos jatos de vapor agitado que subiam do chão. Uma torrente preguiçosa e plúmbea corria pela planície, a cerca de sessenta metros de onde Roverton e seus companheiros estavam sentados, até se perder na névoa. Logo os vapores, a princípio incolores, se tingiram de cores cada vez mais fortes — rosa, açafrão, amarelo e púrpura — como se uma aurora se erguesse por detrás. Havia uma claridade no centro desta visão prismática, e era óbvio que se tratava do corpo solar, Delta Andromedæ, que subira acima do horizonte. O ar ficou rapidamente

mais quente. Vendo a torrente próxima, os homens todos se lembraram que estavam excessivamente sedentos. A água talvez não fosse potável, mas decidiram arriscar. O líquido era peculiarmente espesso, leitoso e opaco. O gosto era um tanto salobro, mas mesmo assim aliviou sua sede e eles não sentiram efeitos nocivos imediatos.

— Agora o desjejum, se pudermos achar um. — disse Roverton — Não nos falta nada a não ser comida, utensílios e combustível.

— Não acho que encontraremos nada disso ficando onde estamos — observou Adams. De todos os buracos desolados! Vamos!

Começou uma discussão sobre a direção que deveriam tomar. Todos se sentaram de novo em uma das massas musgosas roxas para decidir o problema tão importante. A paisagem era igualmente estéril e assustadora para todos os lados, mas eles por fim concordaram em seguir o fluxo do córrego plúmbeo, que corria para o espetáculo da aurora. Estavam prontos para levantarem-se quando a pedra em que se sentavam pareceu saltar para cima de repente. Adams se viu estatelado no chão, mas os outros dois foram bastante rápidos para salvarem-se do mesmo destino. Assustados, eles saltaram para longe e, olhando para trás, viram que a grande massa tinha se aberto, como se fendida pelo centro, revelando um buraco imenso, bordejado de um material branco que parecia o interior do estômago de um animal. O material tremia incessantemente e um líquido gelatinoso brotava de dentro dele, como saliva ou fluido digestivo.

— Deus do céu! — exclamou Roverton. Quem sonharia com algo parecido? É uma planta, um animal, ou ambos?

Ele se aproximou da massa, que não dava sinais de movimento a não ser o estremecimento. Aparentemente ficava enraizada ou profundamente inserida no chão. Ao se aproximar, a produção do líquido gelatinoso se tornou mais copiosa.

Um estrídulo agudo parecido com os ruídos ouvidos durante a noite se ouviu então. Ao voltar-se, os amotinados viram uma criatura das mais singulares voando em sua direção. Era grande como uma xícara de chá, mas tinha a aparência geral de um inseto em vez de um pássaro. Tinha quatro asas grandes, pontudas e membranosas, um corpo grosso e vermicular, marcado em segmentos, uma cabeça fina com dois apêndices periscópicos pretos em cima, uma dúzia de antenas intrincadas e um bico verde-amarelado que parecia o de um papagaio. Corpo e cabeça eram de um cinza nojento como a cor de um verme. A coisa passou voando por Roverton e pousou na substância que ele estivera examinando. Agachando sobre quatro pernas rudimentares e curtas, ela começou a sugar o fluido com seu bico, batendo as asas enquanto o fazia. O fluido jorrou

como em ondas e as asas e o corpo da criatura logo estavam brilhando daquele lodo. Então ela parou de sugar e sua cabeça afundou no fluido, ela lutou debilmente para se libertar e então ficou imóvel.

— Eca! — disse Deming — Então é isso. Um tipo Andromedano de planta carnívora ou de papa-moscas. Se as moscas são todas assim, precisaremos de raquetes de tênis em vez de mata-moscas.

Enquanto ele falava, mais três das criaturas insetóides voaram em torno deles e começaram a repetir o destino da predecessora. Tão logo elas estavam bem presas a massa peluda começou a se fechar até que o revestimento branco não estava mais discernível. A fenda por onde se abria mal podia ser detectada e a coisa parecia mais uma vez um grande calhau musgoso. Olhando em torno, os amotinados viram que outras tinham se aberto e esperavam por suas vítimas.

— Essas coisas poderiam facilmente devorar a um homem — meditou Roverton — e eu detestaria ser pego numa delas. Vamos sair daqui se houver como.

Ele seguiu o caminho ao longo do córrego preguiçoso. Enquanto seguiam-no, viram muitos mais dos insetos voadores, que não prestaram nenhuma atenção aparente. Depois que já haviam percorrido umas poucas centenas de metros, Roverton praticamente pisou numa criatura negra que parecia uma enorme minhoca e que se afastava rastejando da margem. Teria um metro de comprimento, seus movimentos eram extremamente vagarosos e os homens passaram por ela com um tremido de repulsa, pois a coisa era mais nojenta que uma serpente ou qualquer verme.

— O que é isso?

Roverton tinha parado e estava ouvindo. Os outros também pararam e ouviram atentamente. Todos ouviram o som de golpes abafados, perdidos a uma indeterminada distância na neblina. O som era quase ritmado em sua repetição, mas se interrompia às vezes. Quando parava, havia o som estridente de um coro de pipilados agudos.

— Continuamos? — Roverton tinha baixado a voz, cuidadosamente. Estamos desarmados e só o diabo sabe no que nos meteremos. Podemos encontrar seres inteligentes, mas não há meios de saber previamente se eles serão hostis ou não.

Antes que seus companheiros pudessem responder, a neblina se dissipou e revelou um espetáculo singular. Não mais que uns cem metros córrego abaixo, uma dúzia de seres parecidos com pigmeus, com cerca de meio metro de altura, se reunia em torno de uma das massas roxas. Com instrumentos cuja forma geral sugeria facas e machados eles cortavam o revestimento musgoso e arrancavam

grandes nacos do material carnosos e branco que havia dentro. Mesmo à distância se podia ver que a massa se agitava convulsivamente, como se sentisse os golpes.

Subitamente o corte foi suspenso. Uma vez mais os pipilados se ouviram. Os pigmeus, todos, se voltaram e pareceram olhar na direção de Roverton e seus companheiros. Então o som mudou e ganhou uma nota alta, rascante, como um chamado. Como se o atendessem, três monstruosas criaturas apareceram da neblina. Cada uma teria seis metros de comprimento, e eram todas como lagartos gordos e tinham um número indefinido de pequeninas pernas sobre as quais se arrastavam ou rastejavam com admirável rapidez. Cada uma delas tinha quatro selas de um modelo fantástico, dispostas em intervalos sobre o dorso. Elas se abaixaram, como se ouvissem um comando, e todos os pigmeus montaram com incrível agilidade. Então, ao som de gritos estridentes, a cavalcada extraterrestre avançou contra os viajantes. Não havia tempo para sequer pensar em fugir. A velocidade das criaturas-lagarto era muito mais que a do mais veloz dos corredores: em uns poucos instantes eles alcançaram os três homens, cercaram-nos e os contiveram com seu comprimento mastodôntico. As criaturas eram ao mesmo tempo grotescas e terríveis, com suas cabeças de sapo atarracadas e seus corpos balofos pintados com desenhos sinistros, em azuis pálidos, negros desbotados e amarelos argilosos. Cada uma delas tinha um único e arregalado olho que brilhava com uma fosforescência rubra no meio de sua face. Suas orelhas, ou o que pareciam ser orelhas, caíam ao lado de suas mandíbulas em dobras enrugadas, pendurando-se como barbelas.

Seus ginetes, vistos de perto, eram igualmente bizarros e medonhos. Suas cabeças eram grandes e globulares, eram cíclopes, mas possuíam duas bocas, uma em cada lado de um apêndice como a tromba de um elefante, que ficava dependurada quase até seus pés. Seus braços e pernas eram em quantidade normal, mas pareciam ser muito maleáveis e sem ossos, ou tinham uma estrutura óssea radicalmente diferente da dos vertebrados terrestres. Suas mãos tinham quatro dedos com membranas interdigitais translúcidas. Seus pés também possuíam membranas, mas terminavam em longas garras recurvas. Estavam completamente nus, pareciam ser pelados e sua pele exibía uma palidez de chumbo. As armas que carregavam eram feitas de um metal arroxeadado, de uma cor parecida à do permanganato de potássio. Algumas eram alabardas de cabo curto, outras eram facas em formato de lua crescente, que terminavam em cabos pesados.

—Deus! —gritou Roverton. Se pelo menos nós tivéssemos armas para elefantes ou fuzis automáticos!

— Não acho que encontraremos nada disso ficando onde estamos — observou Adams. De todos os buracos desolados! Vamos!

Os pigmeus tinham parado suas montarias e estavam discutindo excitadamente enquanto olhavam os terráqueos com suas órbitas redondas. Os sons que faziam dificilmente poderiam ser reproduzidos por cordas vocais humanas.

— Mlah! Mlah! Knurhp! Anhkla! Hka! Lkai! Rhpai! — eles gritavam uns para os outros.

— Acho que somos novidade tão grande para eles quanto eles para nós — observou Adams.

Os pigmeus pareceram chegar a uma decisão definida. Eles agitaram suas armas e chilrearam e seus corcéis lagartos se moveram em semicírculo até que todos estavam em uma posição rio acima em relação aos amotinados. Eles avançaram e os pigmeus apontaram para frente com suas facas pesadas e alabardas, como se mandassem os homens a seguirem à frente deles. Não havia nada a fazer senão obedecer, pois as criaturas lagarto, quando se aproximaram, abriram bocas cavernosas cujos dentes pareciam estalactites e estalagmites. Roverton e seus companheiros foram forçados a seguir em um passo de maratona para se manterem adiante deles.

— Estão nos tocando como gado! — berrou Roverton.

Quando se aproximaram da massa coberta de roxo que os pigmeus tinham estado cortando em pedaços, fizeram uma parada e os pedaços cortados foram carregados em grandes cestos, que foram então amarrados às costas dos monstros por meio de um arreio curioso que parecia feito de tripas de animais. Os homens foram mantidos no centro da tropa enquanto tudo acontecia. Não havia fuga possível e eles se resignaram com o máximo de calma científica que podiam ter.

Depois que o carregamento tinha sido terminado, os pigmeus reiniciaram seu avanço pela margem do córrego, empurrando seus cativos consigo. A neblina tinha então começado a subir e desaparecer, e um globo solar amarelo difuso se tornou discernível bem baixo nos céus, sobre um horizonte de serras. O rio mudou abruptamente de curso depois de um quilômetro e meio, mais ou menos, e correu através de uma planície desolada em direção a um grande lago ou mar que preenchia a distância com um semitom de púrpura claro. Ali a tropa abandonou o curso d'água, levando os prisioneiros em direção às montanhas distantes.

A paisagem se tornou ainda mais nua e desértica à medida que Roverton e seus

companheiros corriam desatinadamente diante dos papos arreganhados dos monstros. Não havia mais das massas peludas devoradoras de insetos, nem mesmo os próprios insetos ou outra forma de vida. A planície era como uma vasta várzea de lama primordial ressecada, ou o leito de um oceano evaporado.

A fome e o cansaço atormentavam os homens. Eles eram empurrados sempre adiante a um passo impiedoso e incansável, até que eles ofegaram e seus músculos ficaram endurecidos pela fadiga. Parecia que horas se passavam, mas o sol baço não subia muito acima do horizonte. Ele percorria um arco baixo, como o sol das regiões subpolares. As montanhas não ficavam mais perto, mas se afastavam sob os vastos e vagos céus.

A planície começou, então, a revelar detalhes até então despercebidos. Colinas baixas apareceram, as ondulações se aprofundaram. Ravinas nuas de uma rocha semibasáltica escura e sombria a interrompiam às vezes. Mas ainda não havia sinais de vida, nada de plantas, nada de árvores, nenhuma habitação. Os amotinados se perguntaram, exaustos, aonde eram levados e quando chegariam ao destino buscado por seus captores. Eles tampouco imaginavam como seria quando chegassem.

Então foram levados por uma ravina pela qual corria uma torrente rápida. A ravina se aprofundou e altíssimos rochedos que chegavam a altura de trinta metros ou mais a ladeavam de cada lado. Contornando uma curva fechada, os homens viram diante de si um amplo espaço plano na margem e acima desta um rochedo marcado por várias linhas de bocas de cavernas e pequenos degraus cortados na pedra. Dezenas de pigmeus, do mesmo tipo que os seus captores, estavam reunidos diante das entradas das cavernas inferiores. Um chilrear animado começou entre eles diante da visão da tropa e dos prisioneiros.

— Trogloditas! — exclamou Roverton, sentindo, apesar de sua fadiga, o aguçado interesse de um cientista.

Ele e os seus companheiros foram imediatamente cercados pelos pigmeus, alguns dos quais, a um exame mais detido, pareciam ser de sexo diferente daqueles que haviam encontrado primeiro. Havia também uns poucos jovens, os menores deles não muito maiores que porquinhos da índia.

Os membros da tropa desmontaram e começaram a descarregar os cestos com a ajuda dos outros. As postas da substância branca carnosa foram empilhadas no chão, ao lado de várias grandes lajes chatas de pedra. Quando o descarregamento foi completado, os pigmeus puseram algumas das postas sobre estas lajes e começaram a bater nelas com pesadas mãos de pilão. Eles acenaram aos homens, mandando que fizessem o mesmo.

— Eu acho que a coisa é usada como alimento — concluiu Adams. Talvez seja a fonte de vida entre essas criaturas.

Ele e os outros escolheram seus instrumentos e começaram a bater em uma das lajes. O material foi facilmente reduzido a uma massa cremosa fina. Ela produzia um forte odor, que estava longe de ser desagradável, e apesar de certas lembranças muito repulsivas, os três homens tomaram consciência de que estavam extremamente famintos.

Quando todas as lajes estavam cobertas da massa, os pigmeus começaram a devorá-la sem mais formalidades, usando não apenas suas mãos membranosas, mas também suas trombas preênses para levar a comida até suas duas bocas. Eles acenaram aos homens que eles poderiam fazer o mesmo.

A pasta tinha um sabor salino e lembrava vagamente uma mistura de peixe marinho com alguma raiz vegetal nutritiva. Era bastante palatável de um modo geral, e serviu muito bem para aliviar as agonias da fome de uma maneira bem satisfatória. Ao fim da refeição foi trazido um tipo de bebida fermentada de cor amarelo-esverdeada e muito acre, mas toa a fadiga desapareceu depois de uns poucos goles e os amotinados foram capazes de analisar sua situação com renovadas esperança e coragem.

Muitas horas foram então empregadas socando o resto das postas. A massa foi armazenada em urnas de boca larga e estas foram levadas para as cavernas inferiores. Roverton e seus camaradas foram alistados para ajudar nessa tarefa. As cavernas eram muito baixas para permitir que ficassem de pé, e eram muito escuras e sombrias, com muitas ramificações de comprimentos irregulares. Os móveis eram bastante primitivos, como era de se esperar, ainda que houvesse uma bem vinda medida de limpeza. As cavernas estavam cheias de um odor defumado e em uma delas havia um pouco de fogo queimando. O combustível parecia um pouco com turfa. Havia assentos pequenos, cobertos de um couro sem pelos, provavelmente de criaturas parecidas com as coisas-lagarto.

O sol baixo já tinha se escondido atrás dos rochedos quando a última urna foi levada para dentro das cavernas. Um crepúsculo frio e verde se formou pelos cursos verdes, engrossado por vapores diáfanos que subiam. Os monstros lagarto foram conduzidos para uma caverna maior que as outras, que ficava separada a uma boa distância. Obviamente ela servia como estábulo. Então os pigmeus se retiraram para as suas cavernas, em grupos de dois ou três, depois de indicarem uma gruta que os homens deveriam ocupar. Quatro pigmeus, armados com suas estranhas alabardas e facas pesadas, ficaram de guarda à entrada.

A escuridão entrou na gruta como uma preamar de ondas silenciosas e discretas.

Com sua vinda, profunda letargia subjugou aos homens — uma reação a toda a tensão, esforço e dureza que tinham suportado, cobradas por todas as impressões novas de coisas extraterrestres que seus nervos tinham aguentado. Eles se esticaram no chão, usando como travesseiros os pequenos assentos junto às paredes. Em poucos minutos estavam dormindo.

Despertaram com o som de uma miríade de pios e rangidos do lado de fora da caverna, na pálida neblina da manhã.

— Parece uma conferência — concluiu Roverton, ao se arrastar para a entrada.

Olhando fora, ele viu que mais de uma centena de pigmeus, metade dos quais deveriam ter chegado de alguma outra comunidade, se reunia na margem do riacho e se dedicava a um debate acalorado. Todos ficavam olhando com suas órbitas redondas em direção à caverna ocupada pelos amotinados. Suas palavras, expressões e gestos eram tão remotos em relação a qualquer coisa familiar à humanidade que era impossível adivinhar o rumo ou o teor do debate, ou saber se a decisão a que estavam chegando era amistosa ou não.

— Eles me apavoram — disse Deming. Não sabemos se vão nos comer ou nos fazer seus deuses tribais.

Aparentemente, a uma voz de comando, os guardas se aproximaram da boca da caverna e sinalizaram aos homens que saíssem. Eles obedeceram. Bandejas cheias da pasta branca e copos de uma bebida negra e doce foram postos diante deles e enquanto comiam e bebiam toda a assembleia os olhava em silêncio. Parecia ter havido algum tipo de mudança na atitude dos pigmeus, mas a natureza desta, ou o que poderia implicar, estava além do entendimento. Todo o procedimento era extremamente misterioso e tinha quase o ar de algum sacramento sinistro. A bebida negra deveria ser um pouco narcótica, pois os homens começaram a se sentir como se tivessem sido dopados. Houve um ligeiro amortecimento de seus sentidos, embora seus centros cerebrais permanecessem alertas.

— Não gosto disso — murmurou Roverton.

Ele e os demais sentiam uma crescente inquietação, para a qual não podiam indicar nenhuma razão determinada. E eles não se sentiram nada tranquilizados quando os três monstros-lagartos, seguidos de mais dois parecidos, reapareceram junto à margem da córrego. Todos eram montados por pigmeus armados que, quando chegaram perto, sinalizaram que os homens deveriam precedê-los em sua marcha. Os amotinados começaram a andar vale abaixo, com os guardas montados e toda a assembleia os seguindo.

Logo a margem ficou mais estreita e os paredões mais íngremes. O chão se limitou a uma trilha de menos de metro de largura, ao lado da qual as águas fluíam com sombria veemência em uma série de corredeiras mordidas por espuma amarela. Passando por uma curva na parede, os homens viram que a margem terminava em uma grande boca de caverna. Adiante os rochedos se erguiam perpendicularmente da torrente.

Os três hesitaram ao aproximar-se da caverna. Qual seria seu destino eles nem podiam conjecturar, mas a sensação de alarme e inquietação aumentou. Olharam para trás e viram que a coisa lagarto mais adiantada estava bem perto deles, arreganhando a boca mais horivelmente que a caverna escura. Pensaram em pular na torrente, mas a correnteza estava cheia de rochas afiadas e um troar além dos rochedos sugeria a proximidade de uma catarata. As paredes acima do caminho eram impossíveis de escalar, então eles entraram na caverna.

O lugar era bastante espaçoso em comparação com as cavernas habitadas pelos pigmeus e os homens não foram forçados a curvar-se em momento algum. Mas, cegos pela luz do dia que haviam deixado, tropeçaram em pedras e bateram contra as paredes tortuosas enquanto tateavam na escuridão completa. Um jato de ar frio e fétido surgiu como um vento subterrâneo do coração da caverna e um dos monstros estava respirando nos seus calcanhares. Não podiam ver nada, ter certeza de coisa alguma, mas eram forçados a continuar, sem saber se o passo seguinte os atiraria em algum buraco terrível ou abismo sem fundo. Uma sensação de grave ameaça e de horror sobre-humano logo cresceu neles.

— Este lugar é escuro como a carvoaria do Hades — brincou Roverton. Os outros riram bravamente, mas seus nervos estavam no limite devido à sinistra expectativa e à incerteza.

A corrente de ar empestado e mefítico ficou mais forte. O cheiro de águas estagnadas e sem sol que ficavam em alguma profundidade imperscrutável, mesclado pelas narinas dos homens a um fedor nauseante como o de catacumbas infestadas de morcegos ou tocas de animais imundos.

— Eca! — resmungou Deming — Isso é pior que gorgonzola e tripas de raposa juntos.

O chão da caverna começou a se inclinar para baixo. Passo a passo o declive aumentou como um alçapão infernal, até que os amotinados mal podiam ficar de pé no escuro.

Remoto e discreto, como uma pequena mancha fosforescente, uma luz amanheceu nas profundezas. As paredes da caverna, dolorosamente caneladas e

arqueadas, ficaram então discerníveis. A luz ficou mais forte à medida que os homens continuaram, e logo estava ao redor deles, derramando raios azuis-claros de uma fonte subterrânea indistinta.

O declive terminou abruptamente e chegaram a uma vasta câmara cheia da estranha radiância, que parecia emanar do teto e das paredes, como um tipo de radioatividade. Estavam em uma elevação semicircular e perceberam, após cruzá-la, que ela terminava num corte e havia uma queda livre de mais ou menos quinze metros até uma grande lagoa no centro da câmara. Havia saliências no lado oposto da caverna que ficavam à mesma altura daquela em que estavam, e havia cavernas menores que partiam destas. Mas parecia que nenhuma das cavernas poderia ser atingida a partir da saliência em que terminara a descida. Separando-as, havia paredes perpendiculares que não permitiam nem por um momento que se apoiasse um pé em lugar algum.

Os três homens ficaram de pé à beira da lagoa e olharam em torno. Podiam ouvir o barulho do primeiro monstro-lagarto ainda na descida e podiam ver o brilho maligno de seu único olho enquanto ele avançava.

— Isto parece a última folha do último capítulo.

Roverton estava então olhando para baixo em direção à lagoa. Os outros seguiam seu olhar. As águas eram foscas, imóveis, escuras e não reluziam com o brilho azulado das paredes da caverna. Eram como algo que ficara dormindo ou morto por milhares de anos e o fedor que subia delas sugeria eras de lenta putrefação.

— Bom Deus! O que é aquilo?

Roverton notara uma mudança nas águas, um brilho curioso que vinha debaixo da superfície, como se uma lua afogada estivesse nascendo delas. Então a calma morta da lagoa foi rompida por um milhão de ondulações e uma vasta cabeça, gotejando com uma luminosidade nojenta, emergiu das águas. A coisa teria dois metros ou mais de largura, era horivelmente arredondada e amorfa e parecia consistir principalmente de bocas arreganhadas e olhos arregalados, tudo costurado em um louco caos de malignidade e horror. Havia pelo menos cinco bocas, cada uma delas bastante grande para devorar um homem em uma bocada só. Eram desdentadas e elásticas. Distribuídos entre elas, os olhos ardiam como brasas satânicas.

Um dos monstros-lagarto tinha rastejado até a beira. Dúzias de pigmeus estavam reunidos ao lado e além, e alguns deles avançaram até onde estavam os homens. Eles olharam para a coisa medonha na lagoa e fizeram gestos desajeitados e genuflexões com suas cabeças, mãos e trombas, como se a estivessem invocando

ou adorando. Suas vozes agudas se ergueram em um cantochão ondulante.

Os homens ficaram quase estupefatos de horror. A criatura no abismo era além de qualquer coisa das lendas e pesadelos terrestres. E os ritos do culto oferecido pelos pigmeus eram incrivelmente revoltantes.

— A Coisa é seu deus! — gritou Roverton — E eles vão nos oferecer em sacrifício!

A borda não estava tomada pelos pigmeus e o monstro lagarto tinha avançado até que os três homens não tinham mais espaço do que o suficiente para ficarem de pé na beira do precipício, sobre um arco em lua crescente formado por seu corpo.

A cerimônia executada pelos pigmeus chegou ao fim, suas genuflexões e cantorias cessaram e todos voltaram seus olhos para os amotinados em uma contemplação simultânea e atenta. Os quatro que montavam a criatura lagarto exprimiram em uníssono uma simples palavra de comando:

— Ptrahsai!

O monstro abriu sua bocarra e avançou com a mandíbula pendente. Seus horrendos dentes eram uma grade em movimento, seu hálito um vento fedido. Não havia tempo para o terror e nenhuma chance de resistir: os homens cambalearam e escorregaram na borda estreita e caíram simultaneamente no vazio. Na queda, Roverton agarrou automaticamente o mais próximo dos pigmeus, segurou a criatura pela sua tromba e a trouxe consigo enquanto caía pelo ar. Ele e os companheiros mergulharam na lagoa levantando muita água e afundaram até bem abaixo da superfície. Com uma coordenada presença de espírito eles todos se aproximaram o mais perto que puderam da parede da caverna e começaram a procurar onde se apoiar. Roverton não soltara seu pigmeu. A criatura ganiu ferozmente quando sua cabeça surgiu acima da água e tentou arranhá-lo com suas longas unhas dos pés.

O precipício era liso e íngreme a partir da beira d'água, sem nenhuma reentrância visível. Os homens nadaram desesperadamente em volta, buscando uma abertura ou uma beirada. A coisa com bocas e olhos começara a se mover em sua direção e eles se sentiam nauseados de terror e repulsa ao verem-na flutuar fosforescente. Havia uma deliberação maldita, uma vagarosidade apavorante em seu movimento, como se soubesse que não havia por onde suas vítimas pudessem fugir ao arreganhamento elástico daquelas cinco abomináveis bocas. Ela se aproximou, até que a parede da caverna junto aos nadadores ficou brilhante com refulgência vil da cabeça pendente. Eles podiam ver abaixo e

além da cabeça o brilho distorcido de um longo e amorfo corpo submerso nos abismos negros da lagoa.

Roverton era o que estava mais perto do monstro quando ele se aproximou. Seus olhos malignamente arregalados estavam totalmente voltados para ele e sua boca mais protuberante se abria mais largamente e babava uma gosma execrável. Logo ela estava ao seu lado e ele podia sentir a inexprimível corrupção de seu hálito. Foi empurrado para a parede da caverna e, conseguindo se estabilizar por um momento, empurrou o pigmeu em direção à boca que se aproximava. O pigmeu berrou e lutou em um estado frenético de medo até que os horríveis lábios babosos se fechassem sobre ele. O monstro pausou, como se seu apetite e sua curiosidade se tivessem aplacado por ora e os três homens tiraram vantagem disso para continuar sua exploração da parede.

Subitamente eles perceberam uma abertura baixa no rochedo liso, de onde as águas fluíam com um borbulhar silencioso. A abertura era estreita e seu teto deveria estar bem menos de meio metro acima da superfície. Ela poderia ou não oferecer uma fuga da lagoa, mas não fora possível detectar outra saída. Sem hesitação Adams nadou para dentro da abertura e os outros o seguiram.

As águas abaixo ainda eram profundas e eles não tocaram o fundo em lugar algum. As paredes da caverna menor eram luminosas no começo, mas a luminosidade logo cessou e ficaram em absoluta escuridão. Nadando em frente, não podiam mais sequer avaliar a altura da bolsa de ar acima. Nunca, porém, se sentiram compelidos a mergulhar sob a superfície e logo descobriram que a caverna se alargara o bastante para permitir que nadassem lado a lado. Também perceberam que tinham sido tomados pelo fluxo de uma torrente que se intensificava e que os levava a uma velocidade considerável. Como não havia sinal de perseguição pelo monstro da lagoa, os homens começaram a sentir um leve reavivamento da esperança. Claro que a corrente poderia carregá-los para as entranhas daquele terrível muito transestelar ou poderia atirá-los a qualquer momento em um abismo medonho, ou o teto poderia abaixar e amassá-los sob a força das fétidas águas. Mas mesmo assim eles sentiam que havia uma chance de emergirem ao final, e quase qualquer coisa seria melhor do que a proximidade do monstro luminoso de hálito mefítico e numerosos olhos e bocas. Provavelmente a caverna em que nadavam então era estreita demais para permitir a entrada de sua massa nojenta.

Por quanto tempo flutuaram na acelerada corrente, era impossível que soubessem. Tudo que podiam saber era que não havia mudança em sua situação, nem podiam estimar o quanto haviam penetrado naquele mundo subterrâneo. A

escuridão pesava sobre eles, parecendo não ser menos opaca e densa que a água e as paredes da caverna. Eles se resignaram com a progressão no escuro da corrente, economizando suas forças o quanto podiam, para qualquer emergência futura que pudesse aparecer.

Por fim, quando parecia que estavam irrecuperavelmente perdidos nas sólidas trevas abissais, quando seus olhos já haviam esquecido a própria lembrança da luz, a escuridão diante deles foi penetrada por um pontinho de luz. A luz cresceu devagar, irregularmente, mas por um momento tiveram dúvida de sua natureza, sem saber se estavam se aproximando de outra câmara fosforescente ou da verdadeira luz do dia. Mesmo assim eles ficaram gratos por seu ralo brilho. A corrente se tornara ainda mais veloz e agitada, com trechos de corredeiras entre rochas pelos quais a descida era impetuosa e arriscada. Mais de uma vez foram quase jogados contra as escuras e ásperas massas que se erguiam em torno de si.

De repente a corrente se acalmou e as corredeiras fervilhantes morreram em uma lagoa ampla sobre a qual a altura de um domo de caverna era discernível. A luz se derramava em um jorro de radiância pálida através da lagoa, vinda de onde evidentemente estava a boca da caverna, e além desta uma larga lâmina de água iluminada pelo sol se estendia e se perdia na distância luminosa.

Os três subitamente tomaram consciência de uma fadiga arrasadora e persistente, uma reação irresistível a todo o perigo e sofrimentos por que tinham passado. Mas a perspectiva de emergir desse submundo de horrores misteriosos fê-los reunir as forças restantes dos membros encharcados, nadarem em direção à boca da caverna e flutuarem através de sua abertura negra rumo ao brilho prateado de um grande lago. Este era, provavelmente, o mesmo visto no dia anterior. Sua aparência era inefavelmente estranha e desolada. Altos rochedos com muitos contrafortes e chaminés se erguiam acima da caverna de que tinham emergido e se estendiam de ambos os lados em linhas descendentes até sumirem em grandes vargens de pântanos e areias. Não havia nenhum sinal de vegetação em lugar algum — nada senão a pedra nodosa dos rochedos, a lama cinzenta das charnecas e as águas mortas e desbotadas. A princípio, os homens pensaram que não havia nenhum tipo de vida. Nadaram ao longo do rochedo, buscando lugar para pisar. As vargens de pântanos e areias pareciam a quilômetros de distância e o progresso no lago preguiçoso era excruciantemente lento e tedioso. Sentiam-se como se as águas estéreis e estranhas os tivessem empapado até os ossos e uma inércia mortal os subjugava e dopava seus sentidos até tudo se confundir em uma mancha monótona e vaga. Estavam exaustos demais para falar, até para pensar. Confusa e desesperadamente, bracejaram rumo à meta sempre recuada de uma margem distante. De algum modo, perceberam que uma sombra recaía

sobre si, rompendo o brilho difuso do sol perdido na neblina. Estavam cansados demais para olhar para cima, ou mesmo especular a origem da sombra. Então ouviram um berro ríspido e trepidante e um bater como de asas rígidas e enormes, e algo mergulhou em sua direção e pairou sobre eles. Virando suas cabeças na água, os três homens viram uma coisa incrível. A coisa que lhes sombreava era uma criatura alada gigantesca com asas ossudas de couro que teriam pelo menos quinze metros de ponta a ponta. Lembrava aquele monstro voador pré-histórico, o pterodátilo, mas também um pelicano, porque abaixo de seu bico de dois metros havia um papo prodigioso. Mal podendo crer nos seus olhos, os nadadores contemplaram a aparição que pairava sobre si. Ela os vigiava com olhos malévolos e ardentes, grandes como pratos, e então, com horrível agilidade, ela desceu. Adams, que estava mais perto, sentiu o grande bico se fechar sobre si e erguê-lo da água, e antes que pudesse entender o que estava acontecendo ele se achou no seu papo. Deming foi capturado e posto ao seu lado um momento depois e Roverton, que tinha instintivamente mergulhado abaixo da superfície, foi buscado e arrastado pelo bico pescador como se fosse um linguado e se juntou aos outros dois.

Inteiramente atordoados, tatearem na fétida escuridão do papo e foram derrubados, prostrados e amontoados enquanto o monstro arremetia rumo aos céus. Havia coisas parecidas com enguias retorcendo-se sob seus pés e respiravam uma mescla de fedores sufocantes. Nada podiam ver, mas a escuridão em que jaziam não era um negrume absoluto, pois as paredes do papo eram bastante transparentes para que a luz criasse uma penumbra sangrenta. Podiam ouvir alto o bater das asas de couro, sentir o palpitar ritmado de sua vibração e, enquanto tentavam se habituar à peculiar situação, tiveram a impressão de que eram levados em um voo vertiginoso, a uma grande altitude. Roverton foi o primeiro a falar.

— Dentre todos os improváveis desdobramentos, nenhum autor de ficção ousaria imaginar isso! Suponho que a criatura tem um ninho em algum lugar e nos está levando para casa a fim de dar de comer aos filhotes ou ao parceiro.

— Ou tento capturado um suprimento de carne viva, está indo a algum lugar seguro para ingerir suas vitaminas — sugeriu Adams.

Um riso tímido respondeu a piada.

Bem, — adicionou Deming — de qualquer forma, estamos ganhando uma carona grátis, pelo menos uma vez não temos que andar, correr ou nadar.

O tempo passou de uma forma duvidosa e confusa. O bater das asas tinha diminuído até se tornar um leve sibilado tal como no voo sem esforço de um

imenso abutre ou ave de rapina. Ainda havia, porém, a sensação de prodigiosa velocidade, de horizontes e horizontes deixados para trás, de planícies e águas e montanhas desaparecendo em uma rápida sucessão.

Os homens ficaram enjoados e tontos com o ar nocivo de sua prisão, recaíram em períodos de semiconsciência de que acordavam assustados. No novo horror de sua posição eles quase perderam a noção de identidade, como se fossem parte de um pesadelo monstruoso ou alucinação.

Depois de um tempo indeterminado, sentiram uma desaceleração do voo e ouviram outra vez os atordoantes estalos daquelas grandes asas, à medida que o pássaro mergulhava em direção ao chão. Parecia descer de altura superior à dos Alpes, com tremenda velocidade.

Então a descida foi interrompida com um movimento abrupto, como a parada de um elevador. A um súbito jorro de luz no interior do papo, Roverton e os seus companheiros perceberam que a criatura tinha aberto o bico como se fosse capturar algo. Então, com um grito rouco e ensurdecedor, começou a se agitar em uma estupenda convulsão, atirando os homens violentamente de um lado para outro dentro do papo flácido. Era impossível imaginar o que acontecia, toda a circunstância era supremamente misteriosa e assustadora.

Adams e Deming foram praticamente nocauteados pela sacudida que levaram e Roverton foi o único que conseguiu reter alguma coisa de sua consciência. Ele compreendeu que o pássaro estava envolvido em algum tipo de briga ou combate. Depois de um breve intervalo, os seus esforços ficaram menos agitados e menos fortes, e por fim, com berro diabólico e rouco, ele pareceu cair e ficar imóvel, a não ser por estremecimentos ocasionais que se sentiam no corpo e no pescoço, com o qual se comunicava o papo. Esses estremecimentos diminuía em força e frequência. O pássaro estava então caído de lado, e entrava luz no papo diretamente através de seu bico arreganhado.

Certificando-se de que os seus companheiros já haviam recuperado os sentidos, Roverton se arrastou na direção da luz. Os outros o seguiram. Retorcendo-se através da boca babosa, onde gotejava um fluido parecido com sangue, Roverton conseguiu ficar de pé, ainda tonto, e olhar em volta.

O cenário no qual emergiu era mais louco e selvagem do que as esquisitices de um delírio febril. Por um instante ele pensou que as coisas ao seu redor eram o produto de alguma alucinação, fruto de seu cérebro e nervos superexcitados. O monstro voador estava estendido no chão e envolto, desde a cabeça até a cauda, nos rolos de algo que Roverton só pode designar como uma anaconda vegetal. Os rolos eram verde claros com manchas irregulares violáceas e marrons e

pareciam ter dezenas de metros e comprimento. Terminavam em três cabeças cobertas de bocas como as ventosas de um polvo. Os rolos tinham envolvido o pássaro muitas vezes e evidentemente possuíam um poder constritivo enorme, pois tinham se apertado sobre sua presa de tal forma que corpo se deformava entre eles em rugas e protuberâncias nojentas. Estavam visivelmente enraizadas em um solo negro, de aparência viscosa e eram inchados na base como o tronco de uma árvore antiga. As três cabeças tinham se fixado às costas de sua vítima prostrada e estavam obviamente extraindo nutrientes dela através de suas inúmeras ventosas.

Em torno do pássaro, nos vapores ferventes que subiam do chão como uma fumaça, jaziam as copas que balançavam e os troncos que se retorciam, galhos e antenas de uma mistura de formas vegetais meio ofídicas ou animalescas. Variavam em tamanho de videiras que não eram maiores que cobras corais até bulbos amorfos com centenas de tentáculos que se retorciam, grandes como o mitológico *kraken*. Não eram menos diversas que as várias espécies de plantas de uma selva terrena, e todas estavam horripelantemente vivas. Muitas eram isentas de qualquer coisa que lembrasse folhas, mas outras tinham copas que pareciam dedos ou um tipo de folhagem que sugeria uma rede de cordas cabeludas e que sem dúvida serviam ao mesmo propósito de teias de aranhas, pois em algumas dessas redes estranhos insetos e mal-afortunados pássaros tinham sido capturados. Outras árvores davam intumescidos frutos ovais ou globulares e tinham flores de aparência carnosa que podiam se fechar como bocas sobre suas presas. Acima delas, além dos vapores fumegantes, um sol inchado e quente ardia desde uma altitude quase vertical. Roverton compreendeu que o monstro-pássaro, voando a muitas centenas de quilômetros por hora, devia tê-los levado a uma zona subtropical do mundo em que estavam abandonados.

Adams e Deming tinham já se esgueirado para fora e estavam de pé ao lado de Roverton. Por um momento nenhum dos três pôde pronunciar uma palavra, na profunda estupefação com que contemplavam as cercanias. Instintivamente todos procuravam uma trilha de escape entre as fileiras de monstruosidade vegetal que os cercavam de todos os lados. Mas não havia nenhuma interrupção em qualquer direção, só uma infinita contorção de coisas que eram claramente venenosas, maléficas e inimigas. E, de certo modo, sentiam que aquelas entidades-planta tinham consciência de sua presença, que os observavam com atenção e que, de uma maneira não reconhecível pelos sentidos humanos, estavam mesmo discutindo ou debatendo a respeito deles.

Adams se aventurou a dar um passo à frente. Instantaneamente um longo tentáculo saltou de uma das formas titânicas mais próximas e o envolveu.

Lutando e gritando, ele foi arrastando até a grande massa escura de onde os tentáculos emanavam. Havia lá uma boca aberta como uma grande taça vermelha, de quase um metro de largura, bem no centro desta massa e, antes que seus companheiros sequer pudessem mover-se, Adams foi atirado dentro da abertura que, então, se fechou sobre ele como a boca de um saco amarrado. Roverton e Deming foram petrificados pelo horror, mas antes que eles pudessem sequer pensar em se mover de onde estavam, mais dois tentáculos saltaram e os agarraram pela altura da cintura. Estavam presos com a firmeza de um cabo de aço e ambos sentiam uma espécie de choque elétrico ao contato — um choque que servia para atordoá-los ainda mais. Quase desmaiando, foram erguidos pelas horríveis gavinhas.

Nada mais aconteceu por um breve intervalo de tempo. A estranheza incompreensível de sua situação, as inúmeras fadigas e provas do dia, juntamente com os choques daquelas gavinhas, tinham atordoado os dois homens de tal forma que eles mal podiam entender o fim de seu companheiro ou a iminência do seu próprio fim.

Tudo ficou irreal, nebuloso, onírico. Então, através da vaguidão que envolvera seus sentidos, viram que a massa escura no meio dos tentáculos estava começando a se mexer e a agitar-se. Logo a agitação se tornou uma convulsão que ficou mais e mais violenta. Roverton e Deming caíram ao chão quando as gavinhas afrouxaram e viram o chicotear de uma dúzia de tentáculos no ar acima deles, balançando de um lado a outro sobre a agitada massa central. Então, de dentro desta massa, o corpo de Adams foi ejetado, caindo ao lado de Roverton e Deming. Obviamente, a carne humana não tinha combinado com a digestão do monstro vegetal andromedano. A massa continuou a balançar e palpitar e os seus muitos braços acenavam pelo ar numa forma de agonia.

Os dois não ousaram olhar para o corpo de seu bravo camarada. Enojados e totalmente esgotados pelo cansaço e pelo horror, eles se prostraram no chão. Depois de um momento, sentiram os tentáculos os envolverem mais uma vez, mas não foram levados à boca central, mas carregados e arrastados em direção ao emaranhado de formas alienígenas além do *kraken* vegetal. De lá eles foram capturados pelos membros serpentinos de outras plantas vivas e levados adiante através da selva.

Eles tinham vaga noção de muitos tipos de bocas que se arreganhavam ou mordiam o ar ao seu lado, sentiam os brotos que oscilavam como antenas e tateavam, viram galhos pendentes armados de espinhos como dardos, viram flores vermelhas de metro e meio de largura, com línguas fendidas de que

pingava um mel venenoso. E em tudo em volta ouviam o gemido ou os gritos ou os chiados de animais capturados pelas plantas demoníacas, e viam as bocas arreganhadas que devoravam os corpos de suas vítimas, ou as ventosas que se fechavam sobre eles como os lábios de vampiros. Mas entre esses terrores de uma flora transestelar os homens passaram intocados e sem feridas e foram arrastados de gavinha em galho, de rede a flor, através dos bosques inimagináveis. Era como se todas estas coisas carnívoras e mortais tivessem sido advertidas de sua natureza não comestível e os estivessem jogando fora.

Por fim, a luz ficou mais forte e os homens perceberam que se aproximavam da beira da selva. A última das plantas monstruosas lhes deu um impulso veemente com seus grandes braços e o solo fumegante de uma planície sem árvores moveu-se e rodopiou diante deles enquanto caíam inconscientes sob a luz do sol.

Roverton foi o primeiro a recobrar seus sentidos. Sentindo-se muito fraco e tonto, com os pensamentos e a visão turvados, tentou se sentar e caiu de costas, desamparado. Então, quando seus olhos e mente começaram a clarear, um pouco de força lhe voltou e um segundo esforço foi mais bem sucedido. Seu primeiro pensamento foi no seu camarada, a quem procurou, então. Deming ainda estava onde caíra, em uma posição prostrada e espichada no chão.

Muitas horas deviam já ter passado, pois o sol estava então pouco acima da borda da planície e as altas colunas de vapores estavam tingidas como as chamas de uma aurora. O próprio solo, úmido e brilhante, ganhara os reflexos de tons prismáticos. Ao se virar, Roverton viu atrás de si, a uma pequena distância, a temível selva de onde ele e Deming tinham sido tão sumariamente ejetados pelas plantas carnívoras. A selva estava comparativamente quita naquele momento, mas os seus galhos e bulbos ainda oscilavam um pouco, e um som baixo e sibilado surgia de dentro dela, como o chiado de um exército de serpentes.

Roverton conseguiu se pôr de pé. Ainda cambaleava como um paciente febril e mal podia evitar cair. Sua boca estava ressequida e queimava com uma sede avassaladora e sua cabeça ribombava como um tambor. Vendo uma poça de água não muito longe, andou em sua direção, mas foi forçado a terminar a jornada de quatro. Bebeu se sentiu maravilhosamente refrescado pelo fluido escuro e amargo. Enchendo seu boné (que conseguira reter, apesar das vicissitudes dos dois dias anteriores), voltou ao seu companheiro, conseguindo então andar de pé, e espargiu um pouco da água em seu rosto. Deming se mexeu e abriu os olhos e logo pôde beber o resto do conteúdo do boné e então teve sucesso em também ficar de pé e dar uns passos.

— Bem, qual é a atração seguinte no programa? — ele perguntou. Sua voz estava estridente e instável, mas ainda indomavelmente corajosa.

— Não tenho ideia — deu de ombros Roverton — mas eu voto por nos afastarmos o mais que pudermos dessa selva bestial.

Nem ele e nem Deming suportavam pensar no destino de Adams, ou nas coisas abomináveis que tinham visto, ouvido e sentido. Toda a experiência fora insuportável aos nervos humanos e a repulsa os enojava sempre que a lembrança subia dos limites da consciência. Resolutamente eles deram as costas à floresta carnívora e claudicaram em direção ao horizonte difuso e fumegante enfeitado por um esplendor de arco íris.

A paisagem pela qual eles então caminhavam era como o fundo de um oceano recentemente evaporado. Era uma grande planície de lama fedida, de uma consistência peculiar, que cedia sob seus pés mais ou menos como borracha ou algum tipo de tecido resistente, sem se romper. A sensação propiciada por pisá-la era incômoda e desconcertante. A cada passo, esperavam afundar em algum brejo ou areia movediça. Mas compreenderam porque não tinham sofrido nenhuma contusão ou fratura quando as árvores vivas os haviam atirado com tão irresistível violência.

Havia muitas poças de água na planície e, pelo menos uma vez, os homens foram compelidos a desviar de seu curso por um lago estreito e tortuoso. O aspecto da lama resistente era indescritivelmente monótono e não era aliviado por nenhuma vegetação ou extrusão mineral. Mas de alguma forma ele não parecia morto, mas dava a sensação de uma vitalidade adormecida, como se possuísse uma vida própria, obscura e secreta.

Os vapores partiram diante dos raios oblíquos do sol. Não muito à frente Roverton e Deming então perceberam uma elevação baixa em formato de mesa. Mesmo à primeira vista ela parecia uma ilha, e à medida que os homens se aproximaram, as características que revelou indicaram que realmente tinha sido uma. Havia marcas de ondas no solo em torno da base e, em contraste com a total esterilidade da planície, havia rochedos e formas arbóreas nas suas costas onduladas, e também eram visíveis no topo várias muralhas e monólitos arruinados, de uma arquitetura extraterrestre.

— Agora um pouco de arqueologia andromedana — comentou Roverton, apontando para as ruínas.

— Sem mencionar um pouco mais de botânica — adicionou Deming.

Ambos olharam para as árvores e plantas mais próximas com cuidado

considerável e grande excitação. Elas eram de tipos similares às monstruosidades da selva, mas eram bem mais esparsas e falhadas, e havia algum outro tipo de diferença. Quando Deming e Roverton se aproximaram delas a natureza da diferença ficou manifesta. Os galhos ofídicos chegavam até o chão e se deitavam sobre ele, mas estavam estranhamente imóveis e sem ação. Vistos mais de perto, estavam murchos e mumificados. Ficou evidente aos cientistas que aquelas árvores estavam mortas há muito tempo.

Não sem repulsa, Roverton quebrou a ponta de um dos tentáculos pendentes. Ele se partiu facilmente e ele descobriu que se desfazia em uma poeira fina entre seus dedos. Vendo que nada havia a temer, ele e Deming começaram a escalar a colina em direção às fantásticas ruínas.

O solo da colina, um tipo de greda cinza e roxa, era firme sob seus pés. Eles chegaram ao cume quando o sol começava a desaparecer por detrás da distante linha dos rochedos que se erguiam da planície como as cordilheiras costeiras de um continente.

Cercadas por carreiras das plantas monstruosas mortas, erguiam-se bem no centro do cume as ruínas que Roverton e Deming tinham vislumbrado desde embaixo. Elas brilhavam à luz com um lustro mortiço e pareciam feitas de algum tipo de pedra estranha, que era fortemente impregnada de metal. Eram aparentemente os restos de vários imensos edifícios e tinham as marcas de algum tremendo cataclismo que levava embora suas superestruturas e até mesmo boa parte dos pisos e fundações. Uma das paredes conservava uma porta que era curiosamente alta e estreita, e mais larga no topo do que embaixo. Havia, também, umas janelas extravagantes bem perto do chão. Os homens se perguntaram quais seriam as características físicas da raça que erguera tais edifícios. Do ponto de vista humano, tudo a respeito daquelas ruínas era arquiteturalmente anômalo.

Roverton se aproximou de um dos monólitos. Tinha uma forma quadrada, uns doze metros de altura por dois de diâmetro e havia sido claramente mais alto um dia, pois o topo estava rachado e irregular onde teria sido quebrado bruscamente. Era esculpido no mesmo material das paredes. Uma série de baixos-relevos intercalados a colunas de letras hieroglíficas tinha sido gravada junto à base. Os baixos-relevos representavam seres de um tipo curioso, com longos troncos finos que terminavam em cada lado com uma multidão de membros com muitas juntas. As cabeças desses seres, ou o que parecia serem suas cabeças, estavam na extremidade inferior dos troncos e tinham duas bocas que se localizavam acima de uma fileira dupla de olhos. Apêndices parecidos com orelhas pendiam das

bochechas. Os membros inferiores terminavam em garras como de aves e os superiores, em amplas teias em formato de sombrinha cujo uso estava além de qualquer conjectura. Roverton exclamou com espanto ao chamar a atenção de Deming para tais figuras. Se tais seres representavam uma raça extinta, ou se seus protótipos ainda poderiam ser encontrados naquele mundo bizarro, era claramente um problema insolúvel. Mas os homens logo pressentiram que este mistério seria logo resolvido. E seria resolvido, eles gostassem ou não.

PIQUENIQUE COM FORMIGAS -

Mark W. Moffett

Sempre é uma experiência desagradável fazer um convescote na companhia destes pequenos (às vezes nem tanto) insetos sociais. Mas nem nos desenhos animados, onde essa situação é um lugar-comum, um piquenique foi tão terrível quanto o relatado — ou melhor, transcrito — pelo entomologista e fotógrafo Mark W. Moffett na edição de 16 de fevereiro de 2012 da respeitável *Nature*. Parece mais uma pequena peça tragicômica do “Indiana Jones da Entomologia” — como Moffett é conhecido — do que um artigo científico. [Atendendo a pedidos](#), na maior cara dura, tomamos a liberdade de traduzir o artigo inteiro.

Venha voar comigo.

*Eu sou Gerry Blandsides e esta é a fita de gravação 18 para minha bolsa de pós-doutorado 978-2023, *The Geopolitical Significance of the Ants in Namibian Mud Wallows: An Übersynthesis [A Significância Geopolítica das Formigas nas Poças de Lama Namibianas: Uma Übersíntese]*. É o nono dia de minhas observações da colônia de formigas ‘cabeçadas’ [Pheidole](#) situada a leste de [Otjiwarongo](#), no lamaçal e latrina 62Ω.*

07:00 71 formigas passaram ao longo de sua trilha de colheita no último minuto. Sua dieta permanece indeterminada, embora, como antes, pareçam transportar pedaços de material enegrecido.

07:02 Nenhuma mudança.

7:04 Nada.

7:06 Nadica.

7:08 Bocejo.

7:10 Zzz.

7:12 Me mata.

07:14 contei 69 formigas no último minuto. Uma formiga ocasional arrasta um pedregulho para um dos anéis de areia que elas acumularam perto da borda da trilha. (Nota mental: esta atividade inútil me faz imaginar que as formigas estão tão entediadas quanto eu. *C'est la vie!* No fim das contas, eu triunfarei com meu conceito unificador da hipertrofia pós-Jurássica da metaestrutura neosocial de formigas sob condições de intensa interatividade com *excreta* suína e seus efeitos na dinâmica do aceno antenal.)

07:16 73 formigas por minuto. Uma formiga pára e se enfeita. Uma mosca pousa no meu nariz.

07:18 67 formigas (Nota: o uso da trilha mantém-se estável, ao contrário das conjecturas daqueles intelectuais boêmios de Yale e seus papeizinhos milimetrados. Será que esta predição do Apêndice 142 de minha bolsa será corroborada? Ao concluir minha contagem, dou uma alegre saudação à formiga enfeitadinha enquanto ela vem em minha direção.)

07:20 Matei a mosca. A formiguinha pára de se enfeitar e corre até o inseto moribundo. Ela pausa para olhar para mim, depois olha para a mosca, depois pra mim de novo, antes de fugir apressada.

07:22 Seis formigas reúnem-se ao redor da mosca e acendem uma pequena fogueira sobre ela no interior de um daqueles anéis de areia que haviam construído antes. (Nota: as asas da mosca crepitam enquanto queimam) O time roda a mosca de modo que ela torre por igual, passando de um díptero marrom-dourado para um cinza-escuro esfumaçado. (Outra nota: cozinhar não era exclusividade humana? A próxima bolsa será garantida se esse achado for replicável)

07:24 O odor de grelhado está me enlouquecendo. As formigas trouxeram ervas de arbustos próximos, adicionando o aroma do orégano, mas com notas mais vibrantes! Eu puxo um sanduíche do meu jaleco de campo, mas a porcaria me desaponta.

07:26 Formigas retiram a mosca do fogo e trincham a carne defumada. (Nota: salivando! E se bem me lembro, insetos têm menos gordura e mais proteínas que um bife.)

07:28 A formiga que estava se enfeitando — e *tenho certeza* que é o mesmo indivíduo — retornou com outras seis. (Nota mental: como em outras espécies de formigas *Pheidole*, este recrutamento de assistência foi indubitavelmente conseguido pelo uso de um perfume químico que a formiga-líder libera no ar. A autoridade em tais ferormônios é o Professor E. O. Wilson —será que ele

apoiaria um projeto de trabalho de campo sobre isso?) As recém-chegadas formigas-operárias empurram metade da mosca destrinchada na minha direção, olham para cima, para mim, e retiram-se devagarinho.

É uma delícia, como eu já sabia.

[Longo intervalo de estática na gravação da fita] ...preciso de um nome comercial sedutor, como os que os restaurantes dão àqueles terríveis jogos de peixe. Arthrofowl [Artrofrango]? Miniquail [Minicodorna]? Souperfly [Moscasopa]? Kosherbug? Chicken Little? MicroMcNuggnats? Flying lobster [Camarão voador]?

17:56 313 formigas/minuto. 87 pequenas fogueiras tremeluzem aos meus pés sob os últimos raios do por do sol. Um suprimento constante de moscas esmagadas — que agora inclui mosquitos crepusculares do *genus Anopheles* — mantém minha colônia de formigas ocupada. Sua receita melhora toda vez que eu esmago uma formiga que deixa passar do ponto. (Nota: seleção natural em ação? Eu também deveria escrever um artigo sobre isso. Deixa pra lá, esqueça a ciência — chatice, chatice! Formigas que cozinham, quem se importa? O futuro está garantido se eu replicar este prato — *succulant? aphrodisiant? antbroxia?* — sem elas.)

17:58 A divisão 50/50 que as formigas estão me oferecendo parece-me justa. Mas ainda calculo que vou precisar de milhates de moscas para manter a dieta. O que deve ser como um elefante que depende de amendoins distribuídos um a um por uma criança. Chega de repelente de insetos pra mim! Vinde a mim os bichinhos! Mesmo porque o DEET dá a cada bocado um amargor distinto — e ainda deixa as formigas enjoadas.

Espere aí. Há mais formigas me observando. Parece que uma mosca pousou em minha orelha e agora tem um mosquito na minha testa. Volto em dois minutos.

[Outro intervalo de estática indecifrável]

19:22 São formigas demais para se contar — umas 4.000 por minuto? Não importa quantas moscas eu abata, não consigo mais manter suas necessidades. Pior, as chamas debaixo de mim fundiram-se numa única conflagração que está chamuscando meus cabelos. Minha cara está formando bolhas, os olhos

marejados pelo calor. (Nota: formigas estúpidas, como podem cozinhar algo agora? Reveses como esse podem causar atrasos se eu decidir chamar o *Food Network*. Ei, o que é *aquilo*? As formigas enxameiam minhas pernas, algumas delas carregando ervas. É uma resposta de recrutamento mil vezes mais intensa do que as mostradas diante de uma mosca! Haverá um ferormônio diferente envolvido? Vou tomar notas copiosas, mas antes tenho de descobrir porque não consigo me mexer.)

[Fim da gravação]

UM DIA IDEAL PARA OS PEIXES- BANANAS – J.D. Salinger

Noventa e sete agentes de publicidade de Nova York estavam hospedados no hotel e, do jeito que vinham monopolizando as linhas interurbanas, a moça do 507 teve de esperar do meio-dia até quase às duas e meia para completar sua ligação. Mas ela tratou de aproveitar bem o tempo. Leu um artigo numa revista feminina, intitulado “O Sexo é Divertido... ou um Inferno”. Lavou o pente e a escova. Tirou uma mancha da saia do conjunto bege. Mudou de lugar um botão da blusa que comprara nas Lojas Saks. Arrancou dois cabelinhos que haviam acabado de aflorar numa verruga. Quando a telefonista afinal ligou para seu quarto, estava sentada no sofá ao lado da janela e quase terminado de pintar as unhas da mão esquerda.

Era uma dessas moças que não se afobam nem um pouquinho porque o telefone está tocando. Dava a impressão de que seu telefone estava chamando desde o dia em que atingira a puberdade.

Com o pincelzinho de esmalte — enquanto o telefone tocava — retocou a unha do dedo mínimo, acentuando a meia-lua. Feito isso, tampou o vidro de esmalte e, levantando-se, ficou abanando a mão esquerda para fazer o esmalte secar mais depressa. Com a outra mão apanhou de cima do sofá um cinzeiro cheio até a borda e o levou até a mesinha de cabeceira, onde estava o telefone. Sentou numa das camas-gêmeas, que a essa hora já estavam arrumadas, e — era a quinta ou sexta vez que o telefone tocava — levantou o fone do gancho.

— Alô — disse, mantendo os dedos da mão esquerda bem estendidos e afastados de seu robe de seda branca, que era tudo que estava vestindo, além dos chinelos. Os anéis estavam no banheiro.

— Sua ligação para Nova York está pronta, Sra. Glass — a telefonista anunciou.

— Obrigada — a moça respondeu, abrindo lugar para o cinzeiro na mesinha de cabeceira.

Ouviu-se uma voz de mulher.

— Muriel? É você que está falando?

A moça afastou ligeiramente o fone do ouvido. —Sou eu sim, mamãe. Como vai você?

— Tenho estado preocupadíssima com você. Por que você não me telefonou? Você está bem?

— Tentei falar paravocê ontem à noite, e anteontem também. O telefone aqui tem andado...

— Você está bem, Muriel?

A moça aumentou a distância entre o fone e seu ouvido.

— Estou muito bem. Estou com calor. Hoje é o dia mais quente que faz na Flórida nos...

— Por que é que você não me telefonou? Tenho andado muitíssimo preocupada...

— Mamãe, querida, não precisa gritar. Estou te ouvindo perfeitamente. Telefonei duas vezes ontem de noite. A primeira vez logo depois...

— Eu disse a seu pai que você provavelmente ia telefonar ontem de noite. Mas não, ele tinha que... Você está bem, Muriel? Fala a verdade.

— Estou ótima. Por favor, para de ficar me perguntando isso.

— Quando é que vocês chegaram aí?

— Sei lá. Quarta-feira de manhã, bem cedinho.

— Quem é que dirigiu o carro?

— Foi ele — a moça respondeu. —E não precisa ficar toda nervosa. Ele dirigiu muito direitinho. Fiquei até espantada.

— Ele dirigiu? Muriel, você me deu sua palavra de...

— Mamãe —a moça interrompeu —já te disse. Ele dirigiu muito direitinho. O tempo todo a menos de cinquenta, se te interessa saber.

— Ele tentou fazer aquela brincadeira com as árvores?

— Já disse que ele dirigiu muito bem, mamãe. Agora, por favor... Pedi a ele para ficar perto da linha branca e tudo, e ele entendeu o que eu queria dizer. E ficou. Procurou até não olhar para as árvores, dava pra se ver. Por falar nisso, papai já consertou o carro?

— Ainda não. Eles querem quatrocentos dólares só para...

— Mamãe, o Seymour disse a papai que pagava o conserto. Não há nenhuma

razão para...

— Está bem, vamos ver. Como é que ele se comportou... no carro e tudo?

— Muito bem.

— Ele continuou a te chamar daquela coisa horrorosa...

—Não. Agora inventou outro troço.

— O quê?

— Ah, quê que interessa, mamãe?

— Muriel, eu quero saber. Seu pai...

— Tá bem, tá bem. Ele me chama de Miss Vagabunda Espiritual de 1948 — a moça disse, e deu uma risada.

— Não acho graça, Muriel, não acho a mínima graça. É horrível. Na verdade, é triste. Quando eu penso como...

— Mamãe —a moça interrompeu —Escuta. Você se lembra daquele livro que ele me mandou da Alemanha? Você sabe... aqueles poemas em alemão. Onde é que eu enfiei aquele livro? Tenho me danado de pensar...

— Está contigo.

— Tem certeza?

— Claro. Quer dizer, o livro está comigo. Está no quarto do Freddy. Você deixou aqui e eu não tinha lugar na... Por quê? Ele está querendo o livro?

— Não. Só me perguntou sobre ele, quando estávamos vindo para cá. Queria saber se eu tinha lido.

— Mas era em alemão!

— Eu sei, querida. Isso não importa — disse a moça, cruzando as pernas. —Ele disse que os poemas foram escritos pelo único grande poeta deste século. Disse que eu devia ter comprado uma tradução ou coisa parecida. Ou ter feito o favor de aprender alemão.

— Horrível. Horrível. É triste, na verdade, isso é que é. Seu pai disse ontem à noite...

— Espera um instantinho, mamãe — a moça falou. Foi até a janela apanhar o maço de cigarros, acendeu um e voltou para seu lugar na cama.

— Mamãe? —ela falou, soltando a fumaça.

— Muriel. Escuta agora o que eu vou dizer.

— Estou ouvindo.

— Seu pai conversou com o Doutor Sivetski.

— Sei.

— Contou tudo a ele. Pelo menos me disse que contou... Você sabe como é o seu pai. As árvores. Aquele negócio da janela. As coisas horrorosas que ele disse a sua avó, sobre os planos que ela fazia para morrer. O que ele fez com aquelas lindas fotografias das Bermudas... Tudo.

— Sei. E daí?

— Bem. Em primeiro lugar, o Doutor disse que foi um verdadeiro crime o exército deixar sair do hospital... Palavra de honra. Disse a seu pai, com toda a clareza, que é possível — muito possível, foi o que ele disse — que o Seymour perca inteiramente o controle. Minha palavra de honra.

— Tem um psiquiatra aqui no hotel—a moça falou.

— Quem? Qual o nome dele?

— Sei lá. Rieser ou coisa parecida. Dizem que é muito bom.

— Nunca ouvi falar nele.

— Bem, apesar disso dizem que ele é muito bom.

— Muriel, não seja malcriada, por favor. Nós estamos muito preocupados com você. Seu pai queria te telegrafar ontem de noite, pedindo para você voltar pra casa.

— Eu não vou voltar para casa agora, mamãe. Por isso, trata de ficar calminha.

— Muriel. Palavra de honra, o Doutor Sivetski disse que o Seymour pode perder inteiramente o controle...

— Acabei de chegar aqui, mamãe. São minhas primeiras férias em muitos anos. Não vou agora fazer todas as malas e voltar para casa. De qualquer maneira, não ia mesmo poder viajar agora. Estou tão queimada que mal posso me mexer.

— Você se queimou muito? Não usou aquele vidro de óleo que botei na tua mala? Pus o vidro bem...

— Usei sim. E me queimei assim mesmo.

— Mas isso é horrível. Onde é que você está queimada?

— Em tudo quanto é lugar, querida, por todo lado.

— Isso é horrível.

— Não vou morrer por causa disso.

— Me diga, você conversou com o tal psiquiatra?

— Bem, mais ou menos —a moça respondeu.

— O que é que ele disse? Onde estava o Seymour quando você falou com ele?

— No Salão Oceano, tocando piano. Nessas duas noites, desde que chegamos aqui, ele tem tocado piano.

— Bom, o quê que ele disse?

— Ah, pouca coisa. Ele é que veio falar comigo. Eu estava sentada ao lado dele ontem à noite, no bingo, e ele me perguntou se não era o meu marido que estava tocando piano na outra sala. Disse que sim, que era, e ele me perguntou se o Seymour tinha andado doente ou coisa que o valha. Aí eu contei.

— Por que ele perguntou isso?

— Sei lá, mamãe. Acho que é porque ele está tão pálido e tudo. Seja como for, depois do bingo ele e a mulher me convidaram para tomar um drinque. Aí eu fui. A mulher dele era um horror. Você lembra daquele vestido de noite pavoroso que vimos na vitrina da Bonwit? Aquele que você disse que, para se usar, a gente tinha que ter uma...

— O verde?

— Esse mesmo. E olha que ela tinha umas cadeiras imensas. Ficou me perguntando se o Seymour era parente daquela tal de Suzanne Glass que tem uma chapelaria na Avenida Madison.

— Mas o que é que ele disse? O médico.

— Ah, bom, nada de mais, realmente. Quer dizer, estávamos no bar e tudo. Uma barulheira tremenda.

— Sei, mas você contou... contou o que ele tentou fazer com a cadeira de sua avó?

— Não, mamãe. Não entrei em detalhes. Provavelmente vou ter outra chance de conversar com ele. Ele passa o dia todo no bar.

— Ele falou se achava que era possível o Seymour ficar... você sabe... esquisito ou qualquer coisa assim? Fazer alguma coisa contigo?

— Não exatamente. Ele precisa saber de mais coisas, mamãe. Eles têm de conhecer a infância da gente e esse troço todo. Já te disse, mal podíamos conversar de tão barulhento que era o lugar.

— Bem. E o teu casaco azul?

— Ficou bom. Mandeï tirar um pouco do enchimento.

— E como é que estão as roupas esse ano?

— Horrorosas. Mas pavorosas mesmo. A gente vê lantejoulas, tudo...

— E o quarto de vocês?

— Bonzinho. Quer dizer, razoável. Não conseguimos o quarto em que estivemos antes da guerra. A frequência esse ano está péssima. Você devia ver as pessoas que sentam perto de nós na sala de jantar. Na mesa ao lado. Parece até que vieram para cá de caminhão.

— O que é que se vai fazer, é assim em todo lugar. E teu vestido de baile novo?

— Ficou muito comprido. Eu te falei que ia ficar comprido.

— Muriel, só vou te perguntar mais uma vez. Você está mesmo bem?

— Estou, mamãe. Pela nonagésima vez.

— E não quer voltar para casa?

— Não, mamãe.

— Seu pai disse ontem à noite que teria o maior prazer em te pagar uma viagem, se você quisesse ir a algum lugar sozinha, para pensar um pouco sobre isso tudo. Você bem que podia fazer uma bonita viagem de navio. Nós achamos...

— Não, obrigada — disse a moça, descruzando as pernas.

— Mamãe, essa chamada vai custar uma for...

— Quando eu penso como você esperou por esse rapaz a guerra toda... Quando a gente pensa em todas essas mocinhas malucas que...

— Mamãe, é melhor nós desligarmos. O Seymour pode entrar a qualquer momento.

— Onde é que ele está?

— Na praia.

— Na praia? Sozinho? Ele se comporta direito na praia?

— Mamãe, você fala como se ele fosse um louco furioso...

— Eu não falei nada disso, Muriel.

— É, mas do jeito que você fala... Ele só fica deitado na areia. Sem tirar o roupão.

— Ele não tira o roupão? Por quê?

— Sei lá. Acho que é porque está tão branco.

— Meu Deus, mas ele precisa de sol. Será que você não consegue fazer tirar o roupão?

— Você conhece o Seymour —disse a moça, e cruzou as pernas outra vez. — Ele diz que não quer que um bando de idiotas fique olhando a tatuagem dele.

— Mas ele não tem nenhuma tatuagem! Ele arranjou alguma tatuagem no exército?

— Não, mamãe. Não, minha querida —respondeu a moça, levantando-se. — Escuta, talvez eu telefone para você amanhã.

— Muriel, agora presta atenção.

—Sim, mamãe — ela falou, pondo o peso do corpo sobre a perna direita.

— Me telefona no instante em que ele fizer, ou disser, qualquer coisa esquisita. Você sabe de quê que eu estou falando. Está me ouvindo?

— Mamãe, eu não tenho medo do Seymour.

— Muriel, quero que você me prometa.

— Tá bem, prometo. Até logo, mamãe. Dá um beijo no pai — ela disse, e desligou o telefone.

— Viu mais vidro? — disse Sybil Carpenter, que estava hospedado no hotel com sua mãe. —Viu mais vidro?

— Queridinha, para de dizer isso. Você está deixando sua mãezinha maluca de tanto repetir isso. Agora fica quieta, por favor.

A Sra. Carpenter estava passando óleo de bronzear nos ombros de Sybil, espalhando-o em direção às costas, por sobre as delicadas espáduas que mais pareciam duas pequenas asas. Sybil estava precariamente equilibrada sobre uma grande bola de praia, de frente para o mar. Usava um maiô amarelo-canário de duas peças, uma das quais só seria realmente necessária dentro de uns nove ou dez anos.

— De fato, era só um lenço de seda comum. Dava para se ver, quando a gente

chegava perto — falou a mulher que estava sentada numa espreguiçadeira de lona, ao lado da Sra. Carpenter. — Eu queria saber é como ela amarrou o lenço. Estava uma gracinha.

— Devia estar mesmo — a Sra. Carpenter concordou. — Sybil, fica quieta, queridinha.

— Você viu mais vidro?

A Sra. Carpenter suspirou.

— Pronto — disse, fechando o vidro. — Agora, corre e vai brincar, meu bem. Mãezinha vai até o hotel tomar um martini com a Sra. Hubbel. Depois eu trago a azeitona para você.

Liberada, Sybil imediatamente correu para a parte lisa da praia e começou a andar na direção do Pavilhão dos Pescadores. Parando apenas para enfiar o pé num castelo em ruínas, já minado pela água do mar, em pouco tempo saíra da área reservada para os hóspedes do hotel.

Caminhou mais algumas centenas de metros e aí, de repente, disparou numa corrida oblíqua, subindo para onde a areia era macia. Parou de chofre quando chegou ao lugar onde um homem ainda moço estava deitado de costas.

— Você vai entrar n'água, viu mais vidro? — ela perguntou.

O rapaz teve um sobressalto, sua mão direita correndo para a gola do roupão. Virou-se de bruços, deixando cair a toalha enrolada que lhe cobria os olhos. Olhou para cima, em direção a Sybil.

— Ei. Como vai, Sybil?

— Você vai entrar n'água?

— Estava te esperando. Quê que há de novo?

— O quê? — Sybil perguntou.

— Quê que há de novo? Qual é a novidade no programa?

— Papai chega amanhã, num avião — ela respondeu, chutando a areia.

— Na minha cara não, queridinha — o rapaz disse, segurando o tornozelo de Sybil. — É, estava mesmo na hora do teu pai chegar. Tenho aguardado a chegada dele a cada minuto. A cada minuto.

— Onde é que está a moça? — Sybil disse.

— A moça?

O rapaz sacudiu um pouco da areia que se prendera a seus cabelos já ralos.

— Isso é difícil de dizer, Sybil. Ela pode estar em mil lugares. No cabeleireiro, pintando o cabelo cor de vison. Ou fazendo bonecas para as crianças pobres, no quarto dela.

Já agora deitado ao comprido, ele fechou as mãos e pôs uma sobre a outra, como apoio para o queixo.

— Me pergunta outra coisa, Sybil. Esse teu maiô é bonito. Se há uma coisa que eu gosto é de maiô azul.

Sybil olhou-o, espantada, e depois baixou os olhos em direção à sua barriguinha protuberante.

— Esse maiô é amarelo — ela falou. — É amarelo.

— É? Chega aqui mais perto.

Sybil avançou um passo.

— Você tem toda a razão. Sou mesmo um bobo.

— Você vai entrar n'água?

— Estou considerando seriamente essa possibilidade. Acho que você vai gostar de saber que estou pensando cuidadosamente no assunto, Sybil.

Sybil cutucou a boia de borracha que o rapaz às vezes usava como travesseiro.

— Tá precisando de ar — ela disse.

— Isso mesmo. Ela está mais precisada de ar do que eu estou disposto a admitir

— falou, afastando as mãos e deixando o queixo repousar sobre a areia. — Sybil, você está muito bonita. Dá gosto te ver. Me fala sobre você.

Estendeu os braços para a frente e segurou os tornozelos da menina.

— Eu sou Capricórnio — ele falou. Quê que você é?

— A Sharon Lipschutz disse que você deixou sentar no banco do piano ao teu lado.

— A Sharon Lipschutz disse isso?

Sybil assentiu vigorosamente com a cabeça.

O rapaz soltou os tornozelos de Sybil, recolhendo as mãos, e deitou o lado do rosto sobre o antebraço direito.

— Bem, você sabe como são essas coisas, Sybil. Eu estava sentado lá, tocando. E você nem estava por perto. E a Sharon Lipschutz veio e se sentou ao meu lado.

Eu não podia empurrar ela pra fora, podia?

— Podia.

— Ah, não. Não podia fazer isso. Mas eu te digo o que é que eu fiz.

— O quê?

— Fiz de conta que ela era você.

Sybil imediatamente curvou-se e começou a cavar a areia. — Vamos pra água — ela disse.

— Está bem. Acho que a gente pode dar um jeitinho nisso.

— Na próxima vez, empurra ela pra fora.

— Empurra quem pra fora?

— A Sharon Lipschutz.

— Ah, a Sharon Lipschutz. Como esse nome aparece a toda hora. Misturando memória e desejo.

O rapaz subitamente levantou-se. Olhou para o mar.

— Sybil, sabe o quê que nós vamos fazer? Vamos ver se pegamos um peixe-banana.

— Um quê?

— Um peixe-banana — ele disse, desfazendo o laço do cinto do roupão. Despiu o roupão. Tinha a pele muito branca, os ombros estreitos, e usava um calção azul-pavão. Dobrou o roupão, em dois e em três. Desenrolou a toalha de que se servira para cobrir os olhos, estendeu-a sobre a areia e pôs sobre ela o roupão dobrado. Abaixou-se para pegar a boia e enfiou-a sob o braço direito. Feito isso, deu a mão livre para Sybil e saíram andando em direção ao mar.

— Imagino que você já tenha visto muitos peixes-banana na tua vida — disse o rapaz.

Sybil fez que não com a cabeça.

— Não viu? Afinal, onde é que você mora?

— Não sei.

— Claro que sabe. Tem que saber. A Sharon Lipschutz sabe onde é que ela mora, e só tem três anos e meio.

Sybil parou e desprendeceu-se, com um arranco, da mão dele.

Pegou uma concha comum de praia e examinou-a com exagerado interesse. Jogou-a fora.

— Whirly Wood, em Connecticut — ela disse, e recomeçou a andar, barriga estufada para a frente.

— Whirly Wood, em Connecticut — ele repetiu. — Será que, por acaso, essa cidade fica perto de Whirly Wood, em Connecticut?

Sybil olhou para ele.

— É lá que eu moro — falou, impaciente. — Eu moro em Whirly Wood, Connecticut.

Correu alguns passos à frente dele, agarrou o pé esquerdo com a mão esquerda e deu uns dois ou três pulos.

— Você não faz ideia como isso esclarece tudo — o rapaz disse. Sybil largou o pé e perguntou: — Você já leu “Sambo, o Negrinho”?

— Gozado você me perguntar isso. Acontece que eu acabei de ler esse livro ontem de noite — ele respondeu. Estendeu o braço e tomou novamente a mão de Sybil. — Você gostou?

— Os tigres todos ficaram correndo em volta daquela árvore?

— Pensei que nunca mais iam parar. Nunca vi tanto tigre.

— Tinha só seis — ela falou.

— Só seis! Você chama isso de só?

— Você gosta de cera? — Sybil perguntou.

— Gosto de quê?

— Cera.

— Gosto muito. Você não gosta?

Sybil concordou com a cabeça.

— Você gosta de azeitona? — Sybil perguntou.

— Azeitona? Adoro. Azeitona e cera. Nunca vou a lugar nenhum sem levar um estoque de azeitonas e cera.

— Você gosta da Sharon Lipschutz?

— Gosto. Gosto sim — o rapaz respondeu. — O que eu mais gosto nela é que ela nunca maltrata os cachorrinhos no saguão do hotel. Por exemplo, aquele buldoguezinho da moça do Canadá. Você provavelmente não vai me acreditar,

mas algumas menininhas gostam de espetar aquele cachorrinho com um pedaço de pau. A Sharon não. Ela nunca faz nenhuma maldade. É por isso que eu gosto tanto dela.

Sybil ficou calada.

— Eu gosto de mastigar vela — ela disse, finalmente.

— Quem não gosta? — o rapaz falou, molhando os pés. — Opa! A água tá fria. Jogou a boia dentro d'água.

— Não, espera um instante, Sybil. Espera até a gente entrar mais um pouco.

Foram andando até a água atingir a cintura de Sybil. Aí o rapaz levantou-a e a deitou de bruços sobre a boia.

— Você nunca usa uma touca de cabelo nem nada? — ele perguntou.

— Não me larga! — Sybil ordenou. — Agora me segura.

— Senhorita Carpenter, por favor. Eu entendo do riscado. Trata só de ficar olhando para ver se descobre algum peixe-banana. Hoje está fazendo um dia ideal para os peixes-banana.

— Não tou vendo nenhum — Sybil disse.

— Isso é compreensível. Eles têm uns hábitos muito estranhos — disse o rapaz, enquanto continuava a empurrar a boia. A água ainda não chegava à altura de seu peito. — Levam uma vida muito trágica. Você sabe o quê que eles fazem?

Ela fez que não com a cabeça.

— Bem, eles entram nadando num buraco onde tem uma porção de bananas. São iguaizinhos a qualquer peixe normal quando entram, mas mal se veem lá dentro eles se comportam como uns porcos. No duro. Já vi um peixe-banana entrar num buraco e comer setenta e oito bananas — ele falou. Empurrou a boia e sua passageira um pouquinho mais em direção ao horizonte. — Naturalmente, depois disso eles ficam tão gordos que não conseguem mais sair do buraco. Não passam pela porta.

— Não vamos muito para longe, não — Sybil disse. — O quê que acontece com eles?

— O que acontece com quem?

— Com os peixes-banana.

— Ah, você quer dizer, depois que comem tantas bananas que não conseguem mais sair do buraco de banana?

— É.

— Bem, sinto muito dizer isso a você, Sybil. Eles morrem.

— Por quê?

— Porque pegam a febre da banana. É uma doença terrível.

— Aí vem uma onda — ela disse, nervosa.

— Vamos ignorá-la. Vamos esnobar essa onda — o rapaz falou. — Dois esnobes.

Segurou os tornozelos de Sybil e os empurrou para a frente e para baixo, fazendo a boia deslizar por cima da crista da onda. A água empapou os cabelos louros de Sybil, mas o grito que ela deixou escapar veio carregado de prazer.

Quando a boia voltou a estabilizar-se, ela afastou com a mão uma mecha de cabelos molhados que lhe caíra sobre os olhos e informou:

— Acabei de ver um.

— Viu o quê, meu bem?

— Um peixe-banana.

— Deus meu! Não diga! Ele estava com alguma banana na boca?

— Tava — ela respondeu. — Com seis.

O rapaz de repente segurou um dos pés molhados de Sybil, que pendia da beirada da boia, e o beijou.

— Ei! —disse a proprietária do pé, virando-se para trás.

— Ei coisa nenhuma! Agora vamos voltar. Você já brincou bastante? -Não!

— Sinto muito — disse ele, e empurrou a boia até a praia, onde Sybil desembarcou. Puxou a boia até onde tinha deixado suas coisas.

— Té logo — ela falou, e correu sem remorso na direção do hotel. O rapaz vestiu o roupão, fechou cuidadosamente a gola e enfiou a toalha no bolso. Apanhou a boia molhada e escorregadia, incômoda de carregar, e ajeitou-a sob o braço. Seguiu sozinho, devagar pela areia fofa e quente, a caminho do hotel.

No subsolo do hotel, por onde os banhistas eram obrigados a entrar, uma mulher com o nariz coberto de pomada tomou o elevador junto com o rapaz.

— Por que você está olhando para os meus pés? — ele lhe perguntou, quando o elevador se pôs em movimento.

— O que o senhor disse?

— Perguntei por que é que você está olhando para os meus pés.

— O senhor vai me desculpar, mas acontece que eu estava olhando para o chão — a mulher falou, e encarou a porta do elevador.

— Se quer olhar para a droga dos meus pés, diga logo. Mas não precisa ficar olhando escondido.

— Deixa saltar aqui mesmo, por favor — a mulher disse rapidamente para a ascensorista.

As portas se abriram e a mulher saiu, sem olhar para trás.

— Eu tenho dois pés normais, pomba, e não admito que ninguém fique olhando para eles — o rapaz falou. — Quinto, por favor.

Tirou a chave do bolso do roupão. Desceu no quinto andar, caminhou ao longo do corredor e entrou no 507. O quarto cheirava a mala de couro nova e a removedor de esmalte de unhas.

Olhou de relance na direção da moça que dormia numa das camas-gêmeas. Caminhou até uma das malas, abriu-a e, sob uma pilha de roupas de baixo, apanhou uma Ortgies automática, calibre 7.65. Soltou o pente de balas, examinou-o e enfiou de novo no lugar. Armou a pistola. Feito isso, foi sentar-se na cama desocupada, olhou para a moça, apontou a pistola e deu um tiro em sua própria têmpora direita.

HOMEM DE AÇO, MULHER DE CELOFANE - Larry Niven

Ele é mais rápido que uma bala, mais forte que uma locomotiva e é capaz de saltar sobre altos arranha-céus num pulo só. Mas não consegue uma namorada?

Na madura idade de trinta e um anos, Kal-El (aliás Super-Homem, aliás Clark Kent) ainda é solteiro. Com quase toda certeza ele também é virgem. Este é um caso sério. A espécie está ameaçada!

Um Super-Homem solteiro é um Super-Homem livre. Portanto tem sido alegado que aqueles que contam as aventuras do Homem de Aço são os responsáveis por sua condição. Mas os desenhistas não tem culpa. Tampouco o Super-Homem está limitado por problemas psicológicos.

Admito que o pobre-diabo não é completamente bom da bola. Como poderia ser? Ele é um órfão, um refugiado e um alienígena. Seu planeta natal não existe mais de maneira nenhuma, a não ser na forma de gigatons e gigatons de rochas perigosas de cores bonitas.

Enquanto menino e jovem, Kal-El deve ter tido dificuldade para encontrar uma figura paterna adequada. Que homem poderia controlar seu comportamento antissocial? Que homem ousaria tentar puni-lo? Seu comportamento social observado neste período, muito sociável, indica um autocontrole sobre-humano.

Qual seria a surpresa se o Super-Homem gradualmente recaísse em uma esquizofrenia? Dividido entre suas identidades, humana e criptoniana, ele escolhe ser as duas, mantendo suas personalidades diferentes rigidamente separadas. Um desespero psicótico é evidente em sua defesa de uma “identidade secreta”.

Mas os problemas sexuais do Super-Homem são estritamente fisiológicos, e bem reais.

O propósito deste artigo é apontar alguns obstáculos médicos por ser criptoniano entre seres humanos e sugerir possíveis soluções. O humanóide criptoniano não

deveria ter o destino do pterodátilo e do pombo passageiro.

I

O que excita um criptoniano?

Super-Homem é um alienígena, um extraterrestre. Sua aparência humanóide é, sem dúvida, produto de evolução paralela, como os marsupiais da Austrália lembram os seus correspondentes mamíferos. Um nicho ecológico específico demanda uma certa forma, um certo tamanho, certas capacidades, certos hábitos alimentares. Mas não se deixe enganar pelas aparências. Super-Homem não é parente do *homo sapiens*.

O que excitará Kal-El em seu impulso procriador? Será que as mulheres criptonianas têm algum sinal particular em certas épocas do ano? Seja o que for, Lois Lane provavelmente não o tinha. Devemos supor que ela cheira errado, menos parecido com uma mulher criptoniana do que com um macaco terráqueo. Uma relação sexual entre Super-Homem e Lois Lane seria como se fosse um ato de bestialidade — e assim seria vista, claro, pela igreja e pela lei.

II

Mas suponhamos uma relação sexual entre Super-Homem e uma mulher designada apenas “LL” por conveniência. Isto só ocorrerá se o Super-Homem tiver ficado completamente esquizofrênico e acreditar que é Clark Kent, ou se ele, sabendo o que faz, não estiver mais dando a mínima. Trinta e um anos são muito tempo. Para o Super-Homem pareceu certamente ser ainda mais. Ele tem visão de raios-X, ele sabe exatamente o que está perdendo^{40}.

O problema é este. Eletroencefalogramas feitos de homens e mulheres durante atos sexuais mostram que o orgasmo parece “um tipo de ataque epilético prazeroso.” Perde-se o controle dos músculos. Super-Homem já deixou acidentalmente suas digitais em peças de aço ou concreto armado. O que ele não faria com a mulher em seus braços durante o que parece ser um ataque epilético?

III

Considere o impulso motor entre um homem e uma mulher, o impulso monomaniaco para conseguir mais e mais penetração. E lembre-se que estamos falando de músculos criptonianos.

Super-Homem literalmente esmagaria o corpo de LL em seus braços, simultaneamente rasgando-a da virilha ao esterno, estripando-a como uma truta.

IV

Por fim, ele arrancaria uma tampa de sua cabeça.

A ejaculação do sêmen é completamente involuntária no macho humano e em todas as outras formas de vida sexuada terrestre. Seria irrazoável supor que fosse diferente em um criptoniano. Mas com músculos criptonianos por trás dele, o sêmen de Kal-El irromperia a velocidade de disparo de uma bala de metralhadora. (Podemos imaginar que o lar dos Kent em Smallville era salpicado de buracos durante a puberdade do Superboy. E por que Lana Lane nunca notou isso?)

Em vista do que foi dito, uma relação sexual normal entre o Super-Homem e Lois Lane é impossível. Inseminação artificial pode nos dar melhores resultados.

V

Primeiro precisamos colher o sêmen. Os glóbulos vão irromper em velocidade supersônica. Super-Homem precisa primeiro ejacular e depois voar freneticamente atrás da substância para prendê-la em um tubo de ensaio. Devemos supor que ele esteja na Lua, tanto pela privacidade quanto para evitar que o sêmen se vaporize em contato com o ar a tal velocidade.

Ele pode alcançar o sêmen, claro, antes que ele evapore no vácuo. Ele é mais rápido que uma bala.

Mas ele pode contê-lo?

Todas as formas de vida criptonianas têm superpoderes. O mesmo deve se aplicar ao espermatozóide vivo de um criptoniano. Podemos supor razoavelmente que o espermatozóide criptoniano só é vulnerável à inanição e à criptonita, podendo transitar com igual facilidade pela água, pelo ar, pelo vácuo, pelo vidro, por tijoloso, por aço derretido, por aço maciço, hélio líquido e pelo coração chamejante de uma estrela, e é capaz de atingir velocidades supraluminais.

Que tubo de ensaio poderia conter estes pestinhas?

O esperma criptoniano e seus poderes incomuns nos dará mais problema. Por enquanto admitamos (por necessidade) que eles tendem a permanecer no fluido seminal, que tende a ficar em repouso dentro de um tubo de vidro comum. Assim, o Super-Homem e LL podem fazer uma inseminação artificial.

Pelo menos assim teremos mais uma geração de criptonianos.

Ou não?

VI

Um óvulo maduro e não fertilizado começa sua viagem pelas trompas de Falópio de LL.

Algum tempo depois, dezenas de milhões de espermatozoides liberados de um tubo de ensaio começam sua viagem pela vagina de LL.

O momento mágico se aproxima...

Pode um ser humano cruzar com um criptoniano? Será que sequer temos em comum o mesmo tipo de código genético? Em face disso, LL teria mais facilidade para cruzar com uma espiga de milho do que com Kal-El. Mas coincidências podem acontecer. Se os genes combinam...

Um espermatozóide chega antes dos outros. Penetra o óvulo, forma um caroço em sua superfície, a parede celular agora se adensa para prevenir a entrada de outros espermatozoides. Dentro do ovo fertilizado, uma mudança começa...

Então dez milhões de espermatozoides criptonianos chegam um pouquinho atrasados.

Se fossem espermatozoides humanos, estariam sem sorte. Mas estas pequeninas coisinhas cegas são mais poderosas que uma locomotiva. Uma parede celular

mais densa não vai lhes impedir. Então todos eles penetram o ovo, obliterando-o completamente em uma microscópica orgia de estupro coletivo. E lá se vai a inseminação artificial.

Mas os problemas de LL nem começaram.

VII

Dentro de seu corpo há agora dezenas de milhões de espermatozóides criptonianos sem destino. O seu pobre óvulo não é mais um alvo. Os espermatozóides se espalham.

Eles se espalham sem ligar para o que está no caminho. Eles deixam canais espiralados, microscópicos. E então acham caminho para fora.

O que deixa LL com dezenas de milhões de pequenas perfurações que levam até o interior de seu abdômen. Muitos destes canais atravessam uma ou mais vezes o intestino.

Uma peritonite é inevitável. LL fica desesperadoramente doente.

Enquanto isso, dezenas de milhões de espermatozoides enxameiam acima de Metrópolis.

VIII

Isto é muito mais sério do que parece.

Imagine: todos estes espermatozoides são virtualmente indestrutíveis. Dentro de dias ou semanas eles morrerão por falta de alimento. Mas enquanto isso não poderão ser afetados pelo calor, pelo frio, pelo vácuo, por toxinas, por nada a não ser criptonita^[41]. Lá estão eles, minúsculos mas perigosos porque cada um tem poderes sobre-humanos.

Metropolis é sacudida por ondas de choque. Buracos de minhoca, queimados pelo calor do impacto, aparecem magicamente em todo tipo de coisas: painéis de vidro, paredes, cerâmicas, liquidificadores, madeira, animais domésticos, e cidadãos. Alguns espermatozoides romperão a velocidade da luz. O céu noturno de Metrópolis aparece com uma rede de linhas estreitas de radiação de

Cherenkov.

E mulheres que o Super-Homem nunca encontrou se acham em um estado interessante.

Imagine: LL não engravidará porque havia muitos dos pequenos pestinhas descerebrados. Mas onde quer que um espermatozoide, em sua fuga alucinada, encontre um óvulo humano não fertilizado, ele atacará.

Quão perto é perto o bastante? Alguns centímetros? Será que os espermatozoides são atraídos por algum tipo de sinal químico? Parece provável. Mas Metrópolis tem uma população de milhões e o esperma criptoniano pode viajar um longo e tortuoso caminho, bilhões de milhas, antes de desistir e morrer.

Várias milhares de felizes coincidências não parecem demais. Se o Superboy púbere brincar consigo, teremos o mesmo problema em Smallville.

Vários milhares de processos judiciais se seguiram. Não que o Super-Homem não possa pagar pensão. Ele sabe um truque de apertar carvão até transformá-lo em certa forma alotrópica valiosa...

IX

A análise acima nos dá parte da resposta. Em nosso experimento com inseminação artificial devemos usar um único espermatozoide. Isto não representa uma dificuldade. Super-Homem pode usar sua visão microscópica e um pequeno par de pinças para arrancar um espermatozoide do meio do cardume deles.

X

Mas em sua pressa este pequeno espermatozoide poderia sair colidindo dentro do abdômen de LL em velocidade supersônica, causando catástrofes. Há alguma maneira de fazê-lo ir devagar?

Existe sim. Podemos expô-lo à criptonita dourada.

Criptonita dourada, lembremos, retira de um criptoniano todos os seus poderes

sobre-humanos, permanentemente. Se expuséssemos o próprio Super-Homem à criptonita dourada, resolveríamos todos os seus problemas sexuais, mas ele se tornaria Clark Kent para sempre. Devemos enxergar esta solução como um tanto drástica.

Mas podemos expor o tubo de ensaio contendo líquido seminal, e então usar técnicas comuns de inseminação artificial.

Qualquer dos métodos pode fazer LL engravidar sem que ela morra. Mas já saímos do labirinto?

XI

Embora exposto à criptonita dourada, o espermatozoide ainda carrega genes criptonianos. Se estes forem recessivos, então LL gestará um feto humano. Não haverá mais Super-homens, mas pelo menos não teremos de nos preocupar com a saúde dela.

Mas se estes genes forem dominantes, mesmo que somente alguns...

Pode o feto usar sua visão de raios-X antes de nascer? Afinal, com tal poder ele poderia enxergar através de suas próprias pálpebras fechadas. Isto poderia tornar LL estéril. Mas se o feto começar a usar visão de calor as coisas ficam ainda piores.

Mas quando ele começar a chutar, aí acabou. Ele chutará até abrir caminho para fora, matando-se e à sua mãe.

XII

Há uma solução?

Diversas. Cada uma com suas desvantagens.

Podemos fazer LL levar um cinto de criptonita em torno da cintura^[42]. Mas pouca criptonita ainda permitiria que a criança a ferisse, enquanto muita poderia ferir a criança. Quantidades intermediárias poderiam causar as duas coisas! E não há como experimentar.

Uma solução melhor seria encontrar uma barriga de aluguel.

Ainda não tínhamos pensado na existência da Supergirl. (Ela não pode cruzar com o Super-Homem porque ela é sua prima de primeiro grau, e só um perverso pensaria em algo assim.) Ela poderia levar a criança sem nenhum perigo. Mas a Supergirl tem uma identidade secreta, e a sua identidade secreta é tão solteira quanto a própria Supergirl. Se ela aparecesse grávida, ela seria provavelmente expulsa da escola.

Uma solução melhor seria implantar o feto no próprio Super-Homem. Há lugares no abdômen humano onde um feto pode encontrar nutrição adequada, crescendo como um parasita, e onde ele não causa dano aos órgãos próximos. Presumimos que Clark Kent pode conseguir uma licença médica mais facilmente que o alter ego da Supergirl.

Na hora certa, a criança seria removida por cesariana. Teria de ser retirada bem prematuramente, mas não haveria problema em deixá-la numa incubadora, desde que fosse alimentada. Deixo o problema de cortar a pele invulnerável do Super-Homem como um exercício mental para o leitor atento.

Mas a mente se espanta com a imagem de um Super-Homem grávido voando pelos céus de Metrópolis. O Batman se recusaria a ser visto com ele, estranhas piadas começariam a circular pelas prisões e... a raça de Cípton estaria, enfim, salva.

WAKEFIELD – Nathaniel Hawthorne

Numa velha revista ou jornal, lembro haver lido uma história, contada como verdadeira, de um homem — vamos chamá-lo de Wakefield — que se afastou voluntariamente por um longo tempo de sua esposa. O fato, visto assim de maneira abstrata, não é propriamente incomum e nem deve — sem uma conveniente distinção de circunstâncias — ser condenado por maldade ou disparate. Seja como for, ainda que distanciado de outros piores, este é talvez o mais estranho exemplo, em registro, de delinquência marital; e, além do mais, um capricho entre os mais notáveis que se possa encontrar na lista das extravagâncias humanas. O casal vivia em Londres. O marido, a pretexto de ter que viajar, alugou um aposento em rua próxima da própria casa, e ali, sem que a esposa e os amigos o percebessem, e sem qualquer justificativa para o autodesterro, viveu afastado por mais de vinte anos. Durante esse período, ele olhava seu lar a cada dia, e com frequência avistava a abandonada senhora Wakefield. E depois de tão grande vazio na sua felicidade matrimonial — quando sua morte já era dada por certa, sua herança dividida, seu nome apagado das memórias, e sua esposa há longo, longo tempo resignada à outonal viuvez — ele entrou pela porta uma noite, tranquilamente, como se houvesse estado ausente apenas um dia, e se tornou um esposo dedicado até morrer.

Este resumo é tudo que lembro. Mas o incidente, ainda que da mais pura originalidade, sem precedentes, e que provavelmente nunca virá a ser repetido, é daqueles que, penso eu, despertam a geral simpatia da humanidade. Sabemos, cada um por si, que nenhum de nós seria capaz de cometer tal loucura, entretanto sentimos como se alguns outros pudessem fazê-lo. Em minhas próprias reflexões, pelo menos, o assunto tem voltado muitas vezes, sempre prodigioso, mas com uma sensação de que a história deve ser verdadeira e com um conceito do caráter de seu herói. Sempre que temas tão envolventes afetam a mente, o tempo não é perdido quando se pensa neles. Se o leitor quiser escolher, poderá fazer suas próprias meditações; mas se preferir divagar comigo ao longo dos vinte anos de excentricidade de Wakefield, eu lhe dou as boas-vindas; confiando que, ainda que falhemos em encontrá-los, haverá uma moral e um espírito penetrante sinceramente elaborados e sintetizados na sentença final. O pensamento sempre tem sua eficácia, e todo incidente notável sua moral.

Que tipo de homem era Wakefield? Somos livres para dar forma à nossa própria ideia e chamá-la pelo nome dele. Estava agora no meridiano da vida; as afeições conjugais, nunca violentas, permaneciam serenas, num sentimento calmo e habitual. De todos os maridos, é provável que fosse o mais constante, pois uma certa indolência mantinha o seu coração em repouso, onde quer que estivesse. Era intelectual, mas de modo não ativo; ocupava a mente em demorados e preguiçosos devaneios, sem propósito definido ou sem vigor para atingí-lo. Seus pensamentos só raras vezes tinham energia para estruturarem-se em palavras. A imaginação, na significação própria do termo, não alcançava os dons de Wakefield.

Tendo um coração frio, mas não corrompido nem errático e um espírito nunca afetado por pensamentos tumultuosos, nem aturdido por originalidades, quem poderia prever que o nosso amigo iria posicionar-se num lugar de destaque entre os realizadores de façanhas excêntricas? Se fosse perguntado a seus conhecidos quem era, em Londres, o homem mais certo para não fazer algo hoje que pudesse ser recordado amanhã, eles teriam pensado em Wakefield. Só a esposa de seu coração teria hesitado. Ela, sem necessidade de analisar seu caráter, estava parcialmente consciente de um silencioso egotismo incrustado na mente passiva — de uma peculiar espécie de vaidade, seu atributo mais embaraçoso — de uma disposição para a astúcia, que raramente produzia efeitos mais positivos do que guardar insignificantes segredos, demasiado triviais para serem revelados — e, finalmente, do que ela chamava “uma pequena esquisitice”, às vezes, no bom homem. Esta última qualidade é indefinível e talvez não existente.

Vamos agora imaginar Wakefield despedindo-se da esposa. É o crepúsculo de uma tarde de outubro. Sua bagagem se compõe de um sobretudo pardacento, um chapéu de oleado, botas altas, um guarda-chuva numa das mãos e uma mala na outra. Informa à senhora Wakefield que pegará o coche noturno para o campo. De boa vontade, ela deveria indagar sobre a duração da viagem, o objetivo dela, e o tempo provável para o retorno; no entanto, tolerante com o inocente amor do marido pelo mistério, interroga-o apenas com o olhar. Ele lhe diz que não espere com certeza pela volta do coche, nem ficasse alarmada se ele tiver que se demorar por três ou quatro dias; mas que, em todo caso, podia contar com ele para o jantar na sexta-feira à noite. O próprio Wakefield, isto deve ser levado em consideração, não tem a menor suspeita do que vai acontecer. Ele adianta as mãos; ela estende as suas próprias e recebe o beijo de despedida ao modo rotineiro de um casamento de dez anos. E o senhor Wakefield, de meia-idade, segue em frente, quase decidido a desnortear sua boa esposa com uma ausência

de uma semana inteira. Depois de fechada a porta atrás dele, a senhora Wakefield percebe que esta se entreabre novamente e uma visão do rosto de seu marido reaparece através da abertura, sorrindo para ela, e isso dura apenas um momento. Em suas múltiplas meditações ela circunda esse sorriso original com uma profusão de fantasias, que o fazem estranho e terrível.

Se, por exemplo, ela imagina o marido num ataúde, aquele olhar de despedida mantém-se gélido no rosto pálido; ou, se acaso sonha que ele está no céu, o abençoado espírito ainda mostra um sorriso tranquilo e astucioso. Contudo, no seu interesse, quando todos os demais o têm julgado morto, ela às vezes duvida se é uma viúva.

Mas, o nosso assunto é com o marido. Devemos correr ao seu encontro, acompanhá-lo pelas ruas, antes que perca a individualidade e se desvaneça na grande massa da vida de Londres. Seria inútil procurá-lo aí. Por isso, vamos seguí-lo bem de perto, até que, após vários giros e voltas supérfluos, o encontramos confortavelmente instalado a frente da lareira, no pequeno aposento já mencionado. Ele está na rua seguinte à de sua própria casa e no final de sua viagem.

Difícilmente pode atribuir à boa sorte o fato de haver chegado ali sem ser visto — recordando que, em dada ocasião, foi retardado pela turba, ao ficar sob o foco de luz de uma lanterna; e, de outra feita, escutou pisadas que pareciam seguí-lo, pisadas diferentes do caminhar habitual da multidão ao redor; e, logo depois, ouviu uma voz distante que gritava e ele imaginou que chamava pelo seu nome. Sem dúvida, uma dúzia de pessoas apressadas e curiosas deveria tê-lo visto e ido contar tudo para a esposa. Pobre Wakefield! Quão pouco sabes do brilho de tua própria insignificância neste vasto mundo! Nenhum olho mortal, exceto o meu, seguiu tuas pegadas. Vá tranquilamente para a cama, homem insensato; e, pela manhã, se fores sábio, retorna para casa, para a boa senhora Wakefield e conta a ela a verdade. Não te afastes, nem mesmo por uma semana, do lugar que ocupas em seu puro coração. Se por um único momento, tivesse ela te julgado morto, ou perdido, ou definitivamente afastado dela, terias com aflição tomado consciência de uma mudança irreversível na lealdade dela. É perigoso abrir uma fenda nas afeições humanas; não porque se rompa ou alargue em demasia — mas porque se fecha de novo, rapidamente.

Quase arrependido de sua maluquice, ou qualquer que seja o termo que a denomine, Wakefield deita-se cedo, e acordando depois da primeira soneca, estende os braços no largo e solitário espaço restante da cama inabitual. “Não” — pensa ele, ajeitando o corpo sob as cobertas — “Não dormirei mais sozinho

uma única noite.”

Pela manhã, levanta mais cedo que de costume, e se põe a considerar o que realmente deseja fazer. Tão vago e desconexo é o seu modo de pensar, que ele tem consciência de haver dado aquele passo singular com um propósito, é certo, mas acha-se incapaz de defini-lo com suficiente clareza. A vaguidade do projeto e o desordenado esforço empregado na sua execução, caracterizam de modo igual um homem de personalidade débil. Wakefield, entretanto, examina as suas ideias tão minuciosamente quanto pode, e sente-se curioso em saber como vai o curso das coisas em sua casa — como sua esposa exemplar suportará a viuvez de uma semana; e, em síntese, como a pequena esfera de pessoas e situações, na qual ele era um objeto central, será afetada pela sua ausência. Uma vaidade mórbida, por isso, jaz muito próxima do fundo desse caso. Mas, o que fazer para alcançar os seus fins? Não, por certo, manter-se enclausurado neste alojamento confortável, onde, embora tivesse dormido e acordado na rua seguinte a de sua casa, ele efetivamente sente-se tão distante como se tivesse viajado toda a noite numa carruagem. Contudo, se reaparecesse, o projeto inteiro desabaria sobre sua cabeça. Com o pobre cérebro embaraçado nesse dilema sem esperança, ele finalmente aventura-se a atravessar parcialmente a esquina da rua e a lançar um olhar rápido na direção do domicílio abandonado.

O hábito — pois ele é um homem de hábitos — segura-o pela mão e o conduz, sem que ele tenha a menor consciência, até a frente da própria porta, onde, justo no momento crítico, ele é despertado pelo arrastar de seus pés sobre o degrau.

Wakefield, aonde você vai?

Nesse momento, o seu destino estava girando em torno de um centro.

Pouco imaginando sobre a fatalidade que o primeiro passo de retorno proporcionava, sai dali apressado, mal podendo respirar ante a agitação nunca sentida até agora, e apenas ousa virar a cabeça ao chegar na esquina distante.

Será que alguém o havia visto? Não teria o pessoal da casa — a honesta senhora Wakefield, a esperta empregada, e o sujo garotinho de recados — feito um alvoroço e saído pelas ruas de Londres, em busca de seu fugitivo senhor e amo?

Milagrosa escapada! Ainda arranja coragem para deter-se e olhar na direção da casa, mas é desconcertado pela sensação de mudança que lhe transmite o familiar edifício, assim como somos todos afetados, quando após uma separação de meses ou anos, vemos de novo alguma colina ou lago, ou obra de arte, dos quais, antes, gostávamos especialmente. Nos casos normais, essa impressão indescritível é causada pela comparação e contraste entre as nossas lembranças

imperfeitas e a realidade. Em Wakefield, a mágica de uma simples noite produziu uma transformação semelhante, porque, nesse breve período, houve uma forte mudança moral. Mas ele próprio não sabe disso. Antes de deixar o local, percebe um longínquo e momentâneo relance de sua esposa, que passa pela janela da frente, com o rosto voltado para a extremidade da rua. O ingênuo matreiro então foge do local, apavorado com a ideia de que os olhos dela o tenham reconhecido, tal como ele se considera, entre os milhares de átomos mortais. Quando se encontra diante do calor da lareira, em seu alojamento, o coração está alegre, embora o cérebro se ache meio aturdido.

É o suficiente para o começo desta longa extravagância. Depois da ideia inicial, e da incitação do caráter lerdo do nosso personagem para colocá-lo em atividade, todo o assunto desenvolve-se num curso natural. Podemos presumi-lo, como resultado de profunda deliberação, comprando uma nova peruca, de cabelos avermelhados, e escolhendo diversos artigos no baú de liquidação de roupas de um judeu, num estilo diferente de seu costumeiro terno marrom. Está completo.

Wakefield é outro homem. Estabelecido agora o novo sistema de vida, um movimento retrógrado para o antigo seria quase tão difícil quanto a circunstância que o colocou na presente posição sem paralelos. Além disso, ele se obstina num mal-humor, ocasionalmente peculiar a seu temperamento, mas que agora se deve à sensação inadequada que ele concebe haver sido produzida no íntimo da senhora Wakefield. Não retornará para casa enquanto não a considerar mortalmente assustada. Bem, ela já passara duas ou três vezes ante seus olhos, a cada vez com um passo mais pesado, um rosto mais pálido, um aspecto mais ansioso; e, na terceira semana de seu desaparecimento, ele nota um presságio do mal a entrar na casa, na figura de um farmacêutico. No dia seguinte, a aldrava da porta trás uma cobertura para abafar o barulho. Ao cair da noite, surge a carruagem de um médico e deposita, à porta da casa de Wakefield, a sua carga solene, de grande peruca, de onde, após um quarto de hora de visita, emerge, talvez o arauto de um funeral. Querida mulher! Estará para morrer?

Então, Wakefield é excitado por algo como uma energia de sentimento, mas ainda permanece afastado do leito de sua esposa, argumentando com sua consciência que não deve perturbá-la em tal conjuntura. Se outra coisa o retém, ele não sabe. No curso de poucas semanas, ela gradualmente se restabelece; a crise passa; o coração é triste, talvez, mas tranquilo; e, volte o marido cedo ou tarde, ela jamais ficará febril por ele de novo. Tais pensamentos bruxuleiam através das névoas da mente de Wakefield, e fazem-no indistintamente consciente de que um quase intransponível abismo divide o seu apartamento

alugado de sua antiga casa. “Mas se fica apenas na outra rua!”, diz, às vezes.

Tolo! fica num outro mundo. Até agora tem adiado o regresso de um particular dia para outro. De agora em diante fica indeterminado o dia preciso. Não será amanhã — provavelmente na próxima semana — o mais breve possível. Pobre homem! Os mortos têm aproximadamente tantas probabilidades de revisitarem seus lares terrestres quanto o auto-desterrado Wakefield.

Pudesse eu escrever um livro, em vez de um artigo de doze páginas! Seria possível então exemplificar como uma influência, que vai além do controle, coloca a sua mão forte em cada ação que cometemos, e tece as suas consequências em férreo tecido de necessidade. Wakefield está enfeitiçado.

Devemos deixá-lo, por dez anos ou mais, vaguear em torno de sua casa, sem uma vez sequer traspasar o limiar, e ser fiel à sua esposa com todo o afeto de que é capaz seu coração, enquanto vagarosamente vai desvanecendo o dela.

Há muito tempo, deve acentuar-se, que ele perdeu a percepção da singularidade de sua conduta.

Agora, uma cena! Em meio à multidão de uma rua de Londres podemos distinguir um homem, já idoso, com poucas características que possam atrair observadores desatentos, entretanto mostrando em todo seu aspecto, aos que tiverem a habilidade para tal leitura, a caligrafia de um destino incomum. É magro; sua testa estreita e baixa tem vincos profundos; seus olhos, pequenos e sem brilho, às vezes passeiam apreensivos ao redor, mas, na maioria das vezes, parecem olhar para dentro. Abaixa a cabeça, mas se movimenta com uma obliquidade indescritível no jeito de andar, como se não quisesse mostrar-se de frente para o mundo. Observe-o, o tempo suficiente para ver o que descrevi, e irá concordar que as circunstâncias — que muitas vezes produzem homens notáveis a partir de matéria comum da natureza — aqui produziram um deles.

Depois disso, deixando-o a andar obliquamente pelas calçadas, lance o olhar na direção oposta, onde uma mulher corpulenta, visivelmente no declínio da vida, dirige-se a uma igreja que fica lá adiante, levando na mão um livro de orações.

Tem a plácida aparência da viuvez assumida. Suas tristezas, ou foram embora, ou se fizeram tão essenciais ao seu coração, que dificilmente seriam trocadas por alegrias. No exato instante em que o homem magro e a mulher robusta estão passando um pelo outro, ocorre um rápido incidente, que põe as duas figuras diretamente em contato. Suas mãos se tocam; a pressão da multidão faz roçar o peito dela sobre o ombro dele; estão de pé, cara a cara, olhando cada um nos olhos do outro. Depois de dez anos de separação, é assim que Wakefield

encontra-se com sua esposa!

O torvelinho da multidão não deixa de fluir, arrastando-os, separados, em seu curso. A circumspecta viúva retoma o passo anterior e prossegue na direção da igreja, mas se detém no portal, e lança um olhar rápido e perplexo ao longo da rua. Segue adiante, contudo, abrindo o livro de orações. E o homem? Com um rosto tão exaltado que a atarefada e egoísta Londres permite-se parar e olhar para ele, corre para o seu alojamento, aferrolha a porta e joga-se sobre a cama. Os sentimentos latentes de anos irrompem de súbito; sua mente febril imprime um efêmero vigor em suas forças; toda a infeliz esquisitice de sua vida lhe é revelada num relance; e ele grita desesperadamente: “Wakefield!

Wakefield! Estás louco?”

Talvez o estivesse. A singularidade de sua conduta modelou-o de tal forma a si mesma, que, examinando-o em relação a seus companheiros e aos afazeres da vida, não se podia dizer que tivesse o juízo perfeito. Ele havia imaginado (ou antes, as coisas haviam acontecido), separar-se do mundo, sumir, abandonar a sua posição e privilégios entre os vivos, sem que fosse admitido entre os mortos. De nenhum modo a vida de um eremita pode ser posta em paralelo com a sua. Ele estava, como outrora, em plena agitação da cidade; mas a multidão movia-se impetuosa e indiferente, ignorando-o. Estava, podemos dizer figuradamente, sempre ao lado da esposa, e junto da lareira, entretanto sem nunca sentir o calor desta, nem a afeição daquela. O destino sem precedentes de Wakefield foi o de conservar a sua parte original de simpatia humana, e estar ainda envolvido nos interesses dos homens, enquanto havia perdido a recíproca influência sobre eles. Seria uma especulação bastante curiosa traçar o efeito de tais circunstâncias em seu coração e intelecto, separadamente, ou em conjunto. Todavia, transformado como estava, raras vezes se dava conta disso, julgando-se o mesmo homem de sempre. Lampejos da verdade, de fato, surgiam, mas só por alguns instantes; e ainda assim teimava em dizer: “Logo estarei de volta”, sem refletir que vinha dizendo isso há vinte anos.

Penso também que, em retrospecto, esses vinte anos deviam parecer a Wakefield um tempo pouca coisa maior que a semana que ele havia definido para sua ausência. Devia olhar a aventura como não mais que um interlúdio no tema principal de sua vida. Quando, após um outro curto espaço de tempo, ele achasse que era o momento de reentrar no salão, sua esposa bateria palmas de alegria, ao rever o homem de meia-idade, Senhor Wakefield. Que infeliz ilusão!

Pudesse o Tempo esperar até o final de nossas loucuras preferidas, então seríamos jovens até o Dia do Juízo.

Uma noite, transcorridos os vinte anos de seu desaparecimento, Wakefield faz a caminhada costumeira na direção da residência que ainda diz ser dele. É uma noite de outono, de forte vento. Frequentes pancadas d'água caem, tamborilando sobre as calçadas, e cessam repentinas, antes que alguém possa abrir seu guarda-chuva. Detendo-se próximo da casa, Wakefield vislumbra, através das janelas da sala do segundo andar, o brilho rubro, o tremeluzir, os inquietos lampejos de um fogo confortável. Sobre o teto, aparece a sombra grotesca da boa senhora Wakefield. O barrete, o nariz e o queixo, e a larga cintura, desenhavam uma admirável caricatura, que dança, além disso, em movimentos variados, de acordo com as oscilações das labaredas, numa jovialidade quase excessiva para a sombra de uma idosa viúva.

Nesse momento, cai uma pancada de chuva que, dirigida sem piedade pelo vento, atinge em cheio o rosto e o peito de Wakefield. O frio outonal penetra-o por todo o corpo. Deverá ficar parado naquele lugar, encharcado e tiritando, quando sua própria lareira tem um bom fogo para aquecê-lo, e sua própria esposa correrá para ir buscar o casaco cinza e as roupas de baixo que, sem dúvida, guardou cuidadosamente no armário de seu quarto? Não!

Wakefield não chega a ser tão tolo! Ele sobe os degraus — com grande esforço! — pois vinte anos haviam-lhe enrijecido as pernas, desde que descera por ali da última vez —, mas não se dá conta disso. Espera, Wakefield! Estás indo para o único lugar que te resta? Então, podes subir para a tua sepultura! A porta abre.

Enquanto ele a transpõe, temos uma rápida visão de despedida de seu rosto, e reconhecemos o sorriso astucioso, precursor do pequeno gracejo que desde aí vem representando à custa de sua esposa. Como zombou desumanamente da pobre mulher! Bem, que ele tenha uma boa noite!

Esse feliz evento — supondo-o assim — só podia ter ocorrido num momento não premeditado. Não seguiremos o nosso amigo além do umbral. Ele nos deixou alimento suficiente para reflexão, parte da qual emprestará sua sabedoria para uma moral, que pode ser modelada numa imagem. Em meio à aparente confusão de nosso mundo misterioso, as pessoas estão ajustadas a um sistema de modo tão preciso, e os sistemas ajustados uns aos outros, e a um todo, que, ao afastar-se disso por um momento, um homem expõe-se ao risco terrível de perder o seu lugar para sempre. Tal como Wakefield, pode tornar-se, por assim dizer, o Pária do Universo.

A CASA DE ASTERION - Jorge Luis Borges

Sei que me acusam de soberba, e talvez de misantropia, e talvez de loucura. Tais acusações (que castigarei no devido tempo) são irrisórias. É verdade que não saio de casa, mas também é verdade que as suas portas (cujo número é infinito*) estão abertas dia e noite aos homens e também aos animais. Que entre quem quiser. Não encontrará aqui pompas femininas nem o bizarro aparato dos palácios, mas sim a quietude e a solidão. Por isso mesmo, encontrará uma casa como não há outra na face da terra. (Mentem os que declaram existir uma parecida no Egito.) Até meus detratores admitem que não há um só móvel na casa. Outra afirmação ridícula é que eu, Asterion, seja um prisioneiro. Repetirei que não há uma porta fechada, acrescentarei que não existe uma fechadura? Mesmo porque, num entardecer, pisei na rua; se voltei antes da noite, foi pelo temor que me infundiram os rostos da plebe, rostos descoloridos e iguais, como a mão aberta. O sol já se tinha posto mas o desvalido pranto de um menino e as preces rudes do povo disseram que me haviam reconhecido. O povo orava, fugia, se prosternava; alguns se encarapitavam na estilóbata do templo das Tochas, outros juntavam pedras. Algum deles, creio, se ocultou no mar. Não é em vão que uma rainha foi minha mãe; não posso confundir-me com o vulgo, ainda que o queira minha modéstia.

O fato é que sou único. Não me interessa o que um homem possa transmitir a outros homens; como filósofo, penso que nada é comunicável pela arte da escrita. As enfadonhas e triviais minúcias não encontram espaço em meu espírito, capacitado para o grande; jamais guardei a diferença entre uma letra e outra. Certa impaciência generosa não consentiu que eu aprendesse a ler. às vezes o deploro, porque as noites e os dias são longos.

Claro que não me faltam distrações. Como o carneiro que vai investir, corro pelas galerias de pedra até cair no chão, estonteado. Oculto-me à sombra duma cisterna ou à volta de um corredor e divirto-me com quem me busquem. Há terraços donde me deixo cair, até ensangüentar-me. A qualquer hora posso fazer que estou dormindo, com os olhos cerrados e a respiração contida. (às vezes durmo realmente, às vezes já é outra a cor do dia quando abro os olhos.) Mas, de

todos os brinquedos, o que prefiro é o do outro Asterion. Finjo que ele vem visitar-me e que eu lhe mostro a casa. Com grandes referências, lhe digo “Agora voltamos à encruzilhada anterior” ou “Agora desembocamos em outro pátio” ou “Bem dizia eu que te agradaria este pequeno canal” ou “Agora vais ver uma cisterna que se encheu de areia” ou “Já vais ver como o porão se bifurca”. Às vezes me engano e rimo-nos os dois, amavelmente.

Não tenho pensado apenas nesses brinquedos; tenho também meditado sobre a casa. Todas as partes da casa existem muitas vezes, qualquer lugar é outro lugar. Não há uma cisterna, um pátio, um bebedouro, um pesebre; são catorze (são infinitos) os pesebres, bebedouros, pátios, cisternas. A casa é do tamanho do mundo; ou melhor, é o mundo. Todavia, de tanto andar por pátios com uma cisterna e com poeirentas galerias de pedra cinzenta, alcancei a rua e vi o templo das Tochas e o mar. Não entendi isso até uma visão noturna me revelar que também são catorze (infinitos) os mares e os templos. Tudo existe muitas vezes, catorze vezes, mas duas coisas há no mundo que parecem existir uma só vez: em cima, o intrincado sol; embaixo, Asterion. Talvez eu tenha criado as estrelas e o sol e a enorme casa, mas já não me lembro.

A cada nove anos, entram na casa nove homens para que eu os liberte de todo o mal. Ouço seus passos ou sua voz no fundo das galerias de pedra e corro alegremente para buscá-los. A cerimônia dura poucos minutos. Um após outro caem sem que eu ensangüente as mãos. Onde caíram, ficam, e os cadáveres ajudam a distinguir uma galeria das outras. Ignoro quem sejam, mas sei que um deles, na hora da morte, profetizou que um dia vai chegar meu redentor. Desde então a solidão não me magoa, porque sei que meu redentor vive e que por fim me levantará do pó. Se meu ouvido alcançasse todos os rumores do mundo, eu perceberia seus passos. Oxalá me leve para um lugar com menos galerias e menos portas. Como será meu redentor? — me pergunto. Será um touro, ou um homem? Será talvez um touro com cara de homem? ou será como eu?

O sol da manhã rebrilhou na espada de bronze, já não restava qualquer vestígio de sangue.

— Acreditarás, Ariadne? — disse Teseu. — O minotauro apenas se defendeu.

O RAPA-CARNIÇA – Robert Louis Stevenson

O escocês, Robert Louis Stevenson (1850-1894), autor de O médico e o monstro – um dos maiores clássicos da ficção de horror –, escreveu “O rapa-carniça”, com sua terrível revelação, em 1884.

Todas as noites do ano, éramos quatro a ocupar o pequeno reservado do George, em Debenham – o agente funerário, o patrão, Fettes e eu. Às vezes havia mais gente; mas, viesse o que viesse, chuva, neve ou geada, nós quatro não falhávamos, cada qual plantado em sua poltrona de sempre. Fettes era um velho escocês bêbado, obviamente homem de boa formação e de algumas posses também, uma vez que vivia em ócio. Chegara a Debenham anos antes, ainda jovem, e pela mera permanência prolongada se tornara cidadão adotivo. Seu manto de chamalote azul era uma das relíquias locais, ao lado da flecha da igreja. Seu lugar no reservado da estalagem, sua ausência da igreja e seus vícios antigos, crapulosos e indignos eram vistos com naturalidade em Debenham. Tinha algumas opiniões radicais imprecisas e algumas infidelidades passageiras, que de tanto em tanto manifestava e pontuava com murros trêmulos na mesa. Bebia rum – cinco copos de lei, toda noite; e, em sua visita cotidiana ao George, permanecia quase o tempo inteiro sentado, o copo na mão direita, num estado de melancólica saturação alcoólica.

Nós o chamávamos Doutor, pois dizia-se que tinha algum conhecimento médico e que, em ocasiões de apuro, tratara de uma fratura ou pusera no lugar um membro deslocado; mas, afora esses poucos detalhes, não sabíamos nada de seu caráter ou de sua vida pregressa.

Certa noite escura de inverno – o relógio dera nove horas pouco antes que o patrão se juntasse a nós –, chegou ao George um homem enfermo, um gráudo proprietário de terras da região, vitimado por uma apoplexia a caminho do Parlamento; e o importantíssimo médico londrino do importante personagem foi convocado por telégrafo para a cabeceira do doente. Era a primeira vez que coisa do gênero acontecia em Debenham, pois a ferrovia só recentemente fora inaugurada, e todos nós ficamos devidamente comovidos com o fato.

“Ele chegou”, disse o patrão, abastecido e aceso o cachimbo.

“Ele?”, disse eu. “Quem? O médico?”

“Ele mesmo”, respondeu nosso anfitrião.

“Como se chama?”

“Doutor Macfarlane”, disse o patrão.

Fettes já ia avançado no terceiro copo e estava tonto, atordoado, ora cabeceando, ora olhando fixamente à volta; mas a essa última palavra pareceu despertar e repetiu duas vezes o nome “Macfarlane”, baixinho na primeira vez mas com súbita emoção na segunda.

“Exato”, disse o patrão, “é esse o nome. Doutor Wolfe Macfarlane.”

Fettes ficou sóbrio de um só golpe; os olhos despertaram, a voz soou clara, alta e firme, as palavras enérgicas e graves. Todos nos espantamos com a transformação, como se um homem tivesse se erguido do meio dos mortos.

“Desculpem-me”, disse ele, “acho que não estava prestando muita atenção na conversa. Quem é esse Wolfe Macfarlane?” E, depois de ouvir o patrão até o fim, acrescentou: “Não pode ser, não pode ser... Mas mesmo assim eu gostaria de encontrá-lo frente a frente”.

“Você o conhece, Doutor?”, perguntou o agente funerário, boquiaberto.

“Deus me livre!”, foi a resposta. “Mas esse nome é incomum; seria estranho existirem duas pessoas com o mesmo nome. Diga, patrão, ele é velho?”

“Bem”, disse o dono da estalagem, “jovem ele não é, e o cabelo é branco; mas parece mais jovem que você.”

“Mas é mais velho, vários anos mais velho. Além disso”, continuou, com um murro na mesa, “o que vocês veem no meu rosto é o rum – o rum e o pecado. Talvez o sujeito tenha consciência leve e boa digestão. Consciência! Logo eu, falando. Para vocês, sou um velho e bom cristão, um homem direito, não é mesmo? Nada disso, não sou; nunca fraquejei. Talvez Voltaire^{43}, na minha pele, tivesse fraquejado; mas a inteligência”, disse ele, tamborilando na cabeça calva, “a inteligência era clara e alerta, eu via as coisas e não fazia ilações.”

“Se você conhece esse médico”, arrisquei-me a dizer, depois de uma pausa um tanto penosa, “devo concluir que não partilha da boa opinião do nosso patrão”.

Fettes ignorou minhas palavras.

“É”, disse, com súbita determinação, “preciso encontrá-lo frente a frente”.

Depois de outra pausa, uma porta se fechou com estrépito no andar de cima e ouvimos passos na escada.

“É o doutor”, exclamou o patrão. “Depressa, se quiser alcançá-lo.”

Não mais que dois passos separavam o reservado da porta da velha estalagem; a larga escadaria de carvalho dava quase na rua; entre a soleira e o último lance de degraus havia espaço para um tapete turco e nada mais; mas todas as noites aquele pequeno espaço era brilhantemente iluminado, não apenas pela luz da escada e pelo grande lampião pendurado debaixo da tabuleta como também pelo reflexo cálido da vidraça do bar. Era assim, luminosamente, que a estalagem se anunciava aos que passavam pela rua fria.

Fettes avançou até ali sem vacilar e nós, logo atrás, vimos como os dois homens se encontraram frente a frente, como dissera um deles. O dr. Macfarlane era atento e vigoroso.

Seu cabelo branco realçava feições pálidas e serenas, embora intensas. Estava ricamente vestido, com a melhor casimira e o linho mais branco, uma pesada corrente de ouro para o relógio e botões de colarinho e óculos do mesmo material precioso. Envergava uma gravata branca de laço amplo com bolinhas lilases e trazia no braço um confortável capote de pele. Não havia dúvida de que estava em harmonia com sua idade, transpirando riqueza e circunstância; e era um contraste surpreendente ver nosso companheiro bebedor – calvo, sujo, perebento, enfiado em seu velho manto de chamalote – confrontá-lo ao pé da escada.

“Macfarlane!”, disse ele, num volume um tanto exagerado, mais como um arauto do que como um amigo.

O doutor figurão estacou no quarto degrau como se a familiaridade da invocação surpreendesse e mesmo chocasse sua dignidade.

“Toddy Macfarlane!”, repetiu Fettes.

O homem de Londres quase cambaleou. Por um átimo de segundo fitou o personagem diante dele, olhou para trás numa espécie de susto, depois disse, num sussurro sobressaltado:

“Fettes! Você?!”

“Isso! Eu mesmo!”, disse o outro. “Achou que eu também tivesse morrido? Não é tão fácil livrar-se dos conhecidos.”

“Fale baixo!”, exclamou o médico. “Este encontro assim inesperado... Logo se vê que o tempo passou. Confesso que no primeiro momento mal reconheci você;

mas estou radiante, radiante com esta oportunidade. Por enquanto vai ser apenas olá e até logo, minha charrete está à espera e não posso perder o trem; mas você... vejamos... me dê seu endereço, que não demora terá notícias minhas. Temos que fazer alguma coisa por você, Fettes. Temo que esteja passando dificuldade; mas vamos cuidar disso, já que somos bons companheiros, como gostávamos de cantar em nossos jantares de antigamente.”

“Dinheiro!”, gritou Fettes. “Dinheiro de você! O dinheiro que você me deu continua no lugar onde o joguei, tomando chuva.”

O dr. Macfarlane recuperara até certo ponto o ar soberano e confiante, mas a veemência incomum da recusa fez com que recaísse no embaraço inicial.

Um esgar^[44] vil, horroroso, dominou e abandonou sua fisionomia quase venerável.

“Meu caro amigo”, disse, “você é que sabe; a última coisa que eu desejo é ofendê-lo. Jamais me importaria a ninguém. De todo modo, vou lhe dar meu endereço...”

“Não quero endereço nenhum, não quero saber qual é o teto que cobre a sua cabeça”, interrompeu o outro.

“Alguém falou seu nome; temi que fosse você; quis saber se, afinal de contas, existe um Deus; agora sei que não há.

Fora daqui!”

Fettes continuava no meio do tapete, entre a escada e a porta da rua; e o grande médico de Londres, para escapar dali, seria forçado a dar um passo para o lado. Era evidente que ele hesitava diante da ideia de tamanha humilhação.

Branco que estava, via-se uma cintilação perigosa em seus óculos; mas enquanto ele permanecia imóvel, ainda indeciso, percebeu que o condutor de sua charrete espiava da rua a cena incomum e ao mesmo tempo deu por nossa pequena plateia do reservado apinhada no canto do bar. A presença de tantas testemunhas decidiu-o na hora a fugir. Esgueirando-se rente aos lambris, disparou como uma serpente na direção da porta. Mas suas agruras ainda não haviam chegado ao fim, pois, quando já passava por Fettes, este segurou-o pelo braço e pronunciou as seguintes palavras, num sussurro dolorosamente nítido: “Você voltou a ver aquilo?”

O abastado doutor de Londres soltou um grito lancinante, estrangulado; empurrou seu inquisidor para trás e, cobrindo a cabeça com as mãos, fugiu pela porta como um ladrão desmascarado. Antes que algum de nós pensasse em

intervir, a charrete já chacoalhava a caminho da estação. Como um sonho, a cena se encerrou, mas o sonho deixara provas e rastros de sua passagem. No dia seguinte a criada encontrou os belos óculos de ouro quebrados sobre a soleira, e naquela mesma noite todos nós ficamos ali, boquiabertos, junto à janela do bar, e Fettes, junto de nós, tinha um aspecto sóbrio, pálido e resoluto.

“Deus nos proteja, Fettes!”, disse o patrão, o primeiro a recobrar o tino de costume. “O que diabos foi isso? Que coisas estranhas são essas que você disse?”

Fettes voltou-se para nós; fitou-nos um por um. “Tentem ficar de bico fechado”, disse. “É um perigo encontrar esse Macfarlane; os que fizeram isso se arrependeram tarde demais.”

Em seguida, sem nem mesmo terminar o terceiro copo e muito menos esperar pelos outros dois, desejou-nos boa noite e submergiu na escuridão, passando sob o lampião da estalagem.

Nós três voltamos para nossos lugares no reservado, com a grande lareira acesa e quatro velas reluzentes; e, recapitulando o acontecido, nosso arrepio inicial de surpresa transformou-se em clarão de curiosidade. Ficamos até tarde; que eu me lembre, foi nosso serão mais prolongado no velho George. Quando nos separamos, cada um de nós tinha uma teoria que estava preparado para comprovar; e nosso único objetivo nesta vida era desvendar o passado de nosso pobre companheiro e pilhar o segredo que ele partilhava com o grande médico de Londres.

Sem querer me vangloriar, acho que, em se tratando de desencavar histórias, eu era mais competente do que meus camaradas do George; e possivelmente hoje em dia não haja um só vivente capaz de narrar-lhes os fatos abomináveis e doentios que se seguem.

Quando jovem, Fettes estudara medicina na faculdade de Edimburgo. Possuía um talento peculiar, aquele talento que recolhe depressa o que ouve para logo tirar proveito pessoal. Estudava pouco em casa, mas era respeitoso, aplicado e inteligente na presença dos mestres.

Estes logo o identificaram como um aluno que ouvia com atenção e se lembrava do que ouvia; com efeito, por estranho que tivesse me parecido quando fiquei sabendo disso, na época ele era um aluno querido, muito satisfeito de si.

Havia, naquele tempo, certo professor associado de anatomia, que designarei aqui pela letra K. Seu nome veio a ser conhecido, muito conhecido. Esse homem se esgueirava, disfarçado, pelas ruas de Edimburgo enquanto a multidão que

aplaudira a execução de Burke^[45], clamava pelo sangue de seu empregador. Mas o sr. K. estava então no auge da moda: gozava de uma popularidade em parte decorrente de seu grande talento e de seu preparo, em parte da incapacidade de seu rival, o professor efetivo. Os estudantes, pelo menos, rezavam por sua cartilha, e Fettes – como de resto seus colegas – julgou assentadas as bases de sua carreira ao cair nas graças daquele homem meteoricamente famoso. O sr. K. era um *bon vivant* e um professor experiente; sabia apreciar tanto uma alusão dissimulada quanto uma preparação meticulosa. Em ambos os quesitos, Fettes gozava de sua merecida atenção, e já em seu segundo ano de estudos conquistara a posição mais ou menos fixa de monitor, ou segundo-assistente da disciplina.

Nessa condição, a responsabilidade pelo anfiteatro e pelas aulas de anatomia recaía particularmente sobre seus ombros. Era ele quem respondia pela limpeza dos recintos e pela conduta dos demais estudantes, e fazia parte de seus deveres providenciar, receber e distribuir as diversas peças a analisar. Foi em atenção a esta última tarefa – muito delicada à época – que o sr. K. o alojara na mesma ruela e, por fim, no mesmo edifício das salas de dissecação. Ali, depois de uma noite de prazeres turbulentos, a mão ainda trêmula, a vista ainda embaçada e confusa, era tirado da cama nas horas escuras que precedem a aurora invernal pelos comerciantes encardidos e desesperados que supriam a bancada para as aulas práticas. Abria a porta para aqueles homens, infames desde então em todo o país. Ajudava-os com sua carga trágica, pagava-lhes o preço sórdido e, quando partiam, ficava sozinho com aqueles restos inamistosos de seres humanos. Dava as costas a tal cenário para mais uma hora ou duas de sono que o restaurassem dos abusos da noite e o refrescassem para as lidas do dia.

Poucos rapazes poderiam ter sido mais insensíveis às impressões de uma vida passada assim, entre os emblemas da mortalidade. Seu espírito era impermeável a toda e qualquer ideia generalizante. Era incapaz de interessar-se pela desgraça ou pela sorte alheia, escravo que era dos próprios desejos e ambições mesquinhas. Frio, inconsequente e egoísta até o fim, tinha aquele mínimo de prudência, inadequadamente denominado moralidade, que mantém um homem longe da embriaguez inconveniente ou do furto sujeito a punição. Almejava, ademais, algum grau de consideração por parte de seus mestres e colegas e não estava inclinado a fracassar conspicuamente nos aspectos externos da existência. Assim, deu-se o prazer de conquistar alguma distinção nos estudos e, dia após dia, prestava serviços impecáveis como assistente de seu empregador, o sr. K. Compensava o dia de trabalho com noites ensurdecedoras e inescrupulosas de diversão; e, todas as contas feitas, o órgão que denominava sua “consciência” dava-se por satisfeito.

O suprimento de peças era um perpétuo problema para ele e para seu patrão. Na sala de aula vasta e industriosa, a matéria-prima dos anatomistas estava sempre a ponto de se esgotar; e o comércio que isso tornava necessário não apenas era desagradável em si, como ameaçava todos os envolvidos com sérias represálias. A política do sr. K. consistia em não fazer perguntas durante as tratativas. “Eles trazem o corpo, nós pagamos o preço”, era o que costumava dizer, sublinhando a aliteração – *quid pro quo*⁽⁴⁶⁾. E, continuava, em tom um tanto profano, dizendo à assistência: “Não façam perguntas, por amor à consciência”. Não se supunha que as peças fossem providenciadas mediante o crime de assassinato. Se a ideia lhe fosse comunicada nesses termos, ele recuaria horrorizado; mas a levandade com que falava sobre assunto tão grave era, por si só, uma ofensa às boas maneiras e uma tentação para os homens com quem lidava. Fettes, por exemplo, percebera com frequência o estranho frescor dos corpos. Repetidas vezes, atentara para o aspecto velhaco e abominável dos patifes que vinham procurá-lo antes do amanhecer; e, de si para si, juntando uma coisa à outra, talvez atribuisse um sentido excessivamente imoral e categórico aos conselhos descuidados do patrão. Em suma, considerava que seu dever tinha três ramificações: aceitar o que viesse, pagar o preço e desviar os olhos de qualquer indício de crime.

Numa certa manhã de novembro essa política de silêncio foi duramente posta à prova. Fettes passara a noite em claro, vítima de uma dor de dente lancinante, andando de um lado para outro no quarto como uma fera enjaulada ou jogando-se enfurecido na cama para finalmente cair naquele sono profundo e incômodo que tantas vezes se segue a uma noite de dor, quando foi despertado pela terceira ou quarta repetição irritada do sinal convencionado.

Havia um luar tênue e brilhante: fazia um frio cortante, com vento e geada; a cidade ainda não acordara, mas uma agitação indefinível já antecipava o alarido e o trabalho do dia. Os espectros haviam chegado mais tarde que de hábito e pareciam especialmente ansiosos por partir. Fettes, bêbado de sono, iluminou as escadas que levavam ao primeiro andar. Como em sonhos, ouvia vozes resmungando em irlandês; e, enquanto esvaziavam o saco de sua triste mercadoria, dormitava com o ombro apoiado na parede; foi obrigado a sacudir-se para encontrar o dinheiro dos homens. Enquanto fazia isso, seus olhos deram com o rosto morto. Sobressaltou-se; deu dois passos adiante, de vela erguida.

“Deus Todo-Poderoso!”, exclamou. “É a Jane Galbraith!”

Os homens nada responderam, mas se aproximaram da porta arrastando os pés.

“Conheço essa moça, tenho certeza”, continuou Fettes. “Ontem mesmo estava

viva e saudável. É impossível que esteja morta; é impossível que vocês tenham conseguido seu corpo honestamente.”

“Cavalheiro, com certeza o senhor está totalmente enganado”, disse um dos homens.

Mas o outro encarou Fettes com olhar sombrio e exigiu o dinheiro na hora.

Era impossível ignorar a ameaça ou exagerar o perigo. O rapaz fraquejou. Gaguejou um pedido de desculpas, contou o dinheiro e assistiu à partida de seus odiosos visitantes.

Tão logo haviam partido, correu a confirmar suas dúvidas.

Por uma dúzia de sinais inequívocos, identificou a jovem com quem se divertira um dia antes. Horrorizado, deu com marcas no corpo dela que bem poderiam significar o uso de violência. Tomado de pânico, refugiou-se em seu quarto. Ali, refletiu longamente sobre sua descoberta; mais calmo, deliberou sobre o sentido das instruções do sr. K. e o perigo que corria se interferisse em assunto tão sério e, por fim, presa de amarga perplexidade, decidiu pedir conselho a seu superior imediato, o primeiro-assistente.

Este era um jovem médico, Wolfe Macfarlane, querido de todos os estudantes estroinas^{47}: inteligente, dissoluto e inescrupuloso em altíssimo grau. Vivera e estudara no exterior. Seus modos eram agradáveis e um tanto ousados. Era uma autoridade em teatro, habilidoso no gelo ou na relva com um par de patins ou um taco de golfe; vestia-se com audácia elegante e, para rematar sua glória, possuía um cabriolé e um vigoroso cavalo de trote.

Tinha intimidade com Fettes; mais ainda, seus respectivos encargos pediam alguma vida em comum; e, quando as peças escasseavam, a dupla saía campo afora no cabriolé de Macfarlane para visitar e profanar algum cemitério isolado, chegando à porta da sala de dissecação com o butim ainda antes do amanhecer.

Naquela manhã específica, Macfarlane chegou um pouco mais cedo que de hábito. Fettes ouviu e foi a seu encontro na escada, contou o caso e mostrou-lhe a causa de seu alarme. Macfarlane examinou as marcas no corpo.

“De fato”, disse, com um aceno de cabeça, “parece suspeito.”

“E então, o que devo fazer?”, indagou Fettes.

“Fazer?”, repetiu o outro. “Você quer fazer alguma coisa? Eu diria que, quanto menos se falar no assunto, melhor.”

“Alguém mais pode reconhecê-la”, objetou Fettes. “Ela era tão conhecida quanto

a Castle Rock^[48].”

“Esperemos que não”, disse Macfarlane. “E se alguém reconhecer – bem, você não reconheceu, não é? E ponto final. O fato é que a coisa toda já vem de muito tempo. Remexa na lama e você vai enfiar K. numa encrenca feia; e você mesmo vai se enrascar. E eu também, aliás. Fico me perguntando que figura a gente faria, ou o que teríamos a dizer no banco das testemunhas. Da minha parte, só tenho certeza de uma coisa: que, em termos práticos, todas as nossas peças foram assassinadas.”

“Macfarlane!”, exclamou Fettes.

“Ora essa!”, riu-se o outro. “Como se você não tivesse desconfiado!”

“Desconfiar é uma coisa...”

“E provar é outra. Claro, eu sei; e lamento tanto quanto você que isto tenha vindo parar aqui”, disse ele, tocando o corpo com a bengala. “Para mim, o melhor a fazer é não reconhecê-la; como, aliás”, acrescentou friamente, “não reconheço. Fique à vontade, se quiser reconhecer. Não dito regras, mas creio que um homem do mundo faria como eu; e, se me permite, imagino que é isso o que K. espera de nós. A questão é: por que ele nos escolheu para assistentes? E a resposta é: porque não queria gente bisbilhoteira.”

Era esse, exatamente, o tom mais adequado para influenciar as ideias de um rapaz como Fettes. Ele resolveu imitar Macfarlane. O corpo da pobre moça foi devidamente dissecado e ninguém reparou, ou pareceu reconhecê-la.

Uma tarde, terminado o trabalho do dia, Fettes passou por uma taberna popular e deu com Macfarlane sentado na companhia de um desconhecido. Era um homem baixo, muito pálido e de cabelo escuro, de olhos negros como carvão. Seus traços faziam pensar num intelecto e num refinamento que mal afloravam em seus modos, pois, visto mais de perto, ele logo se revelou um homem grosseiro, vulgar e obtuso. Contudo, exercia notável controle sobre Macfarlane; dava ordens como um grão-paxá; exaltava-se à menor discussão ou demora e fazia comentários rudes sobre o servilismo com que era servido. Aquele sujeito insuportável logo se afeiçoou a Fettes, acumulou-o de bebidas e fez-lhe a honra de confidências singulares sobre sua carreira pregressa. Se um décimo do que contou fosse verdade, tratava-se de um patife dos mais nauseabundos; e a vaidade do rapaz foi atiçada pela atenção de um homem experiente como aquele.

“Sou um sujeitinho de raça ruim”, observou o estranho,

“mas o Macfarlane... Esse sim. Toddy Macfarlane. É assim que eu o chamo.

Toddy, peça mais um copo para o seu amigo.” Ou então: “Toddy, mexa-se, feche aquela porta”. “Toddy me odeia”, ele repetiu. “É verdade, Toddy. Odeia, sim!”

“Não me chame por esse nome maldito”, grunhiu Macfarlane.

“Ouça essa! Você já viu garoto brincar com faca? Ele adoraria passar a faca em mim”, disse o desconhecido.

“Nós, médicos, fazemos bem melhor”, disse Fettes.

“Quando não gostamos de um velho amigo, nós o dissecamos.”

Macfarlane levantou a vista de repente, como se a brincadeira não fosse nem um pouco de seu gosto.

A tarde chegou ao fim. Gray – pois era este o nome do desconhecido – convidou Fettes a acompanhá-los no jantar, pediu um festim tão suntuoso que a taberna inteira se alvoroçou e, concluído o assunto, mandou que Macfarlane pagasse a conta. Separaram-se tarde da noite; o tal Gray estava inenarravelmente bêbado. Macfarlane, sóbrio de fúria, ruminava o dinheiro que fora obrigado a esbanjar e as gozações que fora obrigado a engolir. Fettes, com variadas bebidas cantando na cabeça, voltou para casa a passadas incertas e com o espírito em suspenso. No dia seguinte Macfarlane faltou às aulas. Fettes sorriu para si mesmo imaginando-o a pajear o intolerável Gray de taberna em taberna. Tão logo soou a hora da liberdade, pôs-se a percorrer a cidade em busca dos companheiros da noite anterior. Contudo, ao não encontrá-los em lugar nenhum, voltou cedo para casa, foi cedo para a cama e dormiu o sono dos justos.

Às quatro da manhã, foi despertado pelo sinal bem conhecido. Quando chegou à porta, ficou pasmo ao ver Macfarlane em seu cabriolé e, no cabriolé, um daqueles pacotes compridos e horripilantes a que estava tão acostumado.

“O que houve”, exclamou. “Saiu sozinho? Como conseguiu?”

Mas Macfarlane, grosseiro, mandou que se calasse e prestasse atenção no trabalho. Depois que levaram o corpo para cima e o depositaram sobre a mesa, Macfarlane fez menção de ir embora. Depois se deteve e pareceu hesitar; por fim, disse com algum constrangimento: “É melhor você dar uma olhada no rosto”. “É melhor”, repetiu, enquanto Fettes o fitava espantado.

“Mas onde e como e onde você encontrou este aqui?”, exclamou Fettes.

“Olhe o rosto”, foi a única resposta.

Fettes estava desconcertado; estranhas dúvidas o assediavam. Olhava do jovem médico para o corpo e tornava ao primeiro. Por fim, num repelão, fez como lhe

mandavam. Quase esperava a visão que veio de encontro a seus olhos, e mesmo assim o impacto foi cruel. Ver ali, fixado na rigidez da morte e nu sobre a aniagem grosseira, o homem que deixara bem-vestido, entupido de carne e vício, na soleira de uma taberna, despertou, até mesmo no insensível Fettes, alguns dos terrores da consciência. Era um *cras tibi*⁽⁴⁹⁾ que ecoava em sua alma dois conhecidos seus acabarem estendidos naquelas mesas gélidas. Mas esses eram apenas pensamentos secundários. Sua maior preocupação dizia respeito a Wolfe. Despreparado para um desafio de tal monta, não sabia como encarar o colega. Não ousava erguer a vista, não dispunha de palavras nem de voz.

Foi o próprio Macfarlane quem deu o primeiro passo.

Veio quieto por trás e pousou a mão no ombro do outro, gentilmente, mas com firmeza.

“Richardson pode ficar com a cabeça”, disse ele.

O tal Richardson era um estudante que havia muito cobiçava aquela parte do corpo humano para dissecar.

Não houve resposta, e o assassino retomou:

“Falando em negócios, você precisa me pagar; lembre-se, as suas contas precisam bater”.

Fettes recobrou alguma voz, uma sombra da própria:

“Pagar!”, exclamou. “Pagar pelo quê?”

“Ora, é claro que você precisa pagar. De qualquer maneira e por todas as razões do mundo, você precisa pagar”, retrucou o outro. “Eu não deixaria assim de presente e você não receberia assim de presente; isso com-prometeria a nós dois. Como no caso de Jane Galbraith. Quanto mais erradas estão as coisas, mais a gente tem de agir como se tudo estivesse em ordem. Onde o velho K. guarda o dinheiro?”

“Ali”, respondeu Fettes com voz rouca, apontando para um armário no canto.

“Então me dê a chave”, disse o outro, calmamente, estendendo a mão.

Houve uma hesitação momentânea e os dados foram lançados. Macfarlane não conseguiu conter um esgar nervoso, marca infinitesimal de um alívio imenso, ao sentir a chave entre os dedos. Abriu o armário, tirou tinta, pena e caderno de um compartimento e separou, do dinheiro guardado numa gaveta, a soma cabível na situação.

“Agora, olhe aqui”, disse, “o pagamento foi realizado – primeira prova da sua

boa-fé, primeiro passo para a sua segurança. Falta agora encerrar o assunto com um segundo passo. Dê entrada do pagamento no livro de contas e nem o diabo poderá com você.”

Os segundos seguintes foram para Fettes um paroxismo de pensamentos; mas, na balança de seus terrores, o mais imediato acabou por triunfar. Qualquer dificuldade futura parecia quase bem-vinda se conseguisse escapar ao confronto presente com Macfarlane. Largou a vela que estivera carregando aquele tempo todo e, com letra firme, deu entrada de data, natureza e montante da transação.

“E agora”, disse Macfarlane, “é justo que você embolse o lucro. Já recebi a minha parte. Aliás, quando um homem do mundo tem um golpe de sorte e alguns xelins a mais no bolso – bem, fico embaraçado em mencionar isso, mas há uma regra de conduta para esses casos. Nada de banquetes, nada de livros caros, nada de acertos de dívidas; tome emprestado, mas nunca empreste.”

“Macfarlane”, começou Fettes, ainda um pouco rouco,

“pus meu pescoço no cepo para lhe fazer um favor.”

“Um favor?”, exclamou Wolfe. “Ora, vamos e venha-mos! Até onde percebo a situação, você fez o que tinha de fazer para ficar protegido. Imagine que eu me metesse numa enrascada, o que seria de você? Este segundo probleminha deriva claramente do primeiro. O senhor Gray é a continuação da senhorita Galbraith. Não dá para começar e depois parar. Se você começa, tem de continuar começando; essa é a verdade. Não há repouso para os ímpios.”

Um sentimento horrível de baixeza e a traição do destino tomaram conta da alma do infeliz estudante.

“Meu Deus!”, exclamou. “O que eu fiz? E quando comecei? Ser monitor universitário – em nome da razão, que mal há nisso? Meu colega Service estava de olho nesse posto; o posto podia ter sido de Service. Será que *ele* estaria na situação em que *eu* estou agora?”

“Meu caro amigo”, disse Macfarlane, “que criança você é! Por acaso *aconteceu* alguma coisa com você? Por acaso *pode* acontecer alguma coisa com você se calar o bico? Homem, você não sabe como é a vida? Estamos divididos em dois grupos – leões e cordeiros. Se você for cordeiro, vai acabar em cima de uma dessas mesas, como Gray ou Jane Galbraith; se for leão, vai viver e comandar um cavalo. Como eu, como K., como todo aquele que tem alguma inteligência, alguma coragem. Você hesita entre os cordeiros. Mas olhe para K.! Meu caro amigo, você é inteligente, você tem topete. Gosto de você, e K. também. Você nasceu para liderar a caçada; e eu lhe digo, por minha honra e por minha

experiência da vida, que daqui a três dias você rirá desses espantalhos feito criança numa peça de escola.”

Dito isso, Macfarlane se retirou e se afastou pela ruela em seu cabriolé a fim de se refugiar da luz do dia. Fettes ficou sozinho com seus remorsos. Via o apuro terrível em que estava metido. Viu, com indizível desalento, que sua fraqueza não tinha limites e que, de concessão em concessão, descera de árbitro do destino de Macfarlane a cúmplice pago e indefeso. Teria dado qualquer coisa neste mundo para ter sido um pouco mais corajoso momentos antes, mas não lhe ocorreu que ainda poderia ser corajoso. O segredo de Jane Galbraith e a maldita entrada no livro de contas cerraram sua boca.

As horas se passaram; os alunos começaram a chegar; os membros do pobre Gray foram distribuídos para este e para aquele e recebidos sem comentários. Richardson foi agraciado com a cabeça e, mesmo antes de soar a hora da liberdade, Fettes já estremecia de júbilo ao perceber quanto já haviam avançado rumo à impunidade.

Por dois dias continuou a observar, com júbilo crescente, o terrível processo de mascaramento.

No terceiro dia, Macfarlane apareceu novamente. Disse que estivera doente, mas compensou o tempo perdido com a energia com que dirigiu os estudantes. Richardson, em especial, recebeu assistência e conselhos inestimáveis, e o estudante, animado com os elogios do monitor, inflamado por esperanças ambiciosas, já via a medalha a seu alcance.

Antes que a semana chegasse ao fim, a profecia de Macfarlane já se cumprira. Fettes sobrevivera a seus terrores e esquecera a própria baixeza. Começara a felicitar-se pela própria coragem e ajeitara a história no próprio espírito de maneira a poder olhar para trás com orgulho doentio.

Pouco via o cúmplice. Encontravam-se, é claro, durante o trabalho; recebiam juntos as ordens de K. Às vezes trocavam uma ou duas palavras a sós e Macfarlane se mostrava particularmente gentil e jovial do começo ao fim. Mas era evidente que ele evitava toda e qualquer referência ao segredo que os dois partilhavam; e mesmo quando Fettes lhe disse num sussurro que havia jogado sua sorte com os leões e que deixara os cordeiros de lado, apenas fez sinal, sorridente, para que o outro ficasse quieto.

Com o tempo, uma nova ocasião voltou a aproximar a dupla. O sr. K. via-se novamente sem peças; os alunos manifestavam impaciência e o professor gostava de contar entre seus atributos o fato de estar sempre bem abastecido. Ao

mesmo tempo chegou a notícia de que haveria um enterro no rústico cemitério de Glencorse. O tempo pouco alterou o lugar em questão. Na época, como hoje em dia, o cemitério ficava numa encruzilhada, afastado de toda habitação humana e a uma braça de profundidade sob a folhagem de seis cedros. Os balidos das ovelhas nas colinas vizinhas, os córregos à direita e à esquerda, um cantando alto entre os seixos, o outro escoando furtivamente de poça em poça, o rumorejar do vento nas velhas nogueiras em flor e, uma vez a cada sete dias, a voz do sino e as velhas canções do chantre^[50] eram os únicos sons que perturbavam o silêncio que cercava a igreja rural. O Homem da Ressurreição – para usar uma alcunha da época – não se deixaria deter por nenhum dos preceitos sagrados da religião comum. Era parte de seu ofício desprezar e profanar os sinais entalhados em velhas lápides, os caminhos gastos pelos pés de fiéis e enlutados, as oferendas e as inscrições de um afeto consternado. Para aqueles lugarejos rústicos, onde o amor costuma ser mais tenaz e onde alguns laços de sangue ou camaradagem unem toda uma paróquia, o ladrão de corpos, longe de sentir-se repelido pelo respeito natural, era atraído pela facilidade e a segurança da tarefa. Os corpos depositados na terra na jubilosa esperança de um despertar bem diferente eram surpreendidos por uma ressurreição apressada e atroz, à força de pá, picareta e luz de lampião. O caixão era forçado, os paramentos rasgados e os restos melancólicos, vestidos em aniagem, depois de sacolejar horas a fio por estradas secundárias, eram finalmente expostos ao ultraje máximo diante de uma turma de rapazes boquiabertos.

Um pouco como dois abutres adejando sobre um cordeiro moribundo, Fettes e Macfarlane deviam atacar um túmulo naquele lugar de repouso calmo e verdejante. A esposa de um granjeiro, mulher que vivera sessenta anos e que era conhecida de todos pela boa manteiga que fazia e por sua conversa virtuosa, seria arrancada de seu túmulo à meia-noite e levada, morta e nua, para aquela cidade distante que sempre honrara com suas vestes domingueiras; a romper da aurora, seu lugar ao lado dos familiares estaria vazio; seus membros inocentes e quase veneráveis seriam expostos à última curiosidade do anatomista.

Certa noite a dupla se pôs a caminho já bem tarde, ambos envoltos em mantos e com uma formidável garrafa à mão. Chovia sem interrupção – uma chuva fria, densa, fustigante. Vez por outra soprava um pé de vento que a cortina d'água subjugava. Apesar da garrafa, cobriram um trecho triste e silencioso até Penicuik, onde haviam planejado pernoitar. Pararam uma vez para esconder os apetrechos num arbusto fechado, não longe do cemitério, e outra mais no Recanto do Pescador, para comer uma torrada diante do fogo da cozinha e alternar goles de uísque com um copo de cerveja. Chegando a seu destino, o

cabriolé foi guardado e o cavalo alimentado e alojado.

Os dois jovens médicos se recolheram a um reservado para fruir do melhor jantar e do melhor vinho que a casa pudesse oferecer. As luzes, a lareira, a chuva que batia na vidraça, a tarefa fria e absurda – tudo atiçava o prazer que aquele jantar lhes proporcionava. A cada copo, seu ânimo melhorava. Pouco depois, Macfarlane estendeu uma pilha de ouro para o companheiro.

“Uma gentileza”, disse ele. “Entre amigos, esses pequenos acertos devem ser feitos o mais depressa possível.”

Fettes embolsou o dinheiro e saudou os sentimentos do amigo. “Você é um filósofo”, exclamou. “Eu era uma besta até conhecer você. Você e K. – vocês dois, com a breca, vão fazer de mim um homem.”

“É claro que sim”, aplaudiu Macfarlane. “Um homem?”

Ouçá bem, só um homem poderia me ajudar naquela outra madrugada. Muito grandalhão de quarenta anos, lerdo e covarde, teria entregue os bofes só de ver aquela maldita coisa; mas não você, você manteve a cabeça erguida. Eu vi tudo.”

“Bem, e por que não?”, vangloriou-se Fettes. “O problema não era meu. Não havia nada a ganhar com o estardalhaço, e, além do mais, eu podia contar com a sua gratidão, não é?” E deu tapinhas no bolso fazendo tilintar as moedas de ouro.

Macfarlane sentiu uma pontada de alarme ao ouvir aquelas palavras desagradáveis. Talvez tivesse se arrependido de ter instruído o jovem companheiro com tanto êxito, mas não houve tempo de retrucar, pois o outro prosseguiu em seu rompante de bazófia^{51} ruidosa:

“A coisa toda está em não ter medo. Agora, cá entre nós, não quero ser enforcado – disso eu tenho certeza; mas nasci desprezando as lamúrias, Macfarlane. Inferno, Deus, Diabo, certo, errado, pecado, crime e toda essa galeria de antiguidades – isso tudo pode assustar criancinhas, mas homens do mundo como eu e você desprezam essas coisas. Um brinde à memória de Gray!”

Àquela altura, a noite já ia avançada. O cabriolé, novamente arreado, conforme as instruções, foi levado até a porta com os dois lampiões muito brilhantes, e os dois rapazes pagaram a conta e tomaram a estrada. Anunciaram que seguiam rumo a Peebles e tocaram naquela direção até ultrapassadas as últimas casas do lugarejo; depois, apagados os lampiões, voltaram atrás e seguiram por uma estrada secundária na direção de Glencorse. Não havia outro som além do que eles produziam ao passar e da chuva estridente e incessante. Estava escuro como breu; aqui e ali, um portão branco ou uma pedra branca num muro guiavam-nos

brevemente pelo meio da noite; mas, na maior parte do tempo, foi a passo lento, quase às apalpadelas, que os dois abriram caminho na escuridão ressonante rumo a seu destino solene e remoto. Em meio aos bosques enlameados que cobriam as proximidades do cemitério, não houve brilho que os ajudasse, e foi necessário riscar um fósforo e reacender uma das lanternas do cabriolé. Assim, sob as árvores gotejantes, rodeados de grandes sombras moventes, atingiram o palco de seus labores profanos.

Ambos tinham experiência no ofício e na força com a pá; mal precisaram de vinte minutos para serem recompensados por um tamborilar surdo no tampo do caixão.

Nesse mesmo instante, Macfarlane, tendo machucado uma das mãos num pedregulho, atirou-o descuidadamente para trás. A cova em que estavam metidos quase até os ombros ficava junto à beira do platô do cemitério; e, a fim de iluminar melhor os trabalhos, o lampião do cabriolé fora apoiado a uma árvore, junto ao barranco íngreme que descia para o córrego. O acaso fizera mira certa com a pedra. Ouviu-se um retinir de vidro quebrado; a noite caiu sobre eles; sons ora surdos, ora vibrantes anunciavam o rolar da lanterna barranco abaixo e suas ocasionais colisões com as árvores. Uma pedra ou duas, deslocadas na queda, ressoaram nas profundidades da ravina; em seguida o silêncio, como a noite, retomou seu domínio; e, por mais que tentassem, nada ouviam exceto a chuva, que ora caía impulsionada pelo vento, ora martelava sem cessar sobre milhas e mais milhas de campo aberto.

Estavam tão próximos do fim de sua tarefa abjeta que julgaram melhor terminá-la no escuro. O caixão foi exumado e forçado; o corpo foi inserido no saco ensopado e carregado até o cabriolé; um dos dois tomou assento enquanto o outro, puxando o cavalo pela brida, avançava ao longo do muro e dos arbustos até chegarem ao Recanto do Pescador. Ali havia um brilho débil e difuso, que os dois saudaram como se fosse a luz do dia; guiando-se por ela, açularam o cavalo e saíram sacolejando na direção da cidade.

Os dois tinham ficado completamente empapados durante as operações, e agora, com o cabriolé saltitando sobre as valas profundas, a coisa aprumada entre eles cambava ora para um lado, ora para o outro. A cada vez que aquele contato horrendo se repetia, eles o repeliam depressa; e o processo, por natural que fosse, começou a dar nos nervos dos dois parceiros. Macfarlane fez alguma piada de mau gosto sobre a esposa do granjeiro, que soou oca em seus lábios e caiu no silêncio. O fardo torpe continuava a sacolejar de um lado para o outro; ora a cabeça repousava, confiante, sobre os ombros deles, ora a aníagem^{52}.

ensopada batia gelada em seus rostos. A alma de Fettes começou a ser tomada por uma sensação de congelamento. Fettes observava o fardo e tinha a impressão de que de alguma maneira ele havia ficado maior que era no começo. Por todo o campo e de todas as distâncias, os cães das fazendas acompanhavam a passagem do cabriolé com uivos trágicos; e ele se convencia mais e mais de que algum milagre perverso se consumara, de que alguma transformação inominável afetara o corpo morto, de que os cachorros uivavam de medo daquele fardo maldito.

“Pelo amor de Deus”, disse Fettes, fazendo força para falar. “Pelo amor de Deus, vamos acender uma luz!”

Aparentemente, Macfarlane sentia algo do mesmo gênero; pois, apesar de nada responder, ele deteve o cavalo, passou as rédeas para o companheiro, desceu do assento e tratou de acender o lampião remanescente. Não tinham ido além da encruzilhada para Auchendinny. A chuva ainda caía como se o dilúvio fosse voltar, e não foi fácil fazer lume naquele mundo de escuridão e umidade. Quando, enfim, a chama azul e bruxuleante foi transferida para o pavio e começou a se expandir e a iluminar, lançando um amplo círculo de brilho nebuloso ao redor do cabriolé, os dois homens puderam ver-se um ao outro, bem como a coisa que traziam consigo. A chuva amoldara o pano grosseiro aos contornos do corpo; a cabeça se distinguia do tronco, os ombros pareciam bem modelados; alguma coisa ao mesmo tempo espectral e humana fazia com que os dois viajantes não despregassem os olhos daquele companheiro de viagem fantasmagórico.

Por algum tempo, Macfarlane continuou imóvel, segurando o lampião. Um temor sem nome, como um lençol molhado, parecia enfaixar o corpo e esticar a pele do rosto de Fettes; um temor absurdo, um horror àquilo que não podia ser continuava a crescer em seu cérebro. Um momento mais, e ele teria falado. Mas seu camarada adiantou-se.

“Isto não é uma mulher”, disse Macfarlane com voz sumida.

“Era uma mulher quando a metemos no saco”, sussurrou Fettes.

“Segure o lampião”, disse o outro. “Quero ver o rosto.”

E, enquanto Fettes erguia o lampião, seu companheiro desamarrou as cordas do saco e puxou para baixo a parte que cobria a cabeça. A luz caiu em cheio sobre as feições morenas e bem definidas, sobre as faces bem barbeadas de um semblante mais que familiar, muitas vezes visto nos sonhos dos dois rapazes. Um grito selvagem soou em meio à noite; cada um deles saltou para um lado da

estrada; o lampião caiu, quebrou e se apagou; e o cavalo, aterrorizado com a insólita comoção, deu um pinote e disparou a galope rumo a Edimburgo, levando consigo, único ocupante do cabriolé, o corpo morto e havia muito dissecado de Gray.

Tradução de Samuel Titan Jr.

ELOI ELOI LAMA SABACHTHANI – William Hope Hodgson

Originalmente publicado postumamente sob o título “O Explosivo de Baumoff”, este é um conto de ficção científica e horror escrito por Hodgson em 1915, após ter sido ferido pela primeira vez na Primeira Guerra Mundial, enquanto convalescia. William Hope Hodgson foi um pioneiro da ficção fantástica moderna, tendo escrito algumas obras influentes do gênero, como “A Casa no Limiar” e “Terra Noturna”.

Dally, Whitlaw e eu discutíamos a estupenda explosão que recentemente ocorrera nas cercanias de Berlim. Nos maravilhávamos com o extraordinário período de escuridão que se seguira, e que dera curso a tanto comentário nos jornais, com teorias a rodo.

Os jornais tinham tomado conhecimento do fato de que as autoridades de guerra estariam experimentando um novo explosivo, inventado por certo químico chamado Baumoff, e se referiam a ele constantemente como “O Novo Explosivo de Baumoff”.

Estávamos no Clube e o quarto em nossa mesa era John Stafford, que era médico de profissão, mas também, secretamente, do Departamento de Inteligência. Uma vez ou outra, enquanto conversávamos, eu olhara para o Stafford, desejando atirar-lhe uma pergunta, pois ele conhecera Baumoff. Mas conseguira segurar a minha língua porque sabia que, se lhe perguntasse à queima-roupa, Stafford (que é um tipo agradável, mas um tanto teimoso em relação ao seu rígido código de silêncio) provavelmente nada diria que era um assunto sobre o qual não estava autorizado a falar.

Oh, eu conheço os modos do velho burro e sei que, uma vez que ele dissesse isso, poderíamos nos conformar em nunca obter dele nenhuma outra palavra sobre o assunto enquanto vivêssemos. Mas eu me excitei ao notar que ele parecia um tanto inquieto, como a se coçar de vontade de meter sua colher de pau na conversa^[53], com o que supus que os jornais estávamos citando tinham entendido as coisas de uma forma muito confusa mesmo, de um jeito ou outro,

pelo menos em relação ao seu amigo Baumoff. De repente, ele falou:

Que bobagem indesculpável e maliciosa! Digo-lhes que é maliciosa esta associação do nome de Baumoff com invenções de guerra e tais horrores. Ele era o mais sincero e poeticamente intenso dos seguidores de Cristo que eu jamais conheci, e é somente por uma brutal ironia das circunstâncias que ele tentou usar um das criações de seu gênio para um propósito de destruição. Mas vocês notarão que eles não poderão usá-la, apesar de terem obtido a fórmula de Baumoff. Como explosivo ela não é prática. Ela é, como poderia dizer, muito imparcial. Não há como controlá-la.

Sei mais sobre isso do que, talvez, qualquer outro homem vivo, porque eu era o maior dos amigos de Baumoff e quando ele morreu eu perdi o melhor camarada que um homem jamais teve. Não preciso fazer segredo disso para vocês, caras. Eu estava “em missão” em Berlim, e estava designado para me encontrar com Baumoff. O governo tinha um olho nele havia bastante tempo, ele era um químico experimental, vocês sabem, e inteligente demais, afinal, para se ignorar. Mas não havia motivo para preocupação em relação a ele. Eu o conheci e nos tornamos enormes amigos, porque logo descobre que *ele* nunca voltaria suas habilidades para nenhuma invenção de guerra e então, vejam bem, eu pude ser amigo dele com uma consciência tranquila — algo que nossos rapazes nem sempre podem fazer com suas amizades. Oh, eu lhes digo, o nosso ramo é um negócio furtivo, mesquinho, traiçoeiro; embora seja necessário, tal como algum homem deve se tornar um carrasco. Há uma quantidade de serviços impuros que precisam ser feitos para manter as engrenagens da sociedade girando!

Eu acho que Baumoff era o mais entusiasmado dentre os crentes *inteligentes* em Cristo que jamais se poderá produzir. Soube que ele estava compilando e desenvolvendo um tratado das provas mais extraordinárias e convincentes provas para defender as coisas mais inexplicáveis sobre a vida e a morte de Cristo. Ele estava, quando o conheci, concentrando sua atenção particularmente na busca de demonstrar que a Escuridão da Cruz, entre a sexta e a nona horas, fora uma coisa muito real, possuidora de um significado tremendo. Ele pretendia esmagar de uma vez só todas as hipóteses de tempestades providenciais ou qualquer das várias outras teorias mais ou menos ineficientes que têm sido aventadas de tempo em tempo para explicar a ocorrência como sendo algo sem qualquer significado específico.

Baumoff tinha uma aversão especial por um Professor de Física ateu chamado Hautch que, empregando o elemento ‘maravilhoso’ da vida e da morte de Cristo como fulcro para atacar as teorias de Baumoff, o agredia constantemente, tanto

em suas aulas quanto na imprensa. Ele particularmente exalava amarga descrença sobre a defesa de Baumoff de que a Escuridão da Cruz fora qualquer coisa que não uma hora ou duas de tempo mais escuro, exagerado como trevas pela inexatidão emocional da mentalidade e da língua orientais.

Uma noite, algum tempo depois que nossa amizade já se tornara bem real, fui até a casa de Baumoff e o encontrei em um estado de tremenda indignação sobre certo artigo do Professor que lhe atacava brutalmente, usando sua teoria do *Significado* da “Escuridão” como um alvo. Pobre Baumoff! Era certamente um ataque maravilhosamente hábil, o ataque de um lógico rigorosamente treinado e bem equilibrado. Mas Baumoff era algo mais, ele era um Gênio. É um título ao qual poucos tem direito, mas ele tinha!

Ele me contou sobre sua teoria, dizendo que pretendia, então, me mostrar um pequeno experimento para provar suas opiniões. Em sua fala ele mencionara várias coisas que me haviam interessado extremamente. Tendo primeiro me lembrado do fato fundamental de que a luz é trazida ao olho através do indefinível meio chamado Éter, ele foi em frente e me apontou que, sob um ponto de vista que mais se aproximava ao primordial, a Luz era uma vibração do Éter, de um certo número definido de ondas por segundo, que possuía o poder de produzir sobre nossa retina a sensação que nós chamamos de Luz.

Concordei com isso, por estar, como todos claramente estão, bem familiarizado com tal afirmação tão corriqueira. A partir disso ele deu um salto mental rápido e me disse que um escurecimento inefavelmente vago, mas mensurável, poderia ser sempre notado na atmosfera (maior ou menor conforme a força da personalidade do indivíduo) imediatamente em torno de um ser humano, durante qualquer período de grande tensão mental.

Passo a passo, Baumoff me mostrou como sua pesquisa o levava a concluir que esta estranha escuridão (milhões de vezes mais sutil do que o aparente ao olhar) poderia ser produzida somente por algo que pudesse atrapalhar ou interromper temporariamente ou quebrar a Vibração da Luz. Em outras palavras, havia, em qualquer momento de atividade emocional incomum, alguma instabilidade do Éter na vizinhança imediata da pessoa sofredora, o que tinha algum efeito sobre a Vibração da Luz, interrompendo-a e produzindo o vago escurecimento aludido.

— Sim? — eu lhe disse quando ele fez uma pausa e me olhou, como se esperasse que eu tivesse chegado a alguma dedução definitiva através de suas observações — Continue.

— Bem — ele disse — você não compreende? O sutil escurecimento em torno da pessoa que sofre é maior ou menor de acordo com a personalidade do

sofredor.

— Oh — eu disse, chocado, em um breve suspiro de compreensão. Entendo o que quer dizer. Você... você quer dizer que, se a agonia de um indivíduo de personalidade extraordinária pode produzir uma leve perturbação do Éter, com um conseqüente escurecimento, então a Agonia de Cristo, possuidor da uma Enorme Personalidade do Messias, produziria uma tremenda perturbação do Éter e assim, talvez, da Vibração da Luz, e que esta é a verdadeira explicação da Escuridão da Cruz, e que o fato de ter sido registrada tal extraordinária, improvável e aparentemente sobrenatural Escuridão não é algo que enfraqueça a Maravilha do Cristo, mas uma das mais inexprimivelmente maravilhosas e infalíveis provas de Seu poder Divino? É isso? Diga!

Baumoff apenas balançou-se na cadeira, deliciado, batendo um punho contra a palma da outra mão, o tempo todo acenando positivamente com a cabeça. Como ele *amava* ser compreendido, como o Pesquisador sempre deseja ser compreendido.

— E agora — ele disse — vou lhe mostrar algo. Ele pegou de seu bolso um pequeno tubo de ensaio arrolhado e esvaziou no prato de sobremesa o conteúdo (que consistia de um único grão cinza esbranquiçado, mais ou menos do tamanho de duas cabeças de alfinete). Ele o esmagou cuidadosamente com o cabo de marfim de uma faca, reduzindo-o a um pó muito fino, e então o umedeceu com uma gota só do que supus ser água, manipulando até obter uma pequena mancha pastosa cinzenta-esbranquiçada. Ele então pegou o palitador de dentes dourado e perfurou com ele a chama de uma pequena lâmpada de laboratório que mantivera acesa durante o jantar, para acender o cachimbo. Manteve o palitador de dentes na chama até que a estreita lâmina de ouro brilhou de tão quente.

— Agora veja — ele disse, e encostou a ponta do palitador de dentes na mancha infinitesimal que estava no pratinho de sobremesa. Houve um rápido e pequeno espocar de luz violeta e eu logo percebi que via Baumoff através de uma espécie de escuridão transparente, que se desfez instantaneamente em um negrume opaco. A princípio, pensei que tivesse sido o efeito complementar da luz forte sobre a retina, mas um minuto depois ainda estávamos naquela escuridão extraordinária.

— Meu caro! O que é isso? — perguntei, por fim.

Sua voz então explicou que ele produzira, por meio da química, um efeito exagerado que simulava, até um certo ponto, a perturbação do Éter causada pelas ondas dispersas por uma pessoa durante uma agonia ou crise emocional. As

ondas, ou vibrações, causadas pelo seu experimento produziam apenas uma simulação parcial do efeito que ele desejava me mostrar, meramente uma interrupção temporária da Vibração da Luz, resultando na escuridão na qual ambos nos encontrávamos.

— Essa substância — disse Baumoff — poderia ser um explosivo tremendo, sob certas condições.

Eu o ouvi batendo seu cachimbo enquanto falava, mas em vez do brilho da brasa, visível e vermelho, havia apenas uma cintilação leve que tremia e desaparecia do modo mais extraordinário.

— Meu Deus! — disse — Quando isso vai passar?

E olhei pelo cômodo, vendo a grande lâmpada de querosene aparecer somente como uma distante mancha cintilando no escuro, uma luz vaga que tremia e brilhava irregularmente, como se eu a visse através das imensas profundezas tenebrosas de um mar revolto e escuro.

— Está tudo bem, — a voz de Baumoff disse através da escuridão — já está acabando agora. Em cinco minutos a perturbação terá se aquietado e as ondas de luz vão se propagar regularmente a partir da lâmpada, do jeito que normalmente fazem. Mas enquanto esperamos, é imensa, não é?

— É, é maravilhosa, mas um tanto sobrenatural, você sabe.

— Oh, mas eu tenho algo muito mais bonito para lhe mostrar. A coisa verdadeira. Espere mais um minuto. A escuridão está passando. Olha! Você agora pode ver a luz da lâmpada quase claramente. Parece que fomos submersos em uma bacia de água, não é? Águas que estão ficando mais claras e quietas o tempo todo.

Era como ele dizia, e ficamos olhando para a lâmpada em silêncio, até que todos os sinais da perturbação do meio propagador da luz haviam cessado. Então Baumoff se dirigiu a mim mais uma vez.

— Então. Você viu os efeitos quase inofensivos da simples combustão da minha substância. Vou lhe mostrar os efeitos de sua combustão na fornalha humana, ou seja, em meu corpo, e então você verá uma das grandes maravilhas da morte de Cristo reproduzida em escala miniatura.

Ele foi até a prateleira e retornou com uma pequena proveta de 120ml e outro dos tubos de ensaio enrolados contendo um grão de sua substância química. Ele desenvolveu o tubo de ensaio e derramou o grão dentro da proveta e então, com uma vareta de vidro, esmagou-o contra o vidro, adicionando água, gota a

gota, até a proveta estar exatamente pela metade.

— Agora — ele disse, erguendo-a e bebendo a substância — vamos dar-lhe trinta e cinco minutos. Então, à medida que a carbonização ocorrer, você notará que meu pulso acelerará, bem como a respiração, e então sobrevirá a escuridão outra vez, da maneira mais sutil e estranha, só que acompanhada nesse momento por certos fenômenos físicos e psíquicos, todos devidos ao fato de que as vibrações que produzirá se mesclarão ao que eu deveria chamar de vibrações emocionais que produzi em minha excitação. Estas serão enormemente intensificadas e você talvez experimente uma demonstração extraordinariamente interessante da validade de minhas especulações mais teóricas. Eu testei sozinho na semana passada (ele me mostrou um curativo no dedo) e li um relatório dos resultados do Clube. Eles estão muito entusiasmados e prometeram sua cooperação na grande demonstração que eu pretendo dar na próxima Sexta-feira Santa, em sete semanas.

Ele parara de fumar, mas continuou a falar calmamente pelos trinta e cinco minutos seguintes. O Clube ao qual se referira era uma peculiar associação de homens, reunida sob a presidência do próprio Baumoff, e tendo por designação o título de — tão bem quanto posso traduzir — *Os Crentes e Experimentadores de Cristo*. Se posso dizer assim, sem qualquer pensamento de irreverência, eram muitos deles homens loucamente fanatizados pela defesa do Cristo. Creio que vocês concordarão depois que não fiz uso de um termo incorreto para descrever o grosso dos membros de tal extraordinário clube, que era, a seu modo, bem digno das excrescências maníaco religiosas que foram temporariamente impostas por certos primos nossos de além mar que são mais religiosamente inclinados.^[54]

Baumoff olhou para o relógio de parede e então me estendeu seu braço.

— Tome o meu pulso. Está aumentando rápido. Dado interessante, você sabe.

Concordei e tomei meu relógio de bolso. Eu notara que as suas respirações estavam mais rápidas e descobri seu pulso batendo, regular e forte, 105 vezes por minuto. Três minutos depois ele aumentara para 175 e suas respirações para 41. Mais três minutos e eu tomei seu pulso, encontrando-o a 203, mas com o ritmo regular. Suas respirações estavam em 49 naquele momento. Ele tinha, como eu sabia, pulmões excelentes e um coração forte. Seus pulmões, devo dizer, eram de uma capacidade excepcional, e não havia, mesmo naquele estágio, nenhuma dispneia visível. Três minutos depois eu medi seu pulso em 227 e sua respiração em 54.

— Você tem muitos glóbulos vermelhos, Baumoff. Mas espero que não esteja

exagerando com isso.

Ele acenou-me com a cabeça e sorriu, mas nada disse. Três minutos depois, quando tomei o pulso pela última vez, estava em 233 e os dois lados do coração estavam enviando quantidades diferentes de sangue, a um ritmo irregular. A respiração tinha aumentado para 67 e estava começando a ficar breve e ineficaz, a dispneia estava se tornando muito marcante. A pequena quantidade de sangue deixando o lado esquerdo do coração era traída pela curiosa coloração azulada e pálida de sua face.

— Baumoff! — eu gritei e comecei a me queixar, mas ele me fez calar com um gesto estranhamente invencível.

— Está tudo bem. — ele disse, ofegante, com um certo tom de impaciência — Sei o que estou fazendo o tempo todo. Você deve se lembrar de que obtive a mesma graduação que você em medicina.

Era mesmo verdade. Eu me lembrei então de que ele obtivera seu diploma em Londres, e este fora somente uma adição a meia dúzia de outros, em diferentes ramos das ciências, em seu próprio país. E então, enquanto a memória me assegurava que ele não estava agindo na ignorância de um possível perigo, ele gritou, em uma voz curiosa e sem fôlego:

— A Escuridão! Está começando. Anote cada pequeno detalhe. Não se importe comigo. Estou bem!

Olhei em torno. Era como ele dissera, eu percebi então. Parecia haver uma treva de qualidade extraordinária que se impunha na sala. Um tipo de treva azulada, vaga e que ainda mal afetava a transparência da atmosfera à luz.

Repentinamente Baumoff fez algo que me nauseou bastante. Ele estendeu seu punho para longe de mim e buscou uma pequena caia de metal, dessas usadas para esterilizar uma hipodérmica. Abriu a caixa e retirou dela quatro percevejos de aparência curiosa, como eu os poderia chamar, só que tinham pontas de aço de dois centímetros e meio de comprimento, e em torno das cabeças, que também eram de metal, projetavam-se um número de outras pontas mais curtas, paralelas à ponta central, estas com três milímetros de comprimento.

Ele chutou para longe suas sapatilhas, depois se inclinou e tirou as meias. Então eu vi que estava também calçando por baixo um par de meias de linho.

— Antissépticas! — ele diss, olhando para mim — Preparei meus pés antes de você chegar. Não há motivo para correr riscos desnecessários. — Ele ofegou ao falar. Então ele pegou um dos curiosos percevejos. — Eu os esterilizei — disse, e então, deliberadamente, ele o pressionou até entrar completamente no seu pé

entre o segundo e terceiro ramos da artéria dorsal.

— Em nome de Deus, que está fazendo!? — Gritei, levantando-me da cadeira.

— Sente-se! — ele disse, em um tipo de voz sombria — Não posso sofrer nenhuma interferência. Quero que você simplesmente observe e tome nota de *tudo*. Você deve me agradecer pela oportunidade, em vez de me preocupar, sabendo que devo fazer do meu jeito o tempo todo.

Enquanto falava, ele pressionara o segundo dos percheiros de aço até a cabeça através de seu pé esquerdo, tomando as mesmas precauções para evitar as artérias. Nenhum gemido eu ouvira dele, apenas sua face traía o efeito desse sofrimento adicional.

— Meu caro amigo! — ele disse, observando meu desconforto — Seja sensato. Eu sei exatamente o que estou fazendo. Simplesmente *deve haver sofrimento*, e o meio mais fácil para chegar a tal condição é através da dor física.

Sua fala se tornara uma série de palavras espasmódicas, entre suspiros, e o suor se condensara em grandes e claras gotas sobre seus lábios e em sua testa. Ele tirou o cinto e o abotoou em torno do peito, passando pelo encosto da cadeira, como se esperasse precisar de apoio para não cair.

— Isso é cruel! — Eu disse. Baumoff tentou sacudir os ombros vergados, o que foi, de certo modo, uma das coisas mais penosas que eu já vi, por deixar a nu a agonia que o homem estava tentando fazer parecer pequena.

Ele estava então limpando as palmas de suas mãos com uma pequena esponja, que embebia de tempo em tempo em uma tija de solução. Percebi o que estava tentando fazer, e repentinamente ele se agitou, com uma tentativa dolorida de sorrir, uma explicação para o curativo em seu dedo. Ele deixou o dedo na chama da lâmpada durante o experimento anterior, mas naquele momento queria simular tanto quanto possível as condições reais da grande cena por que tinha tanta obsessão. Ele tinha sido tão claro comigo que eu deveria esperar experimentar algo muito extraordinário que eu estava consciente de uma sensação de nervosismo quase supersticioso.

— Gostaria que você não o fizesse, Baumoff — disse.

— Não... seja... bobo! — ele conseguiu dizer. Mas as últimas duas palavras foram mais gemidos do que palavras, pois entre cada uma delas ele atravessara os restantes percheiros até a cabeça pelas palmas de suas mãos, entre os tendões extensores do segundo e terceiro dedos. Uma gota de sangue se formou na ponta de aço. Olhei a face de Baumoff, e ele me encarou de volta com firmeza.

— Sem interferência — ele conseguiu exprimir — Não fiz tudo isso por nada. Eu sei... o que... estou fazendo. Olha!... está vindo. Tome nota de... tudo!

Ele recaiu em silêncio, exceto pelas suas inspirações doloridas. Compreendi que devia ceder e comecei a olhar em torno da sala, com uma mescla peculiar de desconforto quase nervoso e a excitação de uma curiosidade muito real e sóbria.

— Oh — disse Baumoff, depois de um momento de silêncio — algo está por acontecer. Posso sentir. Oh, espere... até eu... obter minha... grande demonstração. Vou mostrar ao bruto do Hautch.

Eu acenei que sim, mas duvido que ele tenha visto, porque seus olhos pareciam olhar para dentro, com a íris muito relaxada. Olhei em torno da sala outra vez, e era muito visível uma interrupção ocasional dos raios de luz da lâmpada, dando um efeito de ir e vir.

A atmosfera da sala estava também bastante mais escura e pesada, dando a impressão de uma treva iminente. A coloração azulada estava mais claramente em evidência, mas não havia, até então, nada da opacidade que experimentáramos antes, com a simples combustão, exceto pelo ocasional e vago oscilar da luz da lâmpada.

Baumoff começou a falar de novo, soltando suas palavras entre suspiros.

— Es... este meu artifício leva a... dor até o... o... lugar certo. A correta associação de... de ideias... emoções... para... melhores... resultados. Você me entende? Imitando as coisas... tanto... quanto... possível. Fixando toda a atenção... na... na cena da morte...

Ele suspirou dolorosamente por uns momentos.

— Demonstramos a verdade da... da Escuridão, mas... mas há efeito físico a ser... buscado, através... dos resultados da obtenção de... condições paralelas. Pode haver uma simulação extraordinária da... da *coisa real*. Tome nota. Tome nota.

Então, subitamente, em uma explosão clara e espasmódica:

— Meu Deus, Stafford, tome nota de tudo. Algo vai acontecer. Algo... maravilhoso... Prometa que não vai me atrapalhar. Eu sei... o que estou fazendo.

Baumoff parou de falar em um engasgo, e ficou apenas o esforço de sua respiração na quietude da sala. Enquanto eu o olhava, retraindo uma dúzia de coisas que deveria dizer, percebi subitamente que não podia mais vê-lo muito claramente, uma espécie de ondulação da atmosfera entre nós o fazia parecer momentaneamente irreal. Todo o cômodo tinha escurecido perceptivelmente nos

trinta segundos anteriores e, enquanto olhava em torno, notei que havia um rodopiar constante e quase invisível nas trevas azuladas e extraordinárias que cresciam rapidamente e pareciam permear a tudo. Quando olhei para a lâmpada, raios alternados de luz e escuridão se seguiam com fantástica rapidez.

— Meu Deus! — ouvi Baumoff sussurrar na semi escuridão, como se perguntasse a si mesmo — Como Cristo suportou os pregos?

Olhei para ele com um desconforto infinito e uma piedade irritante me perturbando, mas sabia que era inútil repreendê-lo. Eu o vi vagamente distorcido através das tremulações onduladas da atmosfera. Era algo como se eu o contemplasse através das evoluções de um ar aquecido, só que haviam ondas maravilhosas de escuridão azulada formando falhas em minha visão. Uma vez eu vi a sua face claramente, cheia de uma dor infinita, que estava, de certo modo, parecendo mais espiritual do que física, e dominando a tudo havia uma expressão de enorme resolução e concentração, tornando a face agonizante, lívida e encharcada de suor, parecer heroica e esplêndida.

E então, enchendo a sala com ondas e borrões de opacidade, a vibração de sua agonia anormalmente estimada finalmente quebrou a vibração da Luz. Meu último e breve olhar em torno me mostrou, tal como me pareceu, que o éter invisível fervia e recuava de uma forma tremenda e abruptamente a chama da lâmpada se perdeu em uma mancha de luz que rodopiava extraordinariamente e que ficou marcando sua posição por alguns momentos, luzindo e decaindo, luzindo e decaindo, até que não vi mais aquela mancha brilhante de luz, ou coisa alguma. Fiquei subitamente perdido em um negrume opaco como a noite, através do qual ouvia apenas a respiração feroz e dolorida de Baumoff.

Um minuto inteiro se passou, mas tão lentamente que seu eu tivesse ficando contando as respirações de Baumoff diria que foram cinco. Então Baumoff falou de repente, em uma voz que estava, de certo modo, curiosamente mudada... com uma certa expressão neutra.

— Meu Deus! — ele disse, dentro da escuridão — Como Cristo deve ter sofrido!

Foi no silêncio seguinte que eu tive a primeira noção de que estava vagamente receoso, mas o sentimento era tão indefinido e infundado, e devo dizer subconsciente, que eu não podia exprimi-lo. Três minutos se passaram enquanto eu contava as respirações quase desesperadas que me chegavam pela escuridão. Então Baumoff começou a falar de novo, ainda naquela voz peculiarmente alterada.

— Pela Tua Agonia e Sangrento Suor — ele disse. Repetiu isso duas vezes. Era

claro que ele de fato havia fixado toda a sua atenção com tremenda intensidade, em seu estado anormal, na cena da morte.

O efeito de sua intensidade sobre mim era interessante e algumas vezes extraordinário. Analisei as minhas sensações e emoções e estado mental geral como pude, e compreendi que Baumoff estava produzindo em mim um efeito quase hipnótico.

Uma vez, em parte porque queria avaliar minha presença com uma frase normal, e também porque fui subitamente alertado por uma mudança no som de sua respiração, perguntei a Baumoff como ele estava. Minha voz saiu com uma indiferença peculiar e bastante desconfortável através da impenetrável opacidade da escuridão.

Ele disse:

— Silêncio! Estou carregando a Cruz.

E vocês imaginem, o efeito destas simples palavras, pronunciadas naquela nova voz tão impessoal, naquela atmosfera de tensão quase insustentável, foi tão poderoso que eu de repente vi, com meus olhos bem abertos, a presença clara e vívida de Baumoff em meio à escuridão sobrenatural, carregando uma Cruz. Não como a imagem normalmente mostrada do Cristo, com ela tombada sobre os ombros, mas com a Cruz agarrada sob os braços cruzados, com o pé se arrastando atrás pelo chão rochoso. Eu vi até mesmo o padrão granulado da madeira bruta, onde um pouco da casca tinha sido arrancado, e debaixo da extremidade inferior dela havia um tufo de grama que fora arrancado pela ponta e era arrastado e esfarinhado por entre as rochas e o pé da cruz. Posso ver a coisa agora, enquanto falo. Sua clareza foi extraordinária, mas apareceu e sumiu em um relâmpago, e eu fiquei lá sentado na escuridão, contando mecanicamente as respirações, mas sem saber que contava.

Enquanto estava lá, me veio subitamente... a inteira maravilha do que Baumoff tinha conseguido. Eu estava sentado em uma escuridão que era uma reprodução fiel do milagre da Escuridão da Cruz. Em resumo, Baumoff tinha, através da produção em si de uma condição anormal, desenvolvido uma Energia Emotiva que havia, em seus efeitos, imitado a Agonia da Cruz. E ao fazê-lo, ele demonstrara por um ângulo inteiramente novo e maravilhoso, a verdade indisputável da estupenda personalidade e da enorme força espiritual do Cristo. Ele tinha desenvolvido e tornado de fácil entendimento uma prova que reviveria a *realidade* daquela maravilha do mundo... CRISTO. E por causa disso tudo, não poderia ter por ele nada além de admiração do tipo mais profundo.

Mas, nesse ponto, senti que o experimento deveria parar. Eu tinha um desejo estranhamente nervoso que Baumoff o terminasse naquele minuto e não tentasse imitar as condições psíquicas. Eu tinha, mesmo então, uma vaga compreensão, trazida por algum tipo raro de sugestão subconsciente, do perigo de que uma “monstruosidade” fosse provocada, em vez de adquirir um verdadeiro conhecimento.

— Baumoff! — Eu disse — Pare!

Mas ele não deu resposta e, por alguns minutos, se seguiu um silêncio ininterrupto, a não ser pela sua respiração engasgada. Abruptamente Baumoff disse entre seus engasgos:

— Mulher... Eis... teu... filho.

Ele disse isso várias vezes, na mesma voz desconfortavelmente inexpressiva com que havia falado desde que a escuridão se tornara completa.

— Baumoff! — eu disse outra vez — Baumoff! *Pare com isso!*

E enquanto esperava sua resposta, fiquei aliviado de pensar que sua respiração estava menos rasa. A demanda anormal por oxigênio estava sendo evidentemente suprida, e a extravagante exigência da eficiência do coração estava sendo aliviada.

— Baumoff! — eu disse mais uma vez — Baumoff! Pare!

E quando o disse, abruptamente, pensei que a sala tinha sido sacudida um pouco.

Então eu já tinha, tal como vocês devem ter percebido, a consciência indefinida de um nervosismo crescente e peculiar. Eu acho que esta é a palavra que melhor descreve, até agora, o que senti. Quando aquela sacudidela curiosa pareceu agitar a sala em trevas, eu fiquei mais do que nervoso. Senti um tremor de medo muito literal e real, mas ainda sem casua suficiente que o justificasse, então, depois de ficar quieto e tenso por longos minutos e não sentir mais nada, decidi que precisava me dominar e controlar melhor os meus nervos. Então, bem eu acabara de chegar a esse estado de espírito mais cômodo, a sala foi sacudida outra vez, com mais curioso e nauseante movimento oscilatório, além do conforto da negação.

— Meu Deus! — Eu sussurrei. E então, em um esforço súbito de coragem, eu gritei — Baumoff! *Pelo amor de Deus, pare com isso!*

Vocês não têm ideia do esforço que me custou falar alto naquelas trevas e quando o fiz, o som de minha voz me levou novamente ao limite. Ele saiu tão vazio e *cru* através do espaço, e de certa forma a sala parecia tão incrivelmente

grande... Oh, eu acho que vocês entendem o quanto me sentia assustado, sem que eu precise me esforçar mais para lhes contar.

E Baumoff nunca respondia uma palavra, mas eu podia ouvi-lo respirar, um pouco mais profundamente, embora ainda esforçasse o tórax doloridamente em busca de ar. A agitação incrível da sala lentamente passou, e sucedeu-a um espasmo de silêncio, durante o qual eu senti que era meu dever me levantar e ir até a cadeira de Baumoff. Mas eu não pude fazê-lo. Por alguma razão eu não teria tocado Baumoff naquele momento, por nada nesse mundo. De fato, naquele exato momento, agora eu sei que *receava* tocar Baumoff.

Então as oscilações começaram novamente. Eu senti o traseiro de minhas calças deslizar contra o assento da cadeira e estiquei as minhas pernas, distendendo os pés contra o tapete para evitar escorregar de um jeito ou de outro para o chão. Dizer que estava assustado não descrevia de forma nenhuma o meu estado. Eu estava aterrorizado. E de repente eu me senti confortável pelo motivo mais extraordinário, pois uma simples ideia literalmente brilhou no meu cérebro e me deu uma razão para me agarrar. Era um argumento breve.

O Éter, alma do ferro e das coisas sólidas, que Baumoff tinha uma vez feito assunto de uma extraordinária palestra sobre vibrações, nos primeiros dias de nossa amizade. Ele formulara a sugestão de que, em seu embrião, a Matéria era primordialmente uma vibração localizada, seguindo uma órbita fechada. Estas vibrações primárias localizadas eram inconcebivelmente miúdas. Mas eram capazes, sob certas condições, de combinar-se, sob a ação de vibrações afinadas, em vibrações secundárias de tamanho e forma a ser determinado por fatores que só se podia imaginar. Estas manteriam sua nova forma enquanto nada ocorresse para desorganizar sua combinação ou depreciar ou desviar sua energia — sua unidade sendo parcialmente determinada pela inércia do Éter imóvel fora do caminho fechado coberto por sua área ativa. E tal combinação das vibrações primárias localizadas não era nada mais nem menos que matéria. Homens e mundos, veja! E universos^{55}.

E então ele disse aquilo que me atingiu mais. Ele dissera que se fosse possível produzir uma vibração do Éter com energia suficiente, seria possível desorganizar ou confundir a vibração da matéria. Então, possuindo uma máquina capaz de criar uma vibração do Éter suficientemente energizada, ele poderia começar a destruir não apenas o mundo, mas só universo inteiro, incluindo até o céu e o inferno, se tais lugares existissem e tivessem existência material.

Eu me lembro como eu o olhara, atônito com a fecundidade e alcance de sua imaginação. E então essa fala sua me veio à mente para me encorajar com a

sanidade da razão. Não seria possível que a perturbação do Éter que ele produzira tivera energia suficiente para causar a desorganização da vibração da matéria na vizinhança imediata, e assim criara um terremoto em miniatura em torno da casa, e assim a fizera tremer suavemente?

E então, quando esse pensamento me veio, outro maior surgiu em minha mente.

— Meu Deus! — eu disse alto na escuridão da sala.

Isso explica outro mistério da Cruz, a perturbação do Éter causada pela Agonia do Cristo desorganizou a vibração da matéria na vizinhança da Cruz, e então houve um pequeno terremoto no local, que abriu as sepulturas e rasgou o véu, possivelmente balançando os seus suportes. E, claro, o terremoto fora um efeito, *não* a causa, como os minimizadores do Cristo sempre insistiram.

— Baumoff! — eu chamei — Baumoff, você provou mais uma coisa. Baumoff! Baumoff! Responda-me. Você está bem?

Baumoff respondeu, ríspido e rápido, de dentro da escuridão, mas não a mim:

— Meu Deus! — ele disse — Meu Deus!

Sua voz me chegou como um grito de verdadeira agonia mental. Ele estava sofrendo, de uma forma hipnótica e autoinduzida, um pouco da própria agonia do Cristo em pessoa.

— Baumoff! — eu gritei e me forcei a ficar de pé. Ouvi sua cadeira batendo no chão, enquanto ele tremia — Baumoff!

Um terremoto extraordinário se sentiu pelo chão da sala, e eu ouvi o ranger do madeirame, e algo cair e quebrar na escuridão. Os suspiros de Baumoff me faziam mal, mas eu fiquei de pé. Não ousava ir até ele. Eu *já* sabia que tinha medo dele... de sua condição, ou de algo que nem sabia o que fosse. Mas, oh, eu horivelmente temia a ele.

— Bau... — eu comecei, mas logo tive medo de até mesmo lhe falar. E não podia me mover. Abruptamente ele gritou com uma entonação de incrível ânsia:

— Eloi, Eloi, lama sabachthani!

Mas a última palavra mudou em sua boca, desde uma seriedade assustadoramente hipnótica para um simples berro de terror infernal.

E de repente uma voz horrível e zombeteira troou pela sala, vinda da cadeira de Baumoff:

— Eloi, Eloi, lama sabachthani!

Entendam, por favor, que a voz não era de Baumoff. Não era uma voz de desespero, mas uma voz escarnecedora, bestial, incrível, monstruosa. No silêncio que se seguiu, comigo congelado de medo, eu percebi que Baumoff não mais suspirava. A sala estava absolutamente silenciosa, o mais terrível e silencioso lugar de todo esse mundo. Então tropecei, prendendo o pé, provavelmente, na borda invisível do tapete da lareira, e cai de cabeça em uma explosão de estrelas internas. Depois disso, por um longo tempo, certamente algumas horas, eu não soube mais de nada.

Eu voltei ao Presente, com uma terrível dor de cabeça me oprimindo mais que tudo. Mas a Escuridão tinha se dissipado. Eu rolei sobre o meu lado e vi Baumoff e esqueci até mesmo a dor de minha cabeça. Ele estava inclinado para frente na minha direção, seus olhos estavam abertos, mas apagados. Sua face estava enormemente inchada e havia algo, alguma coisa *bestial* nele. Ele estava morto, e o cinto em torno dele e do encosto da cadeira era a única coisa que impedia que ele caísse sobre mim. Sua língua estava pendurada para fora do canto de sua boca. Sempre me lembrarei de sua expressão. Ele tinha um olhar oblíquo, como de uma besta-fera, não o de um homem.

Eu me afastei dele, arrastando-me pelo chão, mas nunca deixei de olhar para ele, até que cheguei ao outro lado da porta e a fechei entre nós. É claro que eu logo recuperei o meu equilíbrio e voltei até ele, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Baumoff morrera de ataque cardíaco, óbvia e claramente! Eu nunca seria tolo de dizer a nenhum júri que, em sua condição extraordinária, auto hipnótica e indefesa, ele fora “invadido” por algum Monstro do Espaço macaqueador de Cristo. Tenho demasiado respeito pela minha reputação de ser um homem de bom senso para dizer algo assim com seriedade! Oh, eu sei que pareço ironizar, mas o que posso fazer senão zombar de mim mesmo e do mundo, quando não ousa admitir, mesmo em segredo para mim mesmo, o que realmente eu penso. Baumoff de fato e indubitavelmente morreu de ataque cardíaco, e o resto eu simplesmente fui hipnotizado para acreditar. Só que havia no chão junto à parede oposta, onde caíra de uma cristaleira solidamente trancada, uma pequena pilha de vidro do que antes fora uma bonita peça de vidraçaria veneziana. Você se lembra que eu ouvira algo cair quando a sala tremera. Certamente a sala tremera *mesmo*? Ó, eu devo parar de pensar. Minha cabeça está girando.

O explosivo de que os jornais estão falando. Sim, é o de Baumoff, isso faz tudo parecer verdade, não? Houve aquela escuridão em Berlim, depois da explosão. Não há como negar *disso*. O governo só sabe que a fórmula de Baumoff é capaz

de produzir as maiores quantidades de gás no menor tempo possível. Isso, em resumo, é idealmente *explosivo*.

Assim é, mas eu imagino que se provará ser um explosivo, tal como disse e a experiência demonstrou, um tanto imparcial demais para que sua ação crie qualquer entusiasmo em qualquer dos lados do campo de batalha. Isto talvez seja uma bênção discreta, certamente uma bênção, se as teorias do Baumoff sobre a possibilidade de desorganizar a matéria estiverem sequer perto da verdade.

Eu tenho às vezes pensado que pode haver uma explicação mais normal para a coisa hedionda que aconteceu no fim. Baumoff *pode* ter rompido um vaso sanguíneo no cérebro, devido à enorme pressão arterial que seu experimento induzira, e a voz que eu ouvira e a zombaria e a horrível expressão e o olhar oblíquo podem ter sido não mais que os imediatos espasmo e expressão da “obliquidade” natural de uma mente transtornada, o que, tantas vezes, muda a natureza do homem e produz uma inversão do caráter, que é o verdadeiro oposto de seu estado normal. E certamente, a atitude religiosa normal do pobre Baumoff era uma de maravilhosa reverência e lealdade a Cristo.

Também, em apoio a esta linha de explicação, eu tenho frequentemente observado que a voz de uma pessoa que sofre de transtorno mental é frequentemente mudada de forma notável, e tem às vezes uma qualidade repelente e desumana. Eu tento pensar que esta explicação serve para o caso. Mas nunca consigo esquecer aquela sala. Nunca.

TRÊS DOMINGOS NUMA SEMANA – Edgar Allan Poe

"Seu cabeça-dura, seu estúpido, seu teimoso, bronco, casquento, mofento e bolorento, seu velho selvagem!" — dizia eu (imaginariamente) uma tarde a meu tio-avô Rumgudgeon, agitando o punho contra ele (em imaginação). Somente em imaginação. O fato é que alguma trivial discordância existia justamente, naquela época, entre o que eu dizia e o que não tinha coragem de dizer, entre o que eu fazia e entre a metade do que eu pensava fazer.

Quando abri a porta do salão, avistei o velho porco-marinho sentado, com os pés em cima da prateleira do fogão, com um copão de vinho do Porto na mão, fazendo esforços tenazes para realizar o que diz a canção: *Remplis ton verre vide! Vide ton verre plein*⁽⁵⁶⁾!

— Meu querido tio, — disse eu, fechando a porta amavelmente e aproximando-me dele com o mais doce dos sorrisos —, o senhor sempre foi tão bondoso e atencioso, demonstrando sua benevolência por tantos, tantos modos, que... que acho que basta apenas sugerir-lhe uma vez mais, este pequeno ponto, para ter certeza de seu pleno assentimento.

— Hein! — disse ele. — Prossiga, meu bom rapaz!

— Estou certo, meu queridíssimo tio, (seu maldito velhaco), de que o senhor não tenciona realmente, seriamente, opor-se a meu casamento com Catarina. Isto não passa de uma brincadeira sua... eu sei.... Ah, ah, ah! Como o senhor é engraçadíssimo às vezes!

— Ah, ah, ah! — disse o velho. — Diabos te levem... sim !

— Decerto, sem dúvida! Eu sabia que o senhor estava brincando! Ora, meu tio, tudo quanto Catarina e eu desejamos é que o senhor nos faça o obséquio de nos dar uma opinião.. a respeito do tempo... o senhor sabe, meu tio... em resumo, quando seria mais conveniente para o senhor que o casamento... se... se... se realizasse, não é?

— Dê o fora, seu maroto! Que quer você dizer com isso? O melhor da festa é esperar por ela!

— Ah, ah, ah! Eh, eh, eh! Ih, ih, ih! Oh, oh, oh! Uh! uh, uh! Essa é muito boa! É excelente! É fina. Mas tudo quanto desejamos, justamente agora, é que o senhor indique precisamente a data.

— Ah! Precisamente?

— Sim, meu tio. Isto é, a data que mais agradaria ao senhor.

— Não haveria resposta se eu tivesse de deixar isso à vontade não é, Bobby? Uma data qualquer dentro de um ano, por exemplo? Mas eu tenho que marcar precisamente?

— Se quiser ter a bondade, meu tio, a data certa.

— Pois então, Bobby, meu rapaz... Você é um bom sujeito não é? Desde que você quer a data certa, eu... eu vou lhe fazer logo esse favor.

— Querido tio!

— Psiu! — fez ele, afogando-me a voz. — Vou fazer-lhe logo esse favor. Você terá meu consentimento... e a bolada^{57}, não podemos esquecer a bolada... Vejamos! Quando será? Hoje é domingo, não é? Bem, então... vocês se casarão precisamente, veja bem! — quando se juntarem três domingos em uma mesma semana. Está-me ouvindo, moço? Por que está aí de boca aberta? Estou dizendo que você terá Catarina e a bolada dela quando se juntarem três domingos numa semana. Mas, enquanto não acontecer isso — meu jovem mandrião — enquanto não acontecer isso, você não terá nada, nem que eu morra! Você me conhece, sou um homem de palavra. E agora... rua!

E aí tragou seu copo de vinho do Porto, enquanto eu saía correndo, desesperado, da sala.

Um "completo e distinto velho nobre inglês" era meu tio-avô Rumgudgeon, mas, diferentemente do da canção, tinha pontos fracos. Era um sujeito pequeno, obeso, aparatoso e ranzinzamente teimoso, de nariz vermelho, cérebro espesso, bolsa recheada, e um forte sentimento de sua própria importância. Com o melhor coração do mundo procurava, por meio de uma predominante mania de contradição, assumir, entre aqueles que apenas o conheciam superficialmente, o caráter de pessoa tacanha. Como muitas criaturas excelentes, parecia possuído do espírito de tantalização, que podia facilmente, a uma observação fortuita, ser tomado como malevolência. A todo pedido, um positivo "Não!" era sua imediata resposta. Mas, no fim, no longo e demorado fim, excessivamente poucos pedidos havia que ele recusasse. Contra todos os ataques da sua bolsa, fazia ele a mais vigorosa defesa, mas a quantia extorquida, afinal estava, geralmente, na

razão direta da demora do cerco e da teimosia da resistência. Para coisas de caridade, ninguém dava com melhor liberalidade e pior boa-vontade.

Quanto às belas-artes e especialmente às belas-letras, mantinha para com elas profundo desprezo. Nisto tinha sido inspirado por Casimir Perier^{58}, cuja impertinente perguntinha, *A quoi un poète est-il bon*^{59}?, tinha ele o costume de citar em todos os casos com uma ridícula pronúncia, como se aquilo fosse o *nec plus ultra* da finura lógica. Por isso, minha própria inclinação pelas musas havia provocado sua completa desaprovação. Assegurou-me um dia, quando lhe pedi um novo exemplar de Horácio, que a tradução de *Poeta nascitur non fit* era: "Poeta asnático não fito", observação que me causava profundo ressentimento. Sua repugnância pelas "humanidades" tinha também aumentado muito ultimamente, em consequência de accidental desvio em favor do que ele supunha ser ciência natural. Alguém abordara-o na rua, confundindo-o com uma pessoa que não era menos que o Dr. Dubble L., professor de física empírica. Isso o afastou do caminho que vinha seguindo até então e justamente na época desta estória (porque afinal acabou se transformando em estória) meu tio-avô Rumgudgeon só era acessível e pacífico em certos pontos que se harmonizassem com as cabriolas da mania que ele cavalgava. Quanto ao resto, pouco se lhe dava, e sua política era obstinada e facilmente compreensível.

Pensava com Horsley^{60} que "o povo nada tem a ver com as leis, senão obedecer-lhes".

Eu tinha vivido com o velho toda a minha vida. Meus pais, ao morrerem, tinham-me deixado a ele como uma rica herança. Acredito que o velho patife gostava de mim como se fosse seu próprio filho, quase tanto quanto gostava de Catarina. Mas, de qualquer modo, era uma vida de cachorro a que ele me dava. Desde um ano de idade até os cinco, mimoseou-me com surras bem regulares. Dos cinco aos quinze anos, ameaçava-me, a cada hora, com a casa de correção. Dos quinze aos vinte, não se passava um só dia sem que me promettesse deixar-me sem nem um vintém. Eu não era boa bisca, é verdade, mas então isso era parte de minha natureza, um ponto de fé. Em Catarina, porém, tinha um amigo fiel e bem sabia disso. Ela era uma boa moça e dizia-me, mui docemente, que eu poderia tê-la (com bofada e tudo), quando pudesse arrancar do meu tio-avô Rumgudgeon o necessário consentimento. Pobre moça, tinha apenas quinze anos e, sem esse consentimento, o que ela possuía em dinheiro não bastaria para esperar que cinco verões tivessem "fluído lenta e longamente". Que fazer então, aos quinze anos, ou mesmo aos vinte e um (porque eu acabara de completar minha quinta olimpíada), cinco anos em perspectiva era bem o mesmo que quinhentos. Em vão assediávamos o velho com importunidades. Havia uma

pièce de résistance^[61] (como diriam Messieurs Ude e Carne) que se adaptava à sua perversa fantasia com perfeita exatidão. Teria suscitado a indignação do próprio Jó, ver de que modo ele procedia, como um velho gato rateiro, contra nos dois, pobres e infelizes camundongos. No íntimo, nada mais ardentemente desejava ele do que a nossa união. Havia muito tempo que metera isso na cabeça. De fato, teria dado dez mil libras de seu próprio bolso (a bolada de Catarina era dela mesma) se pudesse ter inventado qualquer coisa como uma desculpa para concordar com os nossos naturalíssimos desejos. Mas fôramos bastante imprudentes, mencionando a questão nós mesmos, acredito sinceramente que estava acima de suas forças deixar de opôr-se a isso, em tais circunstâncias. Já disse que ele tinha seus pontos fracos. Mas, falando deles, não se deve entender que eu me refira à sua obstinação: esta era um dos seus pontos fortes — *assurément ce n'était pas son faible*^[62].

Quando menciono sua fraqueza, aludo a uma esquisita supertição mulheril que o dominava. Ele era especialista em sonhos, *et id genus omne* de algaravias. Era também excessivamente exigente em pequenos pontos de honra e, a seu jeito, um homem de palavra, sem dúvida alguma. Esta era, de fato, uma de suas manias. O escrupulo de suas promessas não tinha ele escrupulo em desprezar, mas a letra era um laço inviolável. Ora, foi desta última particularidade de seu gênio que a habilidade de Catarina se valeu para permitir que, um belo dia, não muito depois de nossa entrevista no salão, tirássemos inesperada vantagem. E tendo assim, à maneira de todos os modernos bardos e oradores, esgotado em *prolegómena*^[63] todo o tempo às minhas ordens e quase todo o espaço à minha disposição, resumirei em poucas palavras, o que constitui o essencial da estória.

Aconteceu — pois assim quiseram os fados — que entre os conhecidos de minha noiva, na Marinha, havia dois cavalheiros que acabavam justamente de desembarcar na Inglaterra depois de um ano de ausência cada um, em viagem pelo estrangeiro. Em companhia desses cavalheiros, minha prima e eu combinamos, antecipadamente, fazer uma visita ao tio Rumgudgeon, na tarde de domingo, dez de outubro, justamente três semanas depois da memorável decisão que tinha tão cruelmente destruído nossas esperanças. Durante cerca de meia hora, a conversa travou-se em assuntos comuns.

Mas afinal conseguimos, bastante naturalmente, fazê-la enveredar pelo seguinte caminho:

PRATT — Ora, faz justamente um ano que estive ausente. Justamente um ano, hoje, se não me falha a memória... Vejamos, sim, hoje é dez de outubro!

Lembra-se, Sr. Rumgudgeon, de que escolhi este dia do ano para despedir-me do senhor? E a proposito, parece-me que há uma coincidência, não é?, no fato de que nosso amigo aqui, o Capitão Smitherton, esteve também exatamente um ano justo, um ano que se cumpre hoje!

SMITHERTON — Sim, justamente um ano completo. O senhor deve lembrar-se, Sr. Rumgudgeon, que, como o Capitão Pratt, eu escolhi o mesmo dia, há um ano, para apresentar minhas despedidas.

TIO — Sim, ... sim... sim... Lembro-me muito bem... E é, na verdade muito estranho! Ambos vocês partiram justamente há um ano. Estranhíssima coincidência, de fato. Justamente, o que o Dr. Dubble L. Dee denominaria uma extraordinária concorrência de acontecimentos. O Dr. Dub...

CATARINA — (interrompendo.) Decerto, papai, é algo estranho! Mas depois o Capitão Pratt e o Capitão Smitherton não seguiram juntos o mesmo caminho, e isto faz diferença, o senhor sabe.

TIO — Sei nada disso, sua atrevida! Como haveria de saber? Sei só que isso apenas torna a questão mais notável! O Dr. Dubble L. Dee...

CATARINA — Ora, papai, o Capitão Pratt rodeou o cabo Honr e o Capitão Smitherton dobrou o cabo da Boa Esperança.

TIO — Precisamente! Um seguiu para leste e o outro para oeste, sua intrometida, e ambos deram uma volta inteira ao mundo. A propósito, O Dr. Dubble L. Dee...

EU — (Apressadamente.) Capitão Pratt, o senhor deve vir passar a tarde conosco amanhã... o senhor e Smitherton. Poderão contar-nos tudo a respeito de suas viagens, jogaremos uma partida de whist e...

PRATT — Whist, meu caro rapaz? Você se esquece de que amanhã será domingo? Em qualquer outra tarde.

CATARINA — Oh, não, ora essa! Robert não é tão ímpio assim! Hoje é que domingo, capitão.

TIO — Decerto, decerto.

PRATT — Peço desculpa aos dois, mas não posso estar tão enganado. Sei que amanhã é domingo, porque...

SMITHERTON — (Muito surpreso.) Onde é que estão vocês todos com a cabeça? Só queria saber se domingo não foi ontem!

TODOS — Ontem? Com efeito, o senhor está enganado.

TIO — Hoje é que é domingo, digo eu! Então eu não sei?

PRATT— Oh, não! Domingo é amanhã!

SMITHERTON — Vocês todos estão malucos! Nenhum escapa! Tenho certeza de que ontem foi domingo como a de estar sentado aqui nesta cadeira!

CATARINA — (Andando um salto, ansiosamente.) compreendo... compreendendo tudo! Isto é uma decisão contra o senhor, a respeito de... a respeito daquilo que o senhor sabe. Deixe-me falar e explicarei tudo num minuto. É uma coisa muito simples, na verdade. O Capitão Smitherton diz que ontem foi domingo, e está certo. Ele tem razão. O primo Bobby, o tio e eu dizemos que domingo é hoje: é isso mesmo, estamos certos. O Capitão Pratt sustenta que amanhã é que será domingo; será mesmo, ele também está certo. E o fato é que nós todos estamos certos e, dessa forma, três domingos se juntaram numa semana.

SMITHERTON — (Depois de uma pausa.) A propósito, Pratt, a Catarina descobriu a coisa completamente. Que idiotas somos nós dois, Sr. Rumgudgeon, o negócio é este: a terra, como o tem vinte e quatro mil milhas de circunferência. Ora, esse globo terrestre gira em torno de seu próprio eixo, dá voltas...roda essas vinte e quatro mil— milhas de extensão, indo do oeste para o leste no espaço precisamente de vinte e quatro horas. Está compreendendo, Sr. Rumgudgeon? Tio. — Decerto... decerto... O Dr. Dubb...

SMITHERTON — (Afogando-lhe a voz.) Pois bem: isso é feito à razão de mil milhas por hora. Ora, suponhamos que desta posição a mil milhas a leste. Sem dúvida, antecipar-me-ei ao nascer do sol, aqui em Londres, justamente uma hora. Verei sol levantar-se uma hora antes que o senhor o veja. Continuando na mesma direção ainda outras mil milhas, antecipar-me-ei

duas horas ao nascer do sol; outras mil, e antecipar-me-ei três horas, assim por diante, até dar uma volta completa em torno do globo e estar de volta a este mesmo ponto, quando, tendo percorrido vinte e quatro mil milhas para leste, antecipar-me-ei ao nascer do sol, em Londres, nada menos de vinte e quatro horas; isso é, acho-me um dia adiantado ao tempo do senhor. Compreendeu, não é?

TIO — Mas Dubble L. Dee....

SMITHERTON — (Falando muito alto.) O Capitão Pratt, pelo contrário, depois de ter navegado mil milhas para oeste desta posição estava atrasado uma hora, e, depois de ter navegado vinte e quatro mil milhas para oeste, estava vinte e quatro horas ou um dia em atraso ao tempo de Londres. De modo que, para mim, ontem foi domingo. De modo que, para o senhor, hoje é domingo. De modo que, para Pratt, amanhã será domingo. E o que é mais Rumgudgeon, positivamente claro é que todos nós estamos certos, porque não pode haver raciocínio filosófico que especifique qual das ideias de cada um de nós deveria prevalecer sobre a dos outros.

TIO — E essa, hein! Bem, Catarina... Bem, Bobby! Isso é mesmo uma decisão contra mim, como vocês disseram. Mas eu sou um homem de palavra... veja bem isto! Você casará com ela, rapaz, (com boiada e tudo), quando quiser! Com efeito! Três domingos e todos enfileirados! Vou saber a opinião do Dr. Dubble L. Dee a respeito disto!

ESTÁ NOS OLHOS – Philip K. Dick

Foi por acaso que descobri esta incrível invasão da Terra por criaturas de outro planeta. Até agora não fiz nada a respeito; não consigo pensar no que fazer. Eu escrevi para o Governo e eles me responderam com um panfleto sobre manutenção e concerto de casas de madeira. De qualquer maneira, a coisa toda é conhecida; não fui o primeiro a descobri-la. Talvez até esteja sob controle.

Eu estava sentado em minha poltrona, ociosamente folheando um livro que alguém deixou no ônibus quando me deparei com a referência que me colocou nos trilhos. Por um momento não respondi. Demorou um tempo para tudo aquilo ser assimilado. Depois que compreendi, parecia estranho que eu não tivesse notado a primeira vista.

A referência era claramente a uma espécie de não humanos providos de poderes incríveis, não naturais na Terra. Uma espécie, apresso-me em assinalar, costumeiramente disfarçada de seres humanos. Seu disfarce, porém, tornou-se transparente em face das seguintes observações do autor. Era óbvio que o autor sabia de tudo. Sabia de tudo - e estava transpondo tudo. A linha (e eu tremo de lembrá-la até agora) lia:

... seus olhos passearam lentamente pela sala.

Vagos calafrios me assaltaram. Tentei visualizar os olhos. Eles rolavam como moedas? A passagem indicava que não; eles pareciam mover-se pelo ar, não pela superfície. Bem rápidos, aparentemente. Ninguém na história estava surpreso. Foi isso que me deu a dica. Nenhum sinal de surpresa em frente a algo tão chocante. A seguir, os detalhes aumentavam.

... seus olhos se moveram de uma pessoa à outra.

Ali estava, em poucas palavras. Os olhos claramente haviam se separado do resto de seu corpo e estavam se movendo por conta própria. Meu coração bateu

tão forte que fiquei com falta de ar. Eu havia encontrado por acaso uma menção acidental de uma raça totalmente estranha. Obviamente extraterrestre. Porém, nos capítulos do livro, isso era tudo perfeitamente natural - o que sugeria que eles pertenciam à mesma espécie.

E o autor? Uma lenta suspeita queimava em minha mente. O autor estava levando tudo numa boa. Evidentemente, ele sabia que era algo muito normal. Em nenhum momento ele fez alguma tentativa de esconder seu conhecimento. A história continuava:

... agora seus olhos estavam fixos em Julia.

Julia, por ser uma dama, teve ao menos a educação de sentir-se indignada. Ela é descrita como ficando corada e franzindo a sobancelha enfurecida. Suspirei aliviado. Eles não eram todos alienígenas. A narrativa continua:

... lentamente, calmamente, seus olhos examinaram cada polegada do corpo dela.

Meu Deus! Mas aqui a garota virou-se e deu o fora e tudo acabou. Recostei em minha poltrona, ofegante com o horror. Minha esposa e os meus filhos me olham, assombrados.

– Qual o problema querido? - minha esposa perguntou.

Eu não podia contar a ela. Esse tipo de conhecimento era demais para uma pessoa comum. Eu tinha que manter segredo.

– Nada, suspirei.

Levantei, peguei o livro e corri para fora da sala.

Na garagem, continuei a leitura. Havia mais. Trêmulo, li a próxima passagem reveladora:

... ele pôs seu braço em volta de Julia. Prontamente ela lhe perguntou se ele podia remover seu braço. Ele imediatamente o fez, com um sorriso.

Não é explicado o que foi feito com o braço depois que ele o removeu. Talvez tenha ficado em algum canto. Talvez tenha sido jogado fora. Eu não me importo. O problema é: toda a verdade estava lá, me encarando.

Havia uma raça de criaturas capazes de remover partes de sua anatomia de acordo com a sua vontade. Olhos, braços - e talvez mais. Sem mover um cílio. Meu conhecimento de biologia veio a calhar nesse ponto. Obviamente elas eram criaturas simples, unicelulares, algum tipo de criatura primitiva formada por uma única célula. Seres menos desenvolvidos do que estrelas-do-mar. Estrelas-do-mar podem fazer a mesma coisa, sabe.

Continuei a ler. E cheguei a essa revelação incrível, exposta com toda a frieza pelo autor, sem o mínimo tremor.

... fora do cinema nós nos separamos. Uma parte entrou, outra parte foi para a lanchonete jantar.

Fissão binária, obviamente. Separando-se ao meio e formando duas entidades. Provavelmente cada parte inferior foi para a lanchonete, por ser ela mais longe, e as partes superiores foram para o cinema. Continuei lendo, as mãos tremiam. Eu realmente havia me deparado com alguma coisa aqui. Minha mente cambaleava enquanto eu lia essa passagem:

... Temo que não haja dúvidas. Pobre Bibney perdeu a sua cabeça novamente.

A qual era seguida por:

... e Bob disse que ele não tinha miolos para isso.

Porém Bibney andava por aí como qualquer pessoa. O cara ao lado, qualquer um, era apenas mais um estranho. Ele foi logo descrito como.

... totalmente desprovido de cérebro.

Não havia dúvidas da coisa na próxima passagem. Julia, a qual eu havia pensado ser a única pessoa normal, revela-se como sendo uma forma de vida alienígena também, similar ao resto:

... deliberadamente, Julia havia dado seu coração ao jovem.

Não explicava qual era a disposição final do órgão, mas eu realmente não me importava. Era evidente que Julia continuou vivendo normalmente, como todos no livro. Sem corações, braços, olhos, cérebros, vísceras, dividindo-se em dois sempre que a ocasião demandasse. Sem escrúpulos.

... então ela lhe deu sua mão.

Fiquei doente. O patife agora tinha a mão dela, assim como o coração. Estremeço de pensar no que ele fez com ambas, a essa altura.

... ele pegou o braço dela.

Não se contentando em esperar, ele começou a desmembrá-la por conta própria. Vermelho como um tomate, eu fechei violentamente o livro e saltei de pé. Mas não em tempo para escapar de uma última referência a aqueles pedaços despreocupados de anatomia das quais as viagens tinham me direcionado:

... os olhos dela o seguiram por todo o caminho até a estrada e através do prado.

Corri da garagem para dentro da casa calorosa, como se coisas amaldiçoadas estivessem me seguindo. Minha esposa e meus filhos estavam jogando Banco Imobiliário na cozinha. Me juntei a eles e joguei com fervor frenético, testa febril, dentes batendo.

Eu já tinha suportado demais. Não quero saber mais nada disso. Que eles venham. Que invadam a Terra. Não vou me meter nisso.

Absolutamente não tenho estômago para isso.

O CIRURGIÃO DE GASTER FELL – Arthur Conan Doyle

O maior interesse do médico escocês Arthur Conan Doyle (1859-1930), criador do detetive Sherlock Holmes, autor de tramas policiais que apaixonavam o público, era o ocultismo. O protagonista de “O cirurgião de Gaster Fell” é um médico que se isola para estudar antigos conhecimentos místicos e tem revelações surpreendentes.

I. De como ela apareceu em Kirkby-Malhouse

Gélida e fustigada de ventos é a pequena Kirkby-Malhouse, agrestes e assustadores são os morros onde ela se ergue. A cidadezinha nada mais é do que um punhado de casas de pedra cinzenta e telhado de ardósia enfileiradas numa encosta forrada de tojo^{64}, da vasta charneca^{65} ondeada. Ao norte e ao sul, alargam-se as curvas das terras altas de Yorkshire, cada qual tentando espiar o firmamento por sobre a espalda da outra, com laivos de amarelo em primeiro plano diluídos mais adiante em tons azeitonados, salvo onde o solo ralo e estéril se mostra marcado por longas cicatrizes de pedra. Do árido outeiro logo acima da igreja é possível descortinar, a oeste, uma franja de ouro por sobre um arco de prata, bem onde o mar da Irlanda banha as areias de Morecambe. A leste, o Ingleborough assoma arroxado à distância; ao passo que o Pennigent se ergue num pico afilado cuja sombra imensa, como se fora o quadrante solar da própria Natureza, arrasta-se a passos lentos pela rústica imensidão escalvada.

Foi nesse solitário e isolado povoado que eu, James Upperton, me vi no verão de 1885. Por pouco que tivesse a oferecer, a aldeia possuía aquilo pelo que eu ansiava acima de tudo – isolamento e libertação de quanto pudesse me distrair das excelsas e graves questões que me ocupavam a mente. Eu estava cansado do interminável turbilhão e dos inúteis empenhos da vida. Desde muito jovem, consumira meus dias em aventuras impetuosas e experiências estranhas, até que, aos trinta e nove anos, restavam pouquíssimas terras a conhecer e um número

ainda menor de alegrias e mágoas a experimentar. Fui um dos primeiros europeus a explorar as plagas desoladas em torno do lago Tanganica; por duas vezes percorri as selvas impenetráveis e raramente visitadas que margeiam o vasto planalto de Roraima. Como mercenário, servi sob várias bandeiras. Estive com Jackson no vale de Shenandoah; e lutei com Chanzy no Exército do Loire. Talvez pareça estranho que, depois de vida assim tão emocionante, eu pudesse me render à rotina monótona e aos interesses banais da aldeola de West Riding. No entanto, existem estímulos da mente para as quais os meros perigos físicos ou a exaltação da viagem são lugares-comuns, banalidades. Durante anos, eu havia me dedicado ao estudo das filosofias místicas e herméticas do Egito, Índia, Grécia e Idade Média, até que, do vasto caos, começou a se tornar vagamente perceptível um colossal projeto simétrico para aquilo tudo; eu tinha a impressão de estar prestes a encontrar a chave do simbolismo usado pelos eruditos para separar seus conhecimentos preciosos do vulgar e do viciado.

Gnósticos e neoplatônicos, caldeus e rosa-cruzes, místicos indianos, eu via e entendia que parte cada um tinha em quê. Para mim, o jargão de Paracelso^{66}, os mistérios dos alquimistas e as visões de Swedenborg^{67} estavam todos prenhes de significado. Eu havia decifrado as enigmáticas inscrições de El Biram; conhecia as implicações daqueles curiosos caracteres inscritos por uma raça desconhecida nos penhascos meridionais do Turquestão. Imerso nesses fantásticos e fascinantes estudos, eu não pedia nada da vida, salvo uma mansarda^{68} para mim e meus livros, onde pudesse dar prosseguimento aos estudos sem interferência nem interrupção.

Contudo até nessa aldeota em plena charneca percebi que era impossível me desvencilhar por completo da crítica de meus semelhantes. Sempre que eu passava, os brancos moradores me olhavam de soslaio e, ao descer a rua do vilarejo, as mães arrebanhavam seus filhos. À noite, não era raro ver, pelas vidraças, magotes^{69} de campônios ato-leimados a espichar o pescoço para dentro de meu quarto, num êxtase de medo e curiosidade, tentando decifrar que afazeres solitários seriam aqueles que me mantinham tão entretido. Minha própria senhoria transformou-se numa criatura loquaz e, munida de uma enfiada de perguntas e de um sem-número de pequenos estratagemas, ao menor pretexto procurava fazer-me falar de mim e de meus planos. Tudo isso já era difícil de suportar; mas no dia em que soube que não seria mais o único inquilino na casa e que uma dama, uma estranha, havia alugado o outro aposento, senti que, de fato, para quem estava atrás da quietude e da paz propícias aos estudos, chegara a hora de procurar um ambiente mais tranquilo.

Devido às frequentes caminhadas por lá, eu conhecia muito bem toda a área

deserta e desolada onde Yorkshire faz divisa com Lancashire e com a região de Westmore-land. Partindo de Kirkby-Malhouse, já havia atravessado várias vezes, de ponta a ponta, aquela vastidão despovoada. Sob a majestade soturna do cenário, e diante do espantoso silêncio e solidão daquele ermo melancólico e pedregoso, eu tinha a impressão de ter encontrado um asilo seguro contra bisbilhotices e críticas. E, por sorte, num dos passeios, topara com uma remota moradia em plena charneca desabitada que, na mesma hora, resolvi ter para mim. Era uma casinhola de dois cômodos que, tempos antes, teria decerto pertencido a algum pastor, já bastante deteriorada. Com as chuvaradas de inverno, as águas do Gaster Beck, que descem pelo morro de Gaster Fell, transbordaram e arrancaram parte da parede da choupana. Também o telhado achava-se em péssimo estado e havia pilhas de telhas esparramadas pela relva. Contudo, a estrutura principal da casa continuava firme; não seria nada difícil restaurá-la. Embora não fosse rico, eu tinha com que executar capricho tão modesto de maneira senhoril. Chamei telhadores e carpinteiros de Kirkby-Malhouse e em pouco tempo a casinha solitária de Gaster Fell estava pronta para enfrentar de novo as intempéries.

Projetei os dois cômodos de modo radicalmente diferente – tenho gostos mais para o espartano e um dos aposentos foi planejado de forma a combinar com eles. Um fogão a óleo da Rippingille de Birmingham dava-me a ferramenta onde cozinhar, ao passo que dois sacos de bom tamanho, um de farinha, o outro de batatas, tornavam-me independente de quaisquer fornecimentos externos. Em questão de dieta, sou já há bastante tempo um pitagórico^{70}, portanto as ovelhas descarnadas de pernas compridas que pastavam o capim áspero das margens do Gaster Beck não tinham nada a temer de seu novo companheiro. Um tonel de óleo de nove galões fazia as vezes de aparador; ao passo que uma mesa quadrada, uma cadeira de pinho e uma cama baixa, sobre rodas, que durante o dia ia para debaixo do sofá, completavam a lista de meu mobiliário doméstico. Em cima do sofá, presas à parede, duas prateleiras de madeira, sem pintura, serviam a funções diversas: a de baixo era para guardar os pratos e utensílios de cozinha, a de cima, para os poucos retratos que me transportavam de volta ao que sobrara de agradável na longa e exaustiva batalha por riquezas e prazeres que constituiu a vida que deixei para trás.

Mas se a simplicidade desse meu cômodo beirava a mesquinhez, sua pobreza era mais do que compensada pela opulência do aposento fadado, em benefício da mente, a receber objetos em sintonia com os estudos a ocupá-la, já que as mais sobranceiras e etéreas condições do pensamento só são possíveis em meio a atmosferas que agradam à vista e recompensam os sentidos. Decorei o aposento

destinado a meus estudos místicos num estilo tão soturno e majestoso quanto as ideias e aspirações com as quais a saleta teria de congraçar. Tanto as paredes como o teto foram revestidos com um papel do mais suntuoso e brilhante negror, no qual se desenhavam lúgubres arabescos de ouro fosco. Uma cortina de veludo negro cobria a única janela dividida em pequenas vidraças; e, no chão, um tapete grosso e macio, do mesmo material da cortina, evitava que o som de meus próprios passos, andando para lá e para cá, interrompesse o fluxo de minhas ideias. Ao longo da sanefa^{71}, corria uma vareta de ouro da qual pendiam seis quadros, todos sombrios e imaginosos, conforme convinha a minhas fantasias. Dois, segundo me lembro, tinham sido pintados por Fuseli^{72}; um por Noel Paton^{73}; um por Gustave Doré^{74}; e dois por Martin^{75}; além de uma pequena aquarela do incomparável Blake^{76}.

E um único fio de ouro, tão fino que mal se via, mas de enorme resistência, descia do meio do teto, tendo na ponta uma pomba do mesmo metal, balouçando com as asas abertas. O pássaro era oco e continha dentro do corpo óleos perfumados; sobre a lâmpada, flutuando a modo de sílfide, uma silhueta estranhamente esculpida em cristal rosa conferia à luz da sala uma tonalidade suave e rica.

Uma lareira de bronze, forrada de malaquita, duas peles de tigre sobre o tapete, uma mesinha de madeira marchetada e duas poltronas de ébano estofadas com pelúcia cor de âmbar completavam o mobiliário de meu pequeno e elegante gabinete de estudos, sem esquecer, claro, que, sob a janela, estendiam-se compridas estantes contendo as obras mais importantes daqueles que haviam se ocupado com os mistérios da vida.

Boehme^{77}, Swedenborg, Danton^{78}, Berto, Lacci, Sinnett^{79}, Hardinge^{80}, Britten^{81}, Dunlop^{82}, Amberley, Winwood Reade^{83}, Des Mousseaux^{84}, Alan Kardec^{85}, Lepsius^{86}, Sepher^{87}, Toldo e Dubois eram alguns dos que se achavam enfileirados em minhas prateleiras de carvalho. Quando acendia a lâmpada, à noite, e a luz sinistra e bruxuleante brincava por aquele ambiente sombrio e bizarro, ao som das lamúrias do vento varrendo a imensidão sorumbática, o efeito era mais do que perfeito. Ali estava, por fim, o vórtice escuro do fluxo apressado da vida onde me seria permitido descansar em paz, olvidando e olvidado.

Todavia, antes mesmo de alcançar esse ancoradouro tranquilo, eu estava destinado a aprender que ainda fazia parte da espécie humana e que não era bom tentar romper os laços que nos ligam a nossos semelhantes. Faltavam duas noites apenas para a data que havia marcado para me mudar quando me dei

conta de um movimento no andar de baixo e escutei, além de fardos pesados sendo transportados pelas escadas barulhentas de madeira, a voz rude de minha senhoria aos brados de boas-vindas e manifestações de júbilo. De tempos em tempos, em meio ao turbilhão de palavras, dava para discernir uma voz branda, de melodia suave, que me soou muito agradavelmente aos ouvidos, depois das longas semanas escutando apenas o rude dialeto dos vales de Yorkshire. Durante uma hora ainda, ouvi o diálogo lá embaixo – uma voz ardida e outra suave, acompanhadas do tilintar de xícaras –, até que o estralo de uma porta me avisou que a nova inquilina recolhera-se em seu quarto. Portanto lá estavam meus temores concretizados e meus estudos prejudicados com a chegada da estranha. Jurei a mim mesmo que o segundo pôr do sol já me veria instalado, a salvo de todas essas influências insignificantes, em meu santuário de Gaster Fell.

Na manhã seguinte a esse incidente, achava-me eu desperto logo cedo, como é meu costume; mas surpreendi-me, ao dar uma olhada pela janela, de ver que a nova moradora havia se levantado mais cedo ainda. Ela descia a trilha estreita que fazia um zigue-zague pelo morro – uma mulher alta e esbelta, com a cabeça pensa sobre o colo e uma braçada de flores silvestres colhidas em andanças matutinas. O branco e o rosa do vestido, e o toque da fita de um vermelho muito vivo em volta do chapéu de abas largas, pespegavam uma deliciosa mancha de cor na paisagem pardacenta. Ela estava a certa distância quando a vi pela primeira vez, mas ainda assim sabia que essa mulher errante só poderia ser a recém-chegada da noite anterior, posto que havia uma graça e um refinamento em seu talhe que a distinguiam das demais moradoras da região. Eu ainda observava quando, muito ligeira e leve, ela se aproximou da casa, abriu o portão no extremo do jardim, acomodou-se no banco verde defronte à minha janela, espalhou as flores todas nele e começou a arrumá-las.

Ali sentada, com o sol nascente batendo-lhe nas costas e o brilho da manhã espalhando-se qual uma auréola em torno da cabeça altiva e grave, pude ver que se tratava de uma mulher de extraordinária beleza. O rosto era mais espanhol que inglês – oval, trigueiro, iluminado por dois reluzentes olhos negros e uma boca docemente sensível. Por sob o amplo chapéu de palha, grossos cachos de cabelo negro-

-azulado acompanhavam de ambos os lados a curva graciosa do régio pescoço. Espantei-me, durante meu exame, ao constatar que sapatos e saia guardavam marcas de bem mais do que um mero passeio matinal. O vestido de tecido leve estava salpicado de lama, molhado e amarfanhado; ao passo que as botinas exibiam grandes grumos de terra amarelada, o solo característico dos morros da região, grudados em volta. Também o rosto trazia uma expressão cansada e sua

beleza, tão jovem, parecia sombreada por uma nuvem de problemas íntimos. E, ainda enquanto eu observava, ela caiu num choro convulsivo e, atirando o ramallete de flores ao chão, correu ligeira para dentro de casa.

Ainda que desatento e indiferente às coisas do mundo, fui tomado por uma súbita onda de compaixão ao ver o acesso de desespero que se apossou daquela linda estranha. Curvei-me sobre os livros, mas não consegui desviar o pensamento do rosto belo e altivo, do vestido enodado, da cabeça pensosa e das mágoas evidenciadas em cada traço das feições pensativas. Cheguei a ir algumas vezes até a janela e olhar para fora, a ver se vislumbrava sinais de que ela voltara ao jardim. Os galhos floridos de tojo e de urze^{88} continuavam onde tinham sido deixados, sobre o banco verde; porém durante todo aquele começo de manhã não vi nem ouvi o menor sinal daquela que tão de repente me despertara a curiosidade e mexera com emoções havia tanto tempo dormentes.

A sra. Adams, minha senhoria, tinha o hábito de me levar um desjejum frugal; contudo era muito raro que lhe permitisse interromper meu fluxo de ideias ou desviar-me a atenção de assuntos mais graves com sua conversa ociosa. Nesse dia, porém, pela primeira vez ela me encontrou disposto a ouvir e, sem precisar de grandes incentivos, pôs-se a despejar em meus ouvidos tudo quanto sabia de nossa bela visitante.

“Senhorita Eva Cameron é o nome da jovem. Mas quem é ela, ou de onde saiu, isso eu não sei. Pode ser que tenha vindo parar em Kirkby-Malhouse pelos mesmos motivos que trouxeram também o senhor para cá.”

“É possível”, retruquei, sem fazer conta da pergunta subentendida. “Mas eu jamais imaginaria que Kirkby-Malhouse fosse lugar para oferecer grandes atrativos a uma jovem.”

“O senhor não sabe, mas o povoado é bem alegre nos dias de festa”, disse a sra. Adams. “Agora, vai ver que ela veio em busca de um pouco de saúde e descanso, mais nada.”

“É bem provável”, concordei, mexendo o café. “E, sem dúvida, algum amigo seu aconselhou-a a vir procurá-los aqui, nos confortabilíssimos aposentos que a senhora aluga.”

“Pois então, meu senhor!”, exclamou a senhoria.

“É justamente isso que me espanta. A dama acabou de chegar da França. Como é que os parentes dela ficaram sabendo a meu respeito, eu não entendo. Uma semana atrás, me chega um homem na porta, muito bem-posto, um verdadeiro cavalheiro, isso daria para ver até com um olho fechado. ‘Senhora Adams?’, me

perguntou ele. ‘Quero alugar aposentos para a senhorita Cameron. Ela estará aqui em uma semana’, ele me disse. E só, nem mais uma palavra. Pois não é que ontem à noite me chega ela em pessoa, muito meiga e modesta, com um quê de francês na fala? Mas por Deus do Céu! O senhor me desculpe, preciso descer e preparar um chá, porque a pobrezinha vai se sentir muito sozinha, quando acordar debaixo de um teto estranho.”

II. De como me mudei para Gaster Fell

Eu ainda fazia meu desjejum quando escutei um tilintar de pratos e as passadas da sra. Adams indo até os aposentos da nova inquilina. Instantes depois, minha senhoria saiu de novo para o corredor e invadiu meus aposentos com as mãos erguidas e os olhos esbugalhados.

“Deus de misericórdia divina!”, ela exclamou. “Perdão vir entrando assim sem mais nem menos, mas receio que tenha acontecido algo com a jovem. Ela não está no quarto.”

“Ora, ora, lá está ela”, disse eu, pondo-me de pé para espiar pela janela. “Ela voltou para recolher as flores que largou no banco.”

“Mas olhe só o estado em que estão as botinas e o vestido dela”, protestou a senhoria, desorientada. “Como eu gostaria que a mãe dela estivesse junto! Por onde ela andou, eu não sei nem quero saber, mas que a cama não foi mexida desde ontem à noite, disso eu tenho certeza.”

“Ela deve ter sentido alguma inquietude e saiu para dar uma volta, mais nada, se bem que a hora, de fato, é um tanto estranha”, disse eu.

A sra. Adams franziu os lábios e sacudiu a cabeça, diante da vidraça. E foi nesse momento que a moça lá embaixo ergueu os olhos para ela, sorridente, e, com um gesto alegre, pediu-lhe que abrisse a janela.

“A senhora está com meu chá aí?”, perguntou com uma voz cristalina, marcada por um quê da afetação do francês.

“Está no seu quarto, senhorita.”

“Veja só minhas botinas, senhora Adams!”, gritou ela, tirando os pés de sob a saia, para mostrar o calçado. “Esses morros de vocês são pavorosos, *effroyables*^[89].”

Dois centímetros, cinco centímetros, nunca vi tanta lama na vida! E meu vestido

também, *voilà*⁽⁹⁰⁾.”

“Estou vendo, senhorita. Que situação, não é mesmo?”, gritou a senhoria de volta, fitando o vestido emporcalha-do. “Mas acho que o problema maior é o cansaço. Deve estar morrendo de sono.”

“Não, não, que nada”, respondeu a jovem, dando risada. “Eu não gosto de dormir. O que é o sono? Uma pequena morte, *voilà tout*⁽⁹¹⁾. Mas, a meu ver, andar, correr, respirar, isso é viver. Eu não estava cansada, de modo que durante a noite inteira, explorei as colinas de Yorkshire.”

“Meu Deus do céu! E por onde andou?”, perguntou a sra. Adams.

Ela fez um gesto largo com a mão que incluiu todo o horizonte do lado oeste. “Por lá”, disse ela. “*Ô comme el es sont tristes et sauvages, ces colines*⁽⁹²⁾! Mas eu trouxe flores. A senhora me dará um pouco de água, não é mesmo? Caso contrário, elas vão murchar.” Dito isso, juntou seus tesouros no colo e, um instante depois, escutamos passos leves e ágeis subindo a escada.

Quer dizer então que ela havia passado a noite toda fora, essa estranha mulher. Que motivo teria ela para trocar o conforto de seu quarto pelo ermo desolado de morros gelados? Seria talvez apenas o desassossego, a vontade de aventura que acomete os jovens? Ou haveria nisso, nessa excursão noturna, quem sabe, algum motivo mais profundo?

Enquanto andava de lá para cá no quarto, lembrei da cabeça pensa, da dor estampada na face e da violenta crise de choro que por acaso eu presenciara da janela. Valia dizer que a missão noturna, qualquer que tivesse sido, não deixara o menor vestígio de prazer em sua esteira.

No entanto, ainda quando pensava nisso, escutei o alegre tinido de sua risada e os protestos, com voz levemente alterada, diante dos cuidados maternos com que a sra.

Adams insistia para que tirasse as roupas sujas de barro.

Por profundos que fossem os mistérios que meus estudos me haviam ensinado a resolver, ali estava um problema humano que, pelo menos por enquanto, estava além de minha compreensão. Saí para dar uma volta pela charneca, antes do meio-dia, e, na volta, assim que atingi o cume de onde se descortina o pequeno povoado, vi a jovem a certa distância, em meio ao tojo. Ela abrira um pequeno cavalete e, com o papel de aquarela já colocado, se preparava para começar a pintar a magnífica paisagem de rochedos e charnecas esparramada a sua frente.

Reparei então que ela vasculhava com olhar ansioso a região à direita e à

esquerda de onde se achava. Perto de mim, havia uma pequena poça de água que se formara num oco. Mergulhei ali o copinho da garrafa de bolso e levei-o até ela.

“É disso que está precisando, imagino”, falei, erguendo o boné e sorrindo.

“*Merci bien*⁽²³⁾ !”, ela respondeu, despejando a água num pires. “De fato, é o que eu estava procurando.”

“Senhorita Cameron, suponho. Somos ambos inquilinos na mesma casa. Meu nome é Upperton. Temos de nos apresentar nós mesmos, por aqui, se não quisermos permanecer como estranhos para sempre.”

“Ah, quer dizer então que o senhor também vive na casa da senhora Adams!”, exclamou ela. “E eu achando que não havia ninguém além de camponeses, neste lugar estranho.”

“Estou de passagem, como a senhorita. Sou um estudioso e vim atrás da quietude e do repouso que meus estudos exigem.”

“Quietude de fato!”, disse ela, dando uma olhada rápida para o vasto círculo de charnecas silenciosas, marcadas apenas por uma minúscula linha de casinhas cinzentas ao longo da encosta.

“No entanto essa quietude não é suficiente”, respondi-lhe, rindo, “e vejo-me forçado a mudar para mais longe ainda, em pleno morro, para obter a paz absoluta de que preciso.”

“Quer dizer então que o senhor construiu uma casa nas colinas?”, ela perguntou, arqueando as sobrancelhas.

“Construí, sim, e espero poder ocupá-la dentro dos próximos dias.”

“Ah, mas que *dommage*⁽²⁴⁾”, exclamou ela. “E onde fica, essa casa que mandou construir?”

“Lá adiante, bem para lá”, respondi. “Está vendo aquele riacho que corre como se fosse uma fita de prata na charneca ao longe? Aquele é o Gaster Beck, que atravessa Gaster Fel.”

A jovem assustou-se e voltou para mim seus enormes olhos escuros, curiosos, com uma expressão de surpresa e de incredulidade, enquanto algo vizinho ao horror parecia querer ganhar força em sua expressão.

“E o senhor vai morar em Gaster Fell?”

“Foi o que planejei. Mas como é que a senhorita conhece Gaster Fell? Pensei que fosse uma estranha na região.”

“E sou, de fato. Nunca estive aqui antes. Mas já ouvi meu irmão falar sobre as charnecas de Yorkshire; e, se não estou enganada, escutei-o mencionar justamente essa que o senhor citou como sendo a mais perigosa e selvagem de todas.”

“É bem provável”, respondi-lhe, descuidado. “De fato é um lugar bastante lúgubre.”

“Então por que o senhor quer ir morar lá?”, perguntou a jovem, com voz ansiosa. “Pense na solidão, na aridez, na falta de todo e qualquer conforto e de toda ajuda, caso ela seja necessária.”

“Ajuda! E de que ajuda eu haveria de precisar em Gaster Fell?”

Ela me fitou por instantes, depois deu de ombros. “A doença não escolhe lugar. Se eu fosse homem, não iria querer morar sozinho lá.”

“Já enfrentei perigos piores que esse”, falei eu, rindo;

“mas receio que sua pintura terá de ser interrompida, porque as nuvens estão aumentando e já senti alguns pingos.”

De fato, estava mais do que na hora de procurarmos abrigo porque, nem bem terminada a frase, veio o [cicio](#)^{95} ritmado da chuva. Rindo feliz da vida, minha companheira jogou um xale sobre a cabeça e, pegando o papel e o cavalete, saiu correndo com a graça ágil de uma jovem corça pela ladeira forrada de tojo, enquanto eu seguia atrás, com o banquinho e a caixa de tintas.

O estranho foi perceber que, saciada minha curiosidade inicial por essa jovem indefesa que viera parar em nosso pequeno povoado, em vez de diminuir, meu interesse por ela aumentou. Juntos como estávamos, sem nem um único pensamento em comum com a boa gente que nos rodeava, não demorou para que surgissem amizade e confiança entre nós. Juntos, fizemos caminhadas matinais pelas charnecas e, à tarde, subimos o Moorstone Crag para ver, do alto do penedo^{96}, o rubro sol afundar nas águas distantes da baía de Morecambe. De si própria, ela falava com franqueza e sem reservas. A mãe morrera fazia muito tempo e ela passara a juventude num convento belga, de onde saíra finalmente para voltar a Yorkshire. O pai e um irmão, segundo ela me contou, constituíam toda a família que tinha. No entanto, quando a conversa calhava de girar em torno das causas que a haviam levado para morada tão solitária, era possuída por uma estranha frieza e, ou caía num profundo silêncio ou então mudava o rumo da conversa. De resto, era uma companheira excelente, simpática, culta, com aquele requinte ligeiro e picante de ideias que guardara da escola no exterior. Todavia a sombra que eu observara cair sobre ela na primeira manhã não estava

jamais muito longe de sua cabeça e, em algumas ocasiões, cheguei a presenciar o sumiço brusco daquela sua risada feliz, como se alguma ideia lúgubre a tivesse invadido e afogado toda a alegria e felicidade da juventude.

Foi na véspera de minha partida de Kirkby-Malhouse que sentamos no banco verde do jardim, ela com o olhar sonhador, fitando com tristeza os montes sombrios; eu, com um livro nos joelhos, espiando disfarçadamente seu perfil adorável, espantado de ver como vinte anos de vida, apenas, tinham conseguido imprimir nele expressão de tamanha tristeza e melancolia.

“A senhorita já leu muito?”, perguntei finalmente. “As mulheres hoje têm oportunidades que suas mães nunca nem imaginaram. Alguma vez já pensou na possibilidade de continuar os estudos, de fazer um curso superior, até mesmo de seguir alguma profissão liberal?”

Ela sorriu um sorriso cansado diante da ideia.

“Não tenho objetivos, não tenho ambição. Meu futuro é negro. Confuso. Um caos. Minha vida é como uma daquelas trilhas lá no alto das colinas. O senhor também as conhece, *monsieur*⁽⁹⁷⁾ Upperton. São regulares, retas e desimpedidas de início, mas em pouco tempo começam a dar guinadas para a esquerda e para a direita, entre rochedos e pedras, até que por fim acabam perdendo o próprio rumo em algum atoleiro. Em Bruxelas, minha trilha era reta; mas, *mon Dieu*⁽⁹⁸⁾! Quem poderá me dizer para onde esta há de me levar?”

“Não é preciso ser um profeta para tanto, senhorita Cameron”, disse eu, com os modos paternais que duas vintenas de anos nos facultam. “Se eu tivesse o dom de ler o futuro, arriscaria dizer que a senhorita está destinada a cumprir com o destino de toda mulher, vale dizer, fazer um homem feliz e distribuir em volta, em algum círculo mais amplo, o prazer que sua companhia tem me proporcionado desde o momento em que a conheci.”

“Não vou me casar nunca”, retrucou ela, num tom tão decidido que me surpreendeu um pouco, e me divertiu outro tanto.

“Não vai se casar? E por que não?”

Um olhar estranho perpassou por suas feições sensíveis e ela repuxou nervosamente a relva que crescia a seu lado.

“Eu não ousaria”, respondeu-me ela com uma voz trêmula de emoção.

“Não ousaria?”

“O casamento não é para mim. Tenho outras coisas a fazer. Aquela trilha da qual lhe falei é o caminho que terei de percorrer sozinha.”

“Mas isso é triste”, comentei. “Por que haveria de se desviar do destino de minhas próprias irmãs, ou de milhares de outras jovens senhoras que surgem no mundo a cada nova estação? Mas talvez isso se deva a um receio, a uma desconfiança que a senhorita nutre em relação aos seres humanos. De fato, o casamento traz alguns riscos, assim como a felicidade.”

“O risco seria do homem que se casasse comigo”, protestou ela. Logo em seguida, como se de repente tivesse achado que falara demais, pôs-se de pé e cobriu a cabeça com uma mantilha. “O ar está meio gelado esta noite, senhor Upperton.” E, com isso, afastou-se mais que depressa, deixando a mim o encargo de refletir sobre as estranhas palavras que haviam saído de sua boca.

Eu havia receado que a vinda dessa mulher pudesse me desviar dos estudos, mas jamais previ que meus pensamentos e interesses sofreriam tamanha transformação em tão pouco tempo. Fiquei acordado até bem tarde da noite em meu pequeno gabinete, ponderando a respeito de meus próximos passos. Ela era jovem, linda e atraente, tanto em virtude da própria beleza como do estranho mistério que a envolvia. Contudo, quem era aquela mulher para me arredar dos estudos que me preenchiam a mente, ou para me fazer mudar o curso de vida que eu estabelecera para mim? Eu não era nenhum rapazote para me deixar abalar por uns olhos negros ou por um belo sorriso, no entanto em três dias, desde sua chegada, meu trabalho não fizera nenhum avanço. Obviamente, estava na hora de partir.

Cerrei os dentes e jurei que antes de transcorridas outras vinte e quatro horas eu já teria cortado os recentes laços que havíamos formado e saído em busca do refúgio solitário que me esperava no alto da charneca. O desjejum mal tinha terminado quando um camponês arrastou até a porta da casa o rústico carrinho de mão que transportaria meus poucos pertences até a nova morada. Minha companheira permanecera em seus aposentos; e, por mais preparada que estivesse minha mente para combater-lhe a influência, dei-me conta de uma leve pontada de desgosto por ver que ela me deixava partir sem uma palavra de adeus. Meu carrinho de mão, com sua carga de livros, já se tinha posto a caminho e eu, tendo apertado a mão da sra.

Adams, estava prestes a segui-lo, quando escutei um rápido rumor de passos na escada e logo em seguida lá estava ela, a meu lado, ofegante com a própria pressa.

“Quer dizer então que o senhor se vai? Vai mesmo?”, disse ela.

“Meus estudos me chamam.”

“E vai para Gaster Fell, é isso?”

“Exato; para a casinhola que mandei construir ali.”

“E vai morar sozinho, lá?”

“Não. Com centenas de companheiros que estão indo no carrinho de mão.”

“Ah, livros!”, exclamou a jovem, com um lindo encolher dos ombros graciosos.

“Mas vai ao menos me prometer uma coisa?”

“E que coisa seria essa?”, perguntei espantado.

“Uma coisinha de nada. O senhor não vai se recusar, certo?”

“Basta você me dizer do que se trata.”

Ela então inclinou para mim o lindo rosto, com uma expressão da mais intensa sinceridade.

“O senhor me promete que vai aferrolhar a porta, à noite?”, disse-me ela, partindo antes que eu pudesse dizer algo em resposta a pedido tão extraordinário.

Foi muito estranho ver-me por fim devidamente instalado na solitária morada. Para mim, a partir dali, o horizonte se limitava a um círculo infecundo de inútil capim eriçado, pontilhado ao acaso por moitas de tojo e marcado por lúgubre profusão de estrias de granito. Ermo mais monótono e aborrecido, eu nunca vira; porém seu encanto estava justamente nessa monotonia. O que haveria ali, nas ondulantes colinas descoradas, ou no silencioso arco azulado do céu, para desviar meu pensamento das altas considerações com que se ocupava? Eu havia largado o rebanho humano e tomado, para melhor ou pior, uma vereda só minha. Juntamente da humanidade, eu nutria a esperança de deixar para trás também a dor, a decepção, a emoção e todas as outras pequenas fraquezas humanas.

Viver para o conhecimento, e só para ele, esse era o objetivo mais insigne que a vida poderia oferecer. No entanto, já na primeira noite passada em Gaster Fell, ocorreu um estranho incidente que levou meus pensamentos de volta para o mundo que eu abandonara.

A noite estava carrancuda e abafada, com massas lívidas de nuvens se juntando para as bandas do oeste. Com o passar das horas, o ar dentro de casa foi ficando mais denso e mais opressivo. Parecia haver um peso sobre minha testa e meu peito. De muito longe, chegavam os rugidos da trovoada, gemendo pela charneca inteira. Impossibilitado de dormir, vesti-me e, parado na porta da casinhola, olhei para a solidão negra que me rodeava. Abaixo não havia brisa nenhuma;

porém acima as nuvens corriam majestosas e ligeiras pelo céu, com uma meia-lua espiando de vez em quando por entre as brechas. O murmúrio do Gaster Beck e o pio insípido de uma coruja eram os únicos ruídos que chegavam aos meus ouvidos. Pegando a estreita trilha de ovelhas que havia à margem do riacho, avancei coisa de cem metros. Já tinha me virado para voltar quando a lua foi finalmente enterrada por nuvens negras retintas e a escuridão se acentuou de forma tão repentina que não consegui mais enxergar nem a trilha sob meus pés, nem o riacho à minha direita, tampouco as rochas à esquerda.

Estava eu ali parado, tateando o denso negrume, quando veio o estouro de um trovão e o fulgor de um raio que iluminou todo o vasto monte, de tal sorte que cada arbusto e cada pedra apareceram com espantosa nitidez sob a luminosidade plúmbea. Não durou mais que um instante, no entanto aquela visão momentânea provocou em mim um calafrio de medo e espanto, e lá estava ela, com a luz azulada a iluminar-lhe o rosto e mostrar cada detalhe das feições e roupas. Não havia como confundir aqueles olhos escuros, aquela silhueta alta e graciosa. Era ela — Eva Cameron, a mulher a quem eu pensava ter deixado para sempre. Por uns momentos, permaneci petrificado, assombrado, me perguntando se poderia de fato ser ela mesmo, ou se não seria alguma invenção que meu cérebro exaltado criara. Depois corri com toda a rapidez na direção de onde a tinha visto, chamando seu nome bem alto, mas sem obter resposta. Chamei de novo e, de novo, não veio resposta nenhuma, a não ser o lamento melancólico da coruja. Um segundo raio iluminou a paisagem e a lua irrompeu de trás das nuvens. Entretanto não consegui, embora tivesse subido até o topo de um outeiro^{99}, que descortinava toda a charneca, ver o menor sinal da estranha figura errante. Durante uma hora, mais ou menos, cruzei aquele morro até que por fim me vi de volta à casinha, ainda sem saber ao certo se tinha sido uma mulher ou uma sombra, o que eu divisara.

Pelos três dias seguintes a essa tempestade noturna, curvei-me teimosamente sobre meu trabalho. Por fim começava a me parecer que eu havia atingido meu porto de descanso, meu oásis de estudo, pelo qual eu tanto ansiara. Mas, infelizmente, minhas esperanças e meus planos goraram todos! Uma semana depois de ter fugido de Kirkby-Malhouse, uma série de acontecimentos estranhíssimos e imprevistos não só rompeu com a calma de minha existência como também me encheu de emoções profundas, a ponto de expulsar todas as outras considerações de minha cabeça.

III. Sobre a casinha cinzenta na ravina

Foi no quarto ou no quinto dia depois de ter me mudado que, espantado, percebi estar ouvindo passos em frente de casa, seguidos por uma batida que parecia ter sido dada com o auxílio de um cajado. A explosão de alguma máquina infernal não teria causado surpresa ou constrangimento maior. Eu acalentava a esperança de ter conseguido me desvencilhar para sempre de todas as intromissões e lá estava alguém batendo à minha porta com a mesma sem-cerimônia que teriam se ali fosse uma cervejaria. Irado, atirei o livro de lado e puxei o ferrolho bem quando minha visita ia erguendo o cajado para renovar seu rude pedido de acolhida. Era um homem alto, forte, de barba castanha e peito largo, vestido com um terno folgado de *tweed* cujo corte almejava mais o conforto que a elegância. Com ele ali parado sob a luz forte do dia, pude examinar-lhe cada um dos traços fisionômicos. O nariz largo e carnudo; os olhos azuis muito sérios, encimados por bastas sobrancelhas; a testa ampla, toda franzida e marcada de sulcos, em estranho desacordo com a mocidade do porte. Apesar do chapéu de feltro surrado e do lenço colorido em volta do forte pescoço bronzeado, pude ver de imediato que se tratava de alguém de berço e educação. Eu estava preparado para algum pastor errante ou andarilho mal-educado e aquela aparição me deixou desconcertado.

“O senhor parece espantado”, disse-me ele. “Achou então que fosse o único homem no mundo com pendores para a solidão? Pois já vê que existem outros ermitãos neste deserto, além do senhor.”

“Está me dizendo que também mora por aqui?”, perguntei, em tom de poucos amigos.

“Mais para lá”, respondeu-me ele, jogando a cabeça para trás. “Como somos vizinhos, senhor Upperton, achei que o mínimo a fazer seria vir ver se posso lhe ser de alguma serventia, seja no que for.”

“Muito obrigado”, disse eu, com frieza, parado com a mão no trinco da porta. “Sou um homem de hábitos muito simples e não há nada que possa fazer por mim. Mas o senhor conta com uma vantagem, que é a de saber meu nome.”

Meus modos desagradáveis esfriaram o entusiasmo da visita.

“Soube pelos carpinteiros que trabalharam aqui”, explicou-me ele. “Quanto a mim, sou cirurgião, o cirurgião de Gaster Fell. É por esse nome que me tornei conhecido por estas paragens, e me serve tão bem quanto qualquer outro.

“Não que haja muitas oportunidades de clinicar por aqui”, observei.

“Nem uma alma viva a não ser o senhor por muitos e muitos quilômetros nas

duas direções.”

“Está me parecendo que quem anda precisado de uma ajuda é o senhor”, comentei, olhando de relance para uma mancha grande e branca, como se provocada por algum ácido potente, estampada no rosto do desconhecido.

“Isto não é nada”, respondeu-me ele de modo lacônico, virando um pouco a face para esconder a marca. “Preciso voltar, porque tenho um companheiro me aguardando.

Se algum dia puder fazer algo pelo senhor, por favor, não hesite em pedir. Basta seguir o ribeirão morro acima, por mais ou menos um quilômetro e meio, para achar minha casa. O senhor tem um ferrolho na porta?”

“Tenho”, respondi-lhe, um tanto atônito com a pergunta.

“Mantenha a porta aferrolhada, então. Esta colina é estranha. Nunca se sabe quem pode estar por aqui. É melhor se prevenir. Adeus.” Ele ergueu o chapéu, girou nos calcanhares e saiu a passos largos pela trilha ao longo do riacho.

Eu ainda estava parado, com a mão no trinco, espiando minha inesperada visita afastar-se, quando me dei conta de mais outro morador das charnecas. Um pouco mais adiante, na mesma trilha que o desconhecido seguia, havia uma enorme rocha cinzenta e, encostado nela, um homenzinho mirrado que endireitou o corpo quando o outro se aproximou e em seguida foi ter com ele. Os dois conversaram por um minuto ou mais, o mais alto mexendo várias vezes a cabeça em minha direção, como se descrevendo o que se passara entre nós. Depois seguiram em frente, lado a lado, e desapareceram numa depressão do caminho. Dali a instantes, tornaram a aparecer mais à frente, subindo de novo a charneca. Meu conhecido havia passado o braço em volta do ombro do amigo idoso, talvez num gesto de afeto, talvez para ajudá-lo na íngreme ladeira. Vi então o recorte nítido de ambos na linha do horizonte, a figura robusta de um e o porte engelhado do outro; a certa altura, eles viraram a cabeça e me olharam.

Ao perceber o gesto, bati a porta mais que depressa, receoso de que pudessem pensar em voltar. Porém, quando fui espiar de novo pela janela, alguns minutos depois, vi que tinham ido embora.

Pelo resto do dia, lutei em vão para recuperar a indiferença perante o mundo e seus hábitos, condição imprescindível à abstração mental. Contudo, por mais que tentasse, os pensamentos teimavam em voltar ao cirurgião solitário e seu mirrado companheiro. O que estaria ele querendo dizer quando me perguntou se havia um ferrolho na porta? E como explicar que as últimas palavras de Eva Cameron tivessem sido do mesmo sinistro teor? Por várias e várias vezes

especulei qual poderia ter sido o encadeamento de causas e efeitos que levaram dois homens tão dessemelhantes em idade e aspecto a morar juntos naqueles inóspitos morros despovoados. Estariam eles, assim como eu próprio, mergulhados em algum estudo fascinante? Seria possível que uma cumplicidade no crime os tivesse obrigado a fugir dos antros humanos?

Algum motivo deveria haver, e bastante forte, por sinal, para levar um homem instruído a adotar tal existência. E só então comecei a me dar conta de que as multidões da cidade estorvam infinitamente menos que o espírito de união que há no campo.

Permaneci o dia todo curvado sobre um papiro egípcio no qual estava trabalhando; porém nem o raciocínio sutil do antiquíssimo filósofo de Mênfis nem o significado místico que aquelas folhas continham conseguiram tirar-me a mente das coisas da Terra. A noite já vinha caindo quando empurrei o trabalho para o lado, desacorçoado.

A intromissão daquele homem me deixara fervendo de indignação. Parado à margem do riacho que murmurava diante da porta de minha casinhola, refresquei a testa febril e voltei a pensar no assunto. Claro que aquele pequeno mistério em torno de meus dois vizinhos é que insistia em reconduzir-me a mente ao assunto. Esclarecido o enigma, não haveria mais nenhum obstáculo a meus estudos. E o que me impedia, então, de caminhar até onde ambos moravam e observar, com os próprios olhos e sem deixar que suspeitassem de minha presença, que espécie de homens eram eles? Sem sombra de dúvida, o modo de vida da dupla acabaria por admitir uma explicação muito simples e prosaica. De toda forma, estava uma tarde linda e uma caminhada faria bem à mente e ao corpo. Acendendo meu cachimbo, parti charneca afora, na direção que ambos haviam tomado. O sol estava baixo e rubro no ocidente, afogando as urzes com um rosa vivo e salpicando o vasto firmamento com todos os matizes, desde o verde mais pálido no zênite até o carmim mais profundo ao longo do horizonte longínquo. Aquela poderia muito bem ser a grande palheta na qual o pintor do mundo misturou as primeiras cores. De ambos os lados, os picos gigantescos do Ingleborough e do Pennigent olhavam com superioridade os sorumbáticos campos acinzentados entre uma montanha e outra. No caminho, os morros robustos foram se perfilando à esquerda e à direita até formar um vale estreito e bem definido, em cujo centro serpenteava o pequeno riacho. De um lado e de outro, linhas paralelas de rocha gris marcavam o nível de alguma antiga geleira, cuja moraina^{100} havia formado o solo fragmentado em volta de minha morada. Ásperos penedos, rochas talhadas a pique e fantásticas pedras retorcidas eram testemunhas do tenebroso poder do velho glaciar e mostravam onde os dedos

gelados haviam rasgado e esburacado o sólido calcário.

Por volta da metade dessa ravina^{101}, havia um pequeno bosque de carvalhos atrofiados, de galhos contorcidos.

Detrás das árvores, subia uma fina coluna de fumaça pelo ar parado de fim de tarde. Obviamente aquilo assinalava o local onde ficava a casa de meu vizinho. Desviando-me um pouco para a esquerda, cheguei ao abrigo de umas rochas e, assim, a um local de onde poderia comandar uma visão perfeita da construção sem me expor ao risco de ser descoberto. Era uma casa pequena, com telhado de ardósia, pouca coisa maior que as pedras entre as quais se aninhava. Assim como a minha, mostrava sinais de ter sido construída para o uso de algum pastor; porém, ao contrário da minha, os atuais ocupantes não haviam feito o menor esforço para melhorá-la ou aumentá-la. Duas janelinhas acanhadas, uma porta esfolada e um barril descorado para armazenar a água da chuva eram os únicos objetos externos dos quais eu poderia extrair algum tipo de inferência a respeito dos moradores lá dentro. Entretanto, mesmo aqueles poucos itens davam o que pensar; sim, porque, ao chegar um pouco mais perto, ainda me escondendo por trás das pedras, vi que grossas barras de ferro protegiam as janelas, ao passo que a velha porta escalavrada fora entalhada com placas do mesmo metal.

Precauções assim tão estranhas, aliadas à tristeza do ambiente e ao isolamento absoluto, conferiam um mau agouro indescritível e um caráter tenebroso à casinha solitária. Enfiando o cachimbo no bolso, arrastei-me, engatinhando por arbustos de tojo e samambaias até me ver a cem metros da porta do vizinho. Ali, percebendo que não poderia chegar mais perto sem correr o risco de ser descoberto, agachei-me e observei.

Eu tinha acabado de me acomodar no esconderijo quando a porta da casinhola se abriu e o homem que se apresentara como o cirurgião de Gaster Fell apareceu, de cabeça descoberta, com uma enxada nas mãos. Em frente da casa havia uma pequena horta plantada com batatas, ervilhas e outros tipos de verduras e, ali, ele se pôs em atividade, podando, roçando e arrumando, ao mesmo tempo que cantava com uma voz potente, ainda que não muito melodiosa. Estava entretido no trabalho, de costas para a casinhola, quando surgiu pela porta semiaberta a mesma criatura raquítica que eu vira pela manhã. Pude então reparar que se tratava de um homem de mais ou menos sessenta anos, enrugado, corcunda, frágil, com um rosto comprido, pálido, e alguns poucos tufo de cabelos grisalhos na cabeça. Com passos servis e oblíquos, arrastou-se até o companheiro que só se deu conta de sua presença quando ele já estava bem

próximo. Talvez tenham sido as passadas leves, ou a respiração, o que o acabou alertando, porque o moço se virou de chofre para encarar o velho. Cada qual deu um passo rápido na direção do outro, como se fossem se cumprimentar e depois – e até hoje sinto na pele o horror daquele instante – o sujeito mais alto avançou, derrubou o mais baixo por terra e, recolhendo o corpo, cruzou em grande velocidade o terreno que o separava da porta, desaparecendo com seu fardo no interior do casebre.

Calejado como eu estava por minha vida tão variada, o inesperado e a violência daquilo que eu presenciara me causaram um arrepio. A idade do homem, seu porte franzino, os modos humildes, sua submissão, tudo apontava para a infâmia do ato. Senti tamanha indignação que já ia me dirigir para lá, desarmado como estava, quando escutei vozes vindo do interior da casa, sinal de que a vítima recobrava os sentidos. O sol tinha acabado de se pôr e tudo em volta estava cinzento, exceto por um penacho vermelho no cume do Pennigent. Seguro na pouca luz, aproximei-me um pouco mais e apurei os ouvidos para captar o que estava sendo dito. Podia ouvir a voz ardida e queixosa do mais velho, misturada com estranhos fragores e estrépitos metálicos. Não demorou para que o cirurgião saísse, trancando a porta atrás de si, e começasse a palmilhar a terra em volta, para baixo e para cima, puxando os cabelos e agitando os braços, qual um demente. Depois, saiu andando a passos rápidos vale acima e logo se perdeu entre as rochas. Quando o ruído de seus passos sumiu por completo, aproximei-me da casinhola. O prisioneiro continuava despejando uma saraivada de palavras, ao mesmo tempo que gemia, de quando em quando, como um homem acometido por dores. Palavras que, ao chegar mais perto, percebi serem preces – orações volúveis e esganiçadas, mastigadas com a intensa ansiedade de alguém que vê um perigo urgente e iminente. Para mim, havia algo de inexprimivelmente tenebroso nesse jorro de súplicas solenes que saía da boca do sofredor solitário; rogos^{102} que não se destinavam a ouvidos humanos e que estremeciam o silêncio da noite. Eu ainda refletia se deveria ou não me imiscuir na questão quando ouvi ao longe o som das passadas do cirurgião voltando para casa. Mais que depressa, apoiei-me nas barras de ferro e espiei pela vidraça da janela. O interior da casinha estava iluminado por um brilho lúgubre que vinha de algo que, mais tarde, descobri ser um forno químico. Sob a luz abundante, pude divisar uma grande quantidade de retortas, tubos de ensaio e condensadores que reluziam sobre a mesa e lançavam sombras grotescas, curiosas, na parede. No outro extremo do cômodo havia uma estrutura de madeira semelhante a um galinheiro e, lá dentro, ainda absorto em preces, o homem cuja voz eu havia escutado, de joelhos. Os laivos^{103} rubros que lhe batiam no rosto voltado para

cima destacavam-no das sombras como se fora uma tela de Rembrandt, mostrando cada ruga da pele encarquilhada. Só tive tempo de dar uma olhada muito rápida; depois, baixando da janela, escapei por entre as pedras e urzes e não diminuí o passo até me ver de volta, são e salvo, dentro de casa. Ali, atirei-me sobre o sofá, mais abalado e perturbado que imaginava ser possível me sentir de novo.

Alta noite já, e eu continuava agitado, revirando-me no travesseiro incômodo, incapaz de conciliar o sono. Uma estranha teoria se formara em minha mente, sugerida pelo elaborado equipamento científico que tinha visto. Seria possível que aquele cirurgião estivesse dando andamento a experiências insondáveis e medonhas que exigiam roubar ou no mínimo corromper a vida do companheiro?

Tal suposição responderia pelo isolamento da existência que levava, mas como conciliar isso com a profunda amizade que me parecera existir entre ambos naquela mesma manhã? Seria dor ou loucura o que o fizera arrancar os cabelos e torcer as mãos ao sair de sua casa? E a doce Eva Cameron, seria possível que ela também fizesse parte do sinistro conluio? Quer dizer então que era para visitar meus pavorosos vizinhos que ela empreendia suas curiosas excursões noturnas? E, se fosse esse o caso, que laços uniriam um trio tão disparatado? Por mais eu que tentasse, não conseguia chegar a nenhuma conclusão satisfatória. Quando, finalmente, ferrei num sono agitado, foi tão somente para voltar a ver em sonhos os estranhos episódios do fim de tarde e acordar de madrugada, debilitado e abatido.

Quanto às dúvidas que eu talvez tivesse sobre ter ou não visto Eva Cameron na noite da tempestade, essas foram finalmente dirimidas naquela manhã. Caminhando ao longo da trilha que levava à colina, vi, num local onde o solo estava fofo, a marca de um pé – do pé pequeno e gracioso de uma mulher bem calçada. Aquele salto minúsculo e aquele arco acentuado da planta não poderiam pertencer a mais ninguém senão à minha companheira em Kirkby-Malhouse. Segui-lhe as pegadas durante certo trecho, até perdê-las em terreno duro e pedregoso; porém ainda assim elas continuaram apontando, pelo que me foi possível discernir, para a solitária e malfadada casinhola. Que poder seria esse, capaz de fazer aquela jovem tão meiga atravessar as medonhas charnecas, em meio a ventanias, chuva e escuridão, para ir a encontro tão bizarro?

Mas por que deixar que minha mente se preocupasse com tais coisas? Por acaso não me orgulhava de viver uma vida própria, para além da esfera de meus semelhantes?

Porventura iria deixar que todos os meus planos e decisões viessem por água

abaixo apenas porque os hábitos de meus vizinhos pareciam estranhos? Era indigno, era pueril. Através de um esforço ininterrupto, tentei expulsar as influências daninhas e voltar à velha rotina. Não foi tarefa fácil. Mas, alguns dias depois, durante os quais não deixei um só segundo a casinha, sendo que já tinha quase conseguido recuperar minha paz de espírito, um novo incidente impeliu meus pensamentos de volta à velha senda.

Já disse que havia um pequeno riacho correndo pelo vale que passava diante de minha porta. Mais ou menos uma semana depois dos fatos que relatei, estava sentado à janela quando percebi alguma coisa boiando devagar correnteza abaixo. A primeira ideia que me ocorreu foi que se tratava de alguma ovelha em apuros; apanhei então meu cajado, caminhei até a margem do ribeirão e fisquei-a.

Qual não foi minha surpresa ao constatar que se tratava de um lençol, rasgado e esfiapado, com as iniciais J. C. num dos cantos. Contudo o que lhe conferia significado funesto era o fato de estar, de uma bainha à outra, salpicado e manchado de sangue. Nos lugares onde ficara submerso na água, havia apenas uma nódoa clarinha; ao passo que em outros as manchas mostravam que o sangue era recente. Estremeci ao olhar para aquilo. O lençol só poderia ter vindo da casinhola solitária na ravina. Que prática sombria e violenta teria deixado esse horrendo vestígio atrás de si? Eu me iludira, ao achar que a família humana não significava mais nada para mim, porque todo o meu ser foi absorvido pela curiosidade e pelo ressentimento. Como permanecer neutro quando coisas terríveis estavam sendo perpetradas a um quilômetro e meio dali? Senti que o velho Adão continuava fortíssimo dentro de mim e que eu *precisava* solucionar o mistério. Fechando a porta da casa, entrei na ravina e pus-me a caminho da morada do cirurgião. Não tinha ido muito longe quando topei com o próprio. Ele andava a passos rápidos pela beirada do morro, batendo nas moitas de tojo com um porrete e gritando como um demente. De fato, ao vê-lo, as dúvidas que me haviam assaltado quanto à sanidade daquela criatura foram reforçadas e confirmadas. Quando ele se aproximou, reparei que o braço esquerdo estava suspenso numa tipóia. Ao perceber minha presença, parou indeciso, como se não soubesse se deveria se aproximar ou não. Eu, contudo, não tinha o menor desejo de lhe dirigir a palavra; de modo que estuguei o passo e meu vizinho seguiu seu caminho, ainda berrando e dando com o porrete a torto e a direito. Assim que sumiu em meio às colinas, fui até sua casa, decidido a encontrar alguma pista sobre o que ocorrera. Ao chegar, espantei-me de encontrar escancarada a porta reforçada com placas de ferro. O terreno bem à frente dela guardava as marcas de alguma luta. Os equipamentos de química lá dentro, e a mobília, estavam

revirados e estilhaçados. O mais sugestivo de tudo, porém, era que a sinistra gaiola de madeira exibia manchas de sangue e seu desafortunado ocupante desaparecera. Meu coração condoeu-se do infeliz homenzinho; tinha absoluta certeza de que nunca mais o veria neste mundo. Por toda a extensão do vale havia várias pirâmides de pedra, os *cairns*, que em tempos remotos marcavam monumentos fúnebres, e perguntei-me qual deles ocultaria os resquícios do derradeiro ato da longa tragédia.

Não havia nada na casinhola que pudesse esclarecer quem eram meus vizinhos. O aposento estava repleto de instrumentos de química e delicados aparelhos filosóficos. Num dos cantos, uma pequena estante continha uma seleção excelente de obras científicas. Numa outra havia uma pilha de espécimes geológicos colhidos da pedra calcária. Meus olhos percorreram rapidamente esses detalhes todos; porém não havia tempo para um exame mais detalhado, eu temia que, ao regressar, o cirurgião me encontrasse ali. Deixando a casinha na ravina, voltei com o coração pesado. Uma sombra sem nome pairava sobre o desfiladeiro desolado – a pesada sombra do crime não reparado que fazia ainda mais lúgubres as lúgubres colinas e mais tenebrosas e ameaçadoras as charnecas já tão bravias. Minha mente hesitava entre ir e não ir a Lancaster para comunicar à polícia o que tinha visto. O cérebro, porém, recuou repugnado diante da perspectiva de me tornar testemunha de uma *cause célèbre*^{104} e acabar às voltas com advogados atarefados ou então com a imprensa oficiosa xeretando e fuçando em meu modo de vida. Então fora para isso que eu me afastara de meus semelhantes e me instalara naquele ermo isolado? A ideia de qualquer publicidade me causava profunda aversão.

Seria melhor, quem sabe, esperar e observar, sem dar um passo decisivo, até chegar a uma conclusão mais definitiva a respeito do que tinha visto e ouvido.

Não vislumbrei mais o cirurgião, na volta; mas, ao chegar, fiquei atônito e indignado ao constatar que alguém entrara em casa durante minha ausência. Caixotes haviam sido puxados de sob a cama, as cortinas tinham sido mexidas, as cadeiras deslocadas da parede. Nem mesmo meu gabinete de estudos ficara a salvo do rústico intruso, já que havia pegadas de botas bem pesadas perfeitamente visíveis no tapete cor de ébano. Não sou um homem lá muito paciente, na melhor das circunstâncias; mas essa invasão e o exame sistemático de meus pertences domésticos agitaram até a última gota de fel que havia em mim. Praguejando em voz baixa, tirei meu velho sabre de cavalaria da parede e passei o dedo pelo fio da lâmina, para testar o gume^{105}. Havia um grande chanfro no meio, onde o sabre batera na clavícula de um artilheiro bávaro, no dia em que forçamos Van der Tann a recuar. Mas continuava afiado o bastante

para dar conta do recado. Coloquei-o na cabeceira da cama, ao alcance do braço, pronto para oferecer uma acolhida zelosa ao próximo visitante indesejado que pudesse aparecer.

IV. O homem que veio à noite

A noite caiu com prenúncio de tempestade tendo no alto uma lua toda encilhada por nuvens esfarrapadas.

O vento soprava em rajadas melancólicas, aos soluços e suspiros pela charneca, arrancando gemidos dos arbustos de tojo. De quando em quando, alguns borrifos de chuva tamborilavam na vidraça. Fiquei até a meia-noite examinando um fragmento sobre a imortalidade escrito por Iâmblico, o platônico alexandrino classificado pelo imperador Juliano como posterior a Platão no tempo, mas não na genialidade. Por fim, fechando o livro, abri a porta de casa e dei uma última espiada no morro funesto e no céu ainda mais ruinoso. Ao pôr a cabeça para fora, uma rajada de vento me atingiu, fazendo que as brasas vermelhas de meu cachimbo faiscassem e dançassem nas trevas. Nesse mesmo momento, a lua brilhou com intensidade entre as nuvens e eu vi, sentado na encosta, a pouco menos de duzentos metros de minha porta, o homem que se intitulava o cirurgião de Gaster Fell. Ele estava agachado em meio à urze, com os cotovelos espetados nos joelhos e o queixo apoiado sobre as mãos, tão imóvel quanto uma pedra, com o olhar fixo na porta de minha casa.

Ao ver sentinela tão agourenta, um calafrio de horror e receio invadiu-me o corpo, porque além do feitiço das misteriosas ligações nocivas da criatura, a hora e o lugar harmonizavam com a presença deletéria^[106]. Em instantes, contudo, uma comichão viril de ressentimento e autoconfiança expulsou-me a emoção trivial da mente e caminhei sem temor na direção dele. Com minha aproximação, o outro levantou-se e encarou-me com o luar batendo em cheio no rosto grave, de barbas fartas, e cintilando-lhe nos olhos claros.

“O que significa isto?”, exclamei, assim que me aproximei o suficiente. “Que direito tem o senhor de vir me espionar?” Não me escapou a onda de rubor irritado que lhe subiu às faces.

“Sua permanência no campo o fez descuidado com as boas maneiras”, disse-me ele. “A charneca é aberta a todos.”

“E decerto vai me dizer agora que minha casa também está aberta a todos”,

retruquei eu, enraivecido. “O senhor teve a impertinência de revistá-la em minha ausência, esta tarde.”

Meu interlocutor levou um susto e as feições traíram a mais intensa emoção. “Eu lhe dou minha palavra que não tive nada a ver com isso”, afirmou ele. “Nunca pus os pés em sua casa, em toda a minha vida. Ah, meu senhor, meu senhor, se ao menos acreditasse em mim. Há um perigo rondando sua casa e eu o aconselho a ter muito cuidado.”

“O senhor esgotou minha paciência”, retruquei eu.

“Eu vi a surra covarde que aplicou num momento em que se acreditava protegido de todo e qualquer olhar humano. E estive em sua casa, também, e conheço tudo o que ela tem para contar. Se houver lei na Inglaterra, o senhor há de morrer na forca para pagar pelo que fez. Quanto a mim, sou um velho soldado, cavalheiro, e estou armado.

Não vou passar o ferrolho na porta. Mas se porventura o senhor ou qualquer outro vilão tentar cruzar minha soleira, saiba que os riscos não são pequenos.” E, com essas palavras, fiz meia-volta e retornei à casa. Quando me virei para olhá-lo da porta, meu vizinho continuava imóvel, uma triste figura entre as urzes, de cabeça descaída no peito. Dormi um sono agitado a noite inteira; porém não ouvi mais nenhum ruído por parte da estranha sentinela e tampouco ele estava à vista quando tornei a olhar, pela manhã.

Por dois dias, o vento soprou mais gelado e mais forte, com pancadas constantes de chuva, até que, na terceira noite, despencou sobre a Inglaterra a mais furiosa tormenta de que tenho lembrança. Os trovões ribombavam e faziam estremecer o céu, ao passo que os raios iluminavam todo o firmamento. O vento soprava a intervalos, ora soluçando de modo calmo, ora, num repente, esmurrando, aos uivos, as vidraças das janelas, até que o próprio vidro começava a chacoalhar na moldura. O ar carregado de eletricidade e sua peculiar influência, junto com os episódios estranhos com os quais eu estivera envolvido, despertaram e aguçaram sobremaneira minha morbidez.

Percebi que seria inútil ir para a cama, e tampouco conseguiria me concentrar o bastante para ler um livro. Baixei a lamparina até atingir uma luminosidade suave, afundei no sofá e entreguei-me aos devaneios. Devo ter perdido toda e qualquer noção das horas, porque não tenho lembrança de quanto tempo permaneci ali sentado, na fronteira entre a consciência e o sono. Enfim, por volta das três da manhã, ou quem sabe quatro, voltei a mim com um sobressalto – não só voltei a mim como voltei com todos os sentidos e nervos apurados. Olhando o aposento envolto em penumbra, não vi nada que justificasse a

repentina agitação. A saleta aconchegante, a janela banhada de chuva e a rústica porta de madeira estavam como sempre tinham estado. Já começava a me convencer de que algum sonho semiformado provocara aquela vaga comoção em meus nervos quando, num átimo de segundo, tomei consciência do que se tratava. Era o ruído – o ruído de passos humanos do lado de fora de minha solitária morada.

Em que pesem a trovoada, a chuva e o vento, ainda assim escutei o barulho – o barulho surdo de uma pisada furtiva, ora na relva, ora nas pedras – que de vez em quando parava por completo, depois recomeçava, cada vez mais perto. Endireitei o corpo, assustado, a escutar o som fantasmagórico. As passadas pararam bem na porta e foram substituídas por ruídos arfados e resfolegantes de quem andara muito e depressa. Apenas a grossura daquela porta me separava desse sonâmbulo de passos leves e respiração pesada. Não sou nenhum covarde, porém a selvageria daquela noite, o vago aviso que eu recebera e a proximidade desse estranho visitante me deixaram tão apreensivo que eu seria incapaz de dizer alguma coisa, tão seca estava minha boca. Estendi a mão, todavia, e agarrei meu sabre, com os olhos fixos na entrada da casinhola. Eu rezava em silêncio para que aquela coisa, ou o que quer que fosse, batesse na porta, ameaçasse, chamasse meu nome ou fornecesse alguma pista quanto a seu caráter. Qualquer perigo conhecido seria melhor que aquele horrível silêncio, interrompido apenas pelos resfôlegos rítmicos.

À luz fraca da lamparina em vias de apagar, vi o puxador da porta mexer, como se alguém estivesse exercendo uma pressão muito branda nele pelo lado de fora. Devagar, devagar, o trinco foi liberado, até que se fez uma pausa de um quarto de minuto ou mais, em que continuei sentado, em silêncio, com os olhos esbugalhados e o sabre desembainhado. Em seguida, muito lentamente, a porta começou a girar nos gonzos^{107} e o ar cortante da noite entrou assobiando pela fresta. Com toda a cautela, ela continuou sendo aberta de tal sorte a evitar que as dobradiças enferrujadas fizessem ruído. À medida que o vão foi se alargando, divisei uma figura escura, envolta em sombras, em minha soleira, e um rosto pálido que me fitava. As feições eram humanas, mas os olhos não. Eles pareciam iluminar o negrume em volta com um brilho esverdeado todo próprio; e em seu fulgor maléfico e enganador tomei consciência do espírito mesmo do crime. Saltando do sofá, eu já tinha erguida a espada nua quando, com um berro ensandecido, uma segunda figura entrou-me porta adentro. À aproximação desse novo intruso, minha espectral visita soltou um berro ardido e saiu correndo morro afora, ganindo qual um cão surrado. A borrasca tornou a engolir as duas criaturas que dela tinham surgido, como se fossem a personificação das

vergastadas do vento e da inclemência da chuva.

Ainda espicaçado pelo medo recente, continuei parado na porta, espiando a noite, com os berros discordantes dos fugitivos a retinir nos ouvidos. Naquele momento, um raio poderoso iluminou toda a paisagem, deixando-a clara como o dia. À luz do relâmpago, vi ao longe duas silhuetas escuras correndo, uma atrás da outra e a grande velocidade pelos morros. Mesmo daquela lonjura, o contraste entre um e outro impedia qualquer dúvida quanto a quem seriam. O primeiro era o homenzinho idoso que eu supunha morto; o segundo, meu vizinho, o cirurgião.

Por alguns instantes, apareceram com uma nitidez espantosa sob a luz fantasmagórica; logo depois, o negrume se fechou em volta deles e sumiram ambos. Ao virar-me para entrar, meu pé tropeçou em algo na soleira. Baixando-me, descobri tratar-se de uma faca de lâmina reta, feita todinha de chumbo, tão macia e quebradiça que me pareceu escolha curiosa para se ter como arma. Para torná-la ainda mais inofensiva, a ponta fora cortada, transformando-a em instrumento rombudo^{108}. A lâmina, entretanto, tinha sido afiada inúmeras vezes numa pedra, como evidenciavam as várias marcas, de modo que ainda era uma ferramenta perigosa, nas mãos de alguém decidido. Evidentemente caíra das mãos do homenzinho quando da súbita chegada do cirurgião. E não havia mais nenhuma dúvida em relação ao objetivo da visita.

E qual foi o significado disso tudo, o leitor há de me perguntar. Muitos foram os dramas com que topei em minha vida errante, alguns tão estranhos e surpreendentes quanto esse, aos quais faltou a explicação derradeira que agora o leitor exige. O destino é um grande tecelão de lendas; entretanto, e de forma geral, costuma terminá-los contrariando todas as leis artísticas e com uma falta indecorosa de consideração para com a etiqueta literária.

Acontece, porém, que tenho uma carta comigo que penso em acrescentar aqui, sem mais nenhum comentário, e que há de esclarecer tudo quanto resta de obscuro.

*“Asilo de Loucos de Kirkby,
4 de setembro de 1885*

Prezado senhor, estou plenamente consciente de que lhe devo um pedido de desculpas e uma explicação pelos acontecimentos espantosos e, a seus olhos, misteriosos ocorridos há pouco tempo e que tão seriamente interferiram com a existência isolada que o senhor pretendia levar. Eu deveria ter ido vê-lo na

manhã seguinte à recaptura de meu pai; mas conhecendo sua aversão por visitas e também – e aqui peço que me perdoe a franqueza – seu temperamento bastante violento, fui levado a acreditar que seria melhor comunicar-me por carta. Durante nosso último encontro, eu deveria ter lhe contado o que vou lhe contar agora; mas suas alusões a algum crime do qual me considerava culpado, e sua partida repentina, impediram que eu dissesse aquilo que trazia na ponta da língua.

Meu pobre pai trabalhava com afinco como clínico-geral na cidade de Birmingham, onde até hoje seu nome é lembrado e respeitado. Há uns dez anos, porém, começou a dar sinais de uma aberração mental que nós, de início, atribuímos a excesso de trabalho e aos efeitos de uma insolação. Sentindo-me incompetente para dar um diagnóstico em caso de tamanha monta, procurei de imediato os mais altos pareceres, tanto em Birmingham quanto em Londres. Entre outros, consultamos o eminente alienista Fraser Brown, segundo quem o caso de meu pai era intermitente por natureza, mas perigoso durante seus paroxismos. “Ele tanto pode sofrer uma guinada homicida quanto religiosa”, declarou o médico, “ou talvez uma mistura de ambos. Durante meses, ele pode permanecer tão bem quanto o senhor ou eu, e de repente, num instante, entrar em crise.

O senhor será o principal responsável, se o deixar sem supervisão.”

E os resultados fizeram justiça ao diagnóstico do especialista. Em pouco tempo a doença de meu pobre pai sofreu uma guinada tanto religiosa quanto homicida, com ataques que ocorriam sem o menor aviso, depois de meses de sanidade. Não irei cansá-lo com descrições das terríveis experiências por que passou nossa família. Basta dizer que, pelas bênçãos do bom Deus, conseguimos manter livres de sangue seus dedos enlouquecidos. Minha irmã Eva, eu enviei a Bruxelas, depois do que passei a me dedicar por completo ao caso dele. Meu pai tinha um grande pavor de manicômios; e, em seus intervalos de sanidade, me implorava com tamanha veemência para não ser condenado a ir para um, que nunca encontrei coragem para resistir-lhe à vontade. No fim, contudo, os surtos tornaram-se tão fortes e perigosos que decidi, pelo bem de todos ao meu redor, tirá-lo da cidade e levá-lo à região mais erma que pudesse encontrar. E essa região foi justamente Gaster Fell, onde ele e eu fixamos residência.

Eu possuía uma renda suficiente para me manter e, tendo me dedicado à

química, fui capaz de passar o tempo com um grau razoável de conforto e proveito. Ele, pobre infeliz, era tão submisso quanto uma criança, quando em seu juízo perfeito; e homem nenhum poderia desejar companhia melhor e mais bondosa. Fizemos juntos um compartimento de madeira dentro do qual ele poderia se refugiar quando sofresse um acesso; e eu reformei a janela e a porta para mantê-lo confinado dentro de casa sempre que surgisse a suspeita de haver um novo ataque a caminho. Olhando em retrospecto, posso dizer com segurança que nenhuma precaução foi esquecida; até mesmo os indispensáveis utensílios de mesa eram de chumbo e rombudos, para evitar que meu pai causasse algum mal em seus frenesis.

Durante meses após nossa mudança, ele parecia estar melhorando. Não sei se devido ao ar puro, ou à ausência de qualquer incentivo à violência, o fato é que, por uns tempos, não demonstrou o menor sinal da terrível desordem que o afetava. Foi sua chegada que, pela primeira vez, perturbou-lhe o equilíbrio mental. Só de vê-lo, ainda que ao longe, sentiu despertar todos aqueles impulsos mórbidos que jaziam dormentes. Uma noite, ele se aproximou sorrateiro de mim, com uma pedra na mão, e teria me liquidado se eu, optando pelo menor de dois males, não o tivesse derrubado ao chão e trancafiado na gaiola, antes que recobrasse os sentidos. Essa súbita recaída, é claro, me deixou profundamente preocupado. Durante dois dias, fiz tudo que estava a meu alcance para acalmá-lo. No terceiro, ele parecia mais sossegado, mas, infelizmente, não passava de encenação, fruto da esperteza do louco. Não sei como, meu pai conseguiu afrouxar duas travas da gaiola; e eu, desprevenido pela aparente melhora, entretido com minha química, de repente fui atacado por ele, de faca em punho. Na briga, ele me cortou o braço e escapou antes que eu me recuperasse e tivesse tempo de ver qual caminho tomara. Meu ferimento era coisa de pouca monta e, durante vários dias, vaguei pelos morros, revirando cada moita em minha busca infrutífera. Eu estava convencido de que ele atentaria contra sua vida, convicção essa que foi reforçada quando soube que alguém, durante sua ausência, entrara na casa. Foi então que resolvi vigiá-lo durante a noite. Uma ovelha morta que encontrei largada na charneca, toda retalhada, mostrou-me que meu pai não estava sem comida e também que o impulso homicida continuava forte dentro dele. Por fim, conforme eu esperava, ele tentou invadir sua casa, ato que, não fosse minha intervenção, teria terminado na morte de um ou de outro. Ele correu e lutou como um animal selvagem; porém eu estava tão desesperado quanto ele e consegui arrastá-lo de volta para casa. Esse derradeiro fracasso convenceu-me de que qualquer esperança de melhora se

fora para sempre. Na manhã seguinte, trouxe-o para este estabelecimento, onde agora, alegro-me em dizê-lo, meu pai vai voltando ao normal.

Permita-me uma vez mais, cavalheiro, manifestar meu pesar por tê-lo submetido a tamanha provação.

Sinceramente,

John Light Cameron

E assim foi a história da estranha família cujo destino um dia cruzou com o meu. Desde aquela noite terrível, nunca mais vi nem ouvi falar deles todos, salvo por essa única carta que transcrevi. Continuo até hoje morando em Gaster Fell, ainda com a mente embrenhada nos segredos do passado. Mas quando saio a passear pela charneca, e quando vejo a casinhola deserta entre as pedras cinzentas, é inevitável que meus pensamentos se voltem para o drama bizarro e para a singular dupla que invadiu minha solidão.

Tradução de Beth Vieira

VULTHOOM – Clark Ashton Smith



Ao observador distraído poderia parecer que Bob Haines e Paul Septimus Chanler tinham pouco em comum, a não ser o dilema de estarem abandonados sem recursos em um planeta estranho.

Haines, terceiro piloto assistente de um cruzador do éter, tinha sido acusado de insubordinação por seus superiores e sido deixado para trás em Ignarh, a metrópole comercial de Marte e porto de seu tráfego espacial. A acusação contra ele era somente um caso de rancor pessoal, mas até então não tivera sucesso em achar outro engajamento e o salário de um mês que lhe fora pago na despedida tinha sido devorado com uma espantosa rapidez pelos preços extorsivos do Hotel Telúrico.

Chanler, escritor profissional de ficção interplanetária, viajara a Marte para fortificar seu talento imaginativo com uma sólida base de observação e experiência. Seu dinheiro acabara nas primeiras semanas e suprimentos adicionais, esperados de seu editor, ainda não haviam chegado.

Os dois homens, a não ser por suas desventuras, tinham em comum somente uma curiosidade ilimitada por todas as coisas marcianas. Sua sede pelo exótico e sua tendência a perambular por lugares normalmente evitados pelos terráqueos lhes haviam aproximado apesar das óbvias diferenças de temperamento e os haviam feito amigos imediatos.

Tentando esquecer suas preocupações, haviam passado o dia anterior no labirinto estranhamente amontoado e agrupado da Velha Ignarh, chamada pelos marcianos de Ignar-Vath, no lado oriental do grande Canal Yahan. Retornando ao entardecer, e seguindo a estrada de mármore roxo ao longo da torrente, eles já haviam quase chegado a ponte de quilômetro e meio que os levaria de volta à cidade moderna, Ignar-Luth, onde estavam os consulados terrestres, os escritórios das transportadoras e os hotéis.

Era a hora marciana de adoração, quando os Aihais se juntam em seus templos sem teto a implorar o retorno do sol que se vai. Como o vibrar de pulsações metálicas e febris, o som de inumeráveis e incessantes gongos penetrava o ar rarefeito. As ruas incrivelmente tortuosas estavam quase vazias e apenas algumas barcaças, com imensas velas romboidais pintadas de malva e escarlata,

se arrastavam daqui para lá nas sombrias águas verdes.

A luz diminuiu com visível rapidez por detrás das torres rombudas e das pirâmides angulosas de Ignar-Luth. O calafrio da noite próxima começou a invadir as sombras dos grandes relógios solares que seguiam o canal a intervalos regulares. Os clangores queixosos dos gongos morreram de uma vez em Ignar-Vath e restou um silêncio estranhamente sussurrante. Os edifícios da cidade imemorial pareciam enormes sob o céu de escura esmeralda que já estava pontilhado de estrelas geladas.

Uma mescla de odores exóticos irreconhecíveis soprava pelo crepúsculo. O perfume cheirava a mistérios alienígenas, excitando e perturbando os terráqueos, que ficaram silenciosos ao se aproximarem da ponte, sentindo a opressão de um sentimento acabrunhante que fechava de todos os lados na escuridão que se aprofundava. Mais agudamente do que durante o dia, eles perceberam as respirações contidas e os movimentos tortuosos e discretos de uma vida sempre inescrutável pelos filhos de outros planetas. A imensidade entre a Terra e Marte fora atravessada, mas quem poderia cruzar o abismo evolucionário entre o terráqueo e o marciano?

O povo era bastante amigável a seu modo, taciturnamente. Haviam tolerado a intromissão dos terráqueos e permitido o comércio entre os mundos. Suas linguagens haviam sido decifradas e sua história, estudada por sábios terrestres. Mas parecia que não poderia haver nenhum intercâmbio real de ideias. Sua civilização envelhecera complexamente diversa desde antes do afundamento da Lemúria; suas ciências, artes e religiões eram velhas de uma idade inconcebível e até mesmo o mais simples dos costumes era o fruto de forças e condições alienígenas.

Naquele momento, enfrentando a precariedade de sua situação, Haines e Chanler sentiram um verdadeiro terror do mundo desconhecido que os cercava com sua incomensurável antiguidade.

Apressaram o passo. O pavimento amplo que bordejava o canal parecia deserto e a ponte leve e sem gradil era propriamente guardada apenas pelas dez colossais estátuas de heróis marcianos que se erguiam em atitudes belicosas diante do começo do primeiro trecho suspenso.

Os terráqueos se assustaram um tanto quando uma figura viva, pouco menos gigantesca que as imagens de escultura, se destacou das sombras profundas e avançou até eles em poderosos saltos.

A figura, com quase três metros de altura, tinha quase um metro de altura a mais

que a média dos Aihai, mas apresentava a conformação familiar de um peito massivo, protuberante e membros ossudos, com múltiplas articulações. A cabeça possuía orelhas protuberantes e narinas cavernosas que se alargavam e contraíam visivelmente na penumbra. Os olhos estavam perdidos em órbitas profundas, totalmente invisíveis a não ser por minúsculas cintilações avermelhadas que pareciam queimar suspensas nos buracos de uma caveira. De acordo com os costumes nativos, este bizarro personagem estava totalmente nu, mas uma espécie de colar em torno do pescoço — um arame achatado feito de prata batida — indicava que era o servo de algum senhor nobre.

Haines e Chanler ficaram estupefatos por nunca terem visto antes um marciano de estatura tão prodigiosa. A aparição desejava interceptá-los, isto era claro. Pausou diante deles sobre o pavimento de mármore maciço. Eles ficaram ainda mais maravilhados pela voz, estranhamente grave e reverberante como a de uma enorme rã, com que ele começou a se dirigir a eles. Apesar do tom interminavelmente gutural e da lentidão na pronúncia de certas vogais e consoantes, eles perceberam que as palavras pertenciam a uma língua humana.

— O meu senhor os convoca — bramiu o colosso. Seus apuros são conhecidos dele. Ele os ajudará generosamente, em troca de um certo serviço que lhe podem prestar. Venham comigo.

— Isto me parece categórico — murmurou Haines. Devemos ir? Provavelmente é algum caridoso príncipe Aihai que ficou sabendo de nossas circunstâncias prejudicadas. Qual será o jogo?

— Sugiro que sigamos o guia — disse Chanler, ansiosamente. Sua proposta soa como o primeiro capítulo de um mistério. — Tudo bem — disse Haines ao imenso gigante. Leve-nos ao seu senhor.

Com saltos moderados para seguirem os passos dos terráqueos, o colosso os levou da ponte guardada pelos heróis em direção à escuridão roxa-esverdeada que inundara Ignar-Vath. Além do pavimento se abria uma viela que parecia uma caverna de boca alta entre mansões sem luz e armazéns cujos largos balcões e telhados salientes quase se encontravam no ar. A viela estava deserta e o Aihai se moveu como uma sombra crescida em meio às trevas e se deteve como um fantasma diante de uma porta profunda e alta. Parados sobre os calcanhares, Chanler e Haines perceberam o resvalar estridente de metais, produzido pela porta que se abria, como todas as portas marcianas, puxada para cima, à maneira de uma portinhola medieval. Seu guia foi delineado pela luz amarelada que se derramava dos relevos em minerais radioativos que enfeitavam as paredes e o teto de uma antecâmara circular. Ele os precedeu,

conforme o costume, e seguindo-o, perceberam que o lugar estava desocupado. A porta desceu por detrás deles sem nenhuma ação ou manipulação aparente.

Sobreveio a Chandler, contemplando a câmara sem janelas, aquele alarma indefinível que se sente às vezes em um espaço trancado. As circunstâncias não pareciam dar razão a qualquer percepção de perigo ou traição, mas ele foi instantaneamente preenchido por uma vontade irrefreável de fugir.

Haines, por sua vez, se perguntava com certa perplexidade por que a porta interna estava cerrada e por que o senhor da casa ainda não aparecera para receber-lhes. De alguma forma, a casa lhe causava a impressão de ser desabitada. Havia algo vazio e desolado no silêncio que os cercava.

O Aihai, de pé no centro daquele cômodo simples e sem mobília, tinha volta sua face como se fosse se dirigir aos terráqueos. Seus olhos brilhavam inescrutavelmente em suas profundas órbitas, sua boca se abriu, mostrando duplas fileiras de dentes protuberantes. Mas nenhum som pareceu sair de seus lábios quando se mexeram e as notas que ele emitiu certamente pertenciam à escala dos ultrassons, além da audição humana, de que a voz marciana é capaz. Sem dúvida o mecanismo da porta tinha funcionado movido por entonações semelhantes, e então, como em resposta, todo o chão da câmara, esculpido em metal escuro e maciço, começou a descer devagar, como se caísse dentro de um imenso poço. Haines e Chanler se assustaram, viram as luzes amareladas recuarem sobre suas cabeças. Os dois, juntos do gigante, estavam descendo em direção a sombras e escuridão, por uma passagem larga e circular. Havia um incessante arranhar e estalar de metal, dando-lhes arrelia aos dentes por causa do tom insuportável.

Como uma distante constelação de estrelinhas amarelas, as luzes ficaram apagadas e pequenas sobre eles. Mas sua descida continuava e não podiam mais ver suas faces, ou a do Aihai, na escuridão ebúrneia por que passavam. Haines e Chanler foram acometidos por mil dúvidas e suspeitas e começaram a considerar se não tinham sido um tanto apressados em aceitar o convite do Aihai.

— Aonde está nos levando? — perguntou Haines bruscamente. O seu senhor vive no subterrâneo?

— Vamos ao meu senhor — respondeu o marciano com uma decisão algo críptica. Ele os espera.

A constelação se reduzira a uma estrela solitária, diminuía e desaparecera na noite do infinito. Havia uma sensação de profundidade irremediável como se

tivessem chegado ao próprio núcleo daquele mundo alienígena. A estranheza de sua situação encheu os terráqueos de uma inquietude crescente. Eles tinham se comprometido com um mistério sem pistas que começava a ter cheiro de ameaça e perigo. Nada se podia saber de seu guita. Nenhum recuo era possível. E estavam ambos desarmados.

Os estalos estridentes do metal ficaram mais lentos e diminuíram até um gemido sombrio. Os terráqueos foram ofuscados pelo brilho rubro que irrompeu sobre eles através de um círculo de estreitos pilares que substituíra as paredes do poço. Um instante depois, enquanto desciam pela inundação de luz, o chão sob eles estacionou. Perceberam, então, que se tornara parte do chão de uma grande caverna iluminada por hemisférios cor de carmim inseridos no teto. A caverna era circular, com passagens que se ramificavam em todas as direções, como os raios de uma roda a partir do eixo. Muitos marcianos, nenhum menos gigantesco que o guia, passavam apressadamente daqui para lá, como se movidos por objetivos enigmáticos. Os clangores estranhos de máquinas escondidas, estrondosos ou amortecidos, vibravam no ar, reverberavam no chão que tremia.

— Em que você acha que nos metemos? — murmurou Chanler. Devemos estar muitos quilômetros abaixo da superfície. Nunca ouvi falar de nada assim, a não ser em certos antigos mitos Aihai. Este lugar pode ser Ravormos, o mundo subterrâneo de Marte, onde Vulthoom, o deus maligno, dorme por mil anos entre seus adoradores.

O guia os ouvira.

— Vocês vieram a Ravormos — respondeu portentosamente. Vulthoom está desperto e não voltará a dormir por outros mil anos. Ele é quem os convocou e eu os levo agora à câmara de audiências.

Haines e Chanler, mudos de incomensurável espanto, seguiram o marciano desde o estranho elevador por uma das passagens ramificadas.

— Deve haver um tipo de brincadeira acontecendo — resmungou Haines. Já ouvi falar de Vulthoom também, mas ele é só uma superstição, como Satanás. Os marcianos de hoje não lhe dão muito crédito mais, embora eu tenha ouvido falar de um tipo de culto demoníaco entre os párias e as castas mais baixas. Poderia apostar que algum nobre está tentando organizar uma revolução contra o imperador reinante, Cykor, e estabeleceu seu quartel-general no subsolo.

— Soa razoável — concordou Chanler. Um revolucionário poderia se intitular Vulthoom. O truque faria sentido de acordo com a psicologia dos Aihai. Eles têm um gosto por metáforas exageradas e títulos fantásticos.

Ambos caíram em silêncio, sentindo uma espécie de reverência pela vastidão do mundo cavernoso cujos corredores iluminados pareciam estender-se infinitamente. As teorias que tinham acabado de enunciar começaram a parecer impróprias: o improvável se verificou, o fabuloso se fez fato e os envolvia cada vez mais. Os clangores distantes e misteriosos pareciam ser de origem sobrenatural, os apressados gigantes que passavam através da câmara com cargas desconhecidas davam um sentido sobrenatural às suas atividades e propósitos. Haines e Chanler eram ambos altos e fortes, mas os marcianos em torno deles eram todos de dois metros e meio para cima. Alguns tinham quase três metros e meio e todos eram proporcionalmente musculosos. Suas faces tinham a expressão de uma idade de múmia, imensa e incongruente com sua agilidade e vigor.

Haines e Chanler foram levados por um corredor de cujo teto arqueado os hemisférios vermelhos, sem dúvida formados de algum metal artificialmente radiante, brilhavam a intervalos como sóis prisioneiros. Pulando de degrau em degrau eles desceram por uma escadaria gigantesca, pela qual o marciano passou facilmente à frente deles. Ele parou diante dos portais abertos de uma câmara escavada em uma rocha basáltica escura e adamantina.

— Entrem — ele disse, e recuou para permitir que passassem.

A câmara era pequena, mas muito alta, com o reto se erguendo como o interior de um pináculo. Seu chão e paredes eram manchados pelos raios sanguíneos de um só hemisfério violeta que brilhava lá no alto da cúpula estreita. O lugar estava vazio e mobiliado apenas de uma curiosa trípode de metal negro, fixa no centro. A trípode sustinha um bloco de cristal e deste bloco, como se nascesse de uma poça congelada, uma flor alvíssima se erguia, abrindo pétalas de um marfim uniforme e denso que recebia uma tintura rosada daquela estranha luz. Bloco, flor, trípode, tudo parecia ser parte de uma só peça de escultura.

Ao passarem a porta, os terráqueos logo notaram que a vibração de trovões e os clangores que reverberavam pelas cavernas haviam diminuído em profundo silêncio. Era como se eles tivessem entrado em um santuário do qual todo som era excluído por uma barreira mística. Os portais permaneceram abertos por trás deles. Seu guia, aparentemente, se retirara. Mas, por algum motivo, eles sentiam que não estavam sós e parecia que olhos ocultos os observavam de dentro das paredes vazias.

Perturbados e confusos eles se detiveram na flor pálida, notando sete finas pétalas parecidas com línguas que partiam de uma cavidade em forma de coração, formando um desenho parecido com o de um pequeno cinzeiro. Chanler

começou a imaginar se era realmente uma obra de arte ou uma flor de verdade que fora mineralizada por algum processo da química marciana. Então, surpreendentemente, uma voz pareceu sair da flor: uma voz incrivelmente suave, clara e sonora, cujas entonações, perfeitamente articuladas, não eram as dos Aihai e nem as dos terráqueos.

“Eu, que lhes falo, sou a entidade conhecida como Vulthoom — disse a voz. Não se surpreendam e nem tenham medo: é o meu desejo ser amigável com vocês em troca de uma atenção que, espero, não considerarão impossível. Primeiro, no entanto, eu devo explicar certos assuntos que lhes estão deixando perplexos.

“Sem dúvida ouviram as lendas populares a meu respeito e as descartaram como meras superstições. Como todos os mitos, elas são parcialmente verdadeiras e parcialmente falsas. Não sou nem deus nem demônio, mas um ser que chegou a Marte proveniente de outro universo, em outros ciclos. Embora não seja imortal, o limite da minha vida é muito mais longo que o de qualquer das criaturas que evoluíram nos mundos de seu sistema solar. Sou governado por leis biológicas alienígenas, com períodos alternados de sono e vigília que envolvem séculos. É verdadeiro o que os Aihai acreditam, que eu durmo por mil anos e permaneço consciente de forma contínua por outros mil.

“Numa época em que os seus ancestrais ainda eram parentes dos macacos eu fugi de meu próprio mundo até este exílio intercósmico, banido por inimigos implacáveis. Os marcianos dizem que caí do céu como um meteoro em chamas, e o seu mito interpreta a descida de minha nave etérea. Encontrei uma civilização madura, mas imensamente inferior, no entanto, àquela de onde vim.

“Os reis e hierarcas do planeta me teriam expulsado, mas eu reuni alguns aderentes, dotando-lhes de armas superiores às da ciência marciana, e após uma grande guerra eu me estabeleci firmemente e ganhei outros seguidores. Não me importei em conquistar Marte, mas me refugiei neste mundo cavernoso em que tenho vivido desde então, em companhia de meus discípulos. A estes, por sua fidelidade, eu conferi uma longevidade que é quase igual à minha própria. Para assegurar tal longevidade eu também lhes dei o dom de um sono correspondente ao meu. Eles dormem e despertam comigo.

“Mantivemos esta ordem de existência por muitas eras. Raras vezes eu interferi nos feitos dos habitantes da superfície. Eles, porém, me converteram em um deus mau ou espírito, embora o mal seja, para mim, uma palavra sem significado.

“Sou possuidor de muitos sentidos e faculdades desconhecidas de vocês, ou dos marcianos. Minhas percepções podem ser estendidas, segundo meu desejo, por

amplas áreas do espaço ou mesmo do tempo. Assim eu soube de seu infortúnio e os chamei aqui na esperança de obter o seu consentimento para um certo plano. Para ser breve, cansei de Marte, um mundo senil que se aproxima de sua morte, e agora desejo me estabelecer em um planeta mais jovem. A Terra serviria bem ao meu propósito. Neste exato instante os meus seguidores estão construindo uma nova nave etérea em que pretendo fazer a viagem.

“Não pretendo repetir a experiência de minha chegada a Marte pousando em meio a uma população ignorante de mim e talvez universalmente hostil. Vocês, jovens terráqueos, poderiam preparar muitos dos seus para a minha chegada, poderiam reunir prosélitos para me servirem. Sua recompensa — e a deles — seria o elixir da longevidade. E eu possuo muitos outros dons... como as preciosas gemas e metais que a vocês dão tanto valor. Também há flores cujo perfume é mais sedutor e persuasivo do que tudo. Inalando seus perfumes vocês entenderão que até o ouro é sem valor em comparação... e os tendo respirado, vocês e todos os outros de sua espécie me servirão alegremente.”

A voz terminou, deixando uma vibração que excitou os nervos dos ouvintes por mais alguns momentos. Foi como a cessação de uma música doce e encantadora com notas de mal que quase não podiam ser detectadas através da melodia sutil. Ela seduzia os sentidos de Haines e Chanler, transformando sua estupefação em uma espécie de aceitação sonolenta da voz e de suas declarações. Chanler fez um esforço para se livrar do encantamento.

— Onde está você? — ele perguntou. E como podemos saber se nos disse a verdade?

— Estou perto — disse a voz — mas eu não quis me revelar ainda, neste momento. A prova de tudo que declarei, porém, lhes será revelada na hora certa. Ante vós está uma das flores de que lhes falei. Ela não é, como vocês já devem ter percebido, uma peça de escultura, mas um antólito, uma flor fóssil, trazida, como outras do mesmo tipo, do mundo de que sou nativo. Embora à temperatura ambiente ela não tenha cheiro, produz um perfume quando submetida ao calor. Quanto ao perfume... julguem vocês mesmos.

O ar dentro da câmara antes não era nem quente nem frio. Mas então os terráqueos notaram uma mudança, como se fogos escondidos tivessem sido acendidos. O calor parecia sair da trípode metálica e do bloco de cristal, incidindo sobre Haines e Chanler como a radiação de um invisível sol tropical. Ficou ardente, mas não insuportável. Ao mesmo tempo, insidiosamente, os terráqueos começaram a perceber o perfume, que não era como coisa alguma que já tivessem inalado. Um traço discreto de uma doçura de outro mundo, ele

se retorcia em suas narinas, aprofundando devagar, mas cada vez mais rápido, até se tornar uma torrente de especiarias, e parecia se mesclar com a frescura agradável de uma brisa à sombra de uma folhagem, ao abrigo de um calor escaldante.

Chanler foi afetado de maneira mais vívida que Haines pelas curiosas alucinações que se seguiram, embora, a não ser por diferentes graus de verossimilhança, as impressões fossem estranhamente parecidas. Pareceu a Chanler, subitamente, que o perfume não era mais alienígena, mas algo que lembrava de outros tempos e lugares. Tentou lembrar as circunstâncias desta familiaridade anterior e suas lembranças, emergidas dos reservatórios selados duma antiga existência, tomaram a forma de uma cena real que substituiu a câmara cavernosa ao redor. Haines já não era parte desta cena, mas desaparecera do campo de visão, e o teto e as paredes tinham se dissolvido, dando lugar a uma grande floresta de árvores que pareciam fetos. Seus caules finos e perolados e sua folhagem tenra nadavam numa glória luminosa, como o Éden banhado pela primeira aurora. As árvores eram altas, mas ainda mais altas que elas eram as flores que derramavam de incensários de um branco ondulante um perfume voluptuoso e dominante.

Chanler sentiu um êxtase indescritível. Parecia que retornara à fonte do tempo, o primeiro dos mundos, e naquela gloriosa luz e na fragrância que submergia seus sentidos até o seu último nervo ele se abastecera de vida, juventude e vigor inexauríveis.

O êxtase aumentou e ele ouviu um canto que parecia emanar das bocas das flores: um canto de huris que transformou seu sangue em uma poção dourada. No delírio de suas faculdades, o som se identificou com o odor das flores. Ele subiu em um arrebatamento vertiginoso e irrefreável e ele pensou que as próprias flores flutuavam como chamas e as árvores aspiravam por elas e ele mesmo era uma chama acesa que pairava com o canto buscando o último pináculo de deleite. Todo o mundo girava para cima em uma maré de exaltação e parecia que o canto se transformava em um som articulado, até Chanler ouvir as palavras:

— Eu sou Vulthoom e tu és meu desde o começo dos mundos e serás até o fim...

Despertou sob circunstâncias que pareciam quase a continuação das imagens visionárias que contemplara sob influência do perfume. Estava deitado em um leito de relva curta, de folhas recurvas, de cor verde desbotada, com enormes florações de cores tigradas que se dobravam sobre ele e um brilho macio como o de um pôr do sol âmbar enchendo seus olhos por entre os galhos pendentes de

árvores que davam estranhos frutos carmim. Vagarosamente, enquanto tomava consciência de seus arredores, ele percebeu que fora a voz de Haines que o acordara e viu que ele estava sentado perto naquele curioso relvado.

— Diga, você não vai nunca sair disso?

Chanler ouviu a pergunta ríspida através de uma camada de sonhos. Seus pensamentos estavam confusos e suas memórias se mesclavam estranhamente com lembranças falsas, que pareciam retiradas de outras vidas, e que haviam surgido em seu delírio. Era difícil discernir o falso do real, mas a sanidade lhe retornava aos poucos e com ela veio uma sensação profunda de exaustão e cansaço nervoso que lhe advertia que estivera viajando no espúrio paraíso de uma droga potente.

— Onde estamos agora? E como saímos daqui? — perguntou.

— Pelo que posso saber — respondeu Haines — estamos em uma espécie de jardim subterrâneo. Alguns dos grandes Aihais nos devem ter trazido para cá depois que sucumbimos ao perfume. Resisti à sua influência por mais tempo do que você e lembro de ouvir a voz de Vulthoom quando perdia os sentidos. A voz disse que nos daria quarenta e oito horas, tempo terrestre, para pensarmos em sua proposta. Se aceitarmos, ele nos devolverá a Ignarh com uma fabulosa soma de dinheiro e um suprimento das flores narcóticas.

Chanler já estava então completamente desperto. Ele e Haines começaram a discutir sua situação, mas não podiam chegar a uma conclusão definitiva. Todo o caso não era menos frustrante do que extraordinário. Uma entidade desconhecida, que se intitulava como o Demônio marciano, lhes convidara a se tornar seus agentes ou emissários terrestres. Além da distribuição de uma propaganda destinada a facilitar seu advento à Terra, eles deveriam introduzir uma droga alienígena não menos potente que a morfina, a cocaína ou a maconha e, com toda probabilidade, não menos perniciosa.

— E se nos recusarmos? — disse Chanler.

— Vulthoom disse que neste caso será impossível nos deixar retornar. Mas ele não especificou o nosso destino, só sugeriu que será desagradável.

— Bem, Haines, temos de pensar um jeito de sair dessa se pudermos.

— Temo que pensar não nos ajude muito. Devemos estar muitos quilômetros abaixo da superfície de Marte e o mecanismo dos elevadores, com toda probabilidade, é algo que nenhum terráqueo poderá jamais aprender.

Antes que Chanler pudesse oferecer qualquer comentário, um dos gigantes

Aihais apareceu entre as árvores carregando dois dos curiosos utensílios marcianos conhecidos como kulpai. Estes eram grandes bandejas de cerâmica semimetálica, adaptadas com taças removíveis e garrafas rotativas, nas quais toda uma refeição de sólidos e líquidos podia ser servida. O Aihai depôs as bandejas no chão diante de Haines e Chanler e então esperou, imóvel e inescrutável. Os terráqueos, conscientes de uma fome rapinante, se serviram da comida, que estava cortada em várias formas geométricas. Embora possivelmente fossem de origem sintética, os alimentos estavam deliciosos e os terráqueos os consumiram até o último cone ou losango, empurrando-os para dentro com uma bebida que tinha cor de granada e sabor de vinho.

Quando terminaram, seu serviçal falou pela primeira vez.

— É a vontade de Vulthoom que andem por Ravormos e contemplem as maravilhas das cavernas. Terão liberdade para irem sós e sem ajuda ou, se preferirem, posso lhes servir de guia. Meu nome é Ta-Vho-Shai e estou pronto para responder quaisquer perguntas que façam. Também poderão me dispensar quando quiserem.

Haines e Chanler, depois de uma breve discussão, decidiram aceitar esta oferta de um cicerone. Eles seguiram o Aihai pelo jardim, cuja extensão era difícil de determinar por causa da nebulosa luz âmbar que o preenchia e parecia vir átomos radiantes, dando a impressão de um espaço ilimitado. A luz, segundo souberam por Ta-Vho-Shai, era emitida pelo alto teto e pelas paredes, sob o estímulo de uma força eletromagnética de que tinha um comprimento de onda ainda mais curto que o dos raios cósmicos e possuía todas as qualidades essenciais da luz solar.

O jardim era composto de plantas e flores exóticas, muitas delas estranhas a Marte, e fora provavelmente importado do sistema solar alienígena de onde Vulthoom era nativo. Algumas das flores eram enormes tapetes de pétalas, como centenas de orquídeas reunidas em uma só. Outras eram árvores cruciformes, de que pendiam folhas fantasticamente longas e variadas que pareciam pendões ou rolos de escrita arcana. Outras eram ramificadas ou davam frutos de muitas formas extravagantes.

Saindo do jardim, entraram num mundo de passagens abertas e cavernas abobadadas, algumas delas cheias de maquinismos ou toneis e urnas para estocagem. Em outras, se empilhavam imensos lingotes de metais preciosos ou semipreciosos e gigantescos cofres transbordavam de gemas brilhantes como se quisessem tentar os terráqueos.

A maioria das máquinas estava em ação, embora planejadas, segundo disseram a

Haines e Chanler, para funcionar assim por séculos ou milênios. Sua operação era inexplicável até para Haines, com seu conhecimento especial de mecânica. Vulthoom e seu povo tinham ido além do espectro e além das vibrações audíveis do som e tinham compelido as forças ocultas do universo a comparecerem e obedecer a seus desígnios.

Por todo o lugar havia um bater ruidoso como o de pulsos metálicos, um murmúrio como o de Ifrits^{109}, prisioneiros ou titânicos serviçais de ferro. Válvulas se abriam e fechavam com um estrondo rude. Havia salas onde dínamos estridentes se erguiam como pilares e outras onde grupos de esferas misteriosamente levitadas giravam silenciosamente, como sóis e planetas no vazio do espaço.

Subiram um lance de escadas, com degraus colossais como os da pirâmide de Quéops, até um nível superior. Haines, de uma forma meio onírica, teve a impressão de lembrar ter descido os degraus, e imaginou que se aproximavam da câmara onde ele e Chanler tinham sido entrevistados pela entidade oculta, Vulthoom. Não tinha, certeza, porém, e Ta-Vho-Shai os conduziu por uma série de vastas salas que pareciam servir como laboratórios. Na maioria destas havia colossos muito idosos, que se curvavam como alquimistas sobre fornos que queimavam com um fogo frio e retortas que fumegavam com singulares penachos e nuvens de vapor. Uma sala estava abandonada e não era mobiliada com nenhum aparelho a não ser três grandes garrafas de um gás claro e incolor, mais altas que um homem e de formato algo parecido com o de ânforas romanas. Pelo que parecia, estavam vazias, mas estavam fechadas com rolhas que um ser humano mal poderia ter levantado.

— O que são estas garrafas? — perguntou Chanler ao guia.

— São as Garrafas de Sono — disse o Aihai, com o ar solene e sentencioso de um palestrante — Cada uma está preenchida por um gás raro e invisível. Quando chega a hora do sono de mil anos de Vulthoom, os gases são liberados e, ao se misturarem, perpassam a atmosfera de Ravormos até a mais baixa das cavernas, induzindo um sono de duração similar em nós que servimos a Vulthoom. O tempo deixa de existir e despertamos somente na hora do despertar de Vulthoom.

Haines e Chanler, cheios de curiosidade, começaram a fazer muitas perguntas, mas a maioria era respondida de forma vaga ou ambígua por Ta-Vho-Shai, que parecia ansioso por continuar ciceroneando-os por outras partes de Ravormos. Ele não lhes pode dizer nada sobre a natureza química dos gases, e mesmo Vulthoom, se a sinceridade de Ta-Vho-Shai era confiável, era um mistério até

para os seus próprios seguidores, que em sua maioria nunca o haviam visto pessoalmente.

Ta-Vho-Shai conduziu os terráqueos para fora da sala das garrafas, por uma caverna longa e estreita, totalmente deserta, onde ribombos e batidas de inumeráveis máquinas vinham ao seu encontro. O som os atingiu como uma Niágara de trovões malignos quando eles finalmente emergiram em uma espécie de galeria ladeada de pilastras, que passava ao redor de um abismo de uma milha de largura, iluminado pelas terríveis fulgurações de línguas de fogo que subiam incessantemente de suas profundezas.

Era como se olhassem para dentro de um círculo infernal de luz raivosa e sombra torturada. Muito abaixo eles viram uma estrutura colossal de vigas curvas e brilhantes, como os ossos estranhamente articulados de um beemote estendido por sobre o fundo do abismo. Ao redor dele, fornalhas arrotavam como as bocas flamejantes de dragões, guindastes tremendos subiam e desciam perpetuamente com um movimento como o de plesiossauros pescoçados e as figuras de gigantes, vermelhos como demônios operários, se moviam por entre a claridade sinistra.

— Eles constroem a nave etérea na qual Vulthoom viajará para a Terra — disse Ta-Vho-Shai. Quando tudo estiver pronto a nave arrebentará seu caminho até a superfície usando desintegradores atômicos. A própria rocha derreterá diante dela, como vapor. Ignarh-Luth, que fica diretamente acima, será consumida como se os fogos centrais do planeta tivessem sido liberados.

Haines e Chanler, espantados, não puderam oferecer qualquer réplica. Mais e mais estavam atordoados pelo mistério e pela magnitude, o terror e a ameaça daquele mundo cavernoso e insuspeitado. Naquele momento sentiram que um poder maligno, armado com incontáveis arcanos da ciência, planejava uma conquista funesta, uma sentença que poderia condenar os mundos habitados do sistema solar estava sendo incubada em segredo na escuridão. Mas eles próprios, ao que parecia, estavam impossibilitados de escapar e dar o alarme, e o seu próprio destino estava sob a sombra de trevas insolúveis.

Uma rajada de vapor quente e metálico, subindo do abismo, queimou corrosivamente em suas narinas quando olharam da beira da galeira. Nauseados e tonteando, eles recuaram.

— O que há além deste abismo? — perguntou Chanler, quando a sua náusea passou.

— Esta galeria leva a outras cavernas, pouco usadas, que conduzem ao leito seco

de um antigo rio subterrâneo. Tal leito, correndo por muitos quilômetros, emerge em uma depressão desértica, muito abaixo do nível do mar, que fica a oeste de Ignarh.

Os terráqueos se surpreenderam com esta informação, que parecia lhes oferecer uma possível rota de fuga. Ambos, porém, acharam melhor dissimular seu interesse. Fingindo cansaço, perguntaram ao Aihai se ele poderia conduzi-los a alguma câmara onde pudessem descansar um pouco e pensar com calma na proposta de Vulthoom.

Ta-Vho-Shai, dizendo estar ao seu serviço de todas as formas, levou-os a uma pequena sala além dos laboratórios. Era um tipo de quarto de dormir, com dois níveis de divãs junto às paredes. Esses divãs, pelo seu tamanho, eram evidentemente planejados para acomodar os gigantes marcianos. Lá Haines e Chanler foram deixados a sós por Ta-Vho-Shai, que tacitamente imaginara que sua presença não era mais necessária.

— Bem, — disse Chanler — parece que há uma chance de fugir se pudermos pelo menos chegar ao leito do rio. Tomei nota cuidadosamente dos corredores que seguimos em nosso retorno da galeria. Seria bem fácil — a menos que nos estejam vigiando sem sabermos.

— O único problema é que é fácil demais. Mas de qualquer maneira, podemos tentar. Qualquer coisa será melhor do que esperar desse jeito. Depois de tudo que vimos e ouvimos, começo a acreditar que Vulthoom é realmente o demônio, embora ele não diga que é.

— Esses Aihai de três metros me dão medo — disse Chanler. Posso facilmente acreditar que eles têm um milhão de anos de idade, ou algo assim. Enorme longevidade explicaria seu tamanho e altura. A maioria dos animais que sobrevivem além do normal se tornam gigantes e parece racional supor que os marcianos se desenvolveriam da mesma forma.

Foi uma coisa simples refazer seu caminho até a galeria das pilastras que circundava o grande abismo. A maior parte da distância eles só tiveram que seguir um corredor principal e os sons das máquinas ribombando os teria guiado. Não encontraram ninguém nas passagens e todos os Aihai que viram dentro de laboratórios cujas portas ficavam abertas estavam profundamente ocupados com químicas complicadas.

— Não gosto disso — murmurou Haines. Está bom demais para ser verdade.

— Não tenho tanta certeza disso. Pode ser que simplesmente não tenha ocorrido a Vulthoom e seus seguidores que tentaríamos escapar. Afinal, nada sabemos de

sua psicologia.

Mantendo-se próximos da parede interna, atrás dos grossos pilares, seguiram a longa galeria que curvava lentamente para a direita. Ela só era iluminada pelos reflexos assustadores das altas chamas no poço abaixo. Movendo-se assim eles estavam escondidos da vista dos gigantes operários, se algum resolvesse olhar para cima. Vapores venenosos eram, às vezes, soprados sobre eles e sentiam o calor infernal das fornalhas, o estalo de soldas e o trovejar de obscuros maquinismos, que os atingiam com reverberações que eram como marteladas enquanto andavam.

Aos poucos circularam o abismo e chegaram enfim ao lado oposto, onde a galeria curvava de volta em seu retorno ao corredor de entrada. Ali, nas sombras, eles perceberam a boca escura de uma grande caverna que partia da galeria.

Tal caverna, concluíram, os levaria até o leito do rio subterrâneo de que Ta-Vho-Shai lhes falara. Haines, por sorte, levava consigo uma pequena lanterna de bolso e dirigiu seu raio para a caverna, revelando um corredor reto, com numerosas intersecções. A noite e o silêncio parecia engoli-los de uma bocada só e os clangores dos Titãs trabalhadores foram rápida e misteriosamente silenciados quando correram pelo lugar vazio.

O teto do corredor era provido de hemisférios metálicos, então escuros e sem energia, que haviam servido um dia para iluminá-lo da mesma forma que os outros lugares de Ravormos. Uma poeira fina foi levantada pelos pés dos Terráqueos enquanto fugiam, e logo o ar esfriou, perdendo o calor agradável e um tanto úmido das cavernas centrais. Era evidente, tal como Ta-Vho-Shai lhes dissera, que aquelas passagens eram raramente usadas ou visitadas.

Pareceu que seguiram por quase dois quilômetros naquele corredor tartáreo. Então as paredes começaram a se estreitar, o chão ficou irregular e íngreme. Não havia mais passagens laterais e a esperança aumentou nos terráqueos, ao perceberem claramente que haviam deixado as cavernas artificiais e chegado a um túnel natural. O túnel logo se alargou e o seu chão se tornou uma série de formações em degraus. Por meio destes eles chegaram a um abismo profundo que era obviamente o leito seco de que Ta-Vho-Shai lhes falara.

A pequena lanterna mal conseguia revelar toda a extensão daquele canal subterrâneo em que não havia mais sequer uma gota de seu fluxo pré-histórico. O fundo, profundamente erodido e pontilhado de rochas pontiagudas, tinha mais de mil metros de largura e o teto se curvava em direção a trevas impenetráveis. Explorando incertamente o fundo por uma curta distância, Haines e Chanler

determinaram por sua descida gradual a direção que a correnteza seguiria. Descendo nessa direção, caminharam resolutamente, rezando para que não encontrassem barreiras intransponíveis, ou precipícios de antigas cataratas que impedissem ou retardassem a saída no deserto. A não ser pelo perigo de serem seguidos, não conseguiam imaginar nenhuma outra dificuldade senão esta.

As curvas misteriosas do leito do rio os levavam primeiro para um lado e pois para o outro enquanto tateavam o caminho. Em alguns lugares a caverna se alargava e chegavam a praias amplas, escavadas em terraços marcadas pelo oscilar das águas. Acima de uma destas praias havia singulares formações que lembravam um tipo de fungo enorme que crescia nas cavernas abaixo dos canais modernos. Estas formações, que pareciam clavas de Hércules, erguiam-se a uma altura de um metro ou mais. Haines, impressionado pelas cintilações metálicas que emitiam sob a luz da lanterna, teve uma ideia curiosa. Embora Chanler protestasse contra o atraso, ele escalou os degraus rochosos para examinar um grupo delas mais de perto e descobriu, como suspeitara, que não eram florações vivas, mas estavam petrificadas e pesadamente impregnadas de minerais. Tentou arrancar uma, mas ela resistiu a todo o seu esforço de puxar. No entanto, batendo com um pedaço solto de pedra, teve sucesso em fraturar a base do talo, que caiu com um retinir de ferro. A coisa era muito pesada, com um inchaço na ponta que parecia mesmo uma clava, e seria uma arma muito efetiva em caso de necessidade. Ele quebrou uma segunda clava para Chanler e, assim armados, recomeçaram a sua fuga.

Era impossível calcular a distância que percorriam. O canal mudava a direção e serpenteava, descia abruptamente em certos lugares e em outros se partia em camadas que cintilavam de minerais alienígenas ou tinham manchas estranhamente brilhantes de óxidos azuis, vermelhos e amarelos. Os dois afundavam até os tornozelos em poças de areia negra, ou subiam laboriosamente barragens de rochas enferrujadas, imensas como menires empilhados. Frequentemente se detinham tentando febrilmente ouvir qualquer som que sugerisse uma perseguição. Mas o silêncio lotava o gélido canal, interrompido apenas pelo ruído e os estalos de seus próprios passos.

Por fim, com olhos incrédulos, viram diante de si o surgimento de uma luz pálida nas profundezas. Arco a arco, lúgubres como a garganta do Averno iluminada pelos fogos internos, a enorme caverna se tornou visível. Por um momento de exultação eles pensaram que estavam se aproximando da boca do canal, mas a luz adquiriu um brilho tétrico e inquietante, como as fornalhas flamejantes em vez da luz do sol penetrando uma caverna. Implacável ela se esgueirou pelas paredes e o fundo, empalidecendo o raio insuficiente da lanterna

de Haines quando atingiu os espantados terráqueos.

Agourenta e incompreensível, a luz pareceu observar e ameaçar. Eles permaneceram assustados e hesitantes, sem saber se avançavam ou recuavam. Então, do ar inflamado, uma voz falou como se os repreendesse educadamente: a voz doce e sonora de Vulthoom.

— Voltem por onde vieram, ó terráqueos. Ninguém pode sair de Ravormos sem meu conhecimento ou contra minha vontade. Vejam! Enviei meus guardiões para acompanhá-los.

O ar iluminado não tivera nada para se ver e o leito do rio era populado apenas pelas grotescas massas e as atarracadas sombras das rochas. Então, cessando a voz, Haines e Chanler viram diante de si, a uma distância de três metros, a aparição de duas criaturas que não eram comparáveis a nada em toda a zoologia conhecida da Terra ou mesmo de Marte.

Elas se erguiam do chão rochoso até a altura de girafas, com pernas curtas vagamente similares às de dragões chineses e pescoços longos, espiralados como os nós de uma anaconda. Suas cabeças tinham três faces e eles poderiam ser as trimurtis de algum mundo infernal. Parecia que cada face era sem olhos, com línguas de chamas que saíam abundantemente das profundas órbitas abaixo das sobancelhas oblíquas. Chamas também saíam em vômito incessante das monstruosas bocas de gárgulas que arreganhavam. Da cabeça de cada monstro um triplo pente vermelho fulgurava em pontiagudos dentes de serra, brilhando terrivelmente, e ambos tinham barbas que se desenrolavam em carmim. Seus pescoços e espinha eram cobertos de lâminas longas como espadas que diminuía em fileiras de adagas ao se aproximarem das caudas pontiagudas e seus corpos inteiros, além de possuírem esse armamento temível, pareciam queimar como se tivessem acabado de sair de uma fornalha ardente.

Um calor palpável emanava daquelas quimeras infernais e os terráqueos recuaram apressadamente diante das manchas flutuantes, como retalhos de incêndio, que se desprendiam de seus olhos e bocas flamejantes.

— Meu Deus! Estes monstros são sobrenaturais! — gritou Chanler, abalado e confuso.

Haines, embora visivelmente assustado, se inclinava a uma explicação mais ortodoxa:

— Deve haver algum tipo de televisão por trás disso — ele disse. Embora eu não consiga imaginar como é possível projetar imagens tridimensionais ou como criar uma sensação de calor... De alguma maneira, porém, eu tinha a impressão

de que nossa fuga era acompanhada.

Pegou um fragmento pesado de rocha metálica e atirou em uma das quimeras brilhantes. Mirado sem erro, o fragmento atingiu a fronte do monstro e pareceu explodir em uma chuva de fagulhas com o impacto. A criatura aumentou seu brilho e tamanho prodigiosamente, enquanto um silvo agudo se tornou audível. Haines e Chanler foram acudados por uma onda de calor capaz de queimar e os seus guardas os seguiram passo a passo pelo leito irregular do rio. Abandonando toda esperança de fuga, retornaram a Ravormos perseguidos pelos monstros através de areias traiçoeiras e junto às bordas e quinas.

Chegando ao ponto em que haviam descido ao canal do rio, viram que seu curso acima também estava guardado por mais dois daqueles terríveis dragões. Não havia outro recurso a não ser escalar os degraus até o túnel íngreme. Cansados de sua longa fuga e nervosos de um desespero acachapante, logo se viram novamente no salão externo, com dois de seus acompanhantes precedendo-os como uma infernal guarda de honra. Ambos ficaram paralisados pela compreensão dos horríveis e misteriosos poderes de Vulthoom e até Haines tinha ficado em silêncio, embora seu cérebro ainda estivesse ocupado em uma fútil e desesperada análise. Chanler, mais sensível, sofria todos os calafrios e terrores que a sua imaginação literária poderia infligir-lhe sob as circunstâncias.

Chegaram, por fim, à galeria colunada que circundava o vasto abismo. Na metade do percurso desta galeria as quimeras que precediam os terráqueos se voltaram contra eles subitamente, com um vomitar de chamas temíveis e, enquanto eles permaneceram paralisados de medo, as duas continuaram seu avanço em sua direção, com um satânico assobio de salamandras. Naquele espaço estreito o calor era como o do fogo de uma fornalha e as colunas não ofereciam nenhum abrigo. Do abismo abaixo, onde os marcianos labutavam perpetuamente, um trovão estupendo surgiu para assaltar ainda mais os seus nervos e a fumaça nociva foi soprada contra eles em anéis que se contorciam como serpentes.

— Parece que vão nos atirar dentro do abismo — Haines ofegava tentando puxar a respiração naquele ar ardente. Ele e Chanler se encolheram na presença dos monstros e enquanto ele acabava de falar duas mais daquelas aparições do inferno surgiram em chamas na borda da galeria, como se tivessem subido do abismo para tornar impossível o mergulho fatal que teria sido a única fuga.

Quase desmaiando, os terráqueos perceberam vagamente uma mudança nas ameaçadoras quimeras. Os corpos incandescentes passaram a perder o brilho, encolher e escurecer; o calor diminuiu, os fogos se apagaram nas bocas e olhos.

Ao mesmo tempo, as criaturas se aproximaram com carícias nojentas, revelando línguas esbranquiçadas e olhos de ébano.

As línguas pareceram dividir-se... ficaram mais pálidas... eram como as pétalas das flores que Haines e Chanler tinham visto em algum lugar. O hálito das quimeras, como um vento suave, soprava sobre as faces dos terráqueos... e o hálito era um perfume frio e temperado que haviam conhecido antes... o perfume narcótico que os subjugara após sua audiência com o mestre oculto de Ravormos... Minuto a minuto, os monstros se transformaram em flores prodigiosas, os pilares da galeria se tornaram gigantescas árvores no glamour de uma aurora primitiva, os trovões do poço foram abafados até se reduzirem a um soluço distante como o dos suaves mares de costas edênicas. Os abundantes terrores de Ravormos, a ameaça de um destino sombrio, eram como coisas que nunca tinham acontecido. Haines e Chanler, esquecidos, se perderam no paraíso da droga desconhecida...

Haines, acordando ainda meio cego, descobriu que estava deitado no chão de pedra na colunada circular. Estava sozinho, e as quimeras flamejantes tinham desaparecido. As sombras do desmaio opiáceo foram rudemente dissipadas pelos ruídos que ainda subiam do abismo próximo. Cada vez mais consternado e horrorizado, ele se lembrou de tudo que acontecera.

Ainda tonto ele se pôs de pé, olhando em volta na semiobscuridade da galeria à procura de algum sinal de seu companheiro. A clava de fungo petrificado que Chanler carregava permanecia onde caíra de sua mão quando fora subjugado, bem como a de Haines. Mas Chanler sumira e Haines chamou-o aos gritos sem obter resposta nenhuma a não ser os ecos sinistramente prolongados pela arcada profunda.

Impelido por uma sensação urgente de que precisava encontrar Chanler sem demora, recuperou sua pesada clava e começou a percorrer a galeria. Parecia que a arma seria de pouco uso contra os serviçais sobre-humanos de Vulthoom, mas de alguma forma o peso metálico daquele porrete tranquilizava.

Aproximando-se do grande corredor que seguia até o centro de Ravormos, Haines ficou muito feliz ao ver que Chanler vinha ao seu encontro. Antes que pudesse chamá-lo ou lhe dar um cumprimento alegre, ouviu a voz dele.

— Oi, Bob. Esta é o meu primeiro aparecimento televisual em forma tridimensional. Muito bom, não é? Estou no laboratório privado de Vulthoom e ele me persuadiu a aceitar a sua proposta. Tão logo você tenha decidido a fazer o mesmo nós vamos retornar a Ignarh com instruções completas a respeito de nossa missão terrestre e fundos da ordem de um milhão de dólares para cada um.

Pense outra vez e verá que não há mais nada a fazer. Quando estiver decidido a se juntar a nós, siga o corredor principal de Ravormos e Ta-Vho-Shai o encontrará e o trará até o laboratório.

Ao término deste discurso chocante, a figura de Chanler, sem parecer esperar qualquer resposta de Haines, deu um passo além do limite da galeria e flutuou entre os vapores que se contorciam no ar. Ali, sorrindo para Haines, ela desapareceu no ar como um fantasma.

Dizer que Haines estava fulminado seria um eufemismo. Em tudo a figura e a voz tinham sido idênticas às do Chanler de carne e sangue. Ele sentiu um calafrio sinistro diante da taumaturgia de Vulthoom, que podia produzir uma projeção tão verossímil a ponto de enganá-lo daquela maneira. Estava, também, chocado e horrorizado além da conta pela capitulação de Chanler, mas por algum motivo não lhe ocorreu que houvesse qualquer impostura em curso.

— Aquele demônio o pegou — pensou Haines. Mas eu não poderia crer nisso. Não acho que ele era esse tipo de cara, de jeito nenhum.

Tristeza, ira, confusão e surpresa o preenchiam alternadamente enquanto percorria a galeria e nem mesmo quando entrou o salão interno ele foi capaz de decidir um curso efetivo de ação. Ceder, como Chanler comprovadamente o fizera, era algo inimaginavelmente repugnante. Se pudesse encontrar Chanler outra vez, talvez conseguisse persuadi-lo a mudar de lado outra vez e voltar a fazer decidida opinião à entidade alienígena. Era uma degradação pessoal e uma traição à humanidade que qualquer terráqueo se prestasse aos desígnios mais do que duvidosos de Vulthoom. Além da planejada invasão da Terra e da distribuição daquele estranho e sutil narcótico, haveria a cruel destruição de Ignar-Luth quando o navio etéreo de Vulthoom rompesse seu caminho até a superfície do planeta. Era seu dever, e o de Chanler, prevenir tudo isso, se fosse humanamente possível prevenir. De alguma forma os dois deveriam impedir a ameaça incubada naquelas cavernas — ou ele sozinho, se fosse preciso. Duramente honesto, não tinha intenção alguma de contemporizar, mesmo por um instante.

Ainda carregando a clava mineralizada, ele ainda caminhou por vários minutos, com o seu cérebro preocupado com o terrível problema, mas impotente para chegar a qualquer solução. Através do hábito de observação que era mais ou menos automático em sua formação de piloto espacial veterano, olhava através das portas das várias salas por que passava, onde os cadinhos e retortas de uma química estranha eram manipulados por colossos velhíssimos. Então, sem premeditação, ele chegou à sala deserta onde estavam os imensos receptáculos

que Ta-Vho-Shai chamara de Garrafas do Sono. Lembrou-se do que o Aihai lhe dissera a respeito de seu conteúdo.

Em um lampejo de inspiração desesperada, Haines bravamente entrou na sala esperando que não estivesse sob a vigilância de Vulthoom naquele momento. Não havia tempo para refletir ou adiar, se quisesse executar o audacioso plano que lhe ocorrera. Mais altas que sua cabeça, com os contornos bulbosos de grandes ânforas e parecendo vazias, as Garrafas brilhavam na luz imóvel. Como o fantasma de um gigante inchado ele viu a sua própria imagem distorcida aparecer no vidro curvado quando se aproximou da primeira.

Havia em sua mente um único pensamento, uma resolução. A qualquer custo deveria quebrar as Garrafas, cujos gases liberados se espalhariam por Ravormos e mergulhariam os seguidores de Vulthoom — se não o próprio Vulthoom — em um milênio de sono. Ele e Chanler, sem dúvida, estavam condenados a compartilhar do sono, e para eles, não afetados pelo elixir secreto da imortalidade, com toda certeza não haveria despertar. Mas diante das circunstâncias era melhor assim, e o seu sacrifício concederia uma clemência de mil anos aos dois planetas. Aquela era a oportunidade e parecia improvável que algum dia houvesse outra.

Ergueu a clava de fungo petrificado, balançou-a para trás em um movimento de arco e bateu com toda força no ponto mais convexo do vidro. Houve um estrondo como de um gongo, sonoro e prolongado, e rachaduras em teia começaram a aparecer no receptáculo, de alto a baixo. Com o segundo golpe ele se rompeu de fora para dentro, com um som agudo e assustador quase como um grito articulado e a face de Haines foi soprada instantaneamente por um vento frio, suave como um suspiro de mulher.

Segurando a respiração para evitar a inalação do gás, voltou-se para a segunda Garrafa. Ela se quebrou ao primeiro golpe e outra vez ele ouviu um suspiro suave que saiu de dentro da rachadura.

Uma voz de trovão pareceu preencher a sala quando ele ergueu sua arma para atacar a terceira Garrafa.

— Tolo! Com este ato você condenou a si mesmo e ao seu companheiro terráqueo.

As últimas palavras se misturaram com o ruído do último golpe de Haines. Um silêncio sepulcral se seguiu e o distante murmúrio das engrenagens pareceu refluir e diminuir diante dele. O terráqueo olhou momentaneamente para as Garrafas rompidas e então, deixando cair o resto inútil de sua clava, reduzida a

muitos fragmentos, saiu correndo daquela câmara.

Atraídos pelo ruído da ruptura, um número de Aihais tinha aparecido no salão principal. Eles corriam em círculos, sem sentido e desconcertadamente como cadáveres impelidos por um galvanismo que ia acabando. Nenhum deles tentou interceptar o terráqueo.

Se o sono induzido pelos gases chegaria lento ou rápido, Haines não tinha como saber. O ar das cavernas parecia não ter mudado, não que se pudesse notar: não havia nenhum odor, nenhum efeito perceptível em sua respiração. Mas enquanto corria ele sentiu uma discreta tonteira e um véu fino começou a se tecer em todos os seus sentidos. Parecia que diáfanos vapores se formavam no corredor e havia um toque de imaterialidade nas próprias paredes.

Sua fuga não tinha objetivo definido e nem destino. Como um sonhador em seu sonho, sentiu pouca surpresa quando se viu erguido do chão e levado pelo ar em uma levitação inexplicável. Era como se fosse presa em uma correnteza, ou carregado por nuvens invisíveis. As portas de uma centena de salas secretas, as entradas de uma centena de laboratórios misteriosos, tudo passou rapidamente e viu em breves lampejos os colossos que vacilavam e balançavam com o sono que os subjugava aqui e ali em meio às suas tarefas. Então, difusamente, viu que penetrara a sala de teto alto que abrigava a flor fóssil em sua trípode de cristal e metal escuro. Uma porta se abriu na pedra maciça da parede oposto quando foi impelido contra ela. Um instante depois, enquanto parecia cair em direção a uma câmara inferior, por entre massas prodigiosas de máquinas inomináveis, por sobre um disco giratório que zumbia infernalmente, então foi depositado de pé, com toda a câmara se ajustando em torno dele e o disco erguido à sua frente. O disco então parara de girar, mas o ar ainda reverberava com a sua vibração demoníaca. O lugar era como um pesadelo mecânico, porém, em meio à confusão de molas brilhantes e dínamos Haines contemplou a forma de Chanler, amarrado ereto, com cabos de aço, a uma estrutura de cavalete. Junto dele, em uma posição ainda firme e de pé, estava o gigante Ta-Vho-Shai e imediatamente diante dele se reclinava uma Coisa incrível cujos outros membros e partes se perdiam no emaranhado da maquinaria.

De certa forma, a Coisa era como uma planta gigantesca, com inumeráveis raízes, pálidas e inchadas, que ramificavam de um caule bulboso. Este, parcialmente fora de vista, era coroado de uma taça rubra como uma flor monstruosa, e da taça crescia uma figura élfica, cor de pérola, de formas extremamente belas e simétricas, uma figura que voltou uma face liliputiana para Haines e falou, com a voz sonora de Vulthoom:

— Você venceu por ora, mas não tenho nenhum rancor contra você. Culpo meu próprio descuido.

A Haines a voz parecia um distante trovão ouvido por alguém que está adormecendo. Em um esforço extremo, cambaleando como se fosse cair, chegou até Chanler. Lívido e magro, com uma expressão facial que intrigou Haines brevemente, Chanler o encarou desde o cavalete sem dizer nada.

— Eu... quebrei as Garrafas — Haines ouviu a própria voz com uma sensação de irreabilidade sonolenta. Parecia ser a única coisa a fazer... já que você tinha passado para o lado de Vulthoom.

— Mas eu não tinha concordado — Chanler respondeu devagar. Era tudo um engodo... para te enganar e te fazer concordar... E estavam me torturando porque eu não queria aceitar.

A voz de Chanler foi se afastando, e parecia que ele não conseguia mais dizer nada. Subitamente a dor e a fraqueza começaram a desaparecer de sua expressão, como se apagadas pela chegada gradual do sono.

Haines, laboriosamente tentando compreender através de seu próprio sono, percebeu um instrumento de aparência maligna, como um ferrão de muitas pontas, seguro por entre os dedos de Ta-Vho-Shai. Formando um arco em torno das pontas afiadas havia uma incessante corrente de fagulhas elétricas. O peito da camisa de Chanler tinha sido rasgado e a sua pele estava gravada com pequenas marcas azuis ou roxas, do queixo ao diafragma; marcas que formavam um padrão diabólico. Haines sentiu um horror vago e irreal.

Através do Letes que se fechava em torno de seus sentidos cada vez mais ele percebeu que Vulthoom tinha falado, e após um tempo ele pareceu entender o sentido das palavras:

— Todos os meus métodos de persuasão falharam. Mas isso é pouco importante. Vou ceder ao sono, embora eu pudesse permanecer desperto se eu quisesse, desafiando os gases com a minha ciência superior e a minha força vital. Vamos dormir profundamente... e mil anos não são mais do que uma noite para mim e para os meus seguidores. Para vocês, cujas vidas são tão breves, eles se tornarão eternidade. Logo vou despertar e retomar os meus planos de conquista... e você, que ousou interferir, estará então estendido diante de mim, apenas um pouco de poeira... e a poeira será varrida.

A voz parou, e pareceu que o ser élfico começara a balançar sobre a monstruosa copa vermelha. Haines e Chanler se viam através de uma crescente e oscilante turvação, como se uma névoa cinzenta se erguesse entre eles. Havia silêncio por

toda parte, como se os maquinismos daquele Tártaro tivessem parado e os titãs tivessem interrompido seus trabalhos. Chanler relaxou no instrumento de tortura e as suas pálpebras caíram. Haines cambaleou, caiu e se estendeu imóvel. Ta-Vho-Shai, ainda agarrando seu instrumento sinistro, repousava de pé como um gigante mumificado. O sono, como um mar silencioso, tinha preenchido as cavernas de Ravormos.

- {1}. Calcorrear: Andar a pé, caminhar muito. Nota do digitalizador.
- {2}. *Au revoir*, em francês: Até mais.
- {3}. bocaxim, tarlatana - sf Tecido de algodão, muito fino e encorpado, que se usa em forro de vestido, traje de bailarina, *etc.*
- {4}. Escalfador - sm Recipiente onde se conserva água quente pro chá, *etc.*
- {5}. 0,5 milha = 800m.
- {6}. 30 milhas = 48,27km ~ 50km
- {7}. Deque - sm (inglês *deck*) Informática Estrutura de dado em lista, à qual se tem acesso pelas duas extremidades. Deque de teste: Conjunto de cartões representativo de todas as operações efetuadas em determinada aplicação.
- {8}. 1000 milhas = 1600km.
- {9}. Piloto Trinity: piloto licenciado pela Trinity House, a autoridade de licenciamento de pilotos de alto - mar no Reino Unido.
- {10}. Cabriolé: carruagem pequena, de duas rodas, movida por apenas um cavalo.
- {11}. Escantilhão: espessura da seção transversal das peças que estruturam o casco de um navio.
- {12}. Soga: corda grossa.
- {13}. Panejar: tremular; agitar -se.
- {14}. Consabido: sabido por muitos ou por todos.
- {15}. Ataúde: caixão, esquife.
- {16}. Alheta: junção do costado com o painel de popa de uma embarcação.
- {17}. Molhe: quebra -mar.
- {18}. Mezena: vela latina quadrangular que se enverga no mastro da mezena.
- {19}. Abita: nos veleiros, reunião de várias peças de madeira usadas para segurar as voltas das amarras.
- {20}. Amura: cabo ou escota com que se mareiam as velas redondas e latinas de diversas maneiras.
- {21}. Vergôntea: peça de madeira de formato próprio para fazer mastro, verga *etc.*
- {22}. Ilharga: lado do corpo por sobre os quadris, ao longo das primeiras costelas.
- {23}. Vante: a parte da frente do navio, entre a caverna -mestra e a roda de proa.
- {24}. Brigue: navio de dois mastros com velas redondas e cestos de gávea e também uma vela latina no mastro de ré.
- {25}. Ariete: saliência reforçada da roda de proa de um navio, usada para avariar o casco de embarcações inimigas.
- {26}. Aguadeiro: vendedor, fornecedor ou transportador de água; trabalhador que faz entrar a água salgada nas marinhas de sal.
- {27}. Catraia: embarcação miúda robusta, de duas proas.
- {28}. Balaustrada: conjunto dos balaústres e das correntes, cabos de arame ou vergalhões que guarnecem a borda de um navio e servem para proteger as pessoas a bordo.
- {29}. Gávea: designação genérica para as velas redondas (nos navios de três mastros, de vante para ré: velacho, gata, gávea), que pendem das vergas de mesmo nome.
- {30}. Traquete: mastro de vante de navio veleiro de mais de um mastro.
- {31}. Gaiuta: armação metálica ou de madeira, normalmente dotada de vidraças, que cobre uma escotilha, protegendo o interior de uma embarcação.
- {32}. Bitácula: coluna de madeira ou metal, de forma variável, terminada na parte superior por um receptáculo que contém a bússola; habitácula.

[33]. Cadaste: peça resistente, de madeira ou metal, colocada em posição mais ou menos vertical, que forma a extremidade posterior da quilha ou da carena e fecha a ré da ossada da embarcação, geralmente servindo de suporte para o leme.

[34]. *Lascar* (*lashkar*, *laskar*) (persa لشکر e bengali) era um marinheiro ou miliciano do subcontinente indiano ou outros países a leste do cabo da Boa Esperança, empregados em navios europeus do século 16 até o início do século 20. A palavra vem do persa *lashkar*, significando acampamento militar ou exército e *al-askar*, a palavra árabe pra guarda ou soldado. Os portugueses adaptaram este termo a *lascarim*, ou seja, um miliciano asiático ou marinheiro, especialmente os do subcontinente indiano.

[35]. *Niquento*: adj. Que se ocupa de nica, picuinha, ninharia. Que faz nica. Que se torna impertinente com minúcias aborrecidas.

[36]. *Brique* é um vocábulo de origem francesa que designa algo da cor vermelha do tijolo. Nota do digitalizador

[37]. Na verdade a Terra é um planeta muito instável, sujeito a cataclismos como vulcões, terremotos e queda de planetóides num período médio de 12 mil anos. Nota do digitalizador

[38]. *Sonho duma noite de verão*: Peça de Shakespeare. Nota do digitalizador

[39]. O Diabo de Jersey, Demônio de Jersey ou Demônio de Leeds (*Jersey Devil*) é uma criatura criptozoológica que habita Pine Barrens, ao sudeste de Nova Jersey, EUA. É descrito como um ser bípede com asas de morcego, patas de cavalo e um rosto que parece cavalo ou alce. Também possui um grito de gelar o sangue, parecido ao duma mulher agonizando. A história do Diabo de Jersey tem muitas versões. A mais conhecida remete à lenda de *mother Leeds*. Dizem que mãe Leeds, ao parir o 12º filho, disse que se ficasse grávida novamente, do 13º, ele seria o Diabo. Dito e feito! Leeds engravidou do número 13. Numa noite tempestuosa de 1735 a criança nasceu. A família e amigos assistiram ao parto e a criança parecia ter nascido normal. Mas subitamente começou a se transformar numa horrenda criatura. Soltando terríveis grunhidos, o ser matou mãe Leeds e fugiu voando na janela, aterrorizando a família e, brevemente, toda a cidade. Nota do digitalizador

[40]. Mas não pensemos que o Super-Homem seja um bisbilhoteiro compulsivo. Uma habilidade biológica será usada. Enquanto criança, Super-Homem certamente nunca soube que as coisas tinham superfícies até aprender a controlar sua visão de raios-X. Se milhões de pessoas tendem a desavergonhadamente vestir roupas sem fios de chumbo no tecido, isto não é culpa do Super-Homem.

[41]. E nem toda forma de criptonita. Por exemplo, há pedaços de criptonita vermelha que fazem os criptonianos se agigantarem. Imagine dez milhões de espermatozoides do tamanho de minhocas enxameando acima de uma praia de Metrópolis, mergulhando para fertilizar as bóias... mas estamos saindo do assunto.

[42]. Para todos os efeitos, todas as formas de criptonita estarão disponíveis em quantidades ilimitadas. Estima-se, pela tonelagem de criptonita caída na Terra desde a explosão de Crípton, que o planeta deveria ter sido mais massivo que todo o nosso sistema solar. Sem dúvida o “planeta” Crípton era algum tipo de estrela anã marrom fria, em um sistema binário com uma gigante vermelha.

[43]. Referência a François Marie Arouet (1694 -1778), mais conhecido como Voltaire, escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês.

[44]. Esgar: careta, trejeito.

[45]. Referência ao caso do irlandês William Burke, que, juntamente com um comparsa, William Hare, cometeu uma série de assassinatos com o fim de vender os corpos das vítimas para dissecação nas aulas de anatomia. Eles foram presos em dezembro de 1828, junto com suas companheiras, suspeitos de assassinarem uma moça chamada Mary Docherty. Hare confessou toda a verdade e foi posto em liberdade com sua mulher. Burke foi julgado e condenado à forca; sua companheira foi absolvida por falta de provas.

- {46}. *Quid pro quo*: expressão latina que significa “tomar uma coisa por outra”.
- {47}. Estroinas: desajuizados.
- {48}. Castle Rock: Rochedo do castelo, local onde se encontra o Castelo de Edimburgo (*Edinburgh Castle*), na cidade de Edimburgo, Escócia.
- {49}. *Hodie mihi, cras tibi*: expressão em latim que significa “Hoje a mim, amanhã a ti”.
- {50}. Chantre: membro da Igreja Católica que exercia as funções de cantor.
- {51}. Bazófia: vaidade exacerbada e infundada; vanglória, presunção; fanfarrice.
- {52}. Aniagem: tecido grosseiro usado na confecção de sacos e fardos.
- {53}. No original, “*on the itch to shove in his oar*”, que significa, literalmente, “coçando-se para remar”. Considerei que a tradução literal desta metáfora náutica seria ininteligível ao público brasileiro, que pouco acompanha o esporte do remo e pouco sabe de barcos em geral, e a substituí por um dito popular caracteristicamente nosso.
- {54}. Não é claro neste trecho se Hodgson se refere aos Estados Unidos, à Irlanda ou à própria Alemanha.
- {55}. Neste ponto é significativo ressaltar que a teoria que Hodgson coloca na boca de Baumoff equivale, grosso modo, à teoria da flutuação quântica do vácuo.
- {56}. *Enche teu copo vazio / Esvazia o copo cheio!* (N. T.)
- {57}. Poe usa o termo *plum*, que na Inglaterra designava popularmente a soma de cem mil libras esterlinas. (N. T.)
- {58}. Político e financista francês (1777-1832). (N. T.)
- {59}. *Para que serve um poeta?* (N. T.)
- {60}. Samuel Horsley (1733-1806), prelado e escritor britânico, autor de várias obras eruditas. (N. T.)
- {61}. Peça de resistência. (N. T.)
- {62}. *Certamente não era o seu fraco*. (N.T.)
- {63}. Prolegômenos em grego.
- {64}. Tojo: arbusto verde -cinzento de cerca de 2 m da família das leguminosas, nativo da Europa, de folhas pontiagudas e flores amarelas.
- {65}. Charneca: terreno em que crescem plantas agrestes.
- {66}. Paracelso: pseudônimo de Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, (1493-1541) médico, alquimista, físico e astrólogo suíço.
- {67}. Emanuel Swedenborg (1688 -1772), foi um polímata e espiritualista sueco.
- {68}. Mansarda: desvão de um tipo de telhado, provido de janelas e transformado em último andar habitável da casa; água -furtada; casa miserável.
- {69}. Magote: ajuntamento de pessoas ou de coisas; amontoado.
- {70}. Pitagórico: seguidor das ideias filosóficas e doutrinas semirreligiosas que constituem o pensamento de Pitágoras (c. 571 a.C. -496 a.C.), filósofo e matemático grego.
- {71}. Sanefa: tira de tecido que se coloca na parte superior da cortina, nas vergas das janelas etc.; cortina de janela; tábua atravessada sobre a qual se prendem outras perpendiculares a ela.
- {72}. Fuseli: referência ao pintor, desenhista e estudioso de arte britânico Henry Fuseli (1741 -1825).
- {73}. Noel Paton: referência a Joseph Noel Paton (1821 -1901), pintor escocês.
- {74}. Paul Gustave Doré (1832 -1883): pintor, desenhista e ilustrador de livros francês.
- {75}. Martin: referência a David Martin (1737 -1797), pintor inglês.
- {76}. Blake: referência a William Blake (1757 -1827), poeta, tipógrafo e pintor inglês.

- {77}. Referência a Jakob Böhme (1575 -1624), também grafado como Jacob Boehme, filósofo e místico luterano alemão.
- {78}. Danton: referência a Georges Jacques Danton (1759 -1794), advogado e político francês que se tornou uma figura de destaque nos estágios iniciais da Revolução Francesa.
- {79}. Referência a Alfred Percy Sinnett (1840 -1921), escritor e teósofo britânico.
- {80}. Referência a Emma Hardinge Britten (1823 -1889), escritora espírita inglesa.
- {81}. Referência ao Dr. Britten, esposo da escritora Emma Hardinge, um espírita tão devotado quanto ela.
- {82}. Referência ao pintor, autor e ilustrador inglês George Dunlop Leslie (1835 -1921).
- {83}. Referência a William Winwood Reade (1838 -1875), historiador, explorador e filósofo britânico.
- {84}. Referência a Roger Gougenot de Mousseaux (1805 -1876), também conhecido como o Cavaleiro da Gougenot Mousseaux, jornalista, escritor e polemista francês.
- {85}. Allan Kardec: pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 -1869), educador, escritor e tradutor francês e codificador do espiritismo, também denominado de Doutrina Espírita.
- {86}. Karl Richard Lepsius (1810 -1884), linguista, arqueólogo e egiptólogo alemão.
- {87}. Referência ao Sepher Yetzirah, o mais antigo e misterioso de todos os textos que tratam da criação, de autoria atribuída ao patriarca Abraão.
- {88}. Urze: tipo de arbusto nativo da Europa.
- {89}. *Horrorosos* (N.doT.)
- {90}. *aquí está* (N. Do T.)
- {91}. *isso é tudo* (N. Do T.)
- {92}. *Ó, como são tristes e selvagens, estas colinas* (N. Do T.)
- {93}. *Bem, obrigada* (N. Do T.)
- {94}. *Pena* (N. Do T.)
- {95}. Cicio: murmúrio.
- {96}. Penedo: rochedo.
- {97}. *Senhor* (N. Do T.)
- {98}. *Meu Deus* (N. Do T.)
- {99}. Outeiro: monte.
- {100}. Moraina: depósito de fragmentos de rochas transportado pelas geleiras.
- {101}. Ravina: o mesmo que voçoroca, barranco. É um fenômeno geológico que consiste na formação de grandes buracos de erosão, causados pela chuva e intempéries, em solos onde a vegetação é escassa.
- {102}. Rogo: oração, prece.
- {103}. Laivo: marca, sinal produzido por uma substância; mancha, nódoa.
- {104}. *caso famoso* (N. Do T.)
- {105}. Gume: a parte cortante de uma lâmina; o lado mais afiado de um instrumento de corte.
- {106}. Deletério: que é prejudicial à saúde; insalubre; que possui um efeito destrutivo; danoso, nocivo.
- {107}. Gonzo: dobradiça.
- {108}. Rombudo: objeto cuja ponta é arredondada, pouco aguçada; que não faz furos; que custa a penetrar.
- {109}. Na mitologia árabe, ifrit (masculino) (árabe: عفریت, plural عفاريت), e ifritah (feminino), são os nomes dados a uma classe de Jinni infernais, notórios por sua grande força e astúcia. Um ifrit ou Efreit (ou ifritah) apresenta-se como uma enorme criatura alada constituída de fogo, que vive no subsolo e costuma frequentar ruínas. Armas comuns nada podem contra eles, todavia, sendo suscetíveis à magia, podem se

tornar vítimas ou escravos de humanos que dominam as técnicas apropriadas. Os ifrits vivem numa sociedade organizada nos moldes tribais árabes, com reis, tribos e clãs. Geralmente, eles casam-se entre si, mas podem também casar-se com seres humanos. Na maioria das histórias, pessoas afortunadas encontram ifrits que foram presos por magos em lâmpadas mágicas e forçados a conceder desejo (N. Do T.)